



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

RAÍSSA DE ALMEIDA PEREIRA

**JOVENS ENLUTADOS: UM ESTUDO SOBRE A (RE)SIGNIFICAÇÃO DA DOR
ESPIRITUAL DA PERDA**

FORTALEZA – CE

2017

RAÍSSA DE ALMEIDA PEREIRA

JOVENS ENLUTADOS: UM ESTUDO SOBRE A (RE)SIGNIFICAÇÃO DA DOR
ESPIRITUAL DA PERDA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria Bessa Linhares.

FORTALEZA – CE

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P495j Pereira, Raíssa de Almeida.

Jovens enlutados: um estudo sobre a (re)significação da dor espiritual da perda / Raíssa de Almeida Pereira. – 2017.

238 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Ângela Maria Bessa Linhares.

1. Luto. 2. Juventude. 3. RIME. 4. Espiritualidade. 5. Educação. I. Título.

CDD 370

RAÍSSA DE ALMEIDA PEREIRA

JOVENS ENLUTADOS: UM ESTUDO SOBRE A (RE)SIGNIFICAÇÃO DA DOR
ESPIRITUAL DA PERDA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira. Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria Bessa Linhares.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ângela Maria Bessa Linhares (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Catarina Tavares Araújo Elias
Universidade Paulista (UNIP)

Profa. Dra. Fátima Maria Leitão Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Karla Patrícia Martins Ferreira
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

RESUMO

A pesquisa em questão propõe a construção de um dispositivo psicopedagógico que (re)signifique a Dor Espiritual da Perda, de modo a auxiliar quatro jovens enlutados a lidarem com suas perdas provocadas por mortes de figuras de afeto ocorridas de maneira violenta. No traçar das linhas mestras que compõem o escopo desse trabalho, trago como elementos discursivos no campo da temática morte a necessidade de compreendê-la como parte da vida, ampliando a discussão sobre seu silenciamento como fala interdita na modernidade, em paralelo com um sentido de (re)humanização da mesma, em que aspectos como emoção e espírito são contemplados na experiência do morrer como parte da condição humana. Com relação à espiritualidade, a educação é convocada a estabelecer um diálogo com a dimensão espiritual do sujeito, considerando estados de consciência alterados, através da utilização da razão e de experiências vivenciadas subjetivamente, permitindo o acesso a camadas mais íntimas dos sentimentos humanos, provedoras de singulares sentidos para suas existências. Considerando o luto um processo psicológico reativo e de adaptação a um rompimento de vínculos e, também, tendo em vista o importante papel do enlutado como sujeito ativo nos seus processos de refazimento ante rupturas e perdas através da realização das tarefas do luto, elegi como caminhos metodológicos nesta pesquisa a História de Vida e Formação e a intervenção RIME (Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade). A integração dessas duas vias de acesso ao autoconhecimento formador e transformador produziram resultados bastante profícuos, demonstrando que ainda que a ruptura de um vínculo por morte provoque dores inevitáveis, estas podem ser (re)significadas, adquirindo um sentido nutridor de novas formas de se viver, amar e lidar com a finitude.

Palavras-chave: Morte. Luto. Espiritualidade. Escola. Juventude. Narrativas de vida. RIME.

RESUMEN

La investigación que presento propone la construcción de un dispositivo psicopedagógico que (re)signifique el dolor espiritual de la pérdida, para ayudar a cuatro jóvenes enlutados a lidiar con sus pérdidas, causadas por muertes de personas amadas ocurridas de forma violenta. En el trazado de las líneas maestras que componen el escopo de este trabajo, traigo como elemento discursivo en el campo de la temática muerte la necesidad de comprenderla como parte de la vida, ampliando la discusión sobre su silenciamiento como habla interdicta en la modernidad, en paralelo con un sentido de (re)humanización de la misma, en qué aspectos como emoción y espíritu se contemplan en la experiencia del morir como parte de la condición humana. Con respecto a la espiritualidad, la educación es convocada a establecer un diálogo con la dimensión espiritual del sujeto, considerando estados de conciencia alterados, a través de la utilización de la razón y de experiencias vivenciadas subjetivamente, permitiendo el acceso a capas más íntimas de los sentimientos humanos, proveedores de singulares sentidos para sus existencias. Considerando el luto un proceso psicológico reactivo y de adaptación a un rompimiento de vínculos y también teniendo en vista el importante papel del enlutado como sujeto activo en sus procesos de rehacer ante rupturas y pérdidas a través de la realización de las tareas del luto, elegí como caminos metodológicos en esta investigación la Historia de Vida y Formación y la Intervención RIME (Relajación Mental, Imágenes Mentales y Espiritualidad). La integración de estas dos vías de acceso al autoconocimiento formador y transformador produjo resultados bastante provechosos, demostrando que aunque la ruptura de un vínculo por muerte provoque dolores inevitables, éstas pueden ser (re) significadas, adquiriendo un sentido nutritivo de nuevas formas de vivir, amar y lidiar con la finitud.

Contraseñas: Muerte. Luto. Espiritualidad. Escuela. Juventud. Narrativas de Vida. RIME.

SUMÁRIO

1	JOVENS ENLUTADOS	7
1.1	Da biografia pessoal à construção do objeto de estudo	8
<i>1.1.1</i>	<i>Da relevância do estudo: o silenciar do incomensurável</i>	10
1.2	O luto: trilhas que o comportam	17
<i>1.2.1</i>	<i>A morte como elemento catalisador da vida</i>	18
<i>1.2.2</i>	<i>A espiritualidade como princípio educativo</i>	22
<i>1.2.3</i>	<i>A escola enquanto espaço feito de gente</i>	26
<i>1.2.4</i>	<i>Juventude enlutada</i>	30
2	DOS REFERENCIAIS NORTEADORES E DA ELEIÇÃO DO CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	42
2.1	Sujeitos da pesquisa e Lócus de estudo	42
2.2	História de vida e Formação	47
<i>2.2.1</i>	<i>Ateliê biográfico de projetos – a arte como expressividade e lugar de produção de sentidos</i>	53
2.3	RIME – Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade	66
<i>2.3.1</i>	<i>Relaxamento mental</i>	68
<i>2.3.2</i>	<i>Visualização de imagens mentais</i>	70
<i>2.3.3</i>	<i>Conceito de espiritualidade</i>	72
2.4	A RIME enquanto intervenção psicopedagógica com jovens enlutados	79
3	NO CAMINHO DA ELABORAÇÃO DO LUTO	90
3.1	Dos significados encontrados	90
<i>3.1.1</i>	<i>Os quatro tons da paleta de cores: Azul, Lilás, Vermelha e Amarelo</i>	103
<i>3.1.1.1</i>	<i>Menina Azul</i>	103
<i>3.1.1.2</i>	<i>Menina Lilás</i>	105
<i>3.1.1.3</i>	<i>Menina Vermelha</i>	105
<i>3.1.1.4</i>	<i>Menino Amarelo</i>	106
<i>3.1.2</i>	<i>As mandalas: os ditos, os não ditos e os entreditos resvalados pela arte</i>	108
<i>3.1.2.1</i>	<i>Menina Azul</i>	108
<i>3.1.2.2</i>	<i>Menina Lilás</i>	116
<i>3.1.2.3</i>	<i>Menina Vermelha</i>	127

3.1.2.4	<i>Menino Amarelo</i>	136
3.2	Dos determinantes do luto em cada sujeito	147
3.2.1	<i>Menina Azul</i>	148
3.2.2	<i>Menina Lilás</i>	155
3.2.3	<i>Menina Vermelha</i>	163
3.2.4	<i>Menino Amarelo</i>	171
3.3	Análise do ateliê biográfico de projetos	179
4	(RE)SIGNIFICANDO	191
4.1	Aplicação da RIME com jovens enlutados	191
4.1.2	<i>Encontros</i>	192
4.1.2.1	<i>Menina Azul</i>	194
4.1.2.2	<i>Menina Lilás</i>	197
4.1.2.3	<i>Menina Vermelha</i>	201
4.1.2.4	<i>Menino Amarelo</i>	205
4.2	Análise dos resultados	210
4.2.1	<i>Análise de Conteúdo através da técnica Análise Temática</i>	210
4.2.2	<i>Escala Visual Analógica de Bem estar (EVA)</i>	216
5	CONCLUSÃO	218
	REFERÊNCIAS	221
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS, AUTORIZANDO A PARTICIPAÇÃO DOS FILHOS NA PESQUISA DE DOUTORADO	226
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	227
	APÊNDICE C – PERGUNTAS REFERENTES AO FEITIO DA MANDALA	228
	ANEXO A – ÁLBUM FLORES E CAMPOS	229
	ANEXO B – ÁLBUM ÁGUAS	233
	ANEXO C – ESCALA VISUAL ANALÓGICA (EVA) DE BEM-ESTAR (MODELO EXPRESSÕES FACIAIS COLORIDAS)	236

1 JOVENS ENLUTADOS

Dada a relevância do olhar amedrontado sobre o fenômeno da morte, aliada à inexorabilidade da mesma, questionei-me muitas vezes quanto ao valor da educação formal na constituição de seres que, cedo ou tarde, lidariam com esse evento, seja através de amigos, familiares, ídolos, animais de estimação, desconhecidos e até deles próprios.

Nessa perspectiva, formulei a seguinte indagação: poderiam os jovens enlutados, ao refletirem sobre a morte, (re)significar a Dor Espiritual da perda, produzindo, assim, novos sentidos para se viver?

Diante da profundidade que o sentido da morte pode adquirir, a inserção dessa temática em uma escola harmoniza-se com o que propões Kovács (2012, p. 26), quando destaca que:

Educação para a morte é um estudo sobre a possibilidade do desenvolvimento pessoal de uma maneira mais integral, no sentido entendido por Jung (1960) como individuação, o desenvolvimento interior que se propõe durante o existir, desenvolvimento que também pressupõe uma preparação para a morte. Frequentamos escolas por mais de vinte anos de nossa existência e assim nos preparamos para a vida social; da mesma forma, deveríamos também nos preparar, pelos mesmos 'vinte anos', para o fim de nossa existência. [...] Essa educação envolve comunicação, relacionamentos, perdas, situações-limite, nas quais reviravoltas podem ocorrer durante a vida, como, por exemplo, fases do desenvolvimento, perda de pessoas significativas, doenças, acidentes, até o confronto com a própria morte.

Nesse sentido, habilitei-me a trabalhar o luto nessa pesquisa de doutorado propondo um constructo a ser realizado como uma intervenção psicopedagógica, em uma Escola de Ensino Fundamental e Médio do município de Fortaleza, de modo a auxiliar quatro jovens enlutados a lidarem com suas perdas a partir da perspectiva da manifestação dos sentimentos que, ao não serem vivenciados e elaborados, muitas vezes redundam em danos ao sujeito enlutado, no que concerne à sua relação com a vida.

Desse modo, o dispositivo psicopedagógico proposto envolveu a realização de um ateliê biográfico de projetos junto à intervenção RIME (Relaxamento, Imagens mentais e Espiritualidade), sendo esse procedimento último abordado nos parâmetros propostos por Elias (2001, 2005, 2012) e Elias *et al.* (2014, 2015).

Com o intuito de tornar compreensível o trabalho sobre o qual me debruço, nas próximas linhas discorro sobre as motivações para realizá-lo, justificando-o no âmbito também da relevância do tema e da abordagem metodológica escolhida. Em seguida, aponto

categorias que compõem o escopo dessa pesquisa (morte, espiritualidade, juventude enlutada, escola, ateliê biográfico, RIME), mostrando nesse percurso a articulação entre as mesmas para, finalmente, descrever a aplicação das atividades com suas respectivas análises.

1.1 Da biografia pessoal à construção do objeto de estudo

Rafiiissa... Rafiiissa... Rafiiissa... Rafiiissa... Rafiiissa... Rafiiissa... Rafiiissa...
Rafiiissa...

O som emitido se intensificava a cada nova chamada do meu nome. De repente, percebo que estou em uma área campal onde o verde da grama e o azul do céu eram as cores mais marcantes. Bem longe de mim havia uma árvore e, à sua frente, havia uma fila enorme de pessoas que desejavam chegar até ela. Eu era a última desta fila.

O chamado insistente por meu nome me causou bastante surpresa e as pessoas que estavam à minha frente começaram a me congratular, dizendo com alegria: Parabéns, você foi a escolhida!

No meu trajeto de ida até o início da fila, em que se encontrava a árvore, as pessoas demonstravam grande euforia, mostrando-me o quanto eu havia sido agraciada. Difícil descrever tamanho contentamento que me tomava por completo diante da possibilidade de ganhar algo tão bom, ainda que eu não fizesse a mínima ideia do que se tratava. Eis que, ao chegar ao primeiro lugar da fila, diante da árvore, escuto uma voz masculina, forte e intensa, me dizendo: Parabéns, você foi escolhida para morrer!

Duas vivências que se condensaram em uma? Que apagamentos e deslocamentos teriam ocorrido na estranha vivência que eu tivera? Seria uma vivência espiritual com deslocamento e condensação, processos oníricos que eu vivera, da qual trouxera fragmentos apenas? (FREUD, 1975a, 1975b).

Seis e pouco da manhã do dia 19 de novembro de 1998, quinta-feira, acordei assustada e pensei: o que eu poderia trazer como material reflexivo do sonho para o que eu iria viver? O que me poderia advir agora que pudesse aclarar esse chamado, como eu me dizia? Poderia chamá-lo de pesadelo se o local onde o mesmo transcorreu não fosse tão lindo e acolhedor.

Levantei-me e me arrumei rapidamente para ir com meu pai e meu irmão até à faculdade. No caminho, ao passar pela Avenida Domingos Olímpio, voltei a lembrar do sonho e comentei com meu pai: hoje sonhei que ganharia um maravilhoso presente e inicialmente

fiquei bastante eufórica, mas, em seguida, veio a decepção porque o tal presente era a morte. Imagine! Meu pai deu uma gargalhada gostosa e brincou: “Esse presente você dispensa, hein, Raíssa?”. Eu, obviamente, concordei e todos nós rimos.

Em seguida, assisti a uma aula na Cultura Hispânica, depois, a outra aula na faculdade e, por causa de um pequeno imprevisto, não podendo retornar à minha residência com meu pai, restou-me a alternativa de pegar um ônibus que percorria o trajeto da faculdade até bem próximo da minha casa. Há alguns quarteirões de casa, porém, um episódio ocorrido no ônibus amedrontou todos os passageiros que, muito nervosos, gritavam pedindo ao motorista para abrir as portas para que todos pudessem descer. O motorista, em meio a muita pressão e desespero, abriu as portas antes mesmo de parar o ônibus, e eu, sendo uma das primeiras da fila de uma das três saídas, lancei-me para fora dele sem pestanejar, sofrendo uma queda bastante traumática. A cabeça foi a primeira parte do meu corpo a bater no chão, provocando em mim um atordoamento paralisante. Minha cabeça doía muito e partes do meu corpo sangravam por conta do atrito da pele com o asfalto quente. Lembrei-me imediatamente do sonho e chorei muito. As riquezas do inconsciente poderiam fertilizar a vida de vigília, como queria Jung (2010)?

Chegando ao Hospital São Raimundo, os médicos sugeriram a realização de alguns exames neurológicos devido ao trauma que tinha deixado protuberâncias na minha cabeça no lado em que houve a pancada. Como eu estava consciente e bastante ensanguentada, e moro ao lado da Casa de Saúde São Raimundo, fui levada até minha casa para ser banhada e lavar os cabelos antes de os exames que seriam realizados.

Já no banheiro, enquanto minha mãe me banhava, eu chorava e dizia que não queria morrer quando, de repente, uma pergunta levou-me a um caminho reflexivo outro: o que seria a morte? A experiência dessa reflexão no contexto desse acontecimento poderia ser educadora? A pergunta ficou inestancada.

Após algumas experiências de reflexão sobre o material simbólico apreendido a partir do acidente e do estudo do material psíquico, mais se sedimentava minha eleição quanto ao estudo da morte.

Muito tempo depois, estava havendo o Seminário de Cultura de Paz e Espiritualidade, no auditório da Faculdade de Educação da UFC e eu lá cheguei com a esperança de encontrar a Professora Kelma Matos ou a Professora Ângela Linhares. Ao entrar no auditório, deparei-me com a Ângela Linhares, única pessoa presente no recinto naquele momento. Contei-lhe as minhas pretensões e ela me disse que naquela manhã ao longo da sua

palestra falaria um pouco do trabalho de uma estudiosa chamada Ana Catarina Araújo Elias, que havia desenvolvido uma intervenção terapêutica denominada RIME, que continha a perspectiva de (re)significar a dor simbólica da morte.

Após um conjunto de experiências que eu nomearia espirituais, já não havia nenhuma dúvida orbitando meus pensamentos, ao contrário, só um forte desejo de me aprofundar mais e mais sobre a fenomenologia da morte no contexto de uma intervenção psicopedagógica. A partir de então, iniciei um percurso de estudo que possibilitaria adentrar esse espaço, para mim imbuído de incontáveis falas inaudíveis que eu deveria escutar e fazer ser ouvido na prática de pesquisa, que eu deveria assumir como tarefa existencial e espiritual.

1.1.1 Da relevância do estudo: o silenciar do incomensurável

Costumeiramente, a nossa incapacidade em lidar com o que consideramos indecifrável e incomensurável, inibe-nos um agir reflexivo que, se realizado, nos lança, invariavelmente, a um estado de percepção e compreensão propulsor de profícuas explorações e, conseqüentemente, elaborações de sentidos que nutrirão nossas existências.

Pensando em ações favorecedoras desse agir reflexivo sobre a Dor Espiritual da Perda, elegi alguns percursos teóricos que me possibilitaram um entendimento mais consistente dos elementos permeadores do meu objeto de estudo, travando inicialmente um diálogo com KOVÁCS (2012, 2016), que fala da “conspiração do silêncio” diante da morte, decorrente de um temor e de um não saber lidar com um assunto tão complexo, implicando em sua total negação como condição limitante de um pensar reflexivo sobre a morte e a própria vida.

A autora diz que, diante da paradoxal atitude contemporânea em relação ao fenômeno da morte, na qual, de um lado, nos defrontamos com sua interdição e, de outro, a vemos escancaradamente, invadindo nossas vidas e nossos lares, muitas vezes de maneira grotesca e repentina, nos encontramos em uma condição limitante que inviabiliza olhar de frente para essa questão:

Embora estas mortes estejam tão próximas, ocorre grave distúrbio na comunicação que denominamos conspiração do silêncio, quando se observa pais que não sabem se devem falar ou não sobre o falecimento de um parente próximo, professores que se veem às voltas com perguntas insistentes sobre mortes de ídolos, de pequenos companheiros, de amigos; profissionais da saúde que se empenham numa luta de vida e morte contra doenças e que muitas vezes veem seus empenhos frustrados, não

sabem o que e como falar com seus jovens pacientes e familiares sobre o porquê da não melhora, e sobre a possível morte. (KOVÁCS, 2012, p. 134).

Diante disso, faço-me reiteradas vezes a mesma pergunta: O que de fato provoca o temor em relação à morte?

O amplo desconhecimento acerca da morte, naturalmente, conduz a média dos mortais a um temor recalcitrante. Conhecemos a vida, porque dela fazemos parte e, por mais que na maioria das vezes não verbalizemos, antevemos o que nos conduzirá à sua finitude e já nos vulnerabilizamos diante desta constatação de que a nós ela chegará através da velhice, de uma doença, ou na última das hipóteses, através de um acidente fatal ou de um homicídio. Suicídio, nem pensar! Mas, após sua concretização, o que é feito de nós que construímos laços, afetos, realizamos sonhos, sofremos... para onde irá tudo isso? A ausência de certezas sobre essas questões nos atormentam e nos deixam sem chão, cambaleantes no vácuo.

E assim, muitas vezes ou, na maioria das vezes, evitamos falar na morte, negando-a, como se ao aderirmos a esse tipo de atitude nos tornássemos, de alguma maneira, imunes a ela. Ou ainda, adiamos repousar nossos pensamentos em tão lúgubre questão por acreditarmos que a morte até virá ao nosso encontro, mas que demorará tanto, que seria pura perda de tempo nos defrontarmos, ainda que só em pensamento, com um evento tão distante da atual realidade na qual nos encontramos. Kovács (2012, p. 23) salienta que:

Negar a morte é uma das formas de não entrar em contato com experiências dolorosas. A grande dádiva da negação e da repressão é permitir que se viva num mundo de fantasia onde há ilusão de imortalidade. [...] Essa couraça de força é uma mentira que esconde uma fragilidade interna, a finitude, a vulnerabilidade.

Possuímos uma grande tendência de controlar a nossa vida cotidiana, planejando-a incessantemente e, acabamos por desejar erroneamente fazer o mesmo com a morte. Diante dessa nossa óbvia incapacidade, defrontamo-nos com um sentimento de impotência avassalador e de grande temor.

E as escolas, onde se inserem nesse contexto?

É notória a sequiosa maratona das instituições educacionais na tentativa de, cada vez mais, formar indivíduos aptos a adentrarem no mercado de trabalho, aptos a ampliarem o desenvolvimento da sociedade, a desenvolverem mecanismos para curar doenças (até bem pouco tempo fatais), a gerirem empresas e estados, a controlar... controlar e controlar. Mas como anda a formação desses mesmos indivíduos para o que eles não têm controle? Como incluir a escola no contexto de uma experiência de caráter reflexivo que possa potencializar os jovens enlutados para lidar com a produção de sentidos sobre morte-vida? Que práticas

educativas fomentarão a participação do educando de uma maneira mais efetiva e autônoma nas discussões que permeiam seu cotidiano?

Nesse cenário imbuído de dúvidas encontro em Canário (2005, 2008) consonância com minhas ideias ao propor um modelo de escola em que os alunos, ao serem transformados em pessoas, assumem junto à ela a autoria de suas práticas.

Um dos grandes dilemas pelos quais passam as instituições de ensino formal na contemporaneidade é a necessidade de produzir sentidos novos, uma vez que o contexto de vida que faz a socialidade contemporânea modificou-se. Intentando problematizar tal contexto, vislumbrando a construção de escolas verdadeiramente detentoras do seu papel socializador e potencializador de saberes significativos, urge o estabelecimento de novas diretrizes promotoras de sentidos para as suas variadas atividades. A necessidade dos sujeitos que fazem a escola de produzir sentidos em conexão com a vida da contemporaneidade se faz premente.

Diante desta batalha inestancável, adotando como eixo norteador a “transformação dos alunos em pessoas”, faz-se premente pensar em um novo sentido de orientação no qual a relação professor e aluno possa ser dinamizada através da autoria de suas práticas e onde, especialmente o aluno, transformado em pessoa, ultrapasse a barreira do aprendiz repetitivo para a de produtor dos sentidos que permeiam suas experiências. Dessa maneira, o aluno transformado em pessoa, tornar-se-á aliado do professor, desenvolvendo projetos em parceria com o mesmo, estabelecendo um nível de engajamento que determinará sua satisfação e a atribuição de um sentido positivo à condição de estar presente na escola, constituindo-a enquanto sujeito que nela interfere (CANÁRIO, 2005, 2008).

Nessa perspectiva suscitada, fui regalada de maneira incentivadora por Josso (2010) e Delory-Momberger (2008) que, ao trazerem a proposta da História de Vida e Formação, por intermédio da atividade de biografização realizada no ateliê biográfico de projetos, auxiliaram-me na condução dos jovens enlutados a um delineamento de um *projeto de si* (DELORY-MOMBERGER, 2008). Dessa maneira, ao considerar e nutrir o potencial desvelador do saber escolar, foram oportunizadas a estes jovens enlutados possibilidades de autorias nas quais eles próprios descortinaram uma abrangência de significados que trouxeram o mundo simbólico, realizando, assim, seus caminhos significantes.

A inserção nessa lógica de pensamento e atuação solicita um “enxergar” a Escola como um espaço fomentador de vivências de caráter reflexivo, capaz de autorizar os jovens a criarem seus próprios saberes, produzindo sentidos sobre vida e morte. Utilizando essa ótica e

tomando as Histórias de Vida e Formação como pano de fundo onde se inscreve o Ateliê Biográfico de Projetos, estou a considerar a positividade da transformação de alunos em pessoas, visto que proponho, um trabalho com biografias educativas, cujo cerne são os processos autoformativos engendrados mediante essa *experiência de si* (DELORY-MOMBERGER, 2008).

A atividade de biografização, através do ateliê biográfico de projetos, delinea-se nessa pesquisa, a partir de novas diretrizes, considerando as mudanças societais ocorridas ao longo dos últimos anos, especialmente no âmbito escolar, que vem sendo cada vez mais solicitado a promover novas formas de atuação, dando espaço para a subjetividade, autonomia e elaboração de experiências significantes para professores e alunos.

Neste panorama em que transitam questionamentos emergentes e o indivíduo se vê impingido a mobilizar aportes de naturezas distintas dos que outrora eram validados como legítimos, o recrutamento de mecanismos que oportunizem a geração de consciência do vivido fazem-se substanciais. Essa dinâmica autoformativa das biografias educativas, na qual o indivíduo é posto em relevo, ordenando, assimilando e conceituando o seu vivido, dá acesso ao campo da cognoscibilidade e da reflexão, onde esse mesmo indivíduo, assenhorando-se de si enquanto sujeito, produz saberes operacionalizáveis em situações diversas da vida (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Ainda que o espaço escolar se situe densamente no âmbito da formação disciplinar, o ateliê biográfico de projetos toma para si a função fulcral de disponibilizar aos alunos recursos que os capacitem a construir sentidos para suas vivências globais e escolares, interconectando-as e registrando biograficamente suas experiências e as representações delas feitas, delineando a configuração de um *projeto de si*.

Desta maneira, desbravando trilhas teóricas que acolham um pensar reflexivo sobre vida e morte em um contexto escolar, em que os educandos são antes de tudo pessoas propositivas e envolvidas com o “estar” e o “ser” no mundo, apporto com Abramo (2001, 2005), Abrantes (2003), Dayrell (2003, 2011), Sposito (1993, 2005) no universo das juventudes plurais. Ciceroneando-me em um percurso diagnóstico da juventude contemporânea, esses autores me permitem acessar novas trilhas educacionais, hospedeiras de elaborações de projetos de vida, considerando também a dimensão espiritual desses jovens como parte do que lhes constituem (LINHARES, 2006a).

Em um projeto realizado em um contexto escolar, no qual as atividades são direcionadas aos jovens, interessante se faz que haja uma compreensão acerca da categoria

“juventude(s)” pelo prisma da diversidade, integrada a um contexto social mais amplo, no qual suas experiências subjetivas compõem o arcabouço de elementos que dão forma às suas maneiras peculiares e diversas de serem jovens (DAYRELL, 2003, 2011).

Se antes a eles cabia apenas assimilar e repetir modelos de condutas pré-determinados por instituições normalizadoras – a exemplo da família, da igreja e da escola – hoje, abre-se um vasto leque de circuitos sociais que cumprem dinamicamente o papel de condutores de um emergente e diversificado sistema social, configurado a partir de novos alicerces relacionais e comportamentais.

Dada a essa ausência de um modelador de condutas de caráter fixo e homogêneo norteador das atuais práticas juvenis, vemos eclodir por intermédio da multiplicidade de universos sociais, uma amplitude de informações, relações sociais, referências, experiências e saberes que reivindicam deste jovem uma considerável capacidade de articular, de maneira assertiva, as heterogêneas possibilidades que se avolumam em torno de si.

Em meio a complexo universo de oportunidades nem sempre concretizáveis, mas que não deixam de acenar como possibilidades, dando margem a construções identitárias juvenis bastante singularizadas, é demandada dos jovens em questão uma maior capacidade reflexiva e autônoma que, para ser atingida, ampara-se não somente em recursos de natureza cognitiva, mas também emocional e afetiva, recursos estes quase sempre negligenciados pela escola (DAYRELL, 2003, 2011).

Neste sentido, podemos entender o educando jovem como o ponto central de um círculo onde se avolumam em seu entorno inúmeras camadas de vivências subjetivas, solicitando novas maneiras de configurá-las como experiências significantes. Isso nos faz pressupor que essa nova configuração não se afirmará através de um mecanismo de transmissão de conteúdos de natureza maciçamente propedêutica, e sim, robustecer-se-á a partir de uma infinidade de atividades de amplo caráter existencial, reflexivo e de autoconhecimento, que possivelmente redundarão em ações mais afirmativas e coerentes por parte destes jovens, com um real valor prático nos contextos em que se encontram inseridos, abrigando a constituição de projetos de vida (ABRANTES, 2003; SPOSITO, 1993, 2005; DELORY-MOMBERGER, 2008).

Necessário se faz, nesse sentido, que a escola, reconhecendo seu lugar de sociabilidade fundamental, integre esses jovens às suas atividades, dispondo-se a conhecê-los, dialogando com os universos sociais nos quais circulam e se articulam os afetos e as histórias individuais de cada um, auxiliando-os a transformarem-se em pessoas (CANÁRIO, 2005,

2008). Isso se faz, sobretudo, colocando-se a realidade em debate, ensejando a compreensão da existência e os desafios por ela portados em toda a sua grandeza e diversidade de dimensões, entre as quais se incluem as frustrações e tristezas oriundas de uma perda.

Tendo em vista a face do tratamento simbólico da morte na contemporaneidade, ao invés de silenciá-la como espaço projetivo, ou ainda conteúdo a ser domado (ARIÈS, 2012), sugiro a reflexão sobre a morte na perspectiva de uma dinâmica educativa, viabilizadora de um processo de individuação do ser (JUNG, 1964; KOVÁCS, 2005).

Nesse sentido, a vivência do luto decorrente de perdas por morte, por adquirir um caráter de dimensões abrangentes e interferentes na vida de uma pessoa, requisita-nos, enquanto instâncias educativas, a oferta de acolhimento e suporte, visto ser o luto uma reação de dor da experiência humana, processual e oriunda de uma espécie de rompimento de vínculo.

A palavra *luto* designa uma ampla diversidade de processos psicológicos reagentes a uma perda, independente de estes serem considerados dentro de um padrão de normalidade ou, ainda, como seguidores de um curso com características mais complicadoras ou disfuncionais. Dentre os inúmeros fatores que interferem neste processo do luto, os vínculos de afeto construídos entre o enlutado e a nomeada *pessoa perdida*, sistematizados por Bowlby (1984) como Teoria do Apego, são consideradas nesta tese de doutorado ricas fontes teóricas quanto ao trato das diversificadas dimensões que permeiam o evento de perda por morte de uma figura de ligação.

Sendo a figura de apego aquela que proporciona ao ser humano uma base segura (BOWLBY, 1984), a partir da qual o sujeito se sente salvaguardado para se lançar no mundo, ampliando seu desenvolvimento, qualquer evento que provoque um distanciamento irreversível dessa base, e aqui me refiro à morte física, provocará neste indivíduo uma noção de ruptura do vínculo e, no mais das vezes, uma dor dilacerante.

Compreendendo que o ser humano possui uma tendência natural para estabelecer densos laços afetivos e utilizando a Teoria do Apego (BOWLBY, 1984) como um dos aportes teóricos nessa pesquisa, proponho a manifestação dos sentimentos na vivência do luto, com vistas a sua plena elaboração, ensejando ampliar e aprofundar a relação dos sujeitos enlutados com a vida.

No que se refere especificamente ao enlutamento em jovens, apesar dos poucos trabalhos referentes a essa temática, o que se tem percebido é que para esta categoria de sujeitos, a perda do ser amado, vista como ruptura, se delineia de uma forma dramática,

originando sentimentos de desamparo, risco à sobrevivência e ansiedade (ABERASTURY; KNOBEL, 1981; KOVÁCS, 2005). No entanto, nesse trabalho de pesquisa, concebi os sujeitos em suas várias dimensões, dentre as quais inclui a espiritualidade, de maneira a laborar reflexões e sentimentos que comportassem a produção significativa da própria biografia como parte de um constructo formativo correto a ser trabalhado como intervenção psicopedagógica.

Elias (2001), pesquisadora responsável pela elaboração da intervenção RIME (Relaxamento, Imagens Mentais e Espiritualidade), em breve relato sobre as motivações que a conduziram ao desenvolvimento da sua pesquisa, contemplando o aspecto espiritual do ser humano, traz contribuições relevantes para o sedimento da noção do sujeito enquanto portador de dimensões biopsicossociais e também espirituais.

Questões como: “Qual o sentido da vida? Quem sou? Por que e para que estamos aqui na Terra, vivendo uma existência? O que é vida? O que é morte? Por que sofremos? Somos apenas corpo físico, matéria?” (ELIAS, 2001, p. 77) eram muitas as dúvidas formuladas pela pesquisadora, e que recorrentemente orbitavam seus pensamentos desde a adolescência. Elias (2001) relata que apesar de ter recebido ao longo da vida sólida formação intelectual, sendo esta base acadêmica inquestionavelmente importante para seu desenvolvimento pessoal, considera-a insuficiente na proposição de respostas para perguntas que sustentem referências fundantes de ciência e vida.

Todavia, Elias tem enfatizado que crises de dimensões planetárias envolvendo questões de natureza intelectual, moral, filosófica e também novas descobertas científicas no campo da Física, da Medicina, da Biologia e da Psicologia, têm impulsionado cientistas de vários campos do conhecimento a reavaliarem suas concepções norteadas pela racionalidade empírica, lançando luz sobre novas formas de pensamento e ação, dando origem a paradigmas emergentes. Desta feita, “[...] valores como espírito, intuição e emoção, ou que outro nome se queira dar a essas coisas estranhas ao pensamento científico, racional, terão de ser incluídos na visão ocidental de mundo” (ELIAS, 2001, p. 80).

Partindo da exposição realizada por Elias (2001), percebo nitidamente a pujante necessidade de, nas palavras de Linhares (2006a, p. 44):

[...] Buscamos novo caminho epistemológico capaz de reunir as ciências físicas e biológicas junto às sociais e humanas, com vistas a reorientarmos as bases lógicas e os princípios fundantes da teoria da ciência, como caminho para o conhecimento. O conceito de paradigma como referência fundante das ciências, então, deve associar a esfera científica à social, cultural e, mesmo, civilizatória. É dentro dessa construção

que pensamos um sujeito que é Espírito Imortal – esse sujeito das práticas educativas, pois, que pensamos deve ser visto em toda a sua inteireza.

Nessa perspectiva, ao aliar a reflexão sobre a morte a uma produção de sentidos sobre a vida no contexto formativo das culturas juvenis, através da elaboração de um dispositivo reflexivo, numa abordagem com o ateliê biográfico de projeto e junto à RIME (Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade), pretendo comportar a ideia do sujeito da educação também como ser espiritual (LINHARES, 2006a).

1.2 O luto: trilhas que o comportam

No tracejar das linhas mestras que compõem o escopo desse trabalho, trago como elementos discursivos no campo da temática luto a necessidade de compreender a morte como parte da vida (JUNG, 2001), ampliando a discussão sobre seu silenciamento como fala interdita na modernidade (KOVÁCS, 2012), em paralelo com um sentido de (re)humanização da mesma, em que aspectos como emoção e espírito são contemplados na experiência do morrer como parte da condição humana (KÜBLER-ROSS, 1998, 2008). Ainda trago para esta discussão Ariès (2012), na captura das representações sobre a morte no Ocidente.

Com relação à espiritualidade, a educação é convocada a estabelecer um diálogo com a dimensão espiritual do sujeito (YUS, 2002; LINHARES, 2006b; INCONTRI, 2010), considerando estados de consciência alterados, através da utilização da razão (CAPRA, 1985; ELIAS, 2001, 2005, 2012; ELIAS *et al.*, 2014, 2015) e de experiências vivenciadas subjetivamente, permitindo o acesso a camadas mais íntimas dos sentimentos humanos, provedoras de singulares sentidos para suas existências (MASLOW, 1968).

Sobre as juventudes, trago o estudo de Dayrell (2003, 2011) sobre culturas juvenis, como também Sposito (1993, 2005), Abramo (2001, 2005), Abrantes (2003), que ofertam as reflexões sobre socialidade juvenil no âmbito dos desafios contemporâneos (SETTON, 2005). Waiselfisz (2014) apresenta-me dados sobre o binômio violência-morte na juventude, enquanto Borelli, Rocha e Oliveira (2012) esboçam fragmentos de como alguns jovens da Zona norte e da Zona Sul de São Paulo convivem e significam estes eventos em suas vidas.

Ainda sobre jovens e morte, todavia, agora, enfocando o luto, adenso a questão da perda por morte tomando como referência básica Bowlby (1984) e Parkes (2009) com a Teoria do Apego, por considerar o luto um processo psicológico reativo e de adaptação a um

rompimento de vínculos e, também Worden (1998), tendo em vista que este teórico dialoga com um sujeito ativo nos seus processos de refazimento ante rupturas e perdas, através da realização das tarefas do luto.

Focalizando estas reflexões em vinculação com as problemáticas da escola e da escolarização juvenil, entabulo diálogo com Canário (2005, 2008), Pais (2008, 2013), Setton (2005), aproveitando para discutir sobre a dimensão do espaço escolar enquanto “lócus” feito de “gente”, pensando seu papel socializador (PAIS, 2008) e trazendo o cotidiano como ferramenta didática (FREIRE, 1992, 1997).

O caminho metodológico por mim eleito neste percurso de estudos envolve a História de Vida e Formação e a intervenção RIME (Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade) como metodologias de pesquisa. Nesta perspectiva, a matriz de história de vida referencia-se nos estudos realizados pelo grupo de pesquisadores de Genebra (DELORY-MOMBERGER, 2008; FERRAROTI, 1979; PINEOU, 2006; JOSSO, 2010), e a Intervenção RIME será abordada dentro dos parâmetros propostos por Elias (2012) e Elias *et al.* (2014, 2015), à luz da Psicologia Analítica e de estudos realizados sobre experiência de quase morte (EQM).

1.2.1 A morte como elemento catalisador da vida

Jung (2001, p. 29), na obra *O segredo da flor de ouro*, observava essa necessidade de se compreender a morte como parte da vida, em suas transformações: “A morte é um acontecimento anímico tão importante como o nascimento e, como este, é parte integrante da vida. [...] Segundo uma perspectiva psicológica mais correta, a morte não é um fim, mas uma meta, e a vida se encaminha para a morte, passado o meio-dia”.

Pensar a morte como acontecimento da vida nos deve levar à crítica do pensamento moderno e suas mentalidades. Este território simbólico deve ser apontado aqui, de modo a situar as rupturas que pretendo realizar nesta pesquisa.

Uma das mentalidades acerca da morte nos traz a morte domada, a primeira descrita por Ariès (2012), que tem como característica emblemática esse olhar do leito de morte como “lócus” central do fenômeno da morte. Era lá que o enfermo proferia as últimas recomendações, despedia-se dos entes queridos, refletia sobre sua vida, com seus feitos, glórias e problemáticas; pedia perdão aos desafetos presentes e, finalmente, sendo o perdão a este concedido, descansava em paz. Essa circunstância era revestida de uma aura cerimonial

pública, não restrita somente aos familiares mais próximos, mas também aos passantes. Obviamente, os parentes e vizinhos não deixavam de se fazer presentes, incluindo as crianças. A essas últimas era dado, inclusive, um lugar especial. O autor salienta que até o século XVIII não se encontra nenhuma representação da morte que não incluía algumas crianças em volta do leito do moribundo.

Neste período, o doente detinha o controle da sua vida até mesmo no momento em que ela estava se extinguindo, tendo em vista ser ele o próprio o condutor de todo o cerimonial da morte e despedida, aceitando-a com tristeza, obviamente, todavia com bastante serenidade. Chegava a haver, segundo Ariès (2012), uma espécie de “indiferença tradicional”. Com exceção das mortes inesperadas, em consequência de acidentes, assassinatos e até mesmo as provocadas por morte súbita, o comum neste período de familiaridade com a morte é que o moribundo, percebendo a proximidade da sua morte, obviamente não se mostrasse contente por estar partindo, todavia, tinha em si uma espécie de aceitação tácita de algo que estava apenas seguindo seu curso natural. Uma hora, inevitavelmente, teria que acontecer e já era esperado – era o que supunha Ariès (2012), ao tencionar capturar as mutações das representações sobre morte no Ocidente, do ponto de vista sociológico.

O autor (2012) teceu o imaginário posto em cena, referindo-se à morte como *domada* e *familiar*, assim o fazendo pela nítida noção de que a ela era dada importância, e em nenhum momento era considerada trivial, embora fosse naturalizada como experiência humana repetitiva. É que fazia parte da formação humana neste período, vivida pela oralidade dos diálogos intergeracionais, certa compreensão de que a morte era um evento tão natural quanto o nascimento e o desenvolvimento humano, como idades da vida compreendidas como uma forma de aceitação da ordem da natureza.

Já por volta dos séculos XI e XII até o século XIV, observo por parte dos viventes deste período a aquisição de um olhar mais centrado neles mesmos como indivíduos, em suas próprias existências e experiências do mundo de vida. Surgiu desse emergente olhar sobre si, experiências mais subjetivas acerca da morte, especialmente das suas próprias mortes, evidenciando que:

Na segunda fase da Idade Média, do século XII ao século XIV, quando foram lançadas as bases do que viria a ser a civilização moderna, um sentimento mais pessoal e mais interiorizado da morte, da própria morte, traduziu o violento apego às coisas da vida, bem como – e este é o sentido da iconografia macabra do século XIV – gosto amargo do fracasso, confundido com a mortalidade: uma paixão de ser, uma inquietude de não ser bastante (ARIÈS, 2012, p. 99-100).

Se a inquietude evocava a ordem do ser agora em evidência, gradativamente, ao longo de três séculos, foram se delineando outras sensibilidades em torno da ideia e lida com a morte. Assim é que se evidenciam rituais fúnebres sendo simplificados, transcorrendo como uma prática formalizada. Os cemitérios também passaram por transformações, adquirindo uma aura de discrição e despojamento, não raro passando a ser construídos fora da cidade, e, esses (entre outros) emblemas se inscrevendo no seio de um comportamento silencioso tanto da parte do doente, quanto dos familiares. Nesta morte *domesticada*, como nomeia Kovács (2012), a gestualidade fúnebre apega-se aos aspectos das representações formais dos rituais de morte e o luto passa a ser subtraído das práticas cotidianas em virtude de uma nova postura adquirida.

No final do século XVIII, a indiferença provocada pela fratura na relação domesticada entre o homem e a morte passou a ser encarada com certa intolerância. A partir de então, erigiu-se e popularizou-se um novo sentimento religioso, bem mais vigoroso, afetado por sentimentos passionais que, de tão intensos, faziam-no crer sempre existente, em todos os tempos passados. Eis que estamos falando da época romântica, iniciada no final do século XVIII, intensificando-se a partir do século XIX, onde a morte de si, em certa medida, fica obscurecida, passando a evidenciar-se a morte do outro, nos materiais projetivos da vida moderna e seus conflitos.

Kovács (2012), apropriando-se do termo “doçura narcótica”. Ariès (2012, p. 117), esclarece que no período romântico “[...] busca-se a morte suave, mesmo que em vida a pessoa tenha sido ansiosa e agitada. A visão é pior para os assistentes do que para quem está morrendo. Ocorre, nesta instância, uma diminuição do medo da morte”.

A morte continuava sendo no leito, cercada de parentes, mas diferentemente de períodos anteriores era acompanhada de muito lamento e dor, manifestados pelos parentes que não suportavam a ausência do ente querido. A estes aspectos outros âmbitos se acresceram:

Todas essas imagens trazem à tona a dificuldade de aceitar a morte da pessoa querida. A bela morte pertence ao moribundo; Podem surgir sentimentos fortes que precisam ser expressos. Assim, tanto é belo o morto como belos são os sentimentos expressos por ocasião da perda. A morte passa a ser uma representação artística. No processo de se tornar selvagem, a morte se esconde na beleza, na atração pelo infinito (KOVÁCS, 2012, p. 61).

Com o avançar da modernidade, a aquisição de novas lógicas de compreensão da morte provocou uma reestruturação nas bases que alicerçavam os comportamentos e práticas adotados concernentes a este evento. Por exemplo, como resultado do deslocamento da ênfase

da morte para a cura da doença, o ato de morrer em certa medida passou a ser encarado como um fracasso, senão do moribundo, certamente do médico, como das ciências e suas possibilidades.

No século XIX, portanto, percebemos entre as pessoas da época certa dificuldade em relação à fala com os moribundos (KÜBLER-ROSS, 1998; 2008). O silenciamento da morte como fala interdita na modernidade impede de lidar com a emoção contida e mascarada a todo custo, vivida com os enlutamentos. Qualquer manifestação de dor em demasia provoca mal estar e embaraço e, por isso, deve ser suprimida. Pode-se, sim, sofrer, desde que este sofrimento não seja explicitado socialmente, não funcionando, pois, como um estorvo para a sociedade, para os vizinhos, amigos e, especialmente, para as crianças. Para este intento, o doente, principal elemento deste fenômeno enquanto a morte era *familiar*, passa a ser poupado. Mas o curioso é que esta conduta de poupá-lo não tem como cerne a preocupação com a partida real do doente, e sim em como ele irá se portar diante de tão grave condição de morte iminente. Cria-se um sistema de economia de sentimentos, através do desinvestimento das emoções, no qual o principal sujeito do fenômeno (o doente) supõe-se preservado, com o intuito de resguardar todo o entorno.

Autores como Cassorla (1991) já se referiam à existência de uma norma tácita na sociedade industrializada em que a morte assumiu o local de interdição, tornando-se tabu, condição outrora atribuída à sexualidade ou, então, perfaz-se um deslocamento capaz de nos levar a ver “a morte na mídia” como campo projetivo. Se antes a morte era um espetáculo público, no qual até as crianças eram convocadas a comparecer e o sexo era mantido na dimensão do pecado, alegando aos pequenos que estes nasciam dentro de um repolho, no século XX as posições se inverteram, iniciando-se explanações acerca da fisiologia do amor desde os primeiros anos de vida sem, no entanto, falar da *morte como parte da vida*, escamoteando-a como se nem mesmo existisse.

Dessa maneira é que se pode dizer que até a primeira metade do século XX “ainda se morria em casa, próximo aos parentes”. Posteriormente, passou-se a morrer em hospitais, monitorado por aparelhos e sozinho. Outra característica concernente à morte interdita dos últimos tempos diz respeito ao parcelamento da mesma entre algumas fases, tornando-a processual. Para entender melhor essa questão, basta lembrar que enquanto se morria em casa, os momentos finais transcorriam em questão de poucos dias ou até horas, aonde o moribundo ia perdendo suas funções vitais até a parada da respiração e do coração. Para Ariès (2012, p. 276-277):

A verdadeira razão é o próprio interdito, [...] ou seja, a recusa em experimentar a emoção física provocada pela visão ou ideia da morte. Observa-se que, no espetáculo, somente se aceitam [...] as formas de morte violenta, que ainda se podem acreditar diferentes do fim que nos é naturalmente reservado. Cabe aos doentes nunca despertar nos médicos e enfermeiras a insuportável emoção da morte. Serão apreciados na medida em que terão feito com que a equipe médica esqueça (pela sensibilidade, e não pela razão) que vão morrer. Assim, o papel do moribundo só pode ser negativo – o do moribundo que finge que não vai morrer.

Ante esse quadro esboçado se inclui a (re)humanização da morte que, para Kòvacs (2012, p. 106), é “[...] uma possibilidade de reaproximação da morte pelas pessoas, que voltam a se tornar o centro da ação no momento mais significativo da vida – o da própria morte”. Kübler-Ross (1998, 2008), psiquiatra vienense, foi a responsável por uma interlocução importante desse novo pensamento, cuja reviravolta se iniciou por volta de 1950, sugerindo que ao invés de negarmos a morte deveríamos olhá-la de frente, nos assenhorando dela e da fala dos moribundos, entendendo que ela faz parte do processo vital. E assim, a morte (re)humanizada seria uma espécie de resgate de práticas amplamente utilizadas tempos atrás, voltando a ocorrer junto aos parentes e pessoas queridas, podendo ser medicalizada para atenuar as dores físicas, mas onde o empenho para a cura não mais se concentra apenas na dimensão física, ou seja, o corpo do indivíduo, mas envolve os aspectos emocionais e espirituais dessa experiência como parte da condição humana.

1.2.2 A espiritualidade como princípio educativo

Enquanto a vida se apresenta sem grandes mudanças e sobressaltos, não raro a ausência de espiritualidade não é elaborada conscientemente como dimensão humana e em meio ao cotidiano ela sofre apagamentos inegáveis. No entanto, quando a doença ou um sofrimento nos assalta os dias, a vida adquire novas demandas e contornos que evidenciam a necessidade de reflexões acerca do significado das experiências em pauta, capaz de auxiliar na lida das experiências dolorosas. Nessas circunstâncias, um universo semântico que envolve o sentido da vida e da espiritualidade, que a modernidade alijou, se põe em questão. Como Jung (1964, p. 87) observava:

As pessoas têm a impressão de que há, ou haveria, uma grande diferença se pudessem acreditar positivamente num sentido de vida mais significativo, ou em Deus e na imortalidade. O aspecto da morte próxima muitas vezes estimula tais pensamentos. Desde tempos imemoriais os homens especularam a respeito de algum ser supremo (ou vários) e sobre a terra do ‘depois’. Só hoje em dia é que julgam poder prescindir destas ideias.

Unindo-me aos pensamentos há pouco arrolados e a tantos outros que seguirão, o presente trabalho vai ao encontro dos conhecimentos produzidos por pensadores que, ao assumirem posições aliadas aos paradigmas emergentes, propõem uma nova configuração para a ciência contemporânea, ultrapassando os limites impostos pela ordem científica hegemônica, em sua negação da dimensão espiritual dos sujeitos.

No trato com a espiritualidade, a reflexão sobre a morte nos incita a uma aproximação com a mesma como experiência humana, desnudada das fantasmagorias que a revestem, indagando-nos sobre qual a forma mais adequada de nos prepararmos para a sua chegada, aguardando-a conscientes do seu caráter essencial no curso da vida. Nesta atmosfera conducente a uma real intimidade com a morte, a dimensão espiritual do sujeito é convocada à reflexividade de um encontro elucidativo. Nas palavras de Denis (1994, p. 126):

A ciência, por seu lado, estudou e conheceu até aqui no homem terrestre apenas a superfície, a parte física. Acontece que essa é, para o ser integral, quase o que a casca é para a árvore. Quanto ao homem fluídico, etéreo, de que nosso cérebro físico não pode ter consciência, ela o tem ignorado até nossos dias. Daí sua impotência para resolver o problema da sobrevivência, uma vez que é apenas o ser fluídico que sobrevive. A ciência nada tem compreendido das manifestações psíquicas que se produzem no sono, o desprendimento, a exteriorização, o êxtase em todas as fugas da alma para a vida superior. Acontece que é unicamente pela observação desses fatos que conseguiremos adquirir, desde esta vida, um conhecimento positivo na natureza do ‘eu’ e de suas condições de existência no além.

Desta feita, utilizando-me dos pressupostos adotados por essa ‘outra’ ordem epistemológica, permeada pela preocupação com a disseminada negação do sujeito como ser espiritual, pretendo resgatar a espiritualidade na reflexão sobre o luto outrora perdida, partindo de uma perspectiva que me permita:

- a) valorizar o olhar subjetivo daquele que observa na hora de fazer ciência, desse modo, considerando a unidade e interdependência entre sujeito e objeto em pesquisa como ponto de vista epistemológico;
- b) e, adquirir conhecimento da realidade através de experiências que mesmo utilizando a razão possam lidar com estados de consciência alterados (CAPRA, 1985; ELIAS, 2001, 2005, 2012; ELIAS *et al.*, 2014, 2015).

Há que se salientar, contudo, que esta espiritualidade à qual me refiro vem revestida com uma amplitude maior de significações, de modo que pode ser concebida como ultrapassando o registro simbólico das religiões. Nos termos de Incontri (2010, p. 73):

[...] qualquer ligação livre com o transcendente, sem necessariamente estar vinculado a uma tradição; é um conceito mais vasto do que religião, pois esta é uma

identidade específica, com doutrina, ritos e valores. A espiritualidade abrange as religiões, mas as ultrapassa. Esse nível de análise, que podemos tomar como um denominador comum das religiões e das formas livres de manifestação do impulso da transcendência é relativamente novo e está vinculado às pesquisas científicas que vem sendo realizadas nas últimas décadas, sobretudo, na área da saúde e, mais recentemente, na educação.

Incontri (2010, p. 84) mostra o que conceitua como “olhar de síntese”, como lugar de confluência onde modernidade e tradição dialogam:

Essa zona de intersecção do olhar de síntese, que reúne visões das religiões, dos que têm espiritualidade livre e dos teóricos, que não têm necessariamente uma religiosidade [...] encontra representantes em líderes religiosos ou mesmo simples adeptos, que mantém a identidade de sua fé, mas conseguem atingir um elevado patamar de diálogo com o outro e um forte olhar crítico ante a própria tradição. Geralmente, o que caracteriza essas personalidades é um alto grau de vivência espiritual e, ao mesmo tempo, a capacidade de se mover em várias tradições, sem perder a própria identidade.

Embora possamos distinguir espiritualidade e religião, proponho que elas possam dialogar como acervo de saberes humanos que são presentes em todas as culturas. Sobre os estados de consciência alterados, considero que nestas situações uma racionalidade mais ampla, que inclui a dimensão afetiva Capra (1985, p. 31) aponta que:

O fato – óbvio a partir de uma simples leitura de jornais – de que a humanidade não se tornou muito mais sábia ao longo dos últimos dois mil anos, não obstante o crescimento prodigioso do conhecimento racional, constitui ampla evidência da impossibilidade de comunicação do conhecimento absoluto através de palavras. [...] O conhecimento absoluto é, pois, uma experiência da realidade inteiramente não intelectual, uma experiência nascida de um estado de consciência não usual que pode ser denominado ‘de meditação’ ou estado místico. A existência desse estado não tem sido testemunhada apenas por numerosos místicos orientais e ocidentais, mas aparece igualmente na pesquisa psicológica.

Partindo desta compreensão, uma das vias utilizadas na busca de um autoconhecimento, gerador de realizações e desenvolvimento, é a da espiritualidade revestida de um caráter pessoal, que poderá estar associada ou não, dialogando ou não com uma religião institucionalizada. Essa espiritualidade de caráter pessoal fomenta, na sua essencialidade, uma busca do indivíduo por estabelecer pessoalmente um diálogo transcendente com outras esferas da sua existência, resistindo aos padrões culturais dominantes, que na modernidade tem alijado a dimensão espiritual da esfera educativa, embora não se possa absolutizar essa negação (YUS, 2002; LINHARES, 2006b).

Percebo nesse quadro, que uma das formas de promover abertura à experiência da morte reside fortemente na formação dada ao indivíduo. Daí a necessidade de que o educando venha a poder produzir sentidos por si mesmo. Essa é uma das tarefas da educação que deve

considerar, então, a autoralidade e a autonomia do sujeito nessa tarefa (WARSCHAUER, 2001). E aqui me remeto a Maslow (1968), quando afirmava que o ser humano necessitaria ultrapassar a sua realidade mais concreta, objetivando conectar-se a outras realidades, enfatizando sua capacidade de autodireção, de modo a entender sua existência e ajudar a si próprio. Diante disto, o autor se ressentia com a ciência e a educação por, em grande medida, ao privilegiarem os livros e o pensamento abstrato e analítico em detrimento de experiências concretamente vivenciadas e sentidas subjetivamente, usurparem do ser humano a capacidade de acessar suas camadas mais íntimas de percepção e pensamento, que apreende de modo singular o sentido de suas existências.

[...] insensato realizar o trabalho da ciência pessoal numa estrutura que se baseia na própria negação do que estamos construindo. Não podemos avançar para o conhecimento experiencial usando apenas o instrumento da abstração. Analogamente, a separação sujeito-objeto desencoraja a fusão. A dicotomização proíbe a integração. Respeitar o racional, o verbal e o lógico como a única linguagem da verdade inibi-nos em nosso estudo necessário do não racional, do poético, do mítico, do vago, do processo primário, do onírico. Os métodos clássicos, impessoais e objetivos que funcionaram tão bem para alguns problemas não funcionam bem com esses mais recentes problemas científicos (MASLOW, 1968, p. 225).

Entendendo o ser humano como portador de dimensões que não se restringem somente às físicas e psíquicas em constante conexão e retroalimentação umas com as outras e, considerando-o um ser espiritual, estabeleço um diálogo com a temática do luto e da morte, portanto, com vistas a potencializar a vida e, mesmo, as produções simbólicas que a (re)signifiquem, trazendo a psicologia como dimensão do humano, por meio da teoria do apego de Bowlby (1984) e Parkes (1998, 2009), objetivando viabilizar esta espiritualidade no contexto de uma abordagem psicopedagógica. Com este intuito, pretendo adotar a perspectiva teórica da presente pesquisa como “olhar de síntese”, concebido como um estudo crítico, e que abre para as dimensões e racionalidades trazidas pelos paradigmas emergentes.

Neste sentido, a espiritualidade assume um papel dinamizador relevante no trabalho da socialização que a escola faz junto às culturas juvenis, em sua multidimensionalidade, em que o transcendente se configura como o espaço central da problematização e impregnação dos novos modelos de experiência e produção de sentido, aspectos fundamentais na formação das juventudes.

Esse pensamento norteador se coaduna fortemente com o legado deixado por Freire (1992), de que a escola, enquanto espaço socializador, não deve e não pode reduzir suas práticas aos aspectos cognitivos, devendo regar-se, também, de vida que brota das

relações, considerando as subjetividades trazidas por cada um dos sujeitos que compõem essas relações, extraindo delas a seiva que nutrirá seus trajetos.

1.2.3 A escola enquanto espaço feito de gente

“Escola é...
o lugar que se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de ‘ilha cercada de gente por todos os lados’
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede,
Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só
trabalhar,
É também criar laços de amizade,
É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil!
Estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo”.
(PAULO FREIRE)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2000), a escola, através da sua base curricular deverá fomentar aprendizagens que habilitem o estudante a viver em sociedade, a realizar atividades produtivas e a ter experiências subjetivas. Ou seja, a escola delinea sua atuação a partir de um projeto de ser humano apto a viver em sociedade, contribuindo com seu desenvolvimento através da força do seu trabalho, enquanto sujeito autônomo, interagindo com o mundo e com outros sujeitos de maneira singularizada.

Para tal, uma dentre as quatro premissas postuladas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como eixo vertebrador da educação atual é a orientação desse sujeito para a prática do “aprender a ser”, que assim se inscreve:

A educação deve estar comprometida com o desenvolvimento total da pessoa. Aprender a ser supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida. Supõe ainda exercitar a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação, para desenvolver os seus talentos e permanecer, tanto quanto possível, dono do seu próprio destino (BRASIL, 2000, p. 16).

Seguindo esta linha de raciocínio, uma questão premente a ser problematizada refere-se às articulações realizadas pelo jovem entre a aprendizagem escolar, com todo o seu arcabouço teórico fundamentado na perspectiva de formação para um futuro profissional, e a sua elaboração pessoal, dada em uma multiplicidade de mundos sociais.

É válido salientar, reiteradamente, que a inserção do jovem em múltiplos espaços sociais gera uma amplitude de vivências e, conseqüentemente, de aprendizados, que, invariavelmente, em maior ou menor medida, provocam rupturas e transformações nos seus valores, crenças, percepções de si, dos outros e do mundo outrora estabelecidos, modificando seus padrões de comportamento e seus projetos de si, nem sempre em consonância com o projeto escolar.

Como resultado desse descompasso entre o que a escola oferece e o que é almejado, surge uma total ausência de afinidades, provocando um afastamento às vezes provisório, outras vezes permanente desse jovem que busca constantemente se reinventar, e reorganizar seu mundo, readaptando continuamente seu projeto de si, e não se vê contemplado em suas demandas ao visualizar os programas e conteúdos vinculados à aprendizagem escolar.

Diante do exposto, compreendo que para a consecução dos objetivos ora estabelecidos pelos PCN, a escola é convocada a realizar uma aproximação entre seus conteúdos programáticos e a vivência do aluno no seu cotidiano, promovendo, assim, uma aprendizagem significativa, desencadeadora de condições de intervenção por parte desse jovem, no contexto em que está inserido.

Dessa maneira, penso que o papel socializador da escola na contemporaneidade deve comportar a vida como um todo, abarcando diferentes espaços situados para além de seus muros “inadaptados” (PAIS, 2008), como também, considerando um vasto leque de

vivências, crenças, atitudes, padrões de comportamento e simbologias, nem sempre por ela anteriormente repertoriados. É na sua dimensão integradora, desejosa de socializar de um modo novo que a escola “do agora”, ‘fazedora de sentidos’, revitalizar-se-á.

Ainda seguindo essa linha de raciocínio, compreendo que o indivíduo que historicamente foi transformado pela escola em aluno de uma forma homogeneizante e abstrata (PAIS, 2008), deverá agora ser erigido à condição de pessoa (CANÁRIO, 2005, 2008; PAIS, 2008), portadora de singularidades e de um arcabouço de experiências precedentes e simultâneas às suas experiências escolares que deverão ser consideradas em toda a sua amplitude (DAYRELL, 2003, 2011).

Canário (2008) fala de maneira inspirada em “pensar a escola a partir do não escolar”. O que isso significaria na prática? Penso que no sentido radical da palavra a escola ‘do agora’, ‘fazedora de sentidos’ impescinde de uma transvalorização dos seus conceitos, passando a considerar a relevância da aprendizagem em universos outros, trazedores da marca da informalidade.

Essas reflexões que agora trago tem estreitas vinculações com propostas nem sempre novidadeiras, que já apresentei em partes anteriores dessa pesquisa, de um olhar para as juventudes e suas pluralidades (DAYRELL, 2003, 2011; SPOSITO, 1993, 2005, 2008; ABRAMO, 2001, 2005; ABRANTES, 2003), inseridas em uma “nova arquitetura do social” (SETTON, 2005), onde o intenso fluxo de informações heterogêneas e nem sempre consonantes apreendidas no dia a dia, demandam destas juventudes uma maior capacidade reflexiva e autônoma.

E assim, trazendo o cotidiano como ferramenta metodológica, remeto-me a Freire (1992, 1997) que não me deixa esquecer que as transformações sociais nunca ocorrem dissociadas da vida cotidiana e demasiadamente real dos seres humanos. Apropriando-me do exposto e o utilizando como um dos fios condutores ao que almejo com essa pesquisa, acrescento ainda a minha percepção de que transformações sociais se dão quando os indivíduos que as corporificam são igualmente transformados. Essa espécie de metamorfose a qual me refiro gesta um novo ator social que ao produzir sentidos para suas vivências, converte-as em experiências autoformativas, geradoras de saberes e novas percepções sobre si mesmo, o mundo e os outros, autonomizando-se como principal agente de suas ações.

Desta feita, faz-se necessário injetar essa vida vivida cotidianamente nos espaços escolares, ensejando que a apreensão do mundo realizada por esses jovens se operacionalize

através de conexões com o que há de concreto e tangível nele, com vistas a provocar ações educativas que dinamizem e nutram um projeto pessoal de formação.

Essa dinâmica de incorporação no ambiente escolar do cotidiano do aluno com seus conflitos e dilemas, quando bem executada, rompe com paradigmas ainda presentes, alicerçados nos conhecimentos científicos, excluindo as vivências sociais, morais e afetivas, tão fundamentais para a elaboração de saberes de grande relevância operacional, para a plena condição de cidadão e de sujeito atuante e reflexivo.

Assim, a escola se apresenta hoje como uma organização a qual não devem ser conferidas somente as relevantes práticas concernentes ao âmbito cognitivo, mas também aquelas voltadas à formação humana, contemplando as dimensões social, emocional, biológica e espiritual, como também a autoformação. Essa última dimensão, a qual ensejei viabilizar junto a quatro jovens enlutados, deu-se por intermédio de uma postura reflexiva desses sujeitos, em processo de luto, diante de suas vivências, reconhecendo-as como experiências formadoras, e reelaborando-as em suas narrativas, objetivando a configuração de um projeto de si. O procedimento de formação adveio, justamente, dessa concepção de um projeto pessoal “[...] na medida em que instaura uma relação dialética entre o passado e o futuro e abre ao formando um espaço de *formabilidade*” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 99).

Dessa maneira, parti da perspectiva da elaboração de sentidos para vida e para a morte, produzidos em face da experiência juvenil de luto por morte de um ser que consigo constituía um laço de afeto, um vínculo.

As intervenções utilizadas nesse percurso reflexivo sobre o luto foram introduzidas por intermédio do campo psicopedagógico. Fagali (1993) refere-se ao viés terapêutico na psicopedagogia como um recurso utilizado no resgate da saúde do aprender. Fernandez (1991) falava que o que nos tornava humanos era o processo de aprendizagem ocorrido em virtude de uma cadeia relacional em que o papel do outro se fazia preponderante, em virtude dos seus ensinamentos consubstanciados pelo reconhecimento do aprendente como um ser semelhante, detentor do direito de adquirir recursos que o capacitassem a sobreviver. Pressupunha, assim, que o aprender, ao não se realizar sozinho, constituía-se, indissociavelmente pelo sujeito aprendente, pelo sujeito ensinante e pelo sujeito social, incluindo todo um contexto em que o indivíduo estava inserido.

Considero que a perda de uma pessoa querida tende a ser um fenômeno provocador de alterações significativas na relação do jovem com seu mundo interno e externo,

com grande potencial desestruturante, podendo implicar em dificuldades de variadas ordens, incluindo a “saúde do aprender” (FAGALI, 1993). Coadunando-me com o exposto por Fernandez (1991), compreendo, assim, que não somente o contexto familiar, escolar e comunitário, mas também vários outros fatores de natureza biopsicossocial e espiritual, são conteúdos de profunda relevância a serem considerados em uma abordagem psicopedagógica que se propõe a trabalhar com jovens enlutados.

1.2.4 Juventude enlutada

Os sujeitos dessa pesquisa são quatro estudantes de uma Escola de Ensino Fundamental e Médio localizada no município de Fortaleza, que vivenciaram situações de perdas, por morte de figuras de afeto, ou seja, jovens enlutados.

A escolha para pesquisar esses jovens sujeitos transcorreu por questões de afinidade, por já ter desenvolvido outros trabalhos com pessoas dessa fase geracional, e por entender que neste período se desenrolam transformações de magnitude ímpar, que se não são bem trabalhadas podem ter efeitos desorganizadores na vida do indivíduo (KOVÁCS, 2012). Dentre elas, cito as mudanças corporais, uma maior capacidade cognitiva, a elaboração de uma nova identidade, distinta da infantil, bem como a expansão da necessidade de impor seus limites, de modo a desejarem ser os principais atores de suas próprias vidas.

Imersos em uma profusão de desejos, sentimentos e demandas, os jovens, como cita Kovács (2012), situam seus investimentos em torno da construção de relacionamentos com seus pares, da descoberta de suas capacidades, aptidões e transformações corporais que os laçam em um patamar em que a erotização se faz presente de uma maneira mais pronunciada e pungente. Nessa equação, a problematização da vida e da morte realizam seus entrelaçamentos e isso se faz imprescindível.

Todavia, refletir sobre a juventude implica antes de tudo estar ciente dos componentes que a constituem enquanto categoria. A juventude, não possui unicamente uma natureza biológica, mas também uma natureza histórico-cultural, pois em cada espaço, e em cada momento histórico ela se elaborará de maneira distinta, inviabilizando assim, a partir desta noção, uma definição única e padronizante (PAIS, 2008, 2013; DAYRELL, 2003, 2011).

Dessa maneira, se pensarmos a juventude brasileira de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e, também, de acordo com o Plano Nacional da

Juventude (BRASIL, 2004), ela compreenderá a faixa de idade que irá dos quinze aos vinte e nove anos. Para a sociologia da juventude, um jovem com quinze anos ainda se encontra na adolescência, categoria cunhada pela psicologia no final do século dezenove. Sendo assim, alguns estudiosos dessa temática, incluindo Dayrell (2011), vêm introduzindo a adolescência em seus estudos como fase inicial da juventude com suas especificidades que a diferem amplamente dos jovens na faixa dos vinte anos, tanto no sentido biológico, quanto em termos de autonomia e de cabedal de vivências.

Há também que se salientar que para muito além da faixa etária, a realização de uma análise mais aprofundada da condição juvenil implica a observação de diversificadas variáveis sociológicas – cultura, raça, gênero, orientação sexual, nível socioeconômico, região geográfica, dentre outras – que influenciam sobremaneira na composição dessa categoria de caráter fortemente heterogêneo. Partindo desta perspectiva, atualmente não se tem adotado o termo juventude no singular e, sim, juventudes, no plural, representando justamente essa diversidade.

Ancorando-me nessa perspectiva, visualizo os sujeitos da pesquisa pelo prisma da diversidade, integrando-os a um contexto social mais amplo, no qual suas experiências subjetivas compõem o arcabouço de elementos que darão forma as suas maneiras peculiares e diversas de serem jovens. Conteúdos concernentes aos seus núcleos familiares, seus pertencimentos étnico-raciais (PEREIRA, 2014), como também condições de gênero, orientação sexual, religião, hábitos de consumo, região onde moram e até a estrutura física de suas residências, dar-me-ão indícios dos recursos disponibilizados aos jovens para suas construções enquanto sujeitos. E ainda, como elemento permeador em todas as condições anteriormente mencionadas, considero as relações sociais que trazem na sua autossocialização (DELORY-MOMBERGER, 2008) o fio de urdidura representativo na confecção da trama por eles vivenciadas e significadas.

Trato aqui das relações estabelecidas nos mais variados circuitos sociais, não me restringindo unicamente à família e à escola, incluindo também o universo laboral, as atividades de lazer, como também as preponderantes influências encontradas nos relacionamentos estabelecidos com o universo virtual, de modo a deixar-me afetar pela problematização da socialidade juvenil nos tempos da contemporaneidade.

No âmbito do trabalho, por exemplo, é sabido que os jovens pertencentes a categorias econômicas menos favorecidas quase sempre necessitam buscar maneiras de adquirir recursos financeiros desde cedo para sobreviverem. Ademais, comumente estes

jovens se confrontam com desejos criados e nutridos por um mercado de consumo elitista no qual, para se sentirem integrados, precisam equilibrar constantemente sua vida estudantil com a laboral. Como desdobramento dessa condição precarizada, tem sido uma constante a priorização das gratificações imediatistas, que propiciam, em curto prazo, uma maior satisfação pessoal – em detrimento de projetos futuros estabelecidos a médio e longo prazo. No entanto, estas experimentações juvenis de satisfação imediata não se lhes oferece as condições de autonomia.

O resultado dessa equação é o ingresso precoce dos jovens no mercado de trabalho, atividade que os situam em uma posição de inferioridade e sujeição, implicando em conflitos de variadas ordens que, ao invés de serem problematizados no meio escolar, são em grande parte silenciados na escola.

Na esfera das atividades artísticas e de lazer, Dayrell (2011), ao analisar a sociabilidade de jovens pobres, verificou que a insurgência de novos referenciais e a troca de informações adquiridas a partir das relações sociais estabelecidas nas atividades culturais e de lazer redundam, invariavelmente, em repertórios estruturantes na elaboração de suas subjetividades. O bairro onde residem, dessa maneira, adquire significados que ultrapassam a simples condição de espaço de moradia, representando também um lugar social de trocas afetivas, de expressão das suas elaborações culturais e de compartilhamento das parcas condições que ele oferece, muitas vezes como fator limitante, mas também como mobilizador de estratégias de ação que permitam desbravar novas trilhas.

Embora deva sair da relação estreita entre juventudes e violência, não tenho como não destacar a faceta da violência impressa amplamente nos bairros periféricos, permitindo que os jovens se defrontem cotidianamente com o universo do crime, e o sedutor submundo das drogas e do tráfico, sendo os dois últimos, não raro, utilizados também como subterfúgios para se escapar à pobreza. Todavia, como já sinalizei há pouco, a ausência de recursos pode ser um dinamizador de ações potencialmente construtivas, como as que envolvem a arte.

Por outro lado, o pensamento alternativo, o protesto e o discurso reivindicatório, muitas vezes manifestos através de variadas linguagens, trazem incursões a outros bairros e experiências espaço-temporais diversificadas, produzindo “territorialidades transitórias” em que as culturas afirmam seus lugares, mesmo em um contexto de desigualdade e exclusão (DAYRELL, 2003, 2011; SPOSITO, 1993, 2005).

Quanto às relações de afeto construídas por esses jovens, os *grupos culturais*, parecem adquirir um relevo maior do que as atividades culturais propriamente ditas, uma vez

que o investimento emocional nessas relações assume um nível elevado, demonstrando que o vínculo entre eles não se circunscreve apenas às dimensões de afinidades e confiança, mas também porque esse laço que os une se delinea como um dinamizador da compreensão dos sentidos de suas práticas através do que o outro realiza, tornando possíveis construções identitárias.

Nesse circuito relacional em que é possível se conhecer através do outro e se reconhecer no outro; onde a fala e a escuta são igualmente possíveis, destravando emoções; o pertencer a um espaço tempo experiencial conforta; e os conflitos alicerçam as bases para um compartilhar com o diferente, é possível reconhecer dimensões variadas de relacionamento com o outro, muitas vezes transcendendo os sentimentos de parceria e de amizade, e desocultando dimensões outras dos sujeitos.

No que tange a esfera das virtualidades, sua forte evidência é atribuída ao advento da modernização que com a emergência de uma série de aparatos tecnológicos, viabilizadores de interações sociais deslocadas do contexto social concreto, expandem-se por regiões diversas, configurando um novo sistema sociocultural amplamente diversificado, dando vazão a um fluxo de experiências, saberes e amplitudes de referências impulsionadoras de construções identitárias singulares (SETTON, 2005).

Se antes o indivíduo era socializado basicamente por sua família e escola, hoje também é socializado pela mídia televisiva e digital, tendo acesso a culturas distintas, muitas vezes espacialmente distantes do espaço geográfico no qual se insere. O entrecruzamento das condições sociais concernentes a esses jovens e as relações sociais por eles estabelecidas, onde desde a mais tenra idade são socializados em universos sociais incongruentes, não sendo unicamente filhos(as), alunos(as) ou trabalhadores(as), os faz desempenharem papéis eivados de especificidades que singularizam suas escolhas e experiências subjetivas, não raras vezes, completamente dissonantes (SETTON, 2005).

Cabe à escola, ao considerar estas experiências vividas, contemplar a subjetividade juvenil ancorada na produção de sentidos para a vida e para a morte, abarcando os vínculos dos jovens enlutados, entrelaçados às relações sociais e universos experienciais não raro em conflitos. Nessa pesquisa, proponho-me a superar estes limites das formas de considerarmos socialidade contemporaneamente, abordando também a vivência espiritual, de modo a comportar extratos de experiência de mundo dos jovens, que se conectam à vida da escola.

Nesse jogo, em que o fluxo de informações e interações é intenso, demanda-se dos jovens contemporâneos uma maior capacidade reflexiva e de autonomia que os permitam identificar assertivamente o que é mais adequado ou não para eles no contexto em questão. Ao invés de introjetar modelos de condutas pré-determinados, fixos e homogêneos, hoje, são as experiências que não seguem necessariamente esse padrão formatado que norteiam suas escolhas em um amplo diálogo com o que está posto (SETTON, 2005).

Diante desta dinâmica, a convergência das escolhas dos jovens está diretamente relacionada à forma como eles conseguirão articular as amplas e heterogêneas alternativas ofertadas pela multiplicidade de universos sociais com os quais se relacionam e pelas suas vivências nos mais variados âmbitos pelos quais circulam (ABRANTES, 2003). E, ainda, sendo eles integrantes das classes menos privilegiadas, são considerados também os limitantes recursos de que dispõem.

Em meio a esse intrincado cenário, a juventude atual é solicitada a cada vez mais ser a principal condutora das suas relações com o mundo, sendo requerida dela condições cognitivas, emocionais e afetivas que a torne apta a administrar essa relação.

Muito embora a escola exerça um significativo papel no processo de socialização e formação juvenil, faz-se necessária sua re-significação e re-estruturação na perspectiva desse horizonte que vem se delineando, com vistas à absorção de uma população juvenil portadora de uma série de vivências e norteadas previamente por referenciais distintos dos que a ela são comumente fornecidos pelas instituições socializadoras formais, dentre elas a própria escola. Sposito (2005) identifica entre os jovens uma concepção paradoxal no que tange à acessibilidade escolar, porque, ao mesmo tempo, eles reconhecem sua relevância na consecução dos seus projetos futuros e se deparam com uma atordoante ausência de sentidos no presente que os confrontam com uma desmotivação recalcitrante, gênese de amplos conflitos. No caso das elaborações sobre luto por morte de pessoas vinculadas a esses jovens, será importante fazer aportar por meio da arte e da fala, suas vivências desses universos múltiplos.

Na perspectiva que tomo para nosso olhar sobre juventudes, considero que as escolhas experienciais juvenis não são meramente fortuitas, nem tampouco resultantes das determinações estabelecidas pelas instituições socializadoras tradicionais. Penso que um dispositivo de projeto de vida possa até integrar os jovens às atividades escolares, mas compreendo que ele deve envolver, essencialmente, o despertar de uma consciência e de uma

motivação oriundas de um sentido atribuído por eles próprios aos desdobramentos que essa reflexão provocará em seus percursos de vida.

Embora as disposições dos jovens em darem prolongamento aos estudos estejam fortemente associadas à transposição da aquisição de conteúdos propedêuticos e de inserção no espaço fundamental da escola, bem como em sua inclusão em um trabalho a curto prazo, as práticas, os discursos e os projetos de vida deverão ser escutados, pois interferem continuamente nas suas vidas.

Ora, uma característica bastante peculiar atribuída ao jovem e que é amplamente reproduzida no meio escolar, obscurecendo a percepção dos que se propõem a trabalhar com esta temática, é a equivocada noção de negação do presente desse jovem, como se este período no qual se encontra não passasse de um veículo de condução ao lugar de adulto, onde, enfim, sua vida adquirirá um sentido. Essa noção equivocada de transitoriedade torna-se substrato de crenças restritivas em relação ao jovem, situando-o em uma esfera de ação na qual os conflitos com o meio e o hedonismo, comprometem a formação desse indivíduo em sua integralidade, evidenciando uma danosa cisão entre seu presente concreto e essencial, seu passado e também seu futuro (DAYRELL, 2003).

Nesse sentido, parece-me válido que a escola se desnude dos seus engessamentos conceituais e se disponha a trabalhar conteúdos que visem práticas mais reflexivas e de autoconhecimento, instrumentalizadoras de ações assertivas e de valor prático no contexto em que estão inseridos. Partindo dessa perspectiva, pretende-se que a esse sujeito seja dada voz para que manifeste seus anseios, temores, conflitos, dúvidas, gostos e querereres, incluindo a percepção acerca das suas vivências escolares.

Diante disso, concebo a ideia de que cabe à essa escola (re)significada reconhecer seu lugar e função socializadora, dialogando com os mundos de vidas juvenis nos quais se articulam os afetos e as histórias individuais de cada um, reconhecendo que sua atuação exerce papel determinante na formação global do indivíduo, e na emergência e expansão de suas capacidades latentes.

Orientando-me nessa pesquisa para os jovens enlutados através da perda por morte de uma figura de afeto, pertencentes às camadas populares, com poucos recursos financeiros, e introduzidos em espaços geográficos violentos, evidencio essa última questão, a da violência, como campo emblemático passível de aprofundamento onde se inscreve esse objeto de estudo.

De acordo com Waiselfisz (2014), a taxa de homicídios entre os jovens no ano de 2013 foi a mais elevada desde 1980. Em média, 100 em cada 100 mil jovens entre 19 e 26 anos morrem violentamente a cada ano. Vale salientar que de acordo com os dados aqui apresentados, a categoria juventude compreende a faixa etária entre 15 e 29 anos, determinada pelo Plano Nacional da Juventude. Ainda de acordo com esse mapa, no que concerne às questões etárias, na faixa de 0 a 12 anos, o número de vítimas é mais reduzido, contando no ano de 2013 com 85 mortes. Todavia, o número de homicídios juvenis aumenta consideravelmente a partir dos 13 anos, atingindo seu ápice quando as vítimas encontram-se em torno dos 20 anos. A partir dos vinte anos os números voltam a decrescer, revelando que as maiores taxas de homicídio se concentram na juventude.

Quanto ao suicídio, Kovács, citando Kübler-Ross (2012), em seus estudos sobre a morte, menciona-o como a terceira causa de morte entre as crianças e jovens. Waiselfisz (2014) infere que os suicídios entre os jovens elevaram significativamente entre os anos de 1980 e 2012, especialmente a partir da virada do século, e ilustra que entre os jovens com 17 e 18 anos, a taxa de suicídios ficou em torno de 5 suicídios a cada 100 mil habitantes.

Em pesquisa realizada com jovens moradores da zona Sul e da zona Oeste da cidade de São Paulo, com idades entre quinze e vinte quatro anos, investigando como os jovens lidam com as noções de vida e morte, foi evidenciado que apesar do medo da morte estar presente em ambos os grupos, ele está mais associado às falas dos jovens da zona Sul, onde apenas um terço deles afirma não ter medo de morrer, confirmando a conexão existente e coerente entre seus temores e a compreensão que possuem dos altos fatores de risco aos quais se encontram submetidos (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2012).

Ainda de acordo com a referida pesquisa, apesar da morte de pessoas jovens provocar na maioria das vezes maior consternação, foi percebido que os jovens da zona sul paulista mostravam-se mais compassíveis diante de tal evento, encarando-o com certa naturalidade. Essa constatação pode indicar a possibilidade de que a frequência com que as mortes se dão, como também a sua proximidade espacial com os que se mantem vivos, influenciam na compreensão e até aceitação do fenômeno, atribuindo muitas vezes à morte um caráter de previsibilidade.

Tal assertiva se mostra bastante plausível se considerarmos que boa parte dos jovens da zona sul já perdeu algum amigo, enquanto menos da metade dos jovens da zona oeste passou pela mesma situação. As causas das mortes também podem ser consideradas fortes indícios das situações de vulnerabilidade e riscos que acometem a população

pertencente aos extratos populacionais mais desfavorecidos economicamente. Assim sendo, ao observarmos as condições em que as mortes ocorreram em ambos os territórios, apreendemos que enquanto na zona sul as mortes são habitualmente provocadas por homicídios, assaltos, sequestros, seguidas de morte natural e afogamento; na zona leste predominam as mortes naturais, acidentes de trânsito e suicídio.

Todavia, em meio a uma nítida fronteira fortemente demarcada por fatores socioeconômicos, onde os jovens pesquisados elaboram significações distintas sobre a morte, fora constatado certo desnorreamento e estado de desconforto comum em ambos os grupos, diante da impossibilidade de obter respostas que elucidem o que para a grande maioria é irrespondível.

Como se percebe, as causas de mortes são inúmeras e o que fica delas é a quantidade de jovens perdendo precocemente suas vidas; de tantos outros sofrendo a perda de colegas; e da inquietante sensação de que algo precisa ser feito, mas quase sempre sem se saber por onde começar.

Quando a perda é de um amigo próximo, ainda que não haja laços de consanguinidade, a irreparabilidade da mesma deve ser considerada em virtude da maneira como esse relacionamento se configura na vida do jovem sobrevivente. Kovács (2005) pontua como uma forte característica do comportamento juvenil a necessidade de autoafirmação identitária, conduzindo muitas vezes os jovens a conflitos com figuras de poder, a exemplo dos pais e professores, associando-se, em contrapartida, a amigos como figuras de apoio, reafirmadoras de suas identidades e fontes geradoras de segurança. Dessa maneira, compreendemos que em consequência do investimento emocional na relação constituída e o estabelecimento de um lugar a ser ocupado por esta relação na vida deste indivíduo, o desfazimento deste laço deliberadamente construído, pode provocar a vivência de um luto bastante doloroso.

Associada a essa questão, apresenta-se ainda o sentimento de vulnerabilidade diante da recente e desnorteante compreensão da sua finitude, justamente em um período de desenvolvimento em que se crê investido de potência vital.

Ademais, além dessas mortes juvenis que se avolumam cotidianamente, esse jovem também lida muitas vezes com a perda de pais e irmãos – figuras representativas do seu grupo social primário – configurando muitas vezes uma condição desestruturante se os diversos sentimentos surgidos com esse fenômeno não forem bem elaborados.

A perda de uma pessoa amada tem sua mais significativa expressão na dor. Inelutavelmente, esse aspecto tem uma dimensão avassaladora, em virtude do caráter irreversível da perda. E assim nos indagamos: Porque essa condição de dor aflitiva e desnorteante se dá de maneira tão intensa para algumas espécies de seres vivos, especialmente os humanos? Como lidar com esse profundo pesar provocado pela perda de alguém irrecuperável?

Bowlby (1984) denominou de luto a multiplicidade de reações originárias de uma perda. A palavra luto, inicialmente introduzida nos compêndios da psicanálise por Freud em 1917, por intermédio do artigo *Luto e melancolia*, ao ser concebida, detinha como função precípua a atividade psíquica de auxiliar o sobrevivente a desvincular-se de alguém querido perdido por morte física, restringindo-se, assim, a processos de ordem psicológica com efeitos positivos. Ademais, era atribuída ao processo de identificação do sobrevivente com a figura perdida – com caráter quase sempre oral – o papel principal no processo de luto, excluindo outras variáveis bastante significativas na dinâmica da perda.

Bowlby (1984), não se opondo a Freud (1975a, 1975b), mas objetivando ampliar a compreensão, em sua trajetória de pesquisa no campo das perdas, atribuiu à palavra luto uma ampla diversidade de processos psicológicos reagentes a uma perda, independente de estes serem considerados dentro de um padrão de normalidade ou, ainda, como seguidores de um curso com características mais complicadoras ou disfuncionais.

O psiquiatra também enfatizou a relevância de se considerar inúmeros fatores interferentes neste processo, especialmente os vínculos afetivos estabelecidos entre o enlutando e a pessoa perdida. Dessa maneira, como principal expoente da Teoria do Apego, Bowlby (1984) elaborou-a tendo como ponto de partida o reconhecimento da forte influência da relação vincular entre mãe e filho no desenvolvimento da personalidade de um indivíduo, expandindo-a, assim, para outras relações vinculares e, encontrando na citada teoria, forte arcabouço teórico e empírico, delineador das variadas facetas que permeiam o evento de perda e luto.

Tendo o ser humano uma propensão natural para estabelecer laços de afeto com outros em busca de proteção e segurança, as suas conseqüentes rupturas provocam nele movimentos reativos com forte carga emocional, indo da tristeza e ansiedade até a raiva e a negação. Os sentimentos suscitados por essas circunstâncias tornam patente a natureza fisiológica do vínculo e sua significativa atuação como parte integrante do comportamento humano ao longo de toda a sua existência.

Formulações sobre o vínculo afetivo haviam sido esboçadas por psicanalistas e teóricos da aprendizagem, todavia, até a década de cinquenta do século vinte, todas elas eram concebidas enquanto “necessidade de dependência”, “relações com o objeto” ou “simbiose e individuação” (BOWLBY, 1984). Os teóricos que defendiam tais pressupostos, dentre eles Freud, seguiam vias consonantes ao restringirem a natureza do vínculo afetivo à satisfação das necessidades de natureza primárias, sendo elas na infância circunscritas à alimentação e, na vida adulta, ao sexo. Ou seja, a relação vincular entre um bebê e sua genitora era sustentada pelo fato do bebê precisar da mãe para ser alimentado. No caso dos adultos, havendo autonomia no aspecto alimentar, ficou determinado como explicação incontestada para a necessidade de estabelecer vínculos afetivos com o outro, o desejo sexual.

Muito embora Bowlby (1984) fizesse uso de muitos elementos postos pela psicanálise, ao estudar a conexão entre os cuidados maternos e o desenvolvimento da personalidade, formulando a teoria do apego, utilizou pressupostos da etologia e da psicologia cognitiva na tentativa de demonstrar o quão se mostravam insuficientes algumas premissas adotadas pela psicanálise tradicional. Assim, ao realizar um estudo sobre a teoria do apego, ancorando-se em Harlow e Harlow (1965) e Cairns (1966), relatou que amplas pesquisas realizadas não somente com aves, mas também com mamíferos demonstravam que em muitas espécies os bebês criam vínculos com figuras maternas, ainda que sua alimentação provenha de outra fonte. No que tange às motivações sexuais, supostamente únicas fontes originadoras do estabelecimento de vínculos afetivos no adulto, Bowlby (1984) evidencia um viés de incoerência nesta premissa ao partir da evidência de que nem todas as relações vinculares adultas estão atreladas a um desejo sexual e que, contrariamente, a sexualidade de um indivíduo para ser operacionalizada não demanda a existência de vínculos afetivos consolidados.

Bowlby (1969), apoiando-se nesta e em outras provas abundantes, afirmava que o alimento apesar de ser significativo na formação de vínculos, assumia uma função secundária, sendo o comportamento de apego decorrente de um anseio por proteção e segurança, experimentado por um indivíduo ao estabelecer uma ligação afetiva com outro indivíduo. Assim, desenvolveu o conceito de Base Segura, evidenciando que o desenvolvimento psíquico de todo ser humano, independente da idade, ocorre de maneira mais favorável quando esse indivíduo possui uma figura de ligação que lhe ofereça suporte e segurança no sentido de estimulá-lo a ampliar seus conhecimentos e percepções, afastando-se do seu ponto de apoio e transitando por diferentes espaços, explorando maneiras outras de estabelecer

novas relações baseadas na confiança. E, acrescentou ainda, que essa necessidade de uma base segura, representada pela figura de alguém com quem se estabelece vínculos de afeto mais estreitos não se circunscreve somente às fases iniciais da vida. Apesar de ser mais intenso e explícito nas crianças, o comportamento vincular expande-se ao longo de toda a existência do indivíduo, incluindo a adolescência e a maturidade.

Na primeira infância, o choro, a busca pela presença do outro e o protesto quando frustrados nos seus anseios, são habitualmente as características esboçadas no comportamento de ligação. Com o tempo, esse comportamento mais agudo se arrefece, manifestando-se em situações que suscitam a dor, o medo e a sensação de vulnerabilidade, a exemplo da ocorrência de doenças, perdas de variadas ordens, dentre outros eventos geradores de profunda tristeza. No entanto, o gênero, a idade, as experiências anteriores com as figuras de ligação e as particularidades que envolvem a situação geradora do comportamento de apego interferem na maneira e intensidade com que irá se manifestar.

As perdas, em suas variadas especificidades, mas especialmente as decorrentes da morte de alguém querido, evento que neste trabalho será tratado, é irrefutavelmente uma das maiores dores pelas quais um ser humano é acometido. Nessas circunstâncias, as emoções mais vigorosas como a tristeza profunda, a saudade e a raiva eclodem no afã de ter de volta a pessoa perdida e na frustração de estar lidando com um fato irreversível.

Embora reconhecendo que o luto varia de pessoa para pessoa em termos de intensidade e duração, Bowlby (1984) sugeriu a sistematização de fases do luto que, apesar de muitas vezes não seguirem uma ordem cronológica e serem intermitentes, são observadas em todas as pessoas que vivenciam o luto por perda através da morte física. Habitualmente a única fase fixa, obedecendo a uma ordem cronológica, é a de torpor, na qual o sobrevivente é tomado por uma sensação de atordoamento. A fase posterior vem acompanhada pela saudade e busca da pessoa perdida, levando o enlutado a momentos de intensa angústia e choro, no qual recorrentemente se vê mobilizado a buscar pela pessoa morta, na tentativa de recuperá-la de alguma maneira. A terceira fase, conhecida como a da desorganização, é caracterizada por um forte sentimento de desarranjo e desamparo, no qual o sobrevivente apresenta dificuldades em lidar com as coisas mais concretas, desde as “miudezas” do cotidiano até a tomada de decisões que repercutirão de maneira mais veemente na sua vida dali em diante. E a última fase, conhecida como reorganização, consiste na aceitação de que o sobrevivente não terá mais a figura querida, da maneira concebida tradicionalmente, iniciando a partir de então um processo de reordenação, e resignificação da sua perda, encontrando em outras pessoas,

objetos e circunstâncias, motivações para novos investimentos emocionais que redundarão na reconfiguração de uma vida sem a presença física da pessoa querida. (PARKES, 1998, 2009).

Sendo o luto um processo psicológico reativo e de adaptação a um rompimento de vínculos, deve ser trabalhado a partir da perspectiva da manifestação dos sentimentos que, se não vivenciados, provocarão possivelmente prejuízos ao sujeito enlutado. No caso dos jovens, é fundamental que eles não percebam a morte como uma ruptura em si mesma, originando sentimentos de desamparo e ansiedade. Faz-se premente, então, que os jovens compreendam que o vínculo afetivo não foi desfeito e que permanece, tendo sido apenas transformado.

A espiritualidade, neste sentido, comportando a noção do paradigma do espírito, vem ao encontro do proposto por Bowlby (1984), por considerar que a imortalidade da alma reúne elementos que respaldam a crença de continuidade da vida em outro plano, configurando então o estabelecimento de um novo tipo de relação, e não a sua ausência.

2 DOS REFERENCIAIS NORTEADORES E DA ELEIÇÃO DO CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Concebo o ser humano, nessa pesquisa, enquanto unidade biopsicossocial e espiritual (ELIAS, 2005), considerando que a perspectiva da dimensão espiritual influencia não somente nas outras dimensões que compõem o indivíduo, como também, amplia seu sentido de existência, sua percepção sobre a morte, seus medos, anseios, suas relações sociais, seus padrões de comportamento, dentre outros fatores.

A natureza da pesquisa é qualitativa, consubstanciada pela intervenção RIME (Relaxamento, Imagens Mentais e Espiritualidade) e pela proposta da História de Vida em Formação, através do Ateliê Biográfico de Projetos (DELORY-MOMBERGER, 2008), ocorrendo em duas etapas. Na primeira utilizei as histórias de vida dos sujeitos, envolvendo a arte como mediadora dessas narrativas, através da construção de uma mandala e, na segunda, apliquei a intervenção terapêutica RIME, ensejando (re)significar a dor simbólica da perda.

Visando a um aprofundamento maior das questões envolvidas, trabalhei com um grupo constituído por quatro jovens. Desta maneira, tive condições de analisar seus discursos, pormenorizadamente, como também suas expressões faciais, gesticulação, direção do olhar, tiques nervosos, dentre outros itens relevantes na captura de emoções e sentimentos que muitas vezes não foram externados ao longo do trabalho, seja por uma escolha deliberada ou inconsciente.

2.1 Sujeitos da pesquisa e Lócus de estudo

A presente pesquisa realizou-se em uma Escola de Ensino Fundamental e Médio, localizada no município de Fortaleza, no estado do Ceará.

O motivo pelo qual a elegi como lócus de estudo deveu-se ao fato da mesma estar inserida em uma região de altíssima vulnerabilidade, onde as mortes se dão com bastante frequência, especialmente vinculadas à violência. Dentre as perdas ocorridas entre os alunos da referida escola, destacam-se a morte de dois alunos, uma ocorrida no ano de 2014 e outra no meio do ano de 2015, um pouco antes do início dessa pesquisa, ambas decorrentes de homicídio.

Todavia, essa escola não foi desde o primeiro momento o meu ponto de partida. Após a decisão de que os sujeitos seriam estudantes do ensino médio de escolas públicas em

processo de luto, passei para a fase de captação dos mesmos, utilizando como primeira estratégia a escolha de escolas para uma posterior visita, onde conversaria com a diretoria e a coordenação a fim de apresentar o projeto.

Após avaliar a viabilidade de trabalhar com algumas escolas, optei pelo Liceu do Ceará, sobretudo por acreditar que, devido a grande quantidade de alunos, não teria grandes dificuldades em reunir um grupo com cinco jovens para a realização do trabalho. Inicialmente, pensei em trabalhar com um número superior a cinco, temendo a ocorrência de desistências, sempre estão presentes em trabalhos de pesquisa, especialmente quando demandam certo empenho e persistência dos integrantes devido ao tempo, por vezes longo, para a aplicação das intervenções.

Diante dessa resolução, ao longo de dois turnos distribuí entre os alunos do ensino médio do Liceu Ceará um questionário (apêndice B), constituído por cinco perguntas que versavam sobre a perda de alguém querido por morte.

Ao entrar em sala, falava um pouco sobre a pesquisa e, em seguida, perguntava se havia disposição da parte deles em responder ao questionário. Em todas as salas as respostas foram afirmativas, e percebi certa curiosidade em se discutir sobre esse tema. Supus, então, que não faltariam candidatos a sujeitos da minha pesquisa. Quando eu saía das salas, um ou outro aluno me acompanhava e me abordava sobre essa questão desejando desabafar. Em meio a esses alunos que desejavam desabafar, um deles se aproximou de mim e disse: “Tia, na minha família é todo mundo do bem. Ninguém é viciado em droga. Nada a ver essa pesquisa”. Aquela frase ficou reverberando em meus ouvidos, mas eu nem conseguia analisá-la porque estava muito envolvida com a visita as salas que eram muitas, e com uma grande quantidade de jovens agitados que gritavam, gargalhavam e se amontoavam ao meu redor, desejando ser ouvidos, ainda que não fosse para falar sobre o luto.

Cheguei em casa cansada, física e mentalmente, mas confiante que a aplicação do questionário me regalaria valiosas surpresas. Apesar desse otimismo, não esquecia a frase do garoto: “Tia, na minha família é todo mundo do bem. Ninguém é viciado em droga”.

Após a averiguação atenta dos questionários percebi que, dos 137 respondentes, somente vinte e um afirmaram ter passado pela experiência de morte de alguém próximo, a maioria deles tinha perdido um dos avós ou tios e a perda não parecia ter sido vivenciada com dor, ademais, tinham ocorrido há mais de três anos. Três desses vinte e um tinham perdido os pais, mas não desejavam fazer parte da pesquisa. Ainda, dentre estes vinte e um, tinha uma menina que havia perdido um amigo e parecia estar bem fragilizada com a perda. Ela estava

bastante interessada em participar da pesquisa, mas achei prudente não tê-la como sujeito da pesquisa porque, apesar de não ter realizado uma anamnese com ela, achei que talvez fosse o caso dela ter um tratamento com um psicólogo ou até psiquiatra. Desses vinte um, além da garota que perdeu o amigo, outros cinco demonstraram interesse em ingressar na pesquisa, mas avaliando o questionário respondido por eles, percebi que por mais que estivessem clamando por ajuda, estavam interessados em ser ajudados em outras questões que não estavam associadas diretamente ao luto. Na primeira questão do questionário na qual era perguntado se tinham perdido alguém querido, marcavam o item “outros” e especificavam dizendo ter perdido vizinhos, professores, animais, mas, ao longo das outras questões eu ia percebendo que as respostas não indicavam nenhum processo de luto a ser elaborado.

O que pude perceber com esses questionários através da análise, e em conversa com professores do Liceu, e tantos outros da rede pública de ensino é que o Liceu do Ceará era um dos colégios públicos cearenses que mais se aproximava dos colégios da rede privada da cidade, incluindo seu público alvo, muitas vezes constituído por meninos da classe média, que após uma reprovação no colégio particular, eram matriculados por seus pais no Liceu. Esses jovens pareciam ter uma condição de vida relativamente tranquila em termos financeiros, com pais desempenhando atividades laborais que não envolviam riscos e, por serem ainda novos, a perda da vida não era algo tão comum. Por isso, a maioria das mortes mencionadas tinham sido da geração mais antiga da família. Outro detalhe que vale a pena ser evidenciado foi a falta de interesse em discutir o evento morte. Como mencionei anteriormente, saí de lá lamentando por não poder ajudar tantos que a mim se reportaram, dizendo precisar muito ter com quem conversar, mas nenhum deles se referia a morte de alguém como questão de conflito em suas vidas.

Entendendo que as demandas dos alunos do Liceu eram legítimas e que careciam urgentemente de um suporte psicopedagógico ou psicológico, conversei com a coordenação da escola sobre a premência em se realizar uma ação que contemplasse essa necessidade, mas sabia que pouco seria feito por esses alunos. Da minha parte, por mais que tenha me ressentido com o fato de não poder ajudá-los, precisava naquele momento de objetividade e o uso desse substantivo implicava na busca por jovens com um “problema” bem delimitado: o processo de luto.

Diante dessa constatação, voltei a lembrar do garoto do Liceu que me disse que na família dele não haviam drogados, sinalizando que talvez em espaços onde o tráfico de drogas

estivesse presente de maneira mais explícita, originando práticas de violência, as mortes fossem mais frequentes.

Nesse sentido, amigos educadores também me alertavam que dificilmente eu encontraria sujeitos para minha pesquisa em colégios públicos localizados nas áreas centrais de Fortaleza, em decorrência não só da interdição que envolve este tema, como também pela ausência real de mortes em seus cotidianos. Diziam que se eu recorresse a colégios localizados em zonas de alta vulnerabilidade, especialmente nas imediações do Mucuripe, minha dificuldade se diluiria, tamanha a quantidade de jovens e famílias vitimadas pela violência.

Reporto-me a Cardia (1998), ao indicar que sendo os grandes centros urbanos brasileiros detentores de altos índices de violência, suas periferias se configuram espaços abrigadores de variadas manifestações do crime organizado, incluindo as chacinas e outras práticas de extermínio.

Ante essa constatação, escolhi três escolas públicas localizadas na região do Mucuripe, tencionando entrar em contato com as diretoras para apresentar o teor da pesquisa que pretendia realizar. O primeiro local por mim escolhido para este contato foi a escola na qual essa pesquisa foi realizada. Quando abordei a diretora por mensagem *inbox*¹ no *Facebook*², ouvi da mesma que no dia anterior a comunidade escolar tinha passado por uma perda irreparável, de um excelente aluno que por motivos banais tinha sido vítima de um homicídio desumano. A diretora acreditava que se antes os alunos já careciam de um suporte psicopedagógico que os auxiliassem no contexto de violência e perda em que estavam inseridos, após este evento tudo tinha adquirido uma proporção muito maior, e ela não tinha dúvidas de que muitos iriam se dispor a participar da pesquisa. Diante desse evento, e também do meu grande interesse por ele, decidi que se a pesquisa pudesse ser realizada nessa escola, eu nem iria visitar outras escolas.

Assim, após um encontro no qual expliquei pessoalmente como pretendia que o trabalho fosse realizado, eu e a diretora marcamos o dia em que eu visitaria as salas de aula, apresentando a pesquisa e fazendo o convite aos alunos. Foram marcados dois dias, em um

¹ “Na internet, a palavra *inbox* refere-se ao bate-papo privado, principalmente no facebook. É uma palavra inglesa que significa dentro da caixa”. Disponível em: <<http://www.significando.com.br/inbox/>>. Acesso em: 13 out. 2016.

² “Facebook é uma rede social que é uma das maiores tanto em número de acesso quanto de usuários. Foi fundada em 2004 [...]. É uma rede social gratuita que conecta pessoas de diversas partes do mundo e, devido ao seu alto alcance, já auxiliou pessoas que tinham perdido contato com amigos e familiares a se reencontrarem dentro do site. [...]. Disponível em: <<https://www.meusdicionarios.com.br/facebook/>>. Acesso em: 13 out. 2016.

deles visitei o turno da tarde e no outro o turno da manhã. Dessa vez eu não levei o questionário porque percebi que além dele tomar boa parte tempo que eu dispunha com os alunos, não tinha o nível de resolubilidade que eu esperava. Ademais, diante do evento de grande proporção que a mim se apresentava, esperava trabalhar com alguns que estivessem enlutados pela morte recente do colega.

Nos dias combinados, reporte-me às salas de aulas, conversei com os alunos e obtive bastante receptividade dos mesmos. O problema surgido é que de acordo com o cronograma de trabalho, por mim elaborado, os encontros ocorreriam aos sábados durante toda a manhã e, poucos estavam dispostos a abrir mão de uma manhã de folga tão preciosa, visto que a maioria estudava em um turno e no outro geralmente estagiava, e ainda havia aqueles que se dedicavam a realização de cursos técnicos à noite.

Dessa maneira, ficou determinado que eu realizaria o trabalho apenas com quatro pessoas: o Amarelo, a Vermelha, a Lilás e o menino Verde. Esta quantidade de sujeitos já era por mim almejada, visto que uma quantidade maior de integrantes dificultaria a realização de uma análise mais acurada acerca da situação particular de cada um. O meu único temor era de que, havendo desistência, caso nada incomum em processos de pesquisa longos, eu me visse, em algum momento da pesquisa sem condições de concluí-la em função de um número reduzido ou inexistente de sujeitos a serem pesquisados.

Na semana posterior ao primeiro encontro, recebi da diretora uma mensagem, dizendo que três dias antes uma aluna do nono ano, com dezesseis anos, tinha perdido o pai por homicídio em uma chacina, e a mãe muito preocupada tinha recorrido ao colégio, solicitando auxílio, caso a filha viesse a precisar.

Dispus-me prontamente a ajudá-la, conversei com a mesma e a convidei para juntar-se aos outros quatro, na pesquisa: o Amarelo, o Verde, a Lilás e a Vermelha. Convite aceito, então, o grupo passou a ser integrado por cinco componentes. A menina que entrou por último ficou sendo o elemento azul.

Aqui, pretendo me deter um pouco no menino Verde, tendo em vista que ele participou da pesquisa somente por três encontros. Era uma pessoa muito expansiva, Verde alegrou os encontros enquanto pôde estar conosco, todavia, devido a uma série de atividades preparatórias para o estágio que iria assumir, passava a maior parte da semana fora de casa e, no final de semana, estando exaurido, tudo o que queria era descansar e estar com a namorada. Dessa maneira, fazendo uso de grande sinceridade e delicadeza, informou-me que se afastaria do trabalho.

A partir de então, o grupo voltou a ter quatro componentes, mantendo-se essa configuração até o final.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa.

Nome	Idade	Motivo do luto	Tempo decorrido da perda
Azul	16 anos	Morte do pai	Poucos dias
Lilás	17 anos	Morte do pai	Um ano e dois meses
Vermelha	17 anos	Morte de um colega de classe	Um mês
Amarelo	16 anos	Morte de um colega de escola	Um mês

Fonte: elaborada pela autora.

Além dos encontros ocorridos na escola aos sábados e algumas vezes no domingo, por sugestão da Azul tínhamos um grupo no *Whatsapp*³, inicialmente com caráter meramente informativo, sendo criado para facilitar a marcação dos nossos encontros que nem sempre ocorriam na data proposta, em função de um ou outro contratempo ocorrido ao longo da semana. Com o passar do tempo, a confiança entre mim e os membros foi se estabelecendo e o grupo no *Whatsapp* foi sendo utilizado para alguns desabafos, esclarecimentos de dúvidas e proposição de ideias. Apesar da sugestão da sua abertura ter sido feita pela Azul, foi a Lilás quem escolheu o nome, Projeto da Paz, alegando que era assim que se sentia quando nos reuníamos. A fotografia do perfil, uma pomba branca com asas abertas, também foi escolhida por ela.

E assim, os encontros presenciais relacionados à primeira fase da pesquisa ocorreram ao longo dos meses de agosto, setembro, outubro e novembro; e os encontros relacionados à segunda fase nos meses de janeiro e fevereiro.

2.2 História de vida e Formação

Na primeira etapa dessa pesquisa, na qual visei apreender os significados atribuídos pelos sujeitos enlutados para a morte do ente querido, como também desenvolver neles processos autoformativos, no contexto da produção de sentidos para viver, utilizei a proposta da História de Vida em Formação, associada ao grupo de pesquisadores de Genebra, em particular, às reflexões epistemo-metodológicas identificadas com autores tais como Delory-Momberger (2008), Josso (2010), Pineau (2006) e Ferrarroti (1979). O encontro entre a proposta da História de Vida e Formação com as narrativas (auto) biográficas, promove um

³ “Whatsapp é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a internet”. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/whatsapp/>>. Acesso em: 24 set. 2016.

solo fértil para desvelamentos e reflexões acerca do que nos tornou o que fomos, o que nos faz ser o que somos, o que podemos vir a ser, e o que potencialmente torna o Outro o que ele é.

Essa dinâmica se confere através do exercício de narrar-escrever nossa própria vida, onde a escrita nos autoriza a sermos os insubstituíveis narradores da nossa existência, carimbando nossa trajetória na história e na cultura micro e macro, em nossa história individual-coletiva, em nossa cultura peculiar e nas culturas em que estamos imersos (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Nesses termos, o desvelamento crítico e o refletir geram

[...] em nós uma perspectiva analítica acerca da nossa ‘vida-vivida’, na proporção em que através dela já somos naturalmente conduzidos à percepção de que ao longo de nossas vidas somos perpassados por uma abrangência de fatos e eventos sucessivos que não dão conta de serem armazenados e configurados na amplitude de dimensões que os circunscrevem. A escrita, neste sentido, é introduzida como um mecanismo de codificação desses eventos, permitindo ao indivíduo acessá-los de uma maneira mais concreta, mais tangível. O registro desses eventos através da escrita possibilita não somente a corporificação da vida do indivíduo, como também, a partir da sua constituição, viabiliza a compreensão de como desdobramentos decorrentes de questões mais abrangentes, envolvendo a política, a economia, a cultura e a temporalidade, refletem na elaboração do sujeito social e da própria sociedade que o hospeda e da qual é também é coautor(a). (PEREIRA, 2014, p. 11).

Muito embora, compreendamos a relevância da abordagem (auto) biográfica no que tange à elaboração de teorias e substancialidade metodológica, sua curta trajetória enquanto “metodologia de pesquisa autônoma” a circunscreve em uma esfera ainda pouco visitada e, por isso mesmo, pouco conhecida.

Realizando uma breve retrospectiva da trajetória do modelo biográfico ao longo dos tempos, Delory-Momberger (2008) aponta os séculos XVII e XVIII, na Europa, como períodos em que este modelo esteve bastante atrelado a uma proposta espiritual, relacionando-se de maneira coexistente com duas tendências: uma delas circunscrita unicamente à esfera espiritual, orientando-se para os relatos dos processos de conversão, onde os autores migravam de um obscuro ceticismo à crença no divino; e outra objetivando a aquisição de um saber profissional.

A partir desta perspectiva norteadora, o romance de formação ou *Bildungsroman* se impôs no campo da literatura enquanto dispositivo educativo a serviço do leitor, servindo de modelo referencial na sua formação. Assim, a partir de sua leitura, caracterizada pelo desenrolar de três etapas estruturantes no percurso existencial do personagem principal - o início de sua existência, sua juventude e a maturidade - o leitor se deparava com

acontecimentos de diferentes naturezas, mas de igual relevância que, através do aprendizado que proporcionavam, culminavam na formação de um indivíduo heroico, apto a gerir sua vida em consonância com os interesses mais amplos da sociedade na qual estava imerso.

Dessa maneira, à medida que o leitor ia acompanhando as façanhas do personagem principal, era concomitantemente tocado por dois objetivos do *Bildungsroman*: o estético, presente através da alegria e beleza ora apresentadas; e o pedagógico, concernente às orientações apresentadas com vistas à realização de ações construtivas.

E assim, pouco a pouco, refutando o caráter diretivo, padronizado e pré-estabelecido das narrativas precedentes, vimos irromper narrativas constituídas por uma dinâmica na qual o indivíduo e a sociedade passaram a operar em dimensões distintas, todavia, inapelavelmente imbricados nos seus jogos de construções mútuas, dotando as histórias de vida de um caráter epistemológico e hermenêutico. Delory-Momberger (2008, p. 56) assinala:

A dimensão hermenêutica da narrativa (auto)biográfica e o modo de inteligibilidade que ela põe em prática foram reconhecidos por pensadores que não eram, em princípio, especialistas em literatura, mas filósofos que procuravam um modo de compreensão apropriado ao estudo de fenômenos humanos e que não se satisfaziam com o tipo de explicação físico-causal das ciências naturais.

Para fundamentar tal assertiva, a autora faz uso do papel centralizador atribuído à (auto)biografia pelo historiador e filósofo alemão Wilhelm Dilthey, quando infere que essa proposta de pesquisa e formação faz uso de um procedimento de interpretação e apreensão de significados que passa pela história individual de cada um e, especialmente, de si mesmo, como gerador de uma compreensão epistemológica de sentidos outros, constituintes da existência humana de uma maneira mais abrangente.

Dessa maneira, ao se usar epistemologicamente a dinâmica da (auto)biografização, transcendendo a lógica clássica e tradicional da sociologia, viabiliza-se a intersecção dos contextos individual e social, em todas as suas amplitudes, abarcando-nos em um diálogo de caráter reflexivo que nos capacita a compreender o elã norteador dessa interlocução. E assim, o autor pondera:

Quando se trata de impedir que o individual seja empurrado para o inconhecível e para o acaso, quando se trata de ter em conta a práxis humana, só a razão dialética nos permite compreender cientificamente um ato, reconstruir os processos que fazem de um comportamento a síntese ativa de um sistema social a interpretar a objetividade de um fragmento da história social a partir da subjetividade não iludida de uma história individual. Só a razão dialética nos permite alcançar o universal e o geral (a sociedade) a partir do individual e do singular (o homem). (FERRAROTTI, 1979, p. 30).

Considerando as mudanças sociais repertoriadas ao longo dos últimos dois séculos, provocando significativas alterações nas construções identitárias do indivíduo, Delory-Momberger (2008) analisa a atividade de biografização através de novas nuances, indo além dos aspectos psicológicos e cognitivos, posicionando o indivíduo a partir de sua inserção em uma sociedade pós-moderna, na qual as referidas mudanças promovem novas formas de atuação humana, em que a individualidade e a subjetividade assumem posições centrais nas suas vidas.

E assim, identifica que a demanda por um indivíduo cada vez mais autônomo e responsável por suas ações não era concebida séculos atrás, visto o conjunto de características políticas, sociais, culturais e econômicas que moldavam a sociedade de então, alicerçado na filosofia clássica, compreendia o indivíduo enquanto ser essencialista. Diante dessa compreensão, o indivíduo era constituído por atributos inerentes à sua existência que se manteriam presentes em todas as suas etapas de vida, iniciando com seu nascimento, passando pela infância, atingindo a idade adulta e a velhice.

Pereira (2014, p. 54), refletindo a partir de uma perspectiva multicultural pós-estruturalista, observa que:

[...] até a era moderna, nós detínhamos referências que alicerçavam nossas condutas e que, ao mesmo tempo, nos transmitiam segurança por acreditarmos serem elas, em certa medida, estáveis. No entanto, com a pós-modernidade, iniciou-se um novo delineamento dos quadros culturais constituídos por questões de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, deixando o indivíduo pós-moderno completamente destituído de referências que até então o respaldavam, tornando-o inseguro, confuso.

Esse advento no qual o indivíduo se percebe, desarticulado do seu mundo social no qual outrora possuía papéis marcadamente definidos, interagindo em harmonia, provocam uma ‘crise de identidade’ generalizada. Há que se ressaltar que esta crise de identidade afetou não somente a construção identitária do indivíduo, mas também a forma como a sociedade passou a se constituir a partir dessas mudanças.

No âmbito laboral, com o modelo taylorista de produção, no qual as atividades foram rigidamente mecanizadas e restritas a ações padronizadas e seriadas, buscou-se um indivíduo portador de competências técnicas adequadas para a execução de uma determinada função, em detrimento de qualquer atividade de cunho mais criativo ou que demandasse mais reflexão e consciência acerca dos processos nela envolvidos. Na esfera política, havia uma centralização de poderes nas mãos do governo e de instituições sociopolíticas tradicionais, a exemplo dos sindicatos e partidos. Na esfera social, a família, a escola e a igreja também eram poderosas instituições normatizadoras de comportamentos, valores e estilos de vida.

Em contraposição a toda essa ordem estabelecida, a descentralização de instituições sociais, políticas e econômicas provocou desdobramentos interferidores na formação do indivíduo. No âmbito sociopolítico, viu-se descortinar o terceiro setor, constituído pela sociedade civil e representado por inúmeros movimentos sociais de naturezas diversas, articulando-se como novos órgãos representativos de ação e poder. No que tange à família, a instituição casamento tornou-se uma “opção” em detrimento de uma “imposição”, possibilitando que muitas pessoas optem pela não constituição de um grupo parental composto por cônjuge e filhos. Ainda no âmbito familiar, deparamo-nos com outra perspectiva de instituição familiar que contempla a união de casais de um mesmo gênero sexual, ressignificando as atribuições que antes determinavam os papéis de mãe e pai. Já, a instituição escolar, hoje assume funções múltiplas que englobam não somente a aquisição de cultura, valores humanos, consciência social, mas também, qualificação e adaptação ao mercado e, sobretudo, tornou-se “lócus” de experiências significantes para seu corpo discente e docente.

Desta feita, estando o indivíduo em constante interação com o meio, à medida que a sociedade se transforma ele se transforma junto com ela e, à medida que ele se modifica, também a modifica. Sendo assim, a autonomia com relação a uma série de ideias, normas e discursos antes reguladores da sociedade insurgem como novo traço da personalidade humana, produzindo um novo ator social que elabora sentidos para suas vivências, tornando-as experiências autoformativas e, conseqüentemente, saberes que o autonomizam enquanto principal agente de suas ações.

Se antes existia um sistema centralizado que atribuía aos indivíduos papéis a serem exercidos para a manutenção de um modelo de sociedade, posto naquele período, atualmente, as instituições que antes eram estáveis e reguladoras estão se descentralizando, gerando no indivíduo a perda de referenciais fixos e um sentimento de desnorreamento, promovendo, ainda que inconscientemente, o desafio de responder a questões como: o que farei daqui para frente?

Essa situação de instabilidade e ausência de ações estabelecidas faz surgir outros espaços de poder que, como já mencionado, englobam o nascimento de múltiplos movimentos sociais e, especialmente, o “poder” delegado ao indivíduo de adequar-se a nova ordem contemporânea, criando para si seus próprios modelos de conduta.

Diante dessas fraturas que deixam o indivíduo sem referências fixas, emaranhado em incertezas tecidas por lógicas plurais, racionalidades heterogêneas e possibilidades que se

conflitam, padrões de comportamentos outrora reputados como adequados passam pelo crivo do questionamento em suas várias dimensões, mas, sobretudo, no que tange a sua relevância na vida dos que deles dispõem e da sociedade de uma maneira mais ampla. Dessa forma, a biografização se apresenta como uma via autoformadora, na medida em que viabiliza ao indivíduo transformar o que por ele foi vivenciado em experiência, implicando esta última em novos saberes e fazeres.

Josso (2010) elucida que apesar dos termos vivência e experiência serem normalmente colocados como sinônimos, ela pontua distinções entre ambos que servem de aportes para uma interpretação mais acertada no que concerne a essas condições inerentes e imprescindíveis da nossa existência. A autora utiliza o termo vivência “[...] para designar o conjunto das implicações ou interações semeadas diariamente ao longo de nossas vidas”; em contrapartida, “[...] experiência é, por sua vez, empregado para designar a atividade específica que consiste em analisar uma ou várias vivências para delas extrair conhecimento e/ou informações” (JOSSO, 2010, p. 266).

A partir desse panorama ora apresentado, no qual a experiência é produto do vivido, analisado e, posteriormente, tornado um saber, a autora afirma que:

Essa experiência torna-se formadora no momento em que o sujeito assimila as significações elaboradas a conjuntos comportamentais ou simbólicos graças a uma valorização que justifica essa assimilação. Por estar o sujeito informado sobre si mesmo, sobre sua dinâmica, é possível, daí por diante, começar a acreditar-se capaz de distanciamento e, por isso, de uma autonomização em relação a determinações que pesam sobre ele ou que ele integrou identificando-se com elas (JOSSO, 2010, p. 266-267).

Muito embora o saber adquirido pelas experiências de vida seja um contributo de valor incomensurável para a nossa formação, uma das limitações atribuídas à validação da aquisição desses saberes concerne à intangibilidade das mesmas, se comparadas aos saberes adquiridos em uma instância acadêmica. Esse dado ocorre porque a pessoa diretamente envolvida em uma ação potencialmente formadora, normalmente, sem a utilização de mecanismos próprios para tal, não tem condições de estabelecer um distanciamento que a permita extrair saberes cognitivos dos acontecimentos. Delory-Momberger (2008, p. 91) evidencia que “[...] nenhuma jurisdição externa é capaz, sobretudo, de restituir o percurso de experiências e saberes envolvidos que constitui a vida do indivíduo [...]”, mas pontua que se considerarmos esses percursos “[...] como processos de formação ou de biografia epistêmica, se quisermos evidenciar, mais precisamente, a relação do indivíduo com o saber e com seus modos de constituição do saber” poderemos, enfim, denominar tal processo de biografia

educativa, validando-o socialmente enquanto conhecimento adquirido na escala de saberes instrumentais.

A autora esclarece que, para tanto, deve-se lançar mão de alguns dispositivos que viabilizem a tomada de consciência das ações vivenciadas, sistematizando-as e formalizando-as, através do registro dos trajetos percorridos, com seus recuos e avanços. No momento em que se recorre às narrativas, desvelando e registrando as experiências, acessa-se o campo da cognoscibilidade e da reflexão, indispensáveis à elaboração e a conceitualização do vivido em saberes autoformativos, operacionalizáveis em situações diversas. A formalização de tais eventos, viabilizando-lhes o status de tangibilidade, é efetuada através de variados dispositivos, dentre eles: relatos orais ou escritos, dossiês, ateliês biográficos, portfólio, autobiografia refletida, histórias de vida, entrevistas biográficas e tantas outras técnicas que tenham como premissa básica o desvelamento do “si mesmo” através das narrativas.

No caso específico dessa pesquisa, utilizei o Ateliê Biográfico de Projetos como dispositivo formalizador dos saberes oriundos das vivências, que será mais detalhado a seguir.

2.2.1 Ateliê biográfico de projetos – a arte como expressividade e lugar de produção de sentidos

Visando desenvolver processos autoformativos através da educação biográfica, tendo como premissa básica o desvelamento do “si mesmo” e a produção de sentidos para a vida e para morte, utilizei através da confecção da mandala o movimento expressivo em arte como o lugar onde novos sentidos puderam ser gestados e projetos de vida foram criados.

Frankl (2008) fala de uma reconstrução interior do sujeito como ação curativa, na medida em que ele consegue orientar-se para o futuro. Nesse sentido, o fundador da logoterapia propõe uma inversão na costumaz pergunta pelo sentido da vida em que ao invés de indagarmo-nos sobre “o que ainda temos a esperar da vida”, na verdade, deveríamos refletir sobre “o que a vida espera de nós”. E assim ele continua:

Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora – perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação. [...] Em última análise, viver não significa outra coisa senão arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento. (FRANKL, 2008, p. 102).

Por esse ângulo exposto, a “vontade de sentido” (FRANKL, 2008) é satisfeita na medida em que, ao buscar sentidos para sua existência e encontrá-los, o sujeito se mobilize com vistas a concretizá-los. E ainda, esses sentidos não deverão ser concebidos como algo abstrato ou generalizado, até porque, sendo mutáveis, impescindem que os visualizemos como peculiares a cada ser e a um dado momento. Assim, serão recrutadas desse sujeito as capacidades e as habilidades adequadas ao cumprimento da tarefa por ele mesmo incumbida, como resultado de suas reflexões sobre o que a vida dele pode esperar.

Coadunando-me com essa perspectiva, vislumbrei ofertar a esses jovens enlutados, sujeitos dessa pesquisa, materiais simbólicos geradores de reflexões sobre o ‘estar no mundo’, fomentando, assim, construção de sentidos para as suas vivências pretéritas e as atuais, vislumbrando trilhas que os conduzissem a projetos futuros, que, sendo mutáveis e inerentes a cada ser, revestem-se de um caráter de labor e aprendizagem contínuos.

No manejo dessas práticas educacionais, fez-se premente que eu percebesse estes jovens enlutados não somente pelo que me autorizaram a conhecer, por estar explícito, mas, também, que percebesse o que estava velado, inexplorado e submerso no mais recôndito dos seus seres.

Desta feita, à medida que os eventos existenciais lhes foram apresentados, solicitando-lhes um agir sobre eles, oportunidades de aprendizagens foram ofertadas, podendo serem potencializadas por intermédio do fazer artístico, fomentando-os a realizarem uma análise de suas vivências – muitas delas moradoras da mente inconsciente – assimilando-as e extraíndo delas novos significados que nortearão seus caminhos.

Essa dinâmica transformadora exercitada através do movimento expressivo em arte, permitiu-me estimular esses jovens a pensarem suas relações consigo, com os outros e com o mundo, significando-as e re-significando-as através da pintura. Com a realização desse trabalho significador e re-significador viabilizou-se não somente uma aproximação com pensamentos e imagens, de certa maneira, já definidos previamente em virtude das suas vivências mais imediatas, igualmente, também, lhes foi possibilitado o atingimento de conteúdos da mente inconsciente, portadora de memórias mais arcaicas.

Compreendendo que a apreensão dos sentidos está para muito além do que nossa consciência registra e nos faz acreditar que o que pensamos, entendemos e sentimos é o que existe de fato, faz-se relevante que contemplemos o inconsciente de uma maneira ampliada (LINHARES, 2006b), de modo que o consideremos um reservatório de experiências não somente desta existência presente, mas também, de nossas existências pretéritas, tendo em

vista que o ego, nosso aparelho psíquico regulador, não comporta tudo o que verdadeiramente nos encerra enquanto sujeitos espirituais.

Pode-se dizer também, que esse trabalho de sentido lida com o sentimento do mundo que trazemos; e como o inconsciente é atemporal, o fazer da arte (por trazer esse inconsciente) vai elaborar um material que vem de muito longe com o sujeito. Assim é que estamos a dizer que como se fosse uma imagem ou palavra-pedra, o signo da arte ao forçar novas vias de pensar, nos leva a caminhos novos de significar. Dessa forma, então, a arte torna possível nos ‘acordar’ para novos sentidos, ao nos conduzir com seus signos palavras, imagens para caminhos que nos despertam. (LINHARES, 2006b, p.55).

Desta feita, a arte torna viável o acesso da consciência à psique profunda que, outrora reprimida por essa mesma mente consciente, precisou codificar-se a fim de não ser prontamente entendida. E assim, na tentativa de se trazer algo para fora, com vistas à produção de uma obra, provoca-se uma espécie de relaxamento e distração do ego em sua função regulamentadora e repressiva, deixando passar, momentaneamente, esses conteúdos de natureza inconsciente.

Nesse sentido, através do ato criativo se articulam e dialogam as percepções superficiais e óbvias, nutridas pela mente consciente, e as percepções implícitas, ainda cifradas e inconscientes, originárias da mente profunda. E, “[...] mais que tudo, veremos, que criando obras o homem se autocria. Situa-se no mundo de um modo especial: como criador – e isso seria um modo fundamental de estar no mundo” (LINHARES, 2006b p. 62).

Assim sendo, como dispositivo para tal intento, foi tencionado que os jovens enlutados utilizassem conteúdos do seu inconsciente como matéria-prima dos seus fazeres em arte, criando algo novo, através do ateliê biográfico por intermédio da criação de mandalas. Todavia, devido a abrangência de trabalhos realizados com a mandala, popularizando-a e, não raras vezes, desvirtuando-a um pouco dos seus sentidos iniciais, achei necessário apresentá-la, embora superficialmente, em contextos, espaços e momentos históricos distintos e, ainda, demonstrar como a confecção da mesma pode ser explorada nessa pesquisa, em uma perspectiva educativa. Aqui optei por utilizar como aporte teórico a Psicologia Analítica e os pressupostos teóricos desenvolvidos por Jung (1964, 2001, 2010) e seus colaboradores, como também por Brandão (1986), o qual faz uma referência às mandalas a partir de um estudo da mitologia grega.

Hoje em dia, não raras vezes, ocorrem associações restritivas ao simbolismo mandálico, mas faz-se relevante evidenciar que sua representação sofreu transformações ao longo dos tempos, permitindo que em um determinado momento histórico sua representação

estivesse vinculada fortemente a um viés divino, cósmico e, posteriormente, de maneira gradativa, associada também a representação de um Deus mais pessoal, aparecendo na obra de pensadores como Plotino, Agostinho, Nikolas Von Kues, Pascal, Leibniz, dentre outros (JUNG, 1964).

No entanto, de acordo com Von Franz (1965, p. 145), para Jung, a mandala era uma representação gráfica da psique inconsciente individual, desconhecida, a que ele denominou de *Self* (si-mesmo), condição de totalidade e integração do homem consigo e com o universo, definindo-o “como uma ‘natureza divina’, que difere do ego e que só pode ser encontrada no interior da pessoa, quando já não pode ser projetada”. E ainda acrescenta, à guisa de esclarecimento, que nas mandalas desenhadas por pessoas comuns, na maioria pacientes por ele observados, no seu centro normalmente são esboçados desenhos de estrelas, Sol, flores, cruz, pedras, dentre outros, em detrimento de uma imagem divina que quase nunca é encontrada nessas situações analisadas. Para o médico, essa simbolização é: “[...] uma confissão involuntária de uma condição mental peculiar. Não há nenhuma divindade no mandala, nem nenhuma submissão a uma divindade ou reconciliação com ela. O lugar da divindade parece tomado pela integridade do homem” (VON FRANZ, 1965, p. 143).

Jung (2001, 2011) também utilizava o termo mandala como expressão de um “círculo ritual ou mágico”. Pertencente aos símbolos religiosos mais antigos da humanidade, para o médico, a mandala originava-se a partir de sonhos e visões, não sendo meramente fruto de devaneios e elaborações artísticas. E, assim, exemplificava tal assertiva demonstrando que a presença da circularidade dava a tônica a uma série de situações, eventos e contextos geográficos e historicamente distintos nos quais havia a pretensão de evidenciar a relação com o cosmos e com imagens por ele denominadas primordiais ou arquetípicas interiores.

Com o intuito de tornar mais compreensível os conceitos que envolvem o símbolo mandálico e a sua presença em tempos e espaços diversificados, optei por elencar alguns exemplos fornecidos por Jung (1964, 2000, 2001, 2010, 2011) e também por Brandão (1986) em sua obra sobre mitologia grega, obedecendo a certa ordem cronológica, acreditando estar assim facilitando a compreensão de um tema tão vastamente complexo.

A roda do Sol, desenho circular do período paleolítico com mais de 40.000 anos, encontrada na gruta da Rodésia, na África, era para Jung (2010) o desenho mandálico mais antigo. O autor se referia a ela explicando que, apesar da existência da roda ter ocorrido somente na idade do bronze, bem depois do período no qual o desenho foi encontrado nas pedras da gruta,

[...] a roda do Sol rodesiana parece ser contemporânea de pinturas de animais muito naturalísticas como o famoso rinoceronte e os caracará, obra prima de observação. A roda do Sol é, portanto, uma visão original, provavelmente uma imagem solar arquetípica. Mas tal imagem não é naturalística, pois se encontra sempre dividida em quatro ou oito partes (JUNG, 2010, p. 54).

Nesse sentido, Jung tentava demonstrar que apesar de no período em que ela foi encontrada, os artistas paleolíticos pintassem os seres e a natureza exatamente como seus olhos captavam, sem nenhum sentido abstrato, a roda do Sol figurada como um centro dividido é:

[...] Um símbolo que pode ser encontrado ao longo de toda a história da humanidade, bem como nos sonhos dos indivíduos que vivem no mundo atual. Podemos presumir que a invenção da roda originou-se mesmo nesta visão. Muitos de nossos inventos se originam de antecipações mitológicas e de imagens primordiais (JUNG, 2010, p. 55).

Em *O Homem e seus Símbolos*, Jaffé (1964, p. 241- 242) explica que esses desenhos circulares são denominados pela arte não-cristã de “rodas solares”, apenas como expressão do seu aspecto mais visível. Todavia, o que realmente se impõe como realidade relevante em variadas épocas, mas especialmente nesta, na qual nem existia a roda de maneira concreta, é a sua manifestação oriunda de uma imagem arquetípica interior, tão fielmente retratada quanto os touros, os mamutes, os cavalos selvagens e os demais animais retratados neste período.

Na obra *Estudos Alquímicos* (2011), ainda sobre a roda do Sol, o autor acrescenta:

Ela também se baseia no número quatro. Sinais que remontam a uma tal antiguidade da história humana repousam, naturalmente, nas camadas mais profundas do inconsciente e são captados lá onde a linguagem consciente se revela de uma impotência total. Tais realidades não devem servir de campo para a imaginação, mas sim crescer novamente das regiões obscuras do esquecimento, a fim de expressar os pressentimentos extremos da consciência e a intuição mais alta do espírito: assim se funde a unicidade da consciência presente com o passado originário da vida. (JUNG, 2011, p. 35).

Jung também cita a Pedra do Sol, datada por volta de 1479, mais famosa escultura asteca, como um símbolo mandálico. A Pedra do Sol é um bloco de pedra de basalto, talhado com gravações hieroglíficas, tendo um Sol estilizado no seu centro.

A mandala aparece nos estudos sobre a mitologia Grega e seu sistema religioso ao serem detalhados os locais de culto e as cerimônias religiosas. Brandão (1986) fala que a Ilha de Creta não conheceu templos, e explica que inicialmente as cerimônias ritualísticas ocorriam nas grutas e cavernas, servindo de santuário e cemitério, concomitantemente.

Todavia, dos séculos XXII ao XVI A.C, no período minoico médio, já se encontravam pequenos recintos, considerados locais sagrados, em torno de uma árvore, fonte ou rochedo, localizados nos cumes das montanhas. Em um momento posterior, em todas as residências reais, encontravam-se recintos sagrados.

No que concerne ao sentido religioso atribuído às grutas e cavernas, o autor evidencia que a prática de se descer até uma caverna, gruta ou labirinto simbolizava um rito iniciático que indissolavelmente estava atrelado à morte e a uma espécie de renascimento, encerrando o que já havia antes da experiência ‘exploratória’ para a insurgência do novo. Assim, descreve:

Nesse e em outros ritos da mesma espécie, passava-se por ‘uma série de experiências’ que levavam o indivíduo aos começos do mundo e às origens do ser, donde ‘o saber iniciático é o saber das origens’. Esta catábase é a materialização do regressus ad uterum, isto é, do retorno ao útero materno, donde se emerge de tal maneira transformado, que se troca até mesmo de nome. O iniciado torna-se outro. Na tradição iniciática grega, a gruta é o mundo [...]. (BRANDÃO, 1986, p. 54)

O autor acima citado explica o porquê da associação que realiza entre a caverna, a gruta e o labirinto, justificando que ainda que os labirintos não tenham sido encontrados nas escavações arqueológicas em Cnossos, os mesmos são mencionados em outros locais da Ilha de Creta, estando, inclusive, presentes nas moedas cretenses, predispondo-nos a crer na existência concreta dos mesmos, tratando-se, “[...] provavelmente, de cavernas profundas artificialmente abertas pelo próprio homem, junto ou entre pedreiras para fins iniciáticos” (BRANDÃO, 1986, p. 55). Simbolicamente, tanto as grutas, quanto as cavernas e os labirintos enquanto locais de iniciação são analogamente equivalentes a uma mandala, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1982), citados por Brandão (1986, p. 56), representando as provas iniciáticas pelas quais o experiente passa antes de se deslocar para o “centro oculto”, o útero.

No que tange à Arte Cristã, especialmente a europeia, na Idade Média, sobretudo na Baixa Idade Média, os exemplos são vastos e ricos em interpretações oriundas da psicologia analítica. Jung (1964, p. 241- 242) cita as rosáceas das catedrais que, segundo ele, nada mais são do que a representação do Self humano transpostos para uma esfera mais metafísica, ou, nas suas próprias palavras: “transposto para um plano cósmico”. E continua:

Dante teve a visão da mandala cósmica sob a forma de uma resplandecente rosa branca. Podemos considerar mandalas as auréolas de Cristo e dos santos cristãos das pinturas religiosas. Em muitos casos, apenas a auréola de Cristo é dividida em quatro, uma alusão significativa ao seu sofrimento como Filho do Homem e à sua

morte na cruz e, ao mesmo tempo, um símbolo da sua unidade diversificada (JUNG, 1964, p. 241).

Nas principais igrejas romanas veem-se comumente figuras circulares abstratas. Em outras, encontramos Cristo no centro do círculo, enquanto as figuras ou símbolos dos quatro evangelistas ocupam os locais onde analogamente se posicionam os pontos cardeais. Jung (1964) também faz alusão a uma raríssima imagem da Virgem no centro de um evônimo, que é um arbusto circular sempre descrito como tendo folhas brilhantes. Como também faz menção ao Cristo menino carregando a cruz na mandala em um afresco ao qual é atribuída sua confecção ao pintor sueco medieval Albertus Pictor, conhecido também como Albert Målare e Albrekt Pärilstickare. O afresco referido encontra-se em uma Igreja luterana, do século do século XIV chamada Härkeberga que se localiza dentro de um cemitério.

Jung (2001, 2011) também relata que a mandala é tradicionalmente utilizada no oriente, especialmente no lamaísmo e também na ioga tântrica como um dispositivo contemplativo. Sendo costumeiramente desenhada ou pintada, apresenta em algumas festas específicas uma variante corporal, expressando-se através dos movimentos dos corpos.

Ao conversar com um rinpoche lamaísta, em um mosteiro, no ano de 1938, Jung (2001, 2011) absorveu dele uma série de informações acerca das tradições mandálicas, distinguindo as mandalas encontradas nos templos das verdadeiras mandalas lamaístas. Segundo ele, as primeiras nada mais são do que simples representações exteriores, não demandando para a sua elaboração nenhum sentido abstrato e ritualístico, sendo uma prática meramente estética. Já o segundo tipo, é oriundo de imagens mentais construídas lentamente através da imaginação ativa que se manifesta na ocorrência de um distúrbio do equilíbrio anímico, ou, ainda, quando se almeja adquirir algum conhecimento ainda não existente na doutrina sagrada. Para tanto, somente os lamas que tenham passado por todo o processo de formação lamaísta têm condições de confeccionar uma verdadeira mandala lamaísta que nunca será igual a nenhuma outra se pensarmos que cada uma contempla em si a individualidade de quem a elaborou. Todavia, apesar de deter como componentes caracterológicos a individualidade e a imaginação mental que, em certa medida, denotam uma ideia um tanto quanto equivocada de liberdade, há que se salientar que todas elas se constituem a partir de uma configuração tradicional onde o círculo, o sistema quaternário e o centro contendo uma figura de supremo valor espiritual são seus elementos estruturantes.

Jung (2011, p. 29), em *Estudos Alquímicos* afirma:

A maioria dos mandalas tem a forma de uma flor, de uma cruz ou roda, tendendo nitidamente para o quatérnio, o que lembra o número básico: a tetraktys pitagórica. Entre os índios pueblos os mandalas são desenhados na areia, para uso ritual. Entretanto, os mandalas mais belos são os do budismo tibetano. [...] Encontrei também desenhos mandálicos entre doentes mentais, entre pessoas que certamente não tinham qualquer ideia das conexões aqui mencionadas.

A mandala também é encontrada nas plantas baixas (desenho de uma construção onde todos os seus espaços são visualizados de cima) de cidades ou outras construções antigas, medievais e até mesmo modernas, sagradas ou não. Os motivos para tal nunca foram econômicos nem tampouco estéticos, e sim, objetivavam delinear através destas construções a imagem do cosmos. Outro sim, a simbolização da unidade psíquica enquanto uma “projeção da imagem arquetípica do interior do inconsciente humano sobre o mundo exterior”, vindo a exercer influência nos seres humanos que nela habitavam (JUNG, 1964, p. 243).

Neste sentido, Jung (2001) pontuou reiteradas vezes que o processo de desenvolvimento psíquico representado pela emergência dos símbolos mandálicos não acontece de maneira racional, nem tampouco deliberada, mas inteiramente inconsciente, irrompendo do mais subterrâneo do ser.

Historicamente, este processo sempre foi representado através de símbolos e ainda hoje o desenvolvimento da personalidade individual é figurado mediante imagens simbólicas. Tais fatos se me apresentaram da seguinte maneira: os produtos das fantasias espontâneas, de que tratamos acima, se aprofundavam e se concentravam progressivamente em torno de formações abstratas, que parecem representar ‘princípios’, no sentido dos ‘archai’ gnósticos. Quando as fantasias tomam a forma de pensamentos, emergem formulações intuitivas de leis ou princípios obscuramente pressentidos, que logo tendem a ser dramatizados ou personificados. [...] Se as fantasias forem desenhadas, comparecem símbolos que pertencem principalmente ao tipo do ‘mandala’. (JUNG, 2001, p. 17-18).

Para Jung, a mandala era a mais genuína expressão do self, na medida em que sua forma circular esteve sempre vinculada à noção de totalidade em diferentes culturas e períodos históricos, tendo seu centro como ponto de convergência de todos os caminhos que levariam o ser humano ao seu processo de individuação, tornando-se o mais genuíno possível.

Essa teoria Junguiana acerca das mandalas vem ao encontro da concepção oriental sobre o simbolismo da mesma ao crerem que o feitio de uma mandala não fica restrito somente à expressão do autor, mas ela vai muito além ao atuar sobre este autor na medida em que está sendo elaborada. Ou seja, ao mesmo tempo em que ela é a manifestação gráfica de sentimentos, emoções e percepções de alguém, ao ser esboçada, detém em si um potencial revelador e transformador vital ao processo de desenvolvimento psíquico. Como o próprio Jung (2001) relatou acerca da análise realizada com seus pacientes, apesar deles quase nada

conhecerem ou dizerem acerca do sentido simbólico das mandalas, sendo uma espécie de incógnita, o fascínio exercido sobre eles era incontestável, pois reconheciam que aqueles gráficos exprimiam algo e atuavam sobre seus estados anímicos subjetivos.

Nesse trabalho desenvolvido, amparei-me nos processos educativos (autoformativos) e da mandala, considerando que o feitiço das mandalas, tendo a arte como mediadora de expressão, viabiliza movimentos relevantes no que concerne a esclarecimentos sobre os processos vivenciados pelos jovens enlutados tanto para eles próprios, quanto para o pesquisador. Neste sentido, a arte atuou como um dos principais dispositivos de expressão, uma vez que parti da noção de sua eficiência enquanto forma de linguagem geradora de conhecimento.

Martins (1998) relata que nós, seres humanos, desde a pré-história, já manifestávamos nossa capacidade de interpretar a realidade e manifestá-la através da linguagem, mais especificamente, através das pinturas rupestres, concebidas como um eficiente sistema de símbolos. Era através da representação dos pensamentos, ideias e sentimentos em símbolos que nossos ancestrais compreendiam os acontecimentos, ordenavam-os e transpunham o nível das abstrações, sistematizando-os e, conseqüentemente, transformando a cultura. Ademais, compreendemos que o diálogo entre a linguagem verbal (oral e/ou escrita) e a linguagem artística podem nos fornecer um repertório muito mais amplo de significações acerca das nossas vivências, na medida em que “[...] toda linguagem artística é um modo singular de o homem refletir – reflexão/ reflexo – seu estar no mundo. Quando o homem trabalha nesta linguagem, seu coração e sua mente trabalham juntos em poética intimidade” (MARTINS, 1998, p. 41).

De acordo com este prisma, no que tange aos sujeitos da pesquisa, a ação de construir mandalas atuou sobre os mesmos na medida em que esta atividade demandou deles uma postura reflexiva, recordativa e analítica, conduzindo-os a um contato mais profundo consigo mesmos. Ademais, há que se salientar que, muitas vezes, a fala ou a manifestação de sentimentos, emoções e percepções nem sempre ocorre de maneira tranquila, demandando a utilização de algum dispositivo que gere abertura para novos canais de comunicação. Neste sentido, enquanto pesquisadora, fui amplamente beneficiada na medida em que me foi permitido acessar com mais facilidade conteúdos emocionais as vezes difíceis de serem verbalizados ou, ainda, registrados através da escrita.

Nos encontros, determinou-se que teríamos uma hora para a confecção da mandala e, mais uma hora, para a realização de uma conversa em torno da atividade em

questão. Delory-Momberger (2008, p.103) propõe que o grupo maior se dilua em grupos compostos por três pessoas, pois “[...] as tríades permitem sair da relação dual projetiva e favorecem a emergência da palavra”. Seguindo essa linha de raciocínio elaborada pela autora, cada narrativa é apresentada aos outros dois colegas de grupo, dando-lhes a oportunidade de realizar indagações sobre o explanado.

No entanto, como meu intuito foi também observar todas as narrativas, concebi essa divisão em trio como um aspecto limitador para o trabalho de pesquisa, propondo, assim, a manutenção do grupo em sua integralidade, no qual cada um teve a oportunidade de narrar oralmente suas vivências, com o auxílio da arte realizada na mandala e também de escutar a história do outro, visualizando novas possibilidades de se atuar. Neste momento, foi oportunizada a todos os participantes a possibilidade de intervir com perguntas, sem buscar interpretá-las, ensejando apenas auxiliar o narrador na construção de suas histórias. Essa atividade foi fecunda para todos os integrantes do grupo, na medida em que possibilitou ao narrador encontrar significados para a sua história, promovendo rearranjos a partir das indagações realizadas pelos colegas, como também facilitou a compreensão dos ouvintes no que tangia a determinadas questões abordadas porque eles foram introduzidos no universo do outro como telespectadores de um filme, novela ou como leitores de um romance.

O ato de dialogar, além de aprimorar a habilidade de construções vocabulares e de ideais coerentes, envolve o sujeito em uma dinâmica dialógica onde estar interagindo com o outro implica respeitar as suas considerações, ouvi-lo com atenção, refletindo e esperando o momento oportuno para se introduzir na conversa concordando, realizando ponderações ou até contrapondo-se.

Warschauer (2001, p. 181), inspirando-se em Maturana (1997a) explica que:

A palavra conversar tem origem latina (cum+versare) e quer dizer ‘dar voltas com’. Conversar faz fluir as emoções e o raciocínio, o emocionar e o raciocinar, segundo os termos utilizados por Maturana. Ao nos movermos na linguagem em interação com os outros, que é o que ocorre no conversar, fazemos fluir o emocionar, que é o que fundamenta nossas ações, de modo que, ao conversar, mudamos nosso domínio de ações, mudando também o curso de nosso linguajar e de nosso raciocinar. Para esse biólogo, o conversar é característica do humano, dele dependendo tanto nosso bem estar como nosso sofrimento. Além disso, mostra estreita relação entre o papel da linguagem, do conversar e da cooperação na sociedade humana.

Sobre os procedimentos adotados nas etapas do Ateliê Biográfico, Delory-Momberger (2008, p. 103) apoia-se em:

[...] duas práticas complementares: a da autobiografia, do trabalho realizado sobre si mesmo num ato de fala que, dito ou escrito, é sempre um ato de escrita de si, e a da

heterobiografia, isto é, o trabalho da escuta, leitura e compreensão da narrativa autobiográfica feito pelo outro. A atitude hermenêutica tende a considerar essas duas práticas como os dois aspectos de um mesmo movimento: a fala, a palavra de si não é jamais puramente solipsista; ela se realiza na relação com o outro e no ajuste a uma situação de interlocução particular. Da mesma forma, a compreensão da fala autobiográfica do outro constrói-se na relação do ouvinte ou do leitor consigo mesmo e com sua própria construção biográfica.

Esse duplo movimento de falar de si e também da escuta do outro só são possíveis através de um desejo genuíno de se realizar trocas vivenciais, nem sempre fáceis, mas que ao serem externadas adquirem um caráter extremamente transformador e formador. E é nessa dinâmica de troca em que diferentes visões de mundo se apresentam, que oportunidades de elaboração, desconstrução e reelaboração de si próprios se materializam. Para Warschauer (2001, p. 26), “[...] vermos através do outro é uma das justificativas para os trabalhos formativos se realizarem em grupo, sobretudo na perspectiva da autoformação”.

Dessa maneira, o ateliê biográfico se configurou em seis etapas, adotando, em parte, o modelo padrão sugerido por Delory-Momberger (2008), com a inserção de alguns elementos que não destoaram da proposta original, adequando-se ao contexto em que foi aplicada e ao objetivo almejado. Vejamos a seguir:

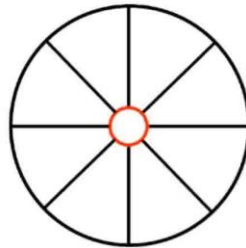
Primeira etapa: foi dedicada a informações gerais sobre o ateliê biográfico, dentre elas, seu objetivo e os procedimentos para sua concretização, deixando os potenciais sujeitos da pesquisa a par das suas responsabilidades no que tangia às suas narrativas e ante as narrativas e manifestações emocionais dos outros componentes do grupo. Nesse sentido, foi assumido o compromisso da discrição como regra a ser respeitada na consecução das atividades.

Segunda etapa: nesse momento, discutimos, conjuntamente, como as atividades seriam operacionalizadas, ratificando o objetivo já detalhado no primeiro momento, evidenciando seu caráter autoformativo, tomando como função precípua a cooperação grupal.

Terceira e Quartas etapas: Delory-Momberger (2008) propõe que estas duas etapas se concretizem em dois dias, todavia, pensando na densidade da questão norteadora “luto”, achei oportuno um tempo mais extenso para estabelecer relações de confiança, abertura e tranquilidade para a manifestação de sentimentos muitas vezes ainda mal elaborados. Sendo assim, tendo as mandalas como suporte, dividi esta etapa que para Delory-Momberger (2008) é dedicada à construção e elaboração das primeiras narrativas biográficas em nove momentos, correspondendo ao número de partes que constituem a mandala que foi trabalhada no ateliê biográfico de formação.

As mandalas contaram com um círculo central, contido em um círculo maior dividido em oito partes trabalhadas, uma a cada encontro.

Figura 1 – Mandala



Fonte: Elaborada pela autora

Inicialmente, a confecção desses círculos e suas oito partes foi realizada em grupo, com o intuito de padronizar a “base”, onde foram elaboradas as “narrativas plásticas”, familiarizando os participantes com o artefato, envolvendo-os mais profundamente com a atividade. Após a construção do que estou chamando de “base”, diferenciando-a da mandala propriamente dita, passamos, então, para a produção da mesma, utilizando desenhos, pinturas e letras como via de expressão para toda a riqueza das suas vivências.

No primeiro encontro, no qual cada participante estava com uma base em mãos, propus que o trabalho fosse iniciado pelo círculo central, solicitando que elaborassem nele um desenho que considerassem representativo no que tange às suas personalidades. Os três encontros posteriores ao feito do centro da mandala foram associados às fases de suas vidas, assim delimitadas:

1. primeira infância (do nascimento até os sete anos de vida);
2. segunda infância (dos oito anos aos doze anos);
3. juventude (fase atual na qual se encontram).

Em cada uma dessas fases da vida apresentei eixos norteadores que conduziram as narrativas e o trabalho artístico no sentido de serem contempladas as vivências dos participantes (incluindo obviamente suas perdas), suas relações sociais (família, amigos da comunidade, colegas de escola), seus medos, anseios, conquistas, gostos, dentre outras circunstâncias, todas elas interseccionando com a experiência escolar. As outras cinco partes subsequentes, compreenderam um aprofundamento das suas percepções acerca da perda ocorrida:

4. Fotografias – foi dada uma hora aos integrantes para que, a partir de suas reflexões sobre a morte ocorrida e o papel por eles exercido neste evento, fizessem três fotografias que comunicassem essa percepção. Essas fotografias poderiam ser tiradas em qualquer local e poderiam ser de absolutamente qualquer coisa que para eles tivesse relação com o que desejavam comunicar.

5. Cartas – a carta deveria ser escrita para a pessoa querida que se foi, contando como se sentiam com a ausência dela.

6. Perguntas – com o intuito de obter mais informações sobre os meandros familiares e as possíveis relações de apego primárias, elaborei dez perguntas que deveriam ser respondidas através de desenhos, da escrita ou da maneira que lhes conviesse.

7. Cartografia do bairro – percebendo que o bairro onde residiam era marcado pela violência, sendo ela a responsável indireta pela morte de seus entes, solicitei que através de fotografias apresentassem seus bairros hipoteticamente a um grupo estrangeiro que pensava em investir na melhoria do mesmo. Nele teriam a oportunidade de apresentar suas demandas.

8. Reflexão e projeto de vida – sendo essa a última parte da mandala, era solicitado que a partir do que já havia sido produzido e conversado ao longo dos oito encontros houvesse uma reflexão e posterior confecção de um projeto de vida para o ano de 2016, que tinha iniciado.

Diante desses nove blocos de informação, ensejei:

- a) Identificar as simbologias por eles elaboradas para suas perdas através dos sentimentos e das emoções que permearam a(s) circunstância(s) em que elas se deram.
- b) Compreender que recursos foram utilizados para lidar com a perda e com as mudanças que dela advieram, como também se esse evento foi percebido somente por uma ótica negativa ou, se, em meio às vicissitudes que o mesmo provocou, conseguiram vislumbrar também aspectos de crescimento e aprendizado;
- c) Verificar que significados, a partir de então, passaram a atribuir para a vida de uma maneira mais abrangente e para as suas especificamente, como também os sentidos que estavam produzindo para bem viver. Essa indagação foi o mote que os conduziu aos seus projetos de vida.

Após essa fase na qual trabalhei com os enlutados a construção de mandalas através do ateliê biográfico de projetos, realizei a análise do que fora produzido para, só então, dar início à aplicação da RIME. Essa escolha se deu porque a visualização de imagens proposta para cada jovem enlutado foi elaborada em função do que foi identificado como a Dor Espiritual da Perda de cada um deles, almejando-se, assim, desloca-los da condição de sofrimento para uma condição diferente, permitindo-lhes dar novos significados e sentidos para o que estavam vivenciando.

2.3 RIME – Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade

A denominação RIME é a combinação das primeiras letras das palavras: Relaxamento, Imagens Mentais e Espiritualidade. Técnica desenvolvida pela Psicóloga Ana Catarina Araújo Elias (2001, 2005), a RIME foi elaborada no seu mestrado, inicialmente tendo como premissa básica a re-significação da Dor Simbólica da Morte em pacientes em fase de terminalidade. Seu intuito com este trabalho era proporcionar ao doente uma boa qualidade de vida no processo de morrer, através de uma morte serena e digna. No doutorado, Elias (2005) desenvolveu um treinamento para profissionais da área de saúde, objetivando a expansão da aplicabilidade da RIME e, finalmente, no seu pós-doutorado, a autora pesquisou os benefícios da citada intervenção em mulheres mastectomizadas, em tratamento de um câncer de mama, e com possibilidades de cura.

Partindo da perspectiva da natureza da dor enquanto sentimento-sensação, possuidora de faces que ultrapassam a dimensão física, Elias (2001) operacionalizou dois conceitos diferentes para a dor que associados passaram a ser denominados pela pesquisadora como Dor Simbólica da Morte. Quais sejam:

A Dor Simbólica da Morte, [...] é composta pela Dor Espiritual e pela Dor Psíquica, a qual está vinculada aos estados depressivos permeados de tristezas, medos, angústias e culpas. Esses aspectos depressivos que compõem a Dor Psíquica alicerçam a Dor Simbólica da Morte e sobre a Dor Espiritual, estes aspectos se projetam. (ELIAS 2001, p. 26).

E, assim, atribuiu à Dor Psíquica o medo do sofrimento e o humor depressivo representado por tristezas, angústias e culpas frente às perdas e, à Dor Espiritual, o medo da morte e do pós-morte, ideias e concepções em relação à Espiritualidade, sentido da vida e da morte e culpas perante Deus.

Todavia, a autora (2001) identificou, ao longo da sua pesquisa de mestrado, que, apesar das dores psíquica e espiritual se apresentarem de maneira equivalente logo que o indivíduo se deparava com a inexistência de cura para a sua patologia, estendendo-se até o período intermediário, observou também que do estágio terminal até o momento da morte, a dor espiritual ganhava maior expressividade, expandindo-se de maneira pungente. Essa constatação levou-a ao entendimento de que se é a dor espiritual que perpassa todo o processo de morte, adensando-se no estágio final, é a ela que devem ser despendidos maiores esforços no sentido de re-significá-la, com vistas à promoção de uma boa qualidade de vida no processo de morrer. A partir de então, a intervenção RIME passou a ser aplicada com o objetivo de re-significar a Dor Espiritual, observando-se que a Dor Psíquica não deve ser desprezada e nos processos mais longos de morrer estas questões devem ser trabalhadas por um psicólogo, que assuma a aplicação da RIME frente à Dor Simbólica da Morte, ou que acompanhe o paciente frente ao sofrimento psíquico, quando apenas a Dor Espiritual estiver sendo trabalhada por outro profissional de saúde.

Este trabalho de re-significação da Dor Espiritual passa também pela desestigmatização da concepção da dor atribuída em muitas culturas a uma reação punitiva, de expurgação ou até mesmo a uma ação de terceiros. Com tal intento, Elias (2001) baseou suas contraposições em dados colhidos por Moody Jr. (1992) e Kübler-Ross (1998), através de relatos de pessoas que vivenciaram uma E.Q.M (Experiência de Quase Morte) e que, ao retornarem à normalidade de suas vidas, afirmaram que o sofrimento não deveria ser associado à castigos divinos por atos cometidos, nem tampouco deveriam ser atribuídas culpa ou responsabilidade àqueles que o portavam. O sofrimento, neste sentido, é decorrência de uma combinação de eventos difíceis que redundam em vivências dolorosas que o indivíduo delas deve se apropriar, buscando um sentido para as mesmas e, conseqüentemente, aprendendo algo com elas.

O conceito da Dor Espiritual foi elaborado tomando como base os conceitos de Dor Total identificados por Saunders (1991) e pelas diretrizes propostas pela WORLD HEALTH ORGANIZATION (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE) para um Programa de Cuidados Paliativos. Em ambos os aportes teóricos, há consonância no que concerne ao fenômeno da dor com um forte viés de subjetividade, não apenas constituído de uma dimensão física, mas também contemplando como igualmente importantes e influenciadores de todo o processo doloroso e suas manifestações, os aspectos emocionais, sociais e espirituais.

A re-significação da Dor Espiritual através da intervenção RIME integra duas técnicas: o Relaxamento Mental e a Visualização de Imagens Mentais, integradas à questão da Espiritualidade. A associação entre essas duas técnicas é justificada pela viabilização através das mesmas de um contato mais profundo com a realidade mais íntima e pessoal do indivíduo, capacitando-o, através do acesso ao que lhe é mais reservado a mudar suas atitudes, concebendo novas ideias e elaborando novos significados perante os eventos sofridos. Neste sentido, a RIME auxilia o paciente a se desfocar dos seus temores, culpas e pensamentos angustiantes, passando a se focar em sentimentos que lhe remetam a serenidade, paz, aceitação, com vistas ao restabelecimento da sua homeostase psicológica.

Com o intuito de tornar a explanação acerca da RIME mais didática, deter-me-ei um pouco mais na apresentação dos pressupostos que norteiam as atividades Relaxamento Mental e Visualização de Imagens Mentais, como também na questão da Espiritualidade.

2.3.1 Relaxamento mental

Os estados de consciência (acordado, dormindo, sonhando) estão associados à frequência de ondas cerebrais que podem ser beta, alfa, teta e delta. O relaxamento mental ocorre, de acordo com a comunidade científica médica, quando atingimos a frequência cerebral alfa. Elias (2001) cita Rosen (1994), ao afirmar que quando alcançamos o estado alfa, que também é chamado de transe ou relaxamento mental, atingimos o estado mental mais favorável para que novas aprendizagens sejam realizadas e transformações positivas no âmbito comportamental, atitudinal e das ideias, sejam geradas. Essa afirmação advém do fato de que as pessoas nesta condição ficam fortemente inclinadas a compreenderem a realidade dos fatos e eventos, mas também de seus sonhos e demais manifestações do inconsciente, sem acessar nenhuma ferramenta lógica consciente, sem racionalizações, através da irrupção de insights e de uma forma marcadamente intuitiva.

A autora (2001) também esclarece que o relaxamento mental não é concebido como um estado de sonolência induzida pelo terapeuta, nem tampouco como condição na qual o indivíduo perde a autonomia e consciência dos seus atos, evidenciando o mesmo como:

[...] estado natural que todos nós experimentamos, como no sonho acordado ou devaneio, na meditação, na oração, ou quando realizamos determinados exercícios, como os aeróbicos, que têm sido conhecidos como uma espécie de meditação em movimento. Nestas situações, certas experiências sensoriais e psíquicas interiores assumem um caráter vívido, tanto que os sons e movimentos exteriores perdem sua importância. (ELIAS, 2001, p. 39).

Com vistas ao alcance deste estado de relaxamento mental, o terapeuta pode lançar mão de dispositivos simples como a respiração consciente (lenta, profunda e diafragmática) e a audição de músicas suaves e tranquilas. A respiração, especialmente a diafragmática, é considerada a mola mestra em um trabalho com imagens mentais. Recomenda-se que ela seja profunda, longa e lenta, dando maior ênfase ainda a essas três características no movimento de expiração. Quando executamos o movimento de expiração consciente, lenta e profunda, o nervo vago ou pneumogástrico é ativado, exercendo suas funções de relaxamento, diminuição dos batimentos cardíacos, da pulsação arterial, do ritmo respiratório e, ainda, das contrações musculares do intestino. Seu espectro de atuação é amplo em função da sua inserção no corpo humano que se inicia na base do cérebro, percorrendo todo o pescoço, irradiando-se para o pulmão, o coração e o intestino.

Elias (2001), fundamentando-se em Caudill (1998), aponta como um dos precursores no estudo da resposta do relaxamento o cientista Herbert Benson e seus colaboradores da *Harvard Medical School*. Esse grupo de pesquisa identificou através da leitura de obras religiosas e filosóficas antigas que, desde longos anos, a humanidade vem sendo orientada a utilizar práticas meditativas favorecedoras do relaxamento. As técnicas promovedoras desse estado de tranquilidade são variadas, todavia, foi observado que elas obedeciam a duas etapas igualmente importantes: uma delas era estar com a mente atenta em uma palavra, frase, respiração ou ação repetitiva e, a outra, era a prática de uma postura passiva diante dos pensamentos invasivos que povoavam a mente.

Ainda referenciando-se em Caudill (1998), Elias (2001) apresenta dois tipos de relaxamento sugeridos pela autora, subdivididos em sete técnicas. No primeiro tipo de relaxamento, denominado Básico, são utilizadas as seguintes técnicas:

- 1 – Adoção de uma frase ou palavra-chave;
- 2 – Associação entre respiração e imaginação;
- 3 – Relaxamento muscular contínuo;
- 4 – Movimento repetitivo em sincronia com a respiração e com a mente; e, por último,
- 5 – Construção mental de um lugar acolhedor relacionado à tranquilidade, amorosidade e acolhimento.

No segundo tipo, considerado Avançado, são compreendidas as técnicas de:

- 1 – Auto-hipnose;

2 – Visualização.

Elias (2001) explica que no desenvolvimento da Intervenção RIME, utiliza a técnica número dois do relaxamento básico para promover o Relaxamento Mental e as técnicas cinco e sete, respectivamente do relaxamento básico e avançado, como elementos constituintes na prática de Visualização de Imagens Mentais. Para a técnica dois, associação entre respiração e imaginação, a autora ainda conta com o auxílio de músicas tranquilas que sejam do agrado do paciente. Já para as técnicas cinco e sete, respectivamente, construção mental de um lugar acolhedor e a visualização propriamente dita, a pesquisadora orienta a formação de imagens na mente que tenham relação com a realidade individual de cada paciente e que contemplem o conceito de espiritualidade que será melhor detalhado nas páginas que seguem.

2.3.2 Visualização de imagens mentais

A visualização de imagens mentais se dá através da figuração mental de imagens que viabilizam o livre trânsito de uma pessoa por espaços que, não fazendo parte de sua realidade concreta, objetiva e consciente, possibilitam o acesso a uma realidade subjetiva, imbuída de signos e símbolos muitas vezes intraduzíveis objetivamente.

Neste sentido, almeja-se que esta técnica atue como dispositivo de dissociação da Dor Espiritual, deslocando o paciente da sua condição de sofrimento para uma condição diferente que o permita dar novos significados e sentidos para o que está vivenciando.

Elias (2001, p. 46), reportando-se a uma afirmação de Caudill (1998), pondera que:

[...] essa técnica pode ser uma experiência emocional muito poderosa. O uso de imagens mentais permite ao paciente explorar a experiência não verbal, inconsciente dos significados e metáforas da dor. Pode também ajudar o paciente a estabelecer ligações com outras experiências ou interpretações que não poderiam ser obtidas através do raciocínio lógico sequencial. Isto, por sua vez, pode dar uma perspectiva e uma atitude totalmente diferentes com relação à dor, aumentando o controle do paciente sobre esta dor.

Elias (2005) cita três processos como necessários à técnica de Visualização das Imagens Mentais concernentes à RIME: Dissociação, Sugestão Indireta e Sugestão Direta. No primeiro procedimento, como o próprio termo indica, é oportunizada ao paciente a experiência de se desligar da sua realidade concreta, através do direcionamento do seu pensamento para outra condição, espaço e tempos distintos do que ele vivencia. No segundo

procedimento, Sugestão Indireta, o paciente é estimulado a se concentrar em imagens mentais benfazejas que foram escolhidas por ele previamente. Já o terceiro procedimento, Sugestão Direta, é enfático e conduz o paciente à minoração do seu sofrimento através de declarações específicas, incluindo citações ou imagens.

No caso da Visualização de Imagens Mentais, no contexto da RIME, aplicadas em pacientes fora de possibilidade de cura durante o mestrado e o doutorado, os elementos utilizados por Elias (2005) foram assim elencados:

1. Cenário de base: é apresentado ao paciente um álbum com uma variedade de paisagens da natureza, predominantemente em tons claros, que passem uma ideia de conforto, acolhimento, beleza e tranquilidade. É solicitado que escolha a que mais lhe provoca bem-estar para ser seu cenário de base. A autora aqui salienta que o cenário compõe um dos principais pressupostos desta pesquisa, que é a crença em uma vida espiritual pós-morte, e esclarece que ele simboliza: “Um mundo imaginário espiritual, belo e reconfortante, o qual pode ser identificado, segundo a nomenclatura definida por Miller (1997), como lugar de espera, onde tanto para os mortos quanto para os vivos a realidade da mudança começa a aprofundar-se” (ELIAS, 2005, p. 188).

2. Lembranças de vivências felizes anteriores: esse elemento tem como intuito estimular o paciente a se concentrar em eventos que o remetam à felicidade, acolhimento e conforto, através do processo de dissociação;

3. Túnel ou caminho luminoso dourado ou azul e seres de luz: a visualização desta imagem, associada à presença de seres de luz, irradiando energias benfazejas, integrando o cenário base mencionado no item um, ancoram-se nas pesquisas realizadas por Greyson (2000, 2003), Kübler-Ross (1998, 2003), Moody Jr. (1989, 1992), Morse e Perry (1997), Parnia e Fenwick (2001), Van Lommel (2004), Van Lommel *et al.* (2001), Weiss (1998, 1999) acerca da EQM, que serão mais detalhados no tópico referente à espiritualidade.

4. Símbolos de transformação: a água, a árvore com frutos, a vegetação, o trigo, e a cevada, foram incorporados ao cenário de base pela autora como símbolos de transformação. Neste item Elias (2005, p. 188) fundamentou-se em Jung (1986), ao referir-se à água como um dos “símbolos maternos ou de transformação”, significando “nascimento ou renascimento, vida que vem da água”, e também ao referir-se à árvore com frutos, na qual a árvore representaria a “vida humana” e seus frutos a “alma humana” ou o self, usando a terminologia Junguiana. Quanto às imagens da vegetação, do trigo e da cevada, Elias (2005) reportou-se a Von Franz (1995) quando a mesma afirma existir:

[...] a difundida ideia arquetípica de que os mortos voltam à vida, por assim dizer, do mesmo modo que a vegetação. [...] é comum aparecerem imagens de vegetação nos sonhos de pessoas próximas da morte. O trigo e a cevada por sua vez também podem ser tomados como símbolos de algo psíquico, algo que existe além da vida e da morte, um processo misterioso que sobrevive ao temporário florescimento e morte da vida visível (VON FRANZ, 1995 *apud* ELIAS, 2005, p. 189).

5. Imagens simbólicas diversas: peculiaridades concernentes a dor simbólica da morte do paciente, podendo ser introduzidas na visualização através da sugestão direta ou indireta.

6. Afirmações para que o paciente possa integrar-se com a beleza do universo, da natureza: através da sugestão direta, utilizando a natureza como pano de fundo, conduzir o paciente na mentalização de pensamentos concernentes à espiritualidade, ao que é positivo e belo.

7. Afirmações para o paciente observar sua própria beleza interior, suas qualidades: através da sugestão direta, orientar o paciente a elaborar pensamentos, que minimizem suas angústias, seu estado depressivo, especialmente as culpas.

8. Afirmações sobre aspectos do pós-morte: estas afirmações foram elaboradas pela autora a partir dos relatos de pessoas que passaram por uma experiência de quase morte (EQM).

9. Filmes e histórias: uso de material literário e cinematográfico com narrativas que gerem identificação do paciente com as mesmas, abordando temores relacionados ao processo da morte, auxiliando-o a produzir “*insights*” que promovam novas elaborações e re-significações.

Há que se salientar que ao longo da técnica de Visualização de Imagens Mentais, deve-se atentar para a respiração, inclusive solicitando que o experiente se observe nesta dinâmica, com vistas a estabelecer uma frequência respiratória mais harmoniosa e também como maneira do paciente ir se interiorizando.

2.3.3 Conceito de espiritualidade

A configuração do caminho que conduziu Elias (2001, 2005) à elaboração do conceito de espiritualidade contou com encontros reflexivos com Jung (1986), Celso Charuri (2001), Hermann (2001), Von Franz (1995), Mattoon (1980) e as Experiências de Quase Morte.

No que concerne às Experiências de Quase Morte, os estudos desenvolvidos por Greyson (2000, 2003), Kübler–Ross (1998, 2003), Moody Jr. (1989, 1992), Morse e Perry (1997), Parnia e Fenwick (2001), Van Lommel (2004), Van Lommel *et al.* (2001) e Weiss (1998, 1999) demonstraram que existia uma constelação ampla de elementos comuns marcando este fenômeno, com pequenas variações. Esses dados foram as pedras basilares no desenvolvimento dos componentes da intervenção RIME, especialmente no conceito de Espiritualidade, porque deles foi apreendido que o retorno à vida após a experiência de quase morte transcorria de uma maneira tranquila, sobretudo porque estas pessoas tiveram a oportunidade de vivenciar conscientemente, segundo Elias (2001, p. 11), “a natureza espiritual da existência”. E, a partir desta experiência, conteúdos relevantes foram revelados, inspirando-a a desenvolver um trabalho no sentido de minorar a Dor Espiritual da Morte, através da sua re-significação.

A autora também menciona que integrou a esse arcabouço de conhecimentos, relatos de sonhos ocorridos com pacientes seus antes do óbito ou de seus familiares, nos quais o espírito do doente terminal se encaminhava para outro local. Neste sentido, referenciou-se em Von Franz (1995), que identificou que as pessoas que se encontravam próximas à terminalidade tinham sonhos nos quais se percebia uma intencionalidade do inconsciente no sentido de preparar a consciência para uma noção da morte como o fim apenas dessa existência, mas tendo a vida continuidade em outras perspectivas inimaginadas pela consciência desperta.

Dos relatos extraídos e sistematizados pelos estudiosos da EQM (Experiência de Quase Morte), elenco aqui os conteúdos considerados comuns a todos os experientes:

- Sensação de flutuação fora do corpo, visualizando-o nitidamente, independente da natureza da morte;
- Entrada em um túnel ou portal conduzidos por um ser de luz;
- Ingresso em um local com uma paisagem muito bonita, entrando em contato com uma luz brilhante, irradiadora de irresistível luminosidade e de amor, promovendo, por conseguinte, sentimento de tranquilidade, bem estar e entusiasmo;
- Encontro com uma presença divina, fonte superior, ou simplesmente o sentimento de estarem imersas e envolvidas em algo que a tudo conhecia, imbuído de condescendência;

- Revisão de cada ato, palavra ou pensamento que constituíram sua caminhada existencial, incluindo o que eles poderiam ter se tornado;
- Chegado o momento do retorno aos seus corpos físicos, muitos não desejavam fazê-lo por estarem muito felizes nessa nova situação, mas são alertados de que deveriam regressar para concluir algo. Ao retornarem de fato, todos foram categóricos ao afirmar que haviam aprendido com essa experiência que o amor era o único significado que havia para a vida, e perderam o medo da morte;
- Tranquilidade e ausência de dor;
- Encontro com amigos e familiares já falecidos com certa frequência.

Elias (2005) salienta que equivocadamente a espiritualidade é associada à religiosidade, todavia, na esfera científica é fundamental a dissociação entre ambas para uma compreensão mais ampla do escopo espiritual enquanto campo de influência na vida dos indivíduos. Em vista disso e, tendo Jung (1986) como aporte, esclarece:

[...] espiritualidade não está em referência a uma determinada profissão de fé religiosa e sim na relação transcendental da alma com a divindade e na mudança que daí resulta, ou seja, Espiritualidade está relacionada a uma atitude, a uma ação interna, a uma ampliação da consciência, a um contato do indivíduo com sentimentos e pensamentos superiores e no fortalecimento, amadurecimento que este contato pode resultar para a personalidade. (ELIAS, 2005, p. 95).

Por esse prisma, a espiritualidade a qual a autora se refere se distancia de crenças, práticas ou doutrinações, por envolver questões mais abrangentes relacionadas a uma busca pessoal pelo significado da vida. E assim, através de atitudes potencializadoras de um contato mais íntimo com o que Jung chama de *Self*, transcendendo, ou seja, ultrapassando o arcabouço de conhecimentos que já está posto, o indivíduo pode ser conduzido à sua natureza no seu sentido mais integral e, por isso mesmo, transcendente, espiritual.

Sobre a Função Transcendente, Jung (2000, p. 1) discorre:

A função psicológica e 'transcendente' resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes. A experiência no campo da psicologia analítica nos tem mostrado abundantemente que o consciente e o inconsciente raramente estão de acordo no que se refere a seus conteúdos e tendências. Esta falta de paralelismo, como nos ensina a experiência, não é meramente acidental ou sem propósito, mas se deve ao fato de que o inconsciente se comporta de maneira compensatória ou complementar em relação à consciência. Podemos inverter a formulação e dizer que a consciência se comporta de maneira compensatória com relação ao inconsciente.

Para o criador da Psicologia Analítica, o ser humano nunca se desvencilhará por completo de suas dificuldades, sendo essas até necessárias à sua saúde psíquica, salientando que só se tornam desnecessárias quando ocorrem em excesso. A função transcendente é

proposta como um processo gerador de recursos que nos capacitam a lidar com os aspectos adversos com os quais nos defrontamos ao longo da nossa caminhada existencial, com vistas à geração de atitudes transformadoras.

A consolidação das almejadas práticas transformadoras dar-se-ão ao considerarmos relevantes os conteúdos do inconsciente obscurecidos pelo ego, que, ao emergirem, tornando-se compreensíveis, compensarão a atividade de aparente onipotência da mente consciente em função de sua natureza diretiva e unilateral.

Tendo em vista que a intervenção RIME tem como cerne facilitar a função transcendente, viabilizando o processo de individuação, achei por bem trazer para essa discussão alguns atores que se configuram centrais no enredo deste processo.

Início apresentando dois atores, aos quais Jung (1977) se referiu em uma entrevista publicada no *Neues Wiener Journal* em 1932 como sendo duas almas que pertenciam a todos os homens indistintamente. Um deles, sendo a psique individual ou pessoal do ser humano, inicia seu desenvolvimento a partir do momento em que a criança nasce, sendo diretamente influenciada pelo meio ambiente e pelas relações dessa criança com o mundo, determinando, em certa medida, não integralmente, a forma como esse indivíduo atua diante das mais variadas ocorrências que permeiam sua existência. O outro ator, a psique impessoal, que Jung também chamou de “alma ancestral”, são ideias que não sendo inatas, representam “caminhos virtuais herdados”, equipando a criança recém-chegada a esse mundo com um cérebro amplamente desenvolvido. Assim, “O recém-nascido não começa desenvolvendo suas faculdades mentais no primeiro dia de sua vida. Sua mente, uma estrutura acabada, é o resultado de inúmeras vidas antes da sua e está muito longe de ser vazia de conteúdo” (JUNG, 1977, p. 68).

Dando continuidade a essa afirmativa, Jung exemplifica com o caso de um homem que está fazendo seu quinquagésimo aniversário. Ao completar cinquenta anos, somente uma parte deste homem, mais precisamente a psique pessoal, constituída pelas experiências ocorridas ao longo de todos os dias desses cinquenta anos, terão de fato esta idade, pois, a outra, que também faz parte dele, constituída pela psique impessoal, pode ter milhões de anos.

Partindo dessa perspectiva, podemos supor que a forma como o indivíduo atua diante das mais variadas ocorrências que permeiam sua existência não pode ser determinada restritamente pelo âmbito pessoal, seja ele consciente ou inconsciente, pois, segundo Jung (1977, p. 69):

Há centenas de exemplos que demonstram ao psicólogo que as duas almas vivem em todos os homens. Exercendo sua imaginação – a que eu chamo a mãe da consciência humana – muitos de meus pacientes pintam quadros e descrevem sonhos que manifestam uma estranha conformidade com leis bem definidas e exibem paralelos peculiares com imagens de templos indianos e chineses. Onde teriam essas pessoas obtido conhecimentos sobre as culturas dos antigos templos do Extremo Oriente? Tratei pacientes que tinham visões sobre acontecimentos que ocorrem há muitas centenas de anos. Tudo isso só pode provir do inconsciente, da alma impessoal, do cérebro acabado do recém-nascido. O homem contemporâneo é apenas o mais recente fruto maduro na árvore da raça humana. Nenhum de nós sabe o que sabemos.

Diante da nítida essencialidade do inconsciente para a psicologia analítica, determe-ei um pouco sobre essa instância da psique. Para Jung, o inconsciente é constituído por conteúdos de natureza individual ou pessoal, e conteúdos de natureza impessoal ou coletiva. No primeiro caso, encontramos no inconsciente além dos conteúdos reprimidos um amplo espectro de material psíquico que se encontra subjacente ao limiar da consciência e que, por não terem necessariamente sido reprimidos, estando apenas em estado de latência, aguardam, através do processo de germinação, o tempo adequado para se tornarem conscientes no futuro. Ainda encontramos fazendo parte desse arcabouço psíquico as percepções subliminares dos sentidos, que apesar de serem adquiridas cotidianamente, não são assimilados pela consciência por um motivo outro que não a repressão. Todos esses conteúdos são considerados constituintes do inconsciente pessoal porque só são adquiridos ao longo da existência desse indivíduo.

Dando continuidade ao processo investigativo do inconsciente, Jung (2011) nos apresenta um material que apesar de aparentemente ter conteúdos semelhantes aos encontrados no inconsciente pessoal, apresentam vestígios de algo que transcende a instância meramente pessoal, trazendo em seu cerne concepções primitivas correspondentes a uma mentalidade arcaica. Nesse sentido, a discussão sobre o inconsciente adquire novas nuances, indicando a existência de uma camada distinta no inconsciente que parece conter outras coisas além das aquisições e elementos pessoais, chamada inconsciente impessoal ou coletivo.

Nesse inconsciente, as imagens por ele apresentadas não são imagens meramente pessoais, e sim figuras históricas, disseminadas universalmente, e que vieram à tona em existências pretéritas, e que vêm e ainda virão à tona em existências atuais e futuras, por meio de uma função psíquica natural. Essas imagens primitivas ou primordiais, no dizer do Jung (2011), que são restituídas através dos sonhos, são chamadas de arquétipos e aqui nessa pesquisa comporão a RIME enquanto “símbolos arquetípicos de transformação”.

Sendo a psique humana estruturada por uma instância consciente e outra inconsciente, diferenciando-se essa última em pessoal e coletiva, Jung (2011, p. 67) postula:

Na medida do alcance de nossa experiência atual, podemos dizer que os processos inconscientes se acham numa relação *compensatória em relação à consciência*. Uso de propósito a expressão ‘compensatória’ e não a palavra ‘oposta’, porque consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade: o si mesmo (Selbst). De acordo com esta definição, o si-mesmo é um instância que engloba o eu consciente. Abarca não só a psique consciente, como a inconsciente, sendo, portanto, por assim dizer, uma personalidade que também somos.

Nesse sentido, Jung esclarece que comportamos certa duplicidade, na medida em que, apesar de transitarmos socialmente com nossa persona, encontramos para muito além dela, englobando-a, a instância do si-mesmo, enquanto complemento necessário para que nos tornemos inteiros, totais, genuínos. Diante dessa compreensão, a nossa meta, segundo Jung (2011, p. 67), é que embora diante da inviabilidade de adquirirmos total consciência do “si mesmo,” tendo em vista que ele “sempre constituirá uma grandeza que nos ultrapassa”, devemos ter por meta ampliar o nosso campo de consciência, com vistas a trilharmos o tortuoso, porém precioso caminho da individuação.

Sendo a “individuação” o processo no qual buscamos a realização do “*si-mesmo*”, tornando-nos mais inteiros, ela ocorre na medida em que conteúdos do inconsciente são integrados à consciência, por meio de recordações, propensões, planos, compulsões, dentre outros, ampliando o âmbito da nossa personalidade. À medida que mais e mais conteúdos antes desconhecidos, tornam-se conhecidos e assimilados pelo sujeito que os porta, gera-se uma dinâmica de profundo autoconhecimento que, ao humanizar o indivíduo, torna-o mais apto a viver melhor consigo e com os outros.

Para Jung (2011, p. 64),

A individuação, [...] significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das qualidades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. A singularidade de um indivíduo não deve ser compreendida como uma estranheza de sua substância ou de suas componentes, mas sim como uma combinação única, ou como uma diferenciação gradual de suas funções e faculdades que em si mesmas são universais. [...] A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna um ser único que de fato é.

Dessa maneira, a individuação atinge sua culminância ao desvestir o si-mesmo das máscaras da persona, através da integração à consciência do que até então se manteve

oculto. Assim, à medida que nos tornamos mais conscientes de nós mesmos, ampliando a esfera da consciência, contribuimos para a redução da esfera inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo. O resultado perceptível dessa equação é a emergência no indivíduo de uma consciência ampliada, na qual os desejos individualistas são sobrepujados por uma noção insofismável da sua inseparabilidade do mundo. Em uma dimensão mais modesta, visualizamos esse indivíduo, conhecedor de si mesmo, dotado com recursos significativos que o capacitam a lidar de maneira coerente e mais assertiva com as questões nem sempre favoráveis que sua existência apresenta.

Nesse sentido, a intervenção RIME cumpre o papel de eliciadora da função transcendente, na medida em que, ao integrar a consciência ao inconsciente através da indução de visualizações de possíveis imagens arquetípicas – referentes à natureza espiritual do Self (sede da identidade subjetiva) – auxilia o experiente a modificar a forma de lidar com suas vivências atuais, re-significando-as e promovendo, conseqüentemente, uma maior qualidade de vida, atrelada a melhora do bem estar psíquico e espiritual.

Tendo em vista a compreensão desse importante aspecto, Elias (2015), pesquisou no pós-doutorado os benefícios da citada intervenção em mulheres mastectomizadas, em tratamento de um câncer de mama, e com possibilidades de cura, aprofundando-se nos estudos sobre a Função Transcendente. E, ainda, ao realizar um esquadrinamento dos processos alquímicos e sua consonância com a psicologia analítica, sendo o primeiro, campo vasto em estudos realizados por Jung (2011), formulou um arcabouço de possíveis simbologias arquetípicas que, introduzido à configuração já existente da RIME, tinha por fim expandir a aplicabilidade dessa intervenção terapêutica em outras situações, que não somente as restritas ao campo dos cuidados paliativos.

Nise da Silveira (1981) conta que, ao estudar a alquimia, Jung não tinha interesse em restituir teorias outrora contestadas, mas sim, atraía-o o pujante conteúdo simbólico subjacente ao trabalho alquímico. Após mais de uma década debruçado sobre textos de difícil compreensão, concluiu estupefato que o opus alquímico, processo que resultaria na criação da pedra filosofal, era similar ao processo de individuação, teoria por ele gestada. Nesse sentido, a pedra filosofal, enquanto resultado final do processo alquímico, corresponderia ao Self, centro totalizador da psique. Ao elucidar a semelhança entre ambos, Jung hipotetizou que através de mecanismos de projeção o alquimista visualizava inconscientemente na matéria por ele burilada e em seus processos resultantes, eventos ocorridos no mais recôndito do seu ser.

Para Silveira (1981, p. 127),

No caso dos alquimistas, eles desconhecem por completo a constituição da matéria, não há dados objetivos que os retenham. Por isso, tanto mais facilmente a matéria tornou-se, na expressão de Jung, espelho da psique do investigador. E, o que é ainda interessante para o psicólogo, a projeção de conteúdos do inconsciente vem, na alquimia, acompanhada de especulações teóricas que equivalem a amplos desenvolvimentos associativos. Desde que os símbolos alquímicos originam-se no inconsciente, serão reencontrados nos sonhos e imaginações dos homens de todas as épocas.

Elias (2012, p. 47) cita Edinger (2006) ao afirmar que “[...] as imagens alquímicas, que são imagens arquetípicas de transformação, descrevem o processo de psicoterapia profundo que é idêntico ao processo de individuação”. Ancorando-se nessa assertiva, a autora (2014) propõe a utilização de símbolos alquímicos na intervenção RIME como fonte de acesso ao inconsciente. Para tal, definiu imagens de possível caráter arquetípico, simbolizando transformação, relacionadas às fases e operações alquímicas, introduzindo-as na estrutura da RIME, com vistas a facilitar o processo alquímico de transformação.

Citando Pieri (2002), Elias (2012, p. 13) refere-se à alquimia em um sentido filosófico como “[...] o resultado da transformação de um metal vil em um metal nobre, através de um conjunto de operações em que matéria e espírito ou, homem e universo, revelam profundas ligações”. Por esse ângulo, compreendemos que quando o metal vil se transforma em metal nobre ocorre a individuação. Essa transformação se dá com o auxílio da função transcendente, quando, de acordo com a psicologia analítica, consciente e inconsciente se mostram profundamente integrados. Na alquimia, analogamente, podemos falar em profunda ligação entre matéria e espírito.

É especificamente este estado resultante da ligação entre matéria e espírito que vislumbrei que os jovens sujeitos da pesquisa tivessem oportunidade de acessar através da intervenção RIME e que agora apresento na forma como foi sistematizada.

2.4 A RIME enquanto intervenção psicopedagógica com jovens enlutados

No parágrafo final da sua dissertação de mestrado, Elias (2001), lança-nos uma pergunta:

A Dor Espiritual, principalmente relacionada ao medo da morte e do pós - morte, estaria também presente nas muitas mortes e pós – mortes que sofremos na vida, desde que nascemos? Se presente ao longo da vida, qual o seu grau de prevalência e relevância no sofrimento humano? Qual o método para sua re-significação? (ELIAS, 2001, p. 258).

Sentindo-me impelida a dar continuidade ao seu arrojado trabalho, pensei em como poderia ser re-significada a Dor Espiritual da Perda por Morte. Na presente pesquisa, a dor manifestada é a do jovem enlutado. Daquele que fica em desalento por ter olhos, mas não enxergar o outro; ter ouvidos, mas não ouvi-lo; ter um corpo físico que o permita tocar e ser tocado e, ainda assim, não sentir o outro de uma maneira física. É a dor da perda de um desenlace que o deixa solto, sem chão, flutuando desequilibradamente no vácuo, em virtude de um laço laboriosamente construído e supostamente firme que resolveu desatar sem sequer lhe consultar.

Foi a partir dessa perspectiva que pretendi utilizar a RIME. Todavia, ao estender sua aplicabilidade para jovens enlutados por perdas de uma figura de afeto por morte, vi o delineamento de um campo de vivências, em certa medida, distinto do constituído por pessoas diante de suas mortes físicas, para outro eivado de inúmeras possibilidades ainda no plano físico. Nesse sentido, a perspectiva da existência de um mundo espiritual na presente pesquisa com jovens enlutados, oportunizou-me o trabalho com a Dor Espiritual da Perda por Morte a partir de duas diretrizes bases. Quais sejam: a dor da ausência do outro (morte real) e a de si junto ao outro (morte simbólica).

Essas diretrizes se delinearão a partir de uma inquirição: como o medo da morte e do pós-morte, comprovadamente considerados elementos prevalentes na Dor Espiritual da Morte, se manifestariam na Dor Espiritual da Perda de jovens enlutados?

Pude supor, como um simples ponto de partida, que a perda de um ente querido configuraria pelo menos duas dimensões da morte: a morte física do Outro, daquela figura com quem se mantinha um vínculo afetivo importante; e a morte simbólica de uma parte de si mesmo, em virtude de um “fim” da sua história com o outro. Seria a morte da sua vivência como amigo de uma determinada pessoa, como filho daquele pai ou daquela mãe, como o irmão, o neto ou o namorado, com todos os investimentos e características peculiares a esse envolvimento afetivo.

Imaginei, então, que talvez esses jovens enlutados pudessem se perguntar: se morre uma parte de mim, como refazer-me dessa ausência do que até bem pouco tempo constituía parte do meu existir? Como assegurar a continuidade da minha atual existência sem parte do que já me constituiu, e que era fonte nutridora de um lugar em mim que agora é só lacuna? Do que me alimentar a partir de agora? Que significados passarei a portar dessa parte

de mim ainda em vida? São dois sentidos tênues de mortes que se interpenetram e ecoam naqueles que gritam clamando por novos sentidos para viver.

Foi essa dor da ausência concreta do outro e da ausência de si com o outro, “um nós” ao qual atribui a condição de inexistência, que me fez aportar na intervenção RIME por presumir que ela traz elementos que amainam a dor da separação do outro e da privação da relação vivenciada nesse plano físico, auxiliando o enlutado em um processo de elaboração de novos sentidos para viver. Essa re-significação da dor da perda e a geração de sentidos outros para viver se deu através do encontro do consciente com o inconsciente, sendo esse último acessado através da visualização de imagens arquetípicas. E assim, a partir do universo de representações conscientes do enlutado, foram apresentados símbolos de transformação, a exemplo do ser de luz, que ativam a insurgência do material arquetípico que, ao integrar-se com a consciência, adquirem grande potencial transformador.

A estrutura teórica para aplicação da intervenção terapêutica RIME (Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade) proposta por Elias (2001), foi concebida de maneira que outros profissionais na área da saúde, não somente psicólogos e psicoterapeutas pudessem aplicá-la. Sendo a psicopedagogia clínica uma interface da educação com a saúde, delineando-se como um campo de atividade que atua por meio de práticas interventivas que consideram a saúde e a educação inseparáveis, reputou-se de considerável valor acadêmico a utilização da intervenção terapêutica RIME como componente de um dispositivo psicopedagógico a ser aplicado em jovens passando pelo processo de luto.

Tendo em vista esse aspecto, a referida intervenção foi estruturada teoricamente nas definições de uma Terapia Breve de Apoio, utilizando como aporte conceitual Fiorini (1991). De acordo o autor, a Psicoterapia Breve pode ser categorizada a partir de duas vertentes: a de apoio, e a de esclarecimento. A Intervenção Terapêutica RIME, cujo objetivo é re-significar a Dor Espiritual da Perda, enquadra-se nos objetivos da Psicoterapia Breve de Apoio, visto que seu objetivo é minimizar angústias, e fortalecer aspectos autocurativos geradores do alívio dos sintomas responsáveis pela recuperação do equilíbrio homeostático. Nesse sentido, os sintomas por mim observados como constituintes da Dor Espiritual da Perda nos jovens enlutados foram: medo da morte por conta da ruptura do vínculo; medo do pós-morte relacionado ao receio da descontinuidade da vida do que se foi e do término da relação construída com quem aqui ficou; e ideias e concepções negativas acerca do sentido da vida, geradora de vazio existencial e sentimentos de culpa e arrependimento.

Dessa maneira, o objetivo da Intervenção RIME é desfocar o pensamento do experiente dos medos, das angústias e das culpas específicas à situação do luto, focando-o em serenidade, aceitação e paz, com o objetivo final de recuperar a homeostase espiritual. Reportando-nos à psicologia analítica, podemos pensar esse processo de re-significação por intermédio da Intervenção Terapêutica RIME como oriundo de um encontro entre o ego consciente dos jovens sujeitos enlutados com as suas essencialidades transcendentais, possibilitando a realização do si-mesmo.

A intervenção RIME aplicada na Azul, na Lilás, na Vermelha e no Amarelo foi elaborada não somente utilizando os possíveis símbolos arquetípicos de transformação propostos por Elias (2012), mas também os propostos por mim, a partir do que extrai dos seus relatos no processo de feitura da mandala. Desta feita, debruçei-me sobre a aplicabilidade da RIME enquanto facilitadora do processo alquímico e, para tal, fez-se imprescindível que eu dialogasse com alguns conceitos chave da psicologia analítica, com vistas a uma compreensão mais ampla de como esse processo se efetivaria.

Jung, em entrevista de Eliade para “combat”, explicou que para ele a questão da integração dos opostos, ou seja, a interação do consciente com o inconsciente, era a grande questão da psicologia, e facilmente era encontrada através de representações simbólicas em variadas religiões, crenças, seitas e atividades humanas que tinham como finalidade o burilamento da alma humana. No entanto, foi através do que é chamado em alquimia de “conjunção dos dois princípios” que o estudioso visualizou uma dinâmica idêntica ao processo psicológico de individuação, deixando cair por terra qualquer defesa em relação à veracidade das operações alquímicas. Todavia, esclarecia que apesar dos alquimistas buscarem a transformação de um metal vil em ouro, através de operações químicas, sua realidade não era física, e sim psicológica, representando “a projeção de um drama cósmico e espiritual em termos de laboratório”.

Eu sou e continuo sendo um psicólogo. Não estou interessado em qualquer coisa que transcenda o conteúdo psicológico da experiência humana. Nem sequer pergunto a mim mesmo se tal transcendência é possível, visto que, em qualquer caso, o transpsicológico tampouco é de interesse para o psicólogo. Mas, no nível psicológico, tenho que ocupar-me das experiências religiosas que possuem uma estrutura e um simbolismo que pode ser interpretado. Para mim, a experiência religiosa é real, é verdadeira. Apurei que, através de tais experiências psicológicas, a alma pode ser “salva”, a sua integração acelerada, e estabelecido o equilíbrio espiritual. Para mim, como psicólogo, o estado de graça existe: é a perfeita serenidade da alma em equilíbrio criativo, a fonte de energia espiritual.

O que para Jung era a “perfeita serenidade da alma em equilíbrio criativo”, para os alquimistas era o *corpus glorificationis* com sua dupla tarefa de resgatar a alma humana e salvar o cosmo. Enquanto para os alquimistas a prima matéria, sendo um elemento real, deveria ser transformado em pedra filosofal, Jung, ao realizar um paralelo com o processo de individuação, concebia a prima matéria como a vida psíquica do próprio alquimista que estava a manipulá-la, com vistas a libertá-la, salvando-a. Tal processo, chamado de opus alquímico, era desafiante e apresentava uma série de desafios que obstaculizavam a conclusão do processo, tornando o empreendimento ainda mais instigante. Jung (2011) relata que, logo no início, o alquimista se deparava com os espíritos ctônicos, ou seja, deuses inferiores moradores do mundo subterrâneo, da terra, que eram por eles chamados de *nigredo*, em referência à sua cor escura, portadora de sofrimento. Sendo para Jung o mistério central da alquimia a *coniunctio* ou conjunção, fazia-se necessária a integração dos opostos, onde a escuridade seria assimilada e transformada. Há que se salientar que o processo de desaparecimento da escuridade era laborioso, provocando o sofrimento da matéria até o seu momento final, quando, então, tornava-se clara. Em termos psíquicos, podemos transpor essa prática para a experiência humana da individuação, na qual a alma encontra-se muitas vezes aniquilada em meio à melancolia, ao medo e toda uma gama de sentimentos e emoções opressivas que emergem no seu duro combate com sua própria sombra.

Como já mencionado, para os alquimistas, a matéria permanece em sofrimento até o momento em que a aurora é anunciada pela cauda do pavão, fazendo nascer um novo dia. Neste momento, o estágio *nigredo* desaparece, dando espaço para o estágio *albedo*, com sua claridade. No entanto, sendo o estado de brancura do *albedo* considerado para os alquimistas uma condição ideal abstrata, afastando-se da realidade concreta, surge o *rubedo*, considerado a vermelhidão da vida, responsável por trazer vitalidade ao novo estado de consciência. Dando-se o mesmo no processo de individuação à luz da psicologia analítica, Jung (2011, p. 210) fala:

Só a experiência total da vida pode transformar esse estado ideal do albedo num modo de existência plenamente humano. Só o sangue pode reanimar o glorioso estado de consciência em que o derradeiro vestígio de escuridade é dissolvido, em que o diabo deixa de ter uma existência autônoma e se junta à profunda unidade da psique. Então, o *opus Magnum* está concluído: a alma humana está completamente integrada.

Na aplicação da RIME, realizada com os jovens enlutados, visando facilitar o processo alquímico de transformação psico-espiritual, segui o proposto por Elias (2012) e,

após ter definido os aspectos a serem trabalhados na re-significação da dor espiritual, iniciei a preparação concernente às aplicações da referida intervenção terapêutica. Dessa maneira, escolhi sessenta e cinco imagens (anexos A e B) divididas em dois álbuns. Um deles, nomeado de *Flores e Campos* (anexo A), continha imagens de jardins e campos com vegetação variada. O outro, chamado *Águas* (anexo B), continha o elemento água nas mais variadas condições: rios, mares, cachoeiras, sempre em meio a uma natureza abundante e de imensa beleza. A escolha das imagens feita por mim deu-se de maneira a contemplar algumas preferências dos quatro jovens que eu já havia identificado ao longo do Ateliê biográfico de projetos. Tendo em vista este aspecto, pensando no quanto Azul e Lilás gostavam do mar, escolhi imagens variadas de praias. Sabendo que o Amarelo apreciava a cor amarela e também a cultura oriental, busquei imagens que trouxessem essas referências, e, pensando na Vermelha, escolhi algumas imagens de árvores, especialmente de cerejeiras que tanto a agradavam.

A escolha das imagens foi feita através do aplicativo *Pinterest* e não posso omitir o prazer que senti ao realizar esta atividade. Ficava a imaginar quais das sessenta e cinco imagens seriam por eles escolhidas e a cada escolha, ainda que obedecesse as determinações indicadas por Elias (2012) para a seleção, obviamente elegia aquelas que mais tocavam o meu coração, tornando a simples visualização uma tarefa contemplativa de imenso valor.

Posteriormente, abri uma página no *Facebook*, mantendo o nome proposto pela Lilás – Projeto da Paz – convidando os quatro jovens para dela participarem, e compartilhei as sessenta e cinco imagens, tendo como intuito apresentá-las, a fim de serem utilizadas na intervenção RIME. Com a abertura da página, seguiu-se este texto explicativo.

Queridos Amarelo, Vermelha, Lilás e Azul...

Essas são as imagens selecionadas por mim para que nós possamos utilizá-las na Intervenção RIME (Relaxamento, Imagens Mentais e Espiritualidade). Imagino que algumas dúvidas surgirão e, por isso, elencarei alguns pontos que os ajudarão a entender a proposta deste grupo.

1. Vocês terão uma semana para visualizarem estas imagens, escolhendo apenas uma que tocará seus corações. A paisagem escolhida deve ser aquela na qual vocês se sintam aconchegados, protegidos e acarinhados. Aquela na qual sua beleza tire o fôlego e lhes façam pensar que poderiam passar horas dentro dela.

2. Após esse tempo de observação e escolha, vocês me dirão via Whatsapp (não no grupo) qual a eleita para que eu possa revelá-la e deixá-la na diretoria do colégio.

3. Após o recebimento da fotografia, procurem, sempre que der, imaginarem-se transitando por ela, extraindo todas as energias benéficas que elas potencialmente possuem.

4. Também enviarei, dentro em breve, algumas músicas para relaxamento e vocês também terão a possibilidade de escolher a que mais lhes agrada. Essa música escolhida por vocês será escutada quando eu estiver aplicando a RIME.

5. Nós teremos três encontros para a aplicação da RIME que serão individualizados. Ficarei com vocês por uma hora apenas. Pretendo atender duas pessoas em um dia e duas em outro. Se cumprirmos os prazos direitinho, teremos um encontro de apenas uma hora quinzenalmente e em apenas três semanas concluiremos o trabalho.

Beijos e um abraço afetuoso! 🥰

Raíssa

Em um momento posterior, enviei as músicas que haviam sido sugeridas por Elias, sendo elas: Antares, Azul, os anjos, Santiago, Shedagon, Verde, Uma prece. Diante das escolhas feitas, levei as fotografias à escola como combinado anteriormente, iniciando os encontros na semana seguinte.

Dessa forma, o processo alquímico de transformação psico-espiritual, através da RIME, junto aos jovens enlutados seguiu o percurso proposto por Edinger (2006) no qual a prima matéria corresponde à identificação do conteúdo a ser trabalhado na psicoterapia. A discussão sobre a prima matéria remonta aos filósofos pré-socráticos que imaginavam que a mesma, sendo a responsável pela criação de todos os objetos físicos do mundo, era composta pelos quatro elementos: terra, ar, água e fogo, que ao serem diferenciados e unidos em proporções diferentes, formavam os demais objetos, incluindo o próprio homem.

Analisando essa ideia pela perspectiva psíquica (EDINGER, 2006), podemos visualizar a prima matéria como um elemento ubíquo, encontrado, inclusive, nas atuações humanas mais corriqueiras; localiza-se na sombra, espaço destinado na nossa psique para os aspectos mais dolorosos da nossa personalidade, iluminados ao serem trazidos para a consciência; habitualmente chegam à consciência na forma de conteúdos múltiplos e fragmentados, sendo identificados como partes conflitantes de um único objeto, gradualmente, ao longo do processo psicoterápico; e, por fim, não tendo fronteiras ou formas definidas e sendo oriundos da instância inconsciente, mais especificamente da sombra rechaçada pelo ego, podem provocar no último o temor da dissolução e das possibilidades que sua ampliação, ao integrá-los, pode gerar.

Nestas condições mencionadas, a prima matéria se encontra no estágio *nigredo* que, no caso específico dos jovens enlutados, é representado pela Dor Espiritual da Perda. Dor esta que, muitas vezes, mantendo-se na sombra, permanecendo desconhecida, inviabiliza uma elaboração adequada. Em função disso, a matéria no estágio *nigredo*, ou seja, a Dor Espiritual da Perda, deve passar pela sua primeira operação alquímica.

Para Edinger (2006, p.34), cada uma das operações alquímicas é:

[...] o centro de um elaborado sistema de símbolos. Esses símbolos centrais da transformação compõem o principal conteúdo de todos os principais produtos culturais. Eles fornecem a categoria básica para a compreensão da vida da psique, ilustrando praticamente toda a gama de experiência que constituem a individuação.

A operação alquímica aqui processada inicialmente é a *solutio*, tencionando que a prima matéria passe do estágio *nigredo* para o estágio *albedo*. Sendo considerada um dos principais procedimentos da alquimia, a *solutio* tem como característica básica a transformação do sólido em líquido. Neste sentido, os alquimistas a concebem como o retorno da prima matéria ao espaço aquoso do útero objetivando um novo nascer, um renascimento, através da extinção de uma forma, dando origem a uma nova forma restaurada.

Na psicologia analítica, a *solutio* promove o diálogo nem sempre amistoso entre o ego e o inconsciente, unificando-os através da condução ao centro transpessoal da psique, o si-mesmo. Assim, para que tal operação se processe, faz-se necessário que os conteúdos sombrios do inconsciente emerjam, a fim de serem analisados, confrontando-o com as atitudes até então empreendidas pelo ego. Edinger (2006, p. 77) menciona como equivalentes simbólicos da *solutio* ações geradoras de interação com o elemento água, por relacionarem-se “[...] com o simbolismo do batismo, que significa uma purificadora e rejuvenescedora imersão numa energia e num ponto de vista que transcendem o ego”.

Na aplicação da RIME com os jovens enlutados, inseri a água e o simbolismo do batismo na visualização das imagens mentais através do banho de mar, do banho de cachoeira, e do banho de chuva. Dessa maneira, ao propor que os jovens enlutados se banhassem nas águas, tencionei que neste momento todos os seus sofrimentos, dores, culpas, arrependimentos e crenças na falta de perspectivas fossem lavadas, resultando na transformação dos pensamentos, sentimentos e crenças limitantes.

Após essa primeira operação, a prima matéria, antes negra, evolui para o estágio *albedo*, passando por um processo de embranquecimento. Todavia, este embranquecimento não ocorre por inteiro e nem rapidamente, evoluindo de maneira gradual. Dessa maneira, o

nigredo desaparece, dando passagem para o *albedo* com sua claridade, quando a aurora é anunciada pela cauda do pavão. Na aplicação da RIME com os jovens enlutados, o Ser Espiritual de Luz oferece túnicas para serem vestidas. Uma é escolhida e será usada durante todo o trajeto da visualização. As túnicas, sendo nas cores dos sete principais chacras estudados pela medicina chinesa, têm como intuito equilibrar seus corpos espirituais.

Até agora, a prima matéria passou por dois estágios alquímicos, o *nigredo* e o *albedo*, e por uma operação alquímica, a *solutio*. Nessa fase do processo alquímico, sendo o estado de brancura do *albedo* considerado pelos alquimistas uma condição ideal abstrata, afastando-se da realidade concreta, almeja-se chegar ao *rubedo*, considerado a vermelhidão da vida. Em termos psíquicos podemos pensar nele como o responsável por trazer vitalidade ao novo estado de consciência. No entanto, para que este estágio seja atingido, precisa-se passar por uma nova operação alquímica, a *coagulatio*.

Edinger (2006, 101) explica que a *coagulatio* pertence ao simbolismo do elemento terra:

[...] em termos essenciais, a *coagulatio* é o processo que transforma as coisas em terra. ‘Terra’, por conseguinte, é um dos sinônimos para *coagulatio*. Pesada e permanente, a terra tem forma e posição fixas. Não desaparece no ar por meio da volatilização, nem se adapta facilmente à forma de qualquer recipiente, ao contrário da água. Sua forma e localização são fixas; assim, para um conteúdo psíquico tornar-se terra precisa concretizar-se numa forma localizada particular, isto é, tornar-se ligada a um ego.

Dessa maneira, podemos afirmar que a operação *coagulatio* ocorre quando o ego se desenvolve, ampliando-se e assimilando o conteúdo inconsciente que vem sendo trabalhado no processo terapêutico. O desenvolvimento do ego delinea-se como um processo no qual o Si-mesmo, totalidade latente no indivíduo, integra-se a ele, passando a dele fazer parte, por isso mesmo, ampliando-o e robustecendo-o. Em termos psíquicos podemos pensar que essa transformação do ego comporta a adoção de uma atitude nova por parte do indivíduo

Transpondo essa condição para o contexto da RIME, pretende-se através da realização da *coagulatio* se chegar ao estágio *citrinitas*, fixando ao ego os novos padrões de sentimentos, pensamentos e crenças que emergiram após o estágio *albedo*. Sobre o estágio *citrinitas* (amarelecimento), Elias (2012), esclarece que ele pode ser um estágio opcional na transição do *albedo* para o *rubedo*. Na RIME, o símbolo utilizado para expressar o processo arquetípico de formação do ego foram as sementes douradas que, estando relacionadas com a operação alquímica *coagulatio*, pertencem ao simbolismo do elemento terra. Dessa maneira, na visualização de imagens, os jovens enlutados são induzidos a visualizar o Ser Espiritual de

Luz depositando sementes douradas nas suas testas, gargantas, corações, umbigos, pernas e pés, iluminando seus pensamentos, suas palavras, seus sentimentos e suas ações.

Tendo a prima matéria passado pelos estágios: *nigredo*, *albedo* e *citrinita*; e pelas operações: *solutio* e *coagulatio*; almeja-se finalizar o processo alquímico com o estágio rubedo, mas, para que ele se dê, faz-se necessário que o material em processo de transformação passe pela última operação alquímica: a *coniunctio*.

A *coniunctio*, ponto culminante da opus alquímica, é uma combinação física e química entre duas substâncias, resultando na formação de uma terceira substância com atributos distintos. Elias (2012) esclarece que ao distinguir-se em duas fases, a inferior e a superior, a *coniunctio* dá origem a movimentos diferentes, porém complementares e absolutamente integrados, sendo eles: um de morte (fase inferior) e um de suprema realização (fase superior). Na fase inferior, a morte ou *mortificatio* ocorre em função da união de substâncias que ainda não se encontram completamente discriminadas. Enquanto que, na fase superior, atinge-se o ponto culminante da integração dos conteúdos inconscientes à estrutura consciente da psique do experiente, alcançando a suprema realização que é a meta do *opus*.

Na aplicação da RIME, traduzimo-la da seguinte maneira: Ao entrar em contato com o “amor absoluto incondicional” (*coniunctio* inferior) doado pelo Ser Espiritual de Luz, o indivíduo, não conseguindo distinguir a experiência de ser amado espiritualmente, da prática de ser amado emocionalmente, promove, por conseguinte, um trabalho psíquico que o torna apto a integrar o Amor arquetípico do Ser Espiritual, à experiência emocional de Amor do Ego. Quando essa integração ocorre, dá-se a *mortificatio*.

Na segunda fase, o Ser Espiritual de Luz entrega ao experiente uma caixa vermelha, contendo simbolicamente um presente referente a um potencial criativo a espera de ser vivenciado, integrado e desenvolvido através do ego, configurando-se, assim, a *coniunctio* superior, estágio no qual se atinge o ponto culminante de integração de conteúdos inconscientes à estrutura consciente da psique do experiente, atingindo a suprema realização que é a meta do *opus*.

Fazendo uma analogia da *coniunctio* com o processo psicoterapêutico, Edinger (2006, p. 232) afirma:

O processo psicoterapêutico também é um ‘alternar-se para melhorar’. A pessoa é jogada de lá pra cá entre os opostos, de modo praticamente interminável. Mas surge, de maneira deveras gradual, um novo ponto de vista que permite a experiência dos opostos ao mesmo tempo. Esse novo ponto de vista é a *coniunctio* [...].

Dessa maneira, após um longo e tortuoso processo de autoconhecimento e, por conseguinte, de desenvolvimento pessoal, o experiente consegue acessar seu potencial criativo individual, beneficiando, primeiramente, a si próprio e, posteriormente, ao espaço ao qual está inserido por meio de contribuições mais efetivas, especialmente no que tange à sua natureza coerente e mais verdadeira.

3 NO CAMINHO DA ELABORAÇÃO DO LUTO

Neste capítulo, norteadas pela Teoria do Apego (BOWLBY, 1984; PARKES, 1998; 2009) e pela Logoterapia (FRANKL, 2008), e partindo da perspectiva do processo da elaboração do luto enquanto um trabalho psíquico (FREUD, 1917; WORDEN, 1988), esbocei possíveis trajetórias percorridas por uma pessoa enlutada, dialogando com os dados adquiridos por intermédio do Ateliê Biográfico de Projetos, com vistas à sistematização do que foi apreendido.

3.1 Dos significados encontrados

Acho oportuno enfatizar que nesse trabalho o luto é concebido como um processo de aprendizagem e de elaboração psíquica nos quais o enlutado, através de sua participação ativa (WORDEN, 1988), adquirirá a habilidade de transformar a relação com o ente morto, atribuindo a esse evento um significado, gerador de um sentido que se delineia como uma bússola orientadora de ações futuras construtivas em sua vida.

Objetivando compreender a identificação das simbologias elaboradas pelos sujeitos da pesquisa acerca das suas perdas, como também os recursos por eles mobilizados ao longo do processo de luto viabilizando sua elaboração, faz-se premente que conheçamos alguns conceitos com os quais Bowlby (1984) trabalhava, sendo estes norteadores de suas análises.

O autor em questão, ao abordar o comportamento de apego adotado pela criança nos primeiros meses de vida, explica sua aquisição como resultado de um processo de aprendizagem no qual são incorporadas inconscientemente as suas vivências a partir de suas interações com a figura cuidadora. Dessa maneira, o sistema comportamental de apego dessa criança passa a ser constituído por “modelos operativos internos”, que são modelos de representação mentais sobre si mesma, os outros, o mundo e ela inserida neste mundo, auxiliando-a, assim, na compreensão de informações recebidas do meio externo, e, por conseguinte, na configuração, compreensão e até projeção de suas ações, pensamentos e sentimentos. De acordo com a Teoria do Apego, os modelos operativos internos se revelam alicerces estruturantes na modelagem do comportamento e no desenvolvimento da personalidade da criança, na medida em que através deles a criança desenvolverá recursos que

a capacitação a estabelecer vínculos com seus pais, em um primeiro momento, e, posteriormente ampliar esses vínculos para outros círculos sociais.

Ainsworth (1978), psicóloga norte-americana seguidora de Bowlby, tornou-se proeminente nesta área de estudos por inovar ao desenvolver e sistematizar um método de classificação dos Padrões de Apego, através da observação do comportamento de mães e filhos, denominado por ela de Teste da Situação Estranha (TSE).

O Teste da Situação Estranha consistia na observação do comportamento de mães e seus respectivos filhos no segundo ano de vida, antes, durante e depois de um rápido afastamento entre ambos. Posteriormente, Mary Main (1984) propôs acréscimos à pesquisa realizada por Ainsworth, considerados válidos pela autora, passando, a partir de então, a serem incluídos na sua sistematização inicial, ficando assim classificados:

- a) Padrão de apego seguro – quando os pais ou responsáveis pelo cuidado da criança atendem às suas necessidades de segurança e estabilidade através de comportamento responsivo e afetuoso, a tendência natural é que estas crianças desenvolvam o padrão de apego seguro por confiarem que podem explorar o mundo e retornar para a base segura quando conveniente for. E ainda, quando o afastamento breve dos pais se faz necessário, o nível de tolerância desta criança é acentuado, de maneira que tal condição não é percebida de forma traumática, inclusive, gerando como resposta ao reencontro afetuoso da mãe um comportamento igualmente caloroso.
- b) Padrão de apego inseguro ansioso/ambivalente – esse padrão de apego se apresenta como resultante de uma relação na qual a figura cuidadora age, como o próprio termo indica, de uma forma ambígua e imprecisa. É sabido que a proteção é um dos motores propulsores de um desejável e saudável desenvolvimento da personalidade, todavia, se a ela não estão conectados o afeto, além do equilibrado estímulo à autonomia, essa proteção poderá provocar um efeito adverso. No caso específico desse padrão de apego, as mães ou cuidadoras desenvolvem uma superproteção com relação à criança, demonstrando um alto nível de ansiedade que a torna temerosa e pouco apta a explorar o meio onde se encontra. Na outra extremidade do eixo relacional, observamos casos em que por mais que haja uma proteção excessiva, há muitas vezes certa ausência de responsividade diante de situações conflituosas que fogem do seu controle. Diante disso, observamos que para essa criança o efeito

do rápido afastamento das suas mães é seguido de forte tensão, habitualmente levando-a ao choro na saída e também na chegada, sendo esse último momento imbuído de raiva e protesto pelo abandono não autorizado. Muitas vezes torna-se agressiva com a mãe, permanecendo ainda por algum tempo em sofrimento.

c) Padrão de apego inseguro evitador – nesse padrão de apego a figura cuidadora apresenta pouca ou nenhuma resposta aos anseios de proteção da criança, somada a uma grande dificuldade no que tange a manifestação de sentimentos de afeto e carinho, inibindo-as com rigidez e até punições caso a criança ultrapasse as barreiras por ela erigidas. Diante dessa teia na qual se delineia esse tipo de relacionamento, a criança, por defesa, aprende a não demonstrar apego pela cuidadora, evitando, por conseguinte, qualquer manifestação de carinho. No Teste da Situação Estranha, a criança afastada da mãe normalmente manifesta total indiferença com sua ausência e ao vê-la retornar permanece com o mesmo padrão de comportamento, continuando a brincar e até mesmo ficando de costas para ela. Muito embora esse seja o comportamento padrão no caso do apego inseguro evitador, há que se salientar que essa indiferença é só aparente, visto que investigações posteriores identificaram aumento na frequência cardíaca ao longo de todo o processo de afastamento. Ou seja, ainda que o real desejo da criança seja estar próxima da mãe, ela aprendeu como recurso de segurança o hábito de manter-se a certa distância da mesma.

d) Padrão de apego inseguro desorganizado – esse padrão de apego foi acrescentado por Main (1979) e apresenta as cuidadoras de crianças com este estilo de apego como pessoas incapazes de proporcionar os cuidados mínimos necessários. Habitualmente são intolerantes, imprevisíveis e indiferentes aos apelos da criança, deixando-a com o forte sentimento de impotência e desesperança, visto que, de acordo com Parkes (2009, p. 126), “[...] ela tanto procura quanto tem medo de seu(s) cuidador(es) primário(s), as pessoas a quem ela naturalmente procuraria quando tivesse um problema”.

Segundo o autor, as causas dessa desmedida desatenção por parte das mães podem ser decorrentes de depressão provocada por perdas significativas ou outro tipo de trauma imediatamente antes ou após o nascimento do bebê; ou ainda, de depressões após o parto sem

ligação direta com perdas ou traumas; e casos de abuso parental quando os pais são alcoólatras ou dependentes químicos. Parkes (2009, p. 25) assim descreve essas mães:

[...] desesperançadas e assustadas com seu bebê, [...] não se sentem confiante quanto à sua habilidade para cuidar dele, bem como para controlá-lo. Podem mesmo considerá-lo mais poderoso do que elas. Como consequência, seu comportamento é tanto assustado quanto assustador, e o que deveria ser fonte de segurança para o bebê torna-se uma fonte de alarme.

Em vista disto, as crianças cujo apego é desorganizado, apresentam um comportamento de difícil sistematização por ausência de padrões bem definidos. Apesar disso, nos Testes da Situação estranha foi constatado que eles, em maior ocorrência do que as crianças das outras categorias, apresentavam o índice de cortisol elevado vinte a trinta minutos após o teste ter transcorrido. Ao longo do processo, percebeu-se que alguns choram quando separados da mãe, mas não todos; quando a mãe retorna alguns se aproximam para em seguida ficarem estáticos, enquanto outros a evitam e se jogam no chão. E há ainda aqueles que empreendem movimentos desconexos.

Diante dos estilos de padrões de apego arrolados, pode-se inferir, com bastante propriedade, que cada padrão de apego estabelecido pela criança, encontra-se fortemente associado ao padrão de cuidado parental, reforçando a ideia de que o comportamento de apego é adquirido como resultado de um processo de aprendizagem no âmbito da relação vincular entre criança-cuidador.

E o luto, onde se insere neste contexto?

Parkes (1998, 2009), pesquisador e psiquiatra britânico, percebendo que seus pacientes enlutados eram acometidos por alguns tipos de transtornos psíquicos, realizou uma pesquisa em 1964 com enlutados, concluindo que, de fato, muitos distúrbios de natureza psíquica podem ser desencadeados pelo luto. Em 1970, em parceria com Bowlby, escreveu um artigo contendo o resultado de uma das primeiras pesquisas sistematizadas sobre o luto descomplicado, tendo viúvas londrinas como seus sujeitos.

Neste artigo, foram evidenciadas as semelhanças entre as reações das viúvas com a perda de seus companheiros e as reações das crianças pequenas quando separadas de suas mães. Diante desta constatação, foi acrescentada às fases do luto anteriormente descritas por Bowlby (protesto, desespero e desapego), mais outra fase referente ao entorpecimento relatado pelas viúvas, especialmente quando as mortes de seus cônjuges eram repentinas e inesperadas. Para Parkes, os componentes essenciais em um processo de luto são a

experiência da perda e uma reação de anseio na qual se necessita estar perto daquele que se foi, gerando uma reação denominada de busca.

O pesquisador, ao trabalhar especificamente com o luto, utilizando a Teoria do Apego com seus Modelos Operativos Internos como referencial, explica que, diferentemente dos animais de outras espécies, nós humanos possuímos modelos mentais de grande complexidade que interferem na nossa maneira de ver o mundo e, conseqüentemente, em nossos comportamentos. Em vista disso, o autor deu vida à expressão “mundo presumido” para destacar um conjunto de ideias e percepções pessoais, advindas das experiências de vida, armazenadas, norteando nossos comportamentos de acordo com as necessidades e, por conseguinte, estruturando os sentidos que construímos ao longo da nossa existência. Nesse conjunto de crenças, inserem-se, no dizer do autor (2009, p. 50), “[...] os padrões de amor que influenciarão nossa maneira de ver o mundo”.

Pensando no quanto os estilos de padrão de apego interferem nos significados que atribuímos às nossas experiências e, conseqüentemente, nos recursos que mobilizamos na resolução de problemas, Parkers (2009) elaborou para o indivíduo adulto uma classificação com combinações que refletem os quatro padrões de apego apresentados por Ainsworth *et al.* (1978) e Main (1979), baseando-se na premissa de que o eficiente cuidado parental é aquele que promove no indivíduo confiança em si e também nos outros. Vejamos:

Tabela 2 – Níveis de padrão de apego na vida adulta

	Confiança em si	Confiança nos outros
Apego Seguro	Alta	Alta
Apego Inseguro	-	-
Ansioso/Ambivalente	Baixa	Alta
Evitador	Alta	Baixa
Desorganizado	Baixa	Baixa

Fonte: elaborada pela autora.

Desta maneira, Parkes (2009) considera que o Apego seguro gera no indivíduo a percepção de que ele pode confiar em si, na sua capacidade de solucionar conflitos, e que também pode confiar no outro. Em contrapartida, o indivíduo com estilo de apego ansioso ambivalente, tenderá a confiar pouco em si e na sua capacidade de resolução de problemas, inflacionando a crença de que sua segurança será encontrada no outro, através de seu auxílio. Aquele que tende a confiar mais em si e pouco nos outros, evitando solicitar auxílio possui um estilo de apego considerado evitador, e, há ainda, o estilo de apego desorganizado, no qual a crença no outro e em si revela-se em um nível consideravelmente baixo, sendo fonte geradora de altos níveis de estresse.

Diante da abordagem aqui discutida, entendo que os significados e sentidos que conferimos à vida estão solidamente alicerçados em estruturas internas constituídas por nossas compreensões e crenças acerca do mundo no qual vivemos. Assim, a forma como enxergamos a nós mesmos e aos outros, incluindo nossos pais ou cuidadores, Deus e a sociedade de uma maneira abrangente, determina fortemente a forma como lidamos com variadas situações, incluindo o processo de luto.

A guisa de ilustração, Parkes (2009) faz uma analogia do nosso equipamento mental com um computador. No primeiro encontramos as nossas percepções que, similares aos programas de computadores, armazenam-se umas sobre as outras. Ao longo da nossa existência passamos por vivências de variadas ordens, modificando muitas de nossas percepções, mas essas mudanças atingem quase sempre nossas crenças mais perenes, não atingindo nossas concepções mais profundas e mais básicas, ou, como nos diz o autor, nosso mundo presumido que tem a função precípua de nortear nossas ações. Sendo o mundo presumido o que existe de mais caro no nosso equipamento mental, quando esse se torna obsoleto ou inadequado, exigindo modificações ante novas situações, sentimo-nos literalmente sem chão, sem a base que alicerçava nosso caminhar.

Todos os acontecimentos que provocam mudanças importantes na vida, sobretudo os inesperados, desafiam o nosso mundo presumido e provocam uma crise durante a qual podemos ficar inquietos, tensos, ansiosos e indecisos, até que as mudanças necessárias sejam feitas. Isso não deve nos surpreender, pois nosso mundo presumido é tudo o que temos. É nosso único recurso para nos orientarmos e alcançarmos nossos objetivos. Muito do trabalho de aprendizado que se segue após uma perda importante, e que no passado foi chamada de elaboração de luto, é visto mais claramente como um trabalho de transição. (PARKES, 2009, p. 45).

Para o estudioso, o luto é entendido como um Processo de Transição Psicossocial e, em função de sua amplitude e densidade, configura-se como fator desencadeante de transformações nos vários âmbitos do existir.

Ou seja, o luto, pela perspectiva da aprendizagem, assim compreendida por Parkes (1998, 2009), configura-se numa profunda revisão do mundo presumido, com a construção de novos significados e a ressignificação dos antigos, de maneira a se acomodarem a situação atual, revestindo-a de sentido.

E ainda, de acordo com a Teoria do Apego, são os estilos de apego experienciados na infância e na vida adulta, com seus respectivos desdobramentos no desenvolvimento da personalidade, os pontos fulcrais a serem observados em uma pessoa passando pelo processo de luto. No entanto, Parkes (1998, 2009) nos apresenta, ainda, fatores considerados por ele

determinantes a serem também analisados no processo de luto, explicando que não podemos nos pautar em um único elemento, ainda que seja relevante, para elucidar qualquer que seja o acontecimento psicológico. Diante desse argumento, aqui elenquei três fatores que considero atuantes na maior parte dos casos de luto e, especialmente, no processo de luto dos sujeitos dessa pesquisa, sendo determinantes em alguns deles. Quais sejam:

- a) Relação com o morto – na avaliação da relação estabelecida com a pessoa perdida, são avaliadas a força do apego, significando o quanto o enlutado era dependente da presença do outro na sua vida; a segurança do apego, refletindo a confiança e segurança de que a relação estava alicerçada em bases sólidas, independente da configuração por ela tomada; a intensidade de ambivalência na relação, determinando os níveis nela encontrados de amor e ódio; e o parentesco.
- b) Tipo de morte – podendo a morte ser classificada como natural, acidental, homicídio e suicídio e, dentro deste escopo, considerando ainda as mortes inesperadas ou as lentas, resultantes de doenças longas, e também as violentas, podemos verificar uma infinidade de reações que nem sempre ficam circunscritas a categorias estanques. No entanto, presume-se com uma grande margem de acerto que as mortes repentinas, os suicídios, os assassinatos, como também as perdas múltiplas ou aqueles em que deixam o ente perdido mutilado, representam um alto risco para a saúde mental do enlutado. Evidencio também aqui os lutos considerados não autorizados, ou seja, os lutos que não são explicitamente manifestados e nem socialmente validados, decorrentes de doenças estigmatizadas como a AIDS, por exemplo, ou ainda, os oriundos de relacionamentos não reconhecidos e perdas não identificadas como tais.
- c) Vulnerabilidade pessoal – este fator representa a dificuldade pessoal em superar um evento com alto nível de estresse. Uma história prévia de doença mental, associada a traços de personalidade adquiridos geneticamente e também socialmente, como consequência das experiências de vida do indivíduo, apresentam-se como fortes indicadores dessa vulnerabilidade. Dentre estes, a repressão e evitação do luto em um polo e a ansiedade e o pesar intenso no outro extremo, configuram-se zonas de perigo iminente no processo de luto. A dependência, a presença de sentimentos ambivalentes na relação

com o ente perdido e a dificuldade em tolerá-los, e uma baixa autoestima também se destacam como elementos dinamizadores de um luto complicado. As influências sociais e culturais também determinam fortemente a maneira como o enlutado reagirá à perda, incluindo nesta categoria o espaço ocupado pela rede de apoio social em sua vida ao longo do seu processo de luto.

Ao longo de todo esse processo de captura das simbologias elaboradas pelos sujeitos da pesquisa acerca das suas perdas, como também os recursos por eles mobilizados ao longo do processo de luto viabilizando sua elaboração, utilizei o feitio da mandala como dispositivo catalisador para atingir a essência do Processo de Transição Psicossocial.

Para Parkes (2009), a essência da transição psicossocial está na oscilação entre dois movimentos realizados pelo enlutado: um deles orientado para a perda, onde o enlutado anseia e chora pelo ente querido, buscando-o com veemência; e o outro orientado para a restauração, onde o enlutado atua de maneira dinâmica para se encontrar em um mundo com o qual não tem a menor familiaridade e o mesmo precisa empreender uma tarefa cognitiva extenuante que lhe municie de recursos para lidar com a nova situação. Essa oscilação de enfrentamentos foi amplamente estudada por Stroebe e Schut (1999), sendo por eles nomeada Modelo do Processo Dual de Luto.

Segundo esses autores, essa oscilação é benéfica e imprescindível porque ambas se equilibram mutuamente. Um enlutado que está fortemente orientado para a perda poderá se perder em uma busca incessante por algo que ele não mais terá da forma anteriormente aprendida e, possivelmente está perdendo a oportunidade de realizar aprendizados que o acompanharão no estabelecimento de outro tipo de vínculo, advindo daí, muitas vezes, a condição de enlutados crônicos. Do outro lado da balança, temos enlutados que ao se projetarem no futuro, possivelmente precisarão negar uma dor que não deixará de existir e que em algum momento virá à tona em uma condição menos favorável para a sua elaboração, desdobrando-se em um luto adiado. Ainda como desdobramento desse tipo de orientação, insurge o luto inibido que em decorrência de sua característica inibidora gera uma série de danos de natureza físico, psíquica, social e espiritual para a pessoa enlutada.

Sendo assim, diante de adventos problemáticos nunca antes vivenciados, habitualmente utilizamos recursos instrumentais na resolução de problemas práticos, associados a recursos de natureza emocional, a exemplo do choro como mecanismo de apelo ou pedido de ajuda. Neste sentido, transpondo essas estratégias para o processo de luto, podemos pensar neste movimento de oscilação como um caminhar ao longo de uma mesma

viagem por duas retas paralelas. Ora segue-se a via das emoções, permeada de dor, memória e desejo insatisfeito de reaver e estar ao lado da pessoa perdida, ora segue-se a via da restauração em que é preciso haver abertura para que o novo se instale, incluindo a nova configuração da relação que se estabelecerá com a pessoa morta.

Ao longo do feitiço de toda a mandala, trabalhei com essa perspectiva, ora dando espaço para a manifestação das emoções latentes, ora incentivando os sujeitos a se projetarem no futuro, manejando os recursos adquiridos no planejamento e realização de ações cotidianas, como também de situações limites. Neste âmbito no qual se fazia necessária uma abertura para que o novo se instalasse, foi dada significativa atenção à relação que se estabeleceria a partir de então com o ente perdido, ou seja, a continuidade do vínculo.

É sabido que a obra *Luto e Melancolia*, escrita por Freud em 1917, apesar de ter gerado discordâncias entre muitos estudiosos do comportamento humano, psicanalistas ou não, tornou-se a base para uma série de estudos posteriores. Fazendo parte desse movimento discordante e também propositor de uma abordagem mais ampliada para a questão do luto, Bowlby (1984), através da Teoria do Apego, propunha a visão do luto como um evento dinâmico, assim como Freud, quando se referia ao trabalho de luto. No entanto, discordava do pai da psicanálise quando ele sugeria o desinvestimento do enlutado na relação com o falecido, ao propor que a relação rompida com o ente querido através da morte, ao invés de ser abandonada, poderia ser transformada, adquirindo um novo significado para o enlutado, com vistas à sua elaboração.

Tendo nós, seres humanos, uma tendência inata para construir e manter vínculos com algumas pessoas, a ruptura dos mesmos (vínculos) provoca em nós, invariavelmente, uma experiência emocional de dor. Por vezes, esta dor vem acompanhada de reações perturbadoras e, muitas vezes, danosas à estruturação da personalidade quando a ocorrência da morte envolve fatores determinantes de processos mais profundos de dor.

Klass (1996) questiona a compreensão dominante no século XX acerca do processo de luto, que apresentava como uma de suas funções, a desvinculação do ente querido, ou, no linguajar do senso comum, o desapego do morto. Tendo em vista que essa não é a função do luto, podemos pensá-lo enquanto um processo de aprendizagem no qual o enlutando transforma o vínculo com a pessoa perdida, ressignificando-o e internalizando-o. Todavia, há que se salientar que a continuidade e permanência do vínculo com o falecido só favorece a elaboração satisfatória do luto após uma transformação a ser efetuada pelo próprio enlutado. Transformação na qual não deve remanescer nenhuma margem para dúvidas de que

a ausência física do morto é real e irreversível. Enquanto perdurar o anseio pela pessoa perdida em uma tentativa de recuperá-la, ou ainda, quando estão presentes sentimentos de tristeza profunda, raiva e culpa, temos um forte indicativo de que a relação vincular não foi transformada.

O que se ensejou, então, ainda com o feitio da mandala, foi que os sujeitos da pesquisa adquirissem a capacidade de dar um novo significado à relação com o ente perdido, integrando-o às suas novas concepções sobre o mundo. Essa relação permanente ocorre quando o enlutado estabelece uma representação interna do falecido e esta passa a integrar o seu mundo interno. Tal integração dar-se-á por intermédio de inúmeras interações simbólicas, dentre elas: a preservação dos valores compartilhados com quem se foi; a lembrança que é aguçada confortavelmente, trazendo segurança, ao se olhar fotografias; a adoção de posturas diante de determinadas circunstâncias da vida; a homenagem através de ações altruístas que o ente querido se estivesse presente fisicamente iria aprovar; e mais inúmeras outras possibilidades de interação que aqui não teria condições de elencar devido à sua grande variedade.

Worden (1998), integrando os conceitos de fases utilizados na Teoria do Apego e a afirmativa de Freud, sobre o processo de luto enquanto um extenuante trabalho de elaboração psíquica por parte do enlutado, apresenta o conceito de tarefas como um mecanismo favorecedor de maior compreensão acerca do processo de luto, sendo também de maior utilidade prática no set terapêutico. Para o estudioso, o conceito de estágios (Kübler-Ross) ou fases no luto confere uma percepção de passividade que em nada corresponde ao que, de fato, o enlutado é solicitado a fazer.

O luto é uma coisa que leva tempo. [...] o luto cria tarefas que precisam ser executadas e, embora isso possa parecer uma sobrecarga para uma pessoa no auge do luto agudo, com a ajuda de um conselheiro pode oferecer esperança de que algo pode ser feito e que há um ponto final. Este pode ser um poderoso antídoto para os sentimentos de desamparo que tem a maioria das pessoas enlutadas. (WORDEN, 1998, p. 51).

O conceito de tarefas de Worden (1998) serviu amplamente aqui nesta pesquisa como sustentáculo, na medida em que sua proposta de intervenção considera essencial a participação ativa dos enlutados na dinâmica de aprendizagem por eles vivenciada ao longo do árduo processo de transição psicossocial.

A Logoterapia (FRANKL, 2009) que se une a essa mesma linha de raciocínio, vem em meu auxílio quando busco trabalhar os sentidos que estão sendo produzidos pelos

sujeitos da pesquisa para bem viver, propondo a autorresponsabilidade e a busca de sentidos como antídotos para a evitação do que define como neurose noogênica.

Para Frankl (2009), as neuroses noogênicas, tem sua origem na incapacidade pessoal em encontrar um sentido para a vida e a ausência de um senso de autorresponsabilidade. Sendo estas decorrentes de frustrações existenciais, as neuroses noogênicas distinguem-se das neuroses psicogênicas por não originarem-se na dimensão psicológica do ser como decorrência de conflitos entre impulsos e instintos, e sim na dimensão do seu existir.

Tendo em vista que para a logoterapia certa dose de sofrimento é aceitável como normal, não sendo caracterizada como um evento de natureza patológica, e sim como oriundo de uma insatisfação do existir, propõe-se que, ao invés de camuflar o evento com medicamentos, o trabalho realizado com quem está passando por uma crise existencial seja a condução dessa pessoa pelos meandros da angustia, incentivando o seu crescimento e desenvolvimento apesar e a partir dela. Assim, destaco:

A logoterapia considera sua tarefa ajudar o paciente a encontrar sentido em sua vida. Na medida em que a logoterapia o conscientize do logos oculto de sua existência, trata-se de um processo analítico. Até esse ponto a logoterapia se assemelha a psicanálise. Entretanto, quando a logoterapia procura tornar algo novamente consciente, ela não restringe sua atividade a fatos instintivos dentro do inconsciente do indivíduo, mas se preocupa também com realidades existenciais, tais como o sentido em potencial da sua existência a ser realizado, bem como sua vontade de sentido. Qualquer análise, porém, mesmo que se abstenha de incluir a dimensão noológica no seu processo terapêutico, procura tornar o paciente consciente daquilo por que ele realmente anseia na profundidade do seu ser. A logoterapia diverge da psicanálise na medida em que considera o ser humano um ente cuja preocupação principal consiste em realizar um sentido, e não na mera gratificação e satisfação de impulsos e instintos, ou na mera reconciliação das exigências conflitantes de id, ego e superego, ou na mera adaptação e no ajustamento à sociedade e ao meio ambiente. (FRANKL, 2009, p. 127-128).

A busca de sentido tem início quando a pessoa consegue se orientar para um alvo no futuro, conseguindo se visualizar para além da condição na qual ela supõe estar presa no momento presente. Sem dúvida alguma, ser capaz de projetar um alvo no futuro é algo habitualmente natural quando nos encontramos em condições favoráveis, até porque, projetar-se no futuro é uma característica eminentemente humana. No entanto, é sabido que quando as percepções estão seriamente comprometidas, desencadeando uma total ausência de perspectiva, com bastante frequência inviabiliza-se o vislumbre de qualquer futuro por mais simples que seja, ainda mais sendo ele auspicioso.

O processo de transição psicossocial no qual o enlutado é solicitado a rever seu mundo presumido, reavaliando suas crenças obsoletas, o conduz a oportunidade de encontrar os porquês que, até então sem respostas, o enclausuram em uma condição de impotência angustiante. O modelo do processo dual de luto, sendo a essência da transição psicossocial, viabiliza que na alternância da orientação voltada para a perda e da orientação voltada para a restauração, o enlutado se aproprie de suas emoções mais dolorosas, dando a elas um sentido impulsionador de ações mais ajustadas a sua nova realidade. Por vezes, essas ações não se restringem a serem catalizadoras de mudanças somente na vida de uma pessoa específica, assumindo uma proporção vultosa, geradora de mudanças inauditas na vida de muitas pessoas.

Frankl (2009, p. 101) utiliza uma frase lapidar do filósofo Nietzsche que define muito bem o que ele entende pela busca de sentido, permeada de autorresponsabilidade: “Quem tem por que viver pode suportar quase qualquer como”. Portanto, o autor esclarece, reportando-se ao período em que viveu nos campos de concentração e, referindo-se aos prisioneiros que lá se encontravam, que a medida que eles se davam conta dos “porquês” de suas vidas e do alvo que miravam no futuro, conseguiam estar “à altura do terrível ‘como’ da existência presente”.

É essa compreensão que guia parte desse trabalho com os sujeitos da pesquisa que se encontram em um processo de luto. Eles ainda têm em suas mãos a última liberdade humana, que é a capacidade de escolha de como conduzirão e atuarão em meio a um processo doloroso de perda.

A dor, nesse panorama de perda, assume duas funções complementares. Em uma delas, na qual o modelo do processo dual de luto, essência da teoria de transição psicossocial se presentifica, sua manifestação espontânea e livre de filtros possibilitará que o enlutado vá ao encontro de uma realidade irreversível que solicita sua assimilação para que posteriormente ocorra uma orientação para o futuro. E na outra função da dor, que realiza uma relação simbiótica com a primeira, é viabilizado ao enlutado o encontro de sentido, através da percepção do sofrimento como realização.

Sobre isto, o idealizador da logoterapia relata a percepção alcançada por todos aqueles, incluindo ele, que se davam conta de que seus sofrimentos desmedidos alicerçavam a célebre pergunta: o que eles tinham para dar a vida?

Uma vez que se nos revelava o sentido do sofrimento, também nos negávamos então a ficar desfazendo ou minimizando o volume de sofrimento que havia no campo de

concentração, seja reprimindo-o ou iludindo-nos a respeito do mesmo com um otimismo barato ou artificial. Para nós também o sofrimento passara a ser uma incumbência cujo sentido não mais queríamos excluir. Para nós ele tinha revelado seu caráter de conquista [...]. Havia muito sofrimento esperando ser resgatado por nós. Por isso era também necessário olhar de frente a situação, a avalanche de sofrimento, apesar do perigo de alguém amolecer e, quem sabe, em segredo deixar as lágrimas correr livremente. **Não precisaria envergonhar-se dessas lágrimas. Eram o penhor de ele ter a maior das coragens – a coragem de sofrer.** (FRANKL, 2009, p. 104, grifos meus).

O não ter vergonha das lágrimas, reservando-se o direito de sofrer, não para se colocar no papel de vítima, mas de alguém que reconhecendo sua “Dor”, busca um sentido para ela, é a maior de todas as coragens. Coragem que, sendo peça fundamental de um quebra-cabeça chamado luto, será sempre requisitada, esperando do solicitado a seguinte resposta: eu estou aqui e a acolho para transformá-la.

Esse acolhimento e adesão à transformação impescindem de um desejo pela realização de algo que invariavelmente redicionará o enlutado para um sentido na sua existência, associada a um elevado senso de responsabilidade sobre si próprio. Responsabilidade esta que, mesmo reconhecendo que nós humanos nos tornamos o que somos devido a uma conjunção de fatores biopsicossociais e espirituais, ainda temos a liberdade de escolher o que fazer com o que nos tornamos. Para Frankl (2009, p. 155), nossa última responsabilidade: “Aquilo que ele se torna dentro dos limites dos seus dons e do meio ambiente – é ele que faz de si mesmo. [...] O ser humano tem dentro de si ambas as potencialidades; qual será concretizada depende de decisões e não de condições”. Afinal, uma das maiores capacidades humanas consiste exatamente na transcendência de toda uma conjuntura negativa e limitante, transmutando-a.

3.1.1 Os quatro tons da paleta de cores: Azul, Lilás, Vermelha e Amarelo

Passando agora para análise de resultados do ateliê biográfico de projetos, dividi-la-ei em sete blocos:

- 1) Relato dos aspectos do primeiro encontro com os sujeitos da pesquisa, apresentando minhas impressões iniciais, como também a perda que os motivou a fazerem parte deste trabalho;
- 2) Apresentação de fragmentos dos relatos dos sujeitos ao longo do feitiço da mandala reputados por mim como mais significativos neste processo;

- 3) Indicação dos possíveis estilos de padrão de apego estabelecidos por cada um deles com suas figuras cuidadoras, espalhando-se para suas relações sociais, e ainda, seus pressupostos básicos acerca do mundo que os permitem atuar nele com familiaridade e segurança, o indispensável mundo presumido;
- 4) Observação acerca da influência da relação destes sujeitos com a pessoa morta nos seus processos de lutos;
- 5) Observação do tipo de morte como um dos fatores determinantes do luto;
- 6) Apresentação dos possíveis aspectos de vulnerabilidade pessoal que permearam seus processos no que tange à perda;
- 7) Realização de um fechamento da atividade, elencando os pontos que pretendi trabalhar ao longo dessa primeira parte da pesquisa com o ateliê biográfico de projetos.

Posto isto, apresento a menina Azul, a menina Lilás, a menina Vermelha e o menino Amarelo com os percursos por eles seguidos.

3.1.1.1 Menina Azul

A menina azul tinha dezesseis anos no início da pesquisa, fazia o nono ano do ensino fundamental e morava com a avó materna, a mãe e dois irmãos mais novos. A principal fonte de renda era a aposentadoria da avó, pois nem sempre sua mãe conseguia trabalho. Na maior parte das vezes costumava trabalhar como empregada doméstica. O pai foi assassinado em uma chacina no dia nove de agosto 2015, provocada por disputas entre grupos oponentes de traficantes que atuavam na área em que ela residia e também estudava. Quando nos encontramos pela primeira vez, fazia cinco dias que o evento tinha ocorrido. Fui comunicada pela escola e prontamente me dispus a ter uma conversa com a ela a fim de auxiliá-la em um momento tão difícil, caso sentisse necessidade.

Nosso primeiro encontro foi na sala da diretora do colégio e transcorreu de uma forma muito tranquila. Azul relatou que parecia ainda não acreditar no que estava acontecendo. O pai ligava para ela todos os dias pela manhã e à noite e, no momento em que conversava comigo, ela ainda se pegava esperando uma ligação dele como se nada do que ocorreu, de fato, fosse real.

Acrescentou que não estava sofrendo em demasia porque não moravam juntos e ela o via apenas nos finais de semana. Indagada sobre a última vez que o viu, Azul lembrou que foi no dia dos pais (dois dias antes da sua morte) e que não foi um bom encontro. Seu pai estava bebendo e, por conta disto, ela resolveu ir embora com um amigo. Antes de subir na moto escutou seu pai pedir ao rapaz que cuidasse bem dela, pois ela era seu bem mais precioso. Azul relatou que neste último encontro seu pai deu bastante ênfase ao amor que sentia por ela ao longo de toda a conversa, chegando a deixá-la constrangida por não saber bem o que dizer na hora.

Disse estar muito confusa porque sempre achou que deveria amar mais sua mãe e sua avó pelo fato de ambas tê-la criado. Sentia-se culpada por amar o pai, mesmo achando que ele não merecia. Não achava justo gostar dele tanto quanto gostava da sua mãe, mas atualmente, após sua morte, sentia-se igualmente culpada por não ter dado a ambos a chance de um convívio mais intenso e sem defesas.

Em seguida, Azul leu para mim uma mensagem enviada para ela por um amigo logo após a morte do seu pai. Era uma mensagem longa, bonita e de consolo, dizendo para ela que o pai estava bem e que um dia iriam se reencontrar. Perguntei a Azul se a mensagem a havia confortado e ela assegurou que sim. Indaguei, então, se ela creditava no que estava escrito e ela disse que sim, sorrindo para mim.

Nossos encontros seguintes ocorreram de maneira igualmente amena. Ela sempre chegava serena, com um sorriso nos lábios, porém muito discreta e silenciosa. Falava bem pouco, somente quando indagada, era bastante observadora e apesar de não manifestar sua opinião acerca dos relatos dos outros três, demonstrava às vezes certa inquietação com algo dito, apenas franzindo as sobrancelhas.

Pareceu-me curiosa a ausência de demonstração de desejo em ser aceita pelos outros membros do grupo (sujeitos da pesquisa) que até então não a conheciam e eram bastante entrosados. Azul seguia tranquila, porém reservada, demonstrando se sentir confortável no lugar que havia ocupado no grupo, aparentando não fazer nenhum tipo de esforço para agradar os demais ou demonstrar algo que não condizia com a realidade.

3.1.1.2 Menina Lilás

Lilás estava com dezessete anos quando iniciamos a pesquisa, fazia o primeiro ano do ensino médio e morava em uma humilde residência com sua mãe, seus avós maternos, dois tios e seus dois irmãos mais novos, um menino de treze e uma menina de quinze. A aposentadoria dos avós e a pensão que a mãe recebia do pai eram os únicos recursos financeiros por eles acessados. O luto da Lilás era decorrente da morte do seu pai por homicídio aos trinta e três anos, um pouco mais de um ano antes do nosso primeiro encontro.

Lilás chegou antes de todos para o primeiro encontro, então conseguimos conversar rapidamente sobre coisas banais. Soube que estava no grupo em função da morte do pai, mas ela foi muito discreta e eu percebi que naquele momento não estava interessada em me fornecer maiores detalhes. Eu a respeitei prontamente, mas aproveitei a oportunidade para perguntar se ela conhecia os outros sujeitos da pesquisa e se conhecia o garoto do segundo ano do colégio em que estudam que havia sido assassinado há apenas um mês. Lilás afirmou que o conhecia de vista, pois apesar de não serem colegas estudavam no mesmo turno. Ademais, ele era muito popular entre todos por sua grande simpatia e habilidade no vôlei e futebol.

Em seguida, Lilás falou sobre a namorada do garoto morto e do quanto estava penalizada com sua situação, pois perder um namorado era algo que ela não conseguia nem imaginar. Ao ouvi-la dizer isso, fiquei me perguntando que critérios haveria utilizado para atribuir uma dor mais intensa pela morte de um namorado do que pela morte de um pai.

Minutos depois chegaram os outros membros do grupo e entramos na sala, finalizando nosso bate-papo.

3.1.1.3 Menina Vermelha

Vermelha estava com dezessete anos quando iniciamos a pesquisa, fazia o segundo ano do ensino médio e morava com sua mãe, a companheira da sua mãe e, indefinidamente, com o Amarelo, pois o namorado se dividia entre a residência de sua família e a dela. Sua mãe e sua madrasta (que ela chamava de mãe II) trabalhavam em uma farmácia e pareciam ter um poder aquisitivo e um nível de instrução maior do que os pais dos outros três sujeitos da pesquisa, visto que ambas cursavam administração em uma faculdade particular. Vermelha também mencionou que cursou todo o ensino fundamental em uma escola privada, que apesar de pequena era considerada melhor do que os colégios públicos da região.

Vermelha namorava o Amarelo há mais de um ano, eram muito entrosados e aparentavam cultivar certa dependência um pelo outro. Sempre estavam juntos e carregavam no pescoço parte do símbolo do Tao que somente quando reunidos adquiria o aspecto original de unidade.

O motivo que a levou a participar da pesquisa em questão foi o luto pela perda de um colega de classe que havia sido assassinado, aos dezessete anos, no mês anterior, em decorrência de um mal entendido provocado pela namorada de um traficante da região. A morte do jovem e promissor rapaz pegou toda a comunidade de surpresa, especialmente a escolar.

Meu primeiro encontro com Vermelha aconteceu no dia em que iniciamos o feitiço da Mandala e a mesma chegou atrasada e junto com o menino Amarelo. Logo, não tivemos oportunidade de conversarmos sozinhas. O que pude apreender de maneira superficial, a partir do seu comportamento em sala, é que Vermelha falava demasiadamente e de uma forma meio aguerrida, como se precisasse se defender a todo momento, também aparentava estar sempre com um certo mal humor. Ao longo dos encontros, outra característica muito marcante da Vermelha era que apesar dela falar muito, chegando a interferir nos relatos da Lilás e do Amarelo, quando chegava o momento dela falar sobre as suas pinturas, evitava falar de si, oscilando entre dois posicionamentos bem distintos: em um deles agia como quem não tinha o que dizer, com fisionomia de enfado, tornando-se, assim, monossilábica e suspirando bastante como se estivesse incomodada; e, no outro, falava excessivamente. Esse falar excessivamente sempre ocorria quando Vermelha fazia uso de personagens para falar de algo que a ela dizia respeito e seus relatos sempre transcorriam de uma maneira meio descoordenada, alinear, como se não tivessem começo, meio e fim.

3.1.1.4 Menino Amarelo

Amarelo estava com dezesseis anos quando iniciamos a pesquisa, fazia o primeiro ano do ensino médio e morava em uma pequena residência com seus avós maternos, que eram seus pais adotivos, e mais outros três tios com seus respectivos cônjuges e filhos. Assim, moravam em uma mesma casa, em média, quatro famílias. Isso perturbava muito Amarelo, que se queixava de não ter privacidade, em função do número reduzido de cômodos para a quantidade de pessoas que neles habitavam. Por essa razão, ele passava mais tempo na casa da

Vermelha do que em sua própria casa. Ademais, afirmava que sua relação com a namorada era muito estreita e intensa, inviabilizando que ficassem separados por um tempo mais longo.

Recordo-me bem do primeiro dia em que vi o menino Amarelo. Eu tinha ido a sua sala para convidar os alunos para participarem da pesquisa e, sabendo que um mês antes eles tinham vivenciado a tragédia da morte do Maicon, enfatizei que a participação deles seria muito importante. Amarelo, estava sentado em uma cadeira logo na frente e me fez duas perguntas: na primeira quis saber se eu pretendia fazê-los chorar e na segunda quis saber se o luto pelos animais também seria contemplado. Quanto à primeira pergunta, expliquei-lhe que meu desejo era de conversar com eles sobre seus sentimentos, se seriam de dor ou não eu não teria como prever, mas estaria próximo deles para acolhê-los e ajudá-los da melhor maneira possível. No que concernia à sua segunda pergunta, disse-lhe que apesar do luto por animais de estimação merecer todo o meu respeito, pois eu mesma já tinha vivenciado vários por amar animais, na pesquisa em questão, que seria realizada na escola, minha pretensão era trabalhar somente com o luto por seres humanos.

No nosso primeiro encontro para o feitio da mandala, Amarelo chegou acompanhado da Vermelha e já um pouco atrasados, por isso conversamos rapidamente sobre assuntos gerais antes de nos dirigirmos para a sala onde nossa atividade seria realizada.

Ao explicar como a mandala seria confeccionada, deparei-me com a dificuldade em cortar as partes de maneira simétrica para que ao final não houvesse dificuldades em encaixá-las. O Amarelo foi o primeiro a me apresentar alternativas, fazendo a medição e, posteriormente, um molde para que todos pudessem fazer uso dele ao longo do feitio do trabalho.

Ao longo desse primeiro encontro e dos seguintes, Amarelo foi se revelando para mim uma pessoa instigante pela forma polarizada de ser e atuar no mundo. Ao mesmo tempo em que parecia frágil, demonstrava uma força revestida de uma arrogância e desejo de controle que em um primeiro momento faziam ruir qualquer impressão anterior. Amarelo fazia questão de deixar muito evidente que era uma pessoa muito sofredora, em função de algumas situações específicas que se apresentaram em sua vida, mas seu discurso não coadunava com sua postura, fala e expressões corporais.

Levantando essa possibilidade não pretendo dizer que o mesmo não era detentor de sofrimentos, no entanto, os que ele apresentava pareciam não ser os reais, sendo utilizados apenas como subterfúgio para camuflar suas dores reais.

3.1.2 As mandalas: os ditos, os não ditos e os entreditos resvalados pela arte

Como dito anteriormente, as mandalas confeccionadas têm nove partes, incluindo o centro, representando o início de todo o processo. Além deste, elas são constituídas por três partes dedicadas às fases compreendendo dos zero aos sete anos, dos sete aos quatorze anos e, por último, a juventude, equivalente ao período compreendendo dos quatorze anos até a época em que a pesquisa foi realizada. As outras cinco partes são referentes às fotografias utilizadas como canal de comunicação acerca das suas percepções sobre a morte ocorrida; a carta à pessoa perdida; respostas do questionário utilizado para identificar os possíveis padrões de apego estabelecidos; cartografia do bairro; e, por último, reflexão e projeto de vida.

3.1.2.1 Menina Azul

O Centro

No centro da mandala Azul desenhou dois corações partidos e uma flor. Quando convidada a falar sobre sua produção que tinha como questão dizer quem era ela, declarou ser uma pessoa meiga, carinhosa, muito sensível e ao mesmo tempo com o coração fechado. Revelou que também se achava um pouco séria e um pouco fria, em decorrência de eventos que já ocorreram, mas também sensível, acreditando que havia muitas coisas que a faziam chorar. Disse que ao falar de si ou de algo costumava ser objetiva.

Nas suas relações sociais costumava tratar as pessoas da mesma forma com que era tratada. Se lhe ofereciam carinho e amor ela retribuía em dobro, caso contrário, ela se mantinha distante. Também disse que algumas pessoas a achavam séria, mas ela não se considerava assim, apenas se reservava o direito de não ficar rindo com o que achava desnecessário. E concluiu o relato afirmado que quando queria agradar uma pessoa e sentia que seu objetivo não tinha sido exitoso, obviamente ficava frustrada, mas não fazia dessa frustração um grande acontecimento, pois estava ciente de que: *“O amor que eu quero, o amor que eu preciso eu já tenho, então não vou buscar em outras pessoas que num querem dar aquele amor sincero, aquele carinho, então se eu já tenho dentro de casa ou com meus amigos, se a outra pessoa não quiser, eu não preciso”*.

Primeira infância (0 – 7 anos)

Azul, relatou que só tinha lembranças boas dessa fase, considerando-se uma criança muito feliz. Disse ter aproveitado muito, brincado muito, e lembra-se de estar sempre cercada por outras crianças, primos e amigos. Evidenciou muitas vezes, ao longo do relato, o quão era unida a seus primos. Também teve a oportunidade de se sentir muito amada pelo pai e pela avó paterna que faziam tudo por ela. Quando essa última faleceu, ainda no período dos zero aos sete anos, Azul não tem lembranças de sofrimento, atribuindo ao fato de que era muito pequena e não compreendia o que tinha ocorrido. Mas sentiu muito a sua falta porque costumava estar com a avó paterna todos os finais de semana e era a própria quem a levava de volta para casa.

E assim, Azul continuou a falar da sua feliz infância, afirmando que teve todo o carinho e amor que precisava por parte da sua mãe e de toda a família e continuava sendo assim até hoje, ainda que muitas vezes algumas pessoas não conseguissem demonstrar sentimentos de afeto por ela, como no caso da avó materna, não remanescia qualquer tipo de dúvidas de sua parte de que era muito amada também pela avó. Azul também assumiu às vezes não demonstrar o amor que sentia: *“O meu tio, o meu padrinho, eu amo meu padrinho completamente, só que eu não demonstro. A minha avó é tudo para mim, é minha segunda mãe, mas eu não demonstro. A minha tia que eu tenho ela como uma mãe também, eu amo a minha tia, eu amo muito a minha família, mas eu não sou de demonstrar. Eu sou como a lua...de fases... é... quando eu sinto a necessidade de demonstrar, de conversar sobre tudo aquilo que estou sentindo no momento eu falo”*.

Segunda infância (7 – 12 anos)

Sobre essa fase, Azul lembrou que foi criada com muito zelo e, por conta disto, não tinha muitas oportunidades de sair de casa. No entanto, era tão bom para ela estar em casa com os primos que não sentia a menor necessidade de estar fora de casa, brincando com outras pessoas. *“Eu nunca sentia falta. Mas por que eu não sentia falta? Porque eu tinha quem eu precisava perto de mim... eu tinha minha prima e meu primo. Porque eles dois fizeram parte da minha infância toda, foram como irmão”*.

Com o passar do tempo, à medida que ficou maiorzinha, Azul adquiriu o direito de brincar na rua, conheceu novas pessoas e, por volta dos doze anos, ia todas as noites brincar na rua com seus primos e amigos. No turno da manhã e da tarde se dividia entre sua

casa e a escola e, à noite, todos os dias, lá estava ela brincando na rua. Sua felicidade ao recordar tais momentos era tão nítida que quase fazia com que nós ouvintes nos sentíssemos também participantes desses momentos idílicos.

Em seguida, Azul começou a falar do pai, dizendo que nesse período ele foi embora com a atual esposa para um outro lugar não tão próximo de onde ela morava, voltando depois de um certo tempo. Perguntei como a ausência do seu pai era sentida nesse período, e a mesma falou que fazia falta, devolvendo-me a pergunta: “*Qual pai não faz falta?*”.

E assim ela continuou: “*Eu lembro que no dia dos pais eu escrevia cartas da escola e entregava ao meu tio. [...] O vazio que eu sentia de não estar perto do meu pai eu tentava preencher com o meu tio e com o outro marido da minha tia. Eles me davam o carinho que eu precisava. Por isso eu não sentia tanta falta. Por isso, quando ele voltou aquele vazio já estava sendo preenchido e quando ele foi querer preencher já estava preenchido. É tanto que dos meus zero aos sete anos eu era completamente apaixonada pelo meu pai, não podiam falar nada dele, eu era louca pelo meu pai. Sempre quando eu o via eu chorava, abraçava, eu não queria sair de perto. Agora dos sete aos doze eu fui me distanciando mais, aquele vazio já estava preenchido por outras pessoas... a minha mãe... a minha avó... o meu tio*”.

Juventude (12 – 16 anos)

Azul deu ênfase nesta fase à morte do pai. Iniciou dizendo que devido ao fato de ele ter se envolvido com pessoas erradas e ter sido preso quando ela ia fazer quinze anos, acabaram passando um ano sem se ver. Todavia, seu pai sempre demonstrou ansiar muito por sua visita, mas ela rejeitou essa possibilidade por um longo tempo por não desejar vê-lo em tal situação. Após um ano, sua mãe, pessoa que sempre se esforçou para cultivar a relação entre ambos, marcou uma visita social e os dois, enfim, se reencontraram. Só que entre eles havia uma grade que viabilizava apenas que se tocassem com as mãos. Eles choraram bastante, chegando a comover o guarda que, burlando as regras, permitiu que eles se abraçassem.

Dando continuidade à pintura dessa fase, Azul desenhou o pai livre, morando na casa da irmã, no dia em que se encontraram pela primeira vez após ele ter sido liberto. Foi nessa fase que o pai da Azul voltou a procurá-la. Ela conta que ele demandava dela um afeto que naquele momento ela não tinha condições de oferecer, em virtude do longo tempo em que

ficaram afastados. Ainda assim, ela relembra que o reencontro entre ambos foi muito bom. Ao lado, fez o desenho ilustrando o último dia em que se encontraram, um domingo, dia dos pais. E, por fim, desenhou o dia em que soube que o pai morreu. Disse ter recebido a notícia quando chegou ao trabalho.

Ao indagá-la se sabia que o pai estava envolvido com o tráfico, a resposta foi afirmativa, porém lacônica: “*Unhum*”. Aproveitei a oportunidade de ela ter tangenciado o assunto para me alongar um pouco mais. Sendo assim, perguntei se ela tinha noção de que estando ele envolvido em uma atividade muito arriscada estava naturalmente mais suscetível a sofrer uma morte trágica. Azul disse que sim, todavia não esperava que fosse tão rápido. Porque ela disse que do instante em que ele se envolveu com o tráfico até o dia da sua morte, tudo transcorreu velozmente, ao contrário do que acontecia com outros que passavam a vida toda envolvidos com o tráfico e nem por isso morriam.

Neste momento Azul se alongou descrevendo o temperamento do pai como muito amável, não fazendo mal nem a um animal. Em vista disso, ela pensava que se ele não fazia mal a ninguém, estaria de alguma maneira blindado contra a morte.

Ainda refletindo sobre o temperamento do pai, Azul falou que “*ele não era uma pessoa totalmente boa*”. Ela sentia que ele era bom, mas ao mesmo tempo não era. Azul resolveu através de um exemplo tornar sua explanação mais compreensível, então ilustrou com o caso de uma pessoa que é boa, mas que opta por não demonstrar sua bondade em retaliação a um mundo que não foi nada bom com ela, tornando-se “*azeda*”. Afirmou que infelizmente não deu tempo dele demonstrar o amor e o carinho que ele portava consigo, mas fez questão de enfatizar que com ela ele sempre foi bem diferente, sempre muito carinhoso e amoroso.

Entendendo que o processo de luto é perpassado por momentos de raiva, especialmente quando o motivo da morte é violento, indaguei se sentia raiva de quem o matou. Azul disse que, sendo bem sincera, sentia sim. De acordo com as informações que obtive, as cinco vítimas, incluindo o pai, foram assassinadas pela “*polícia corrupta... gente corrupta, sem coração. Porque isso não é polícia*”.

Mas, por um lado, se havia certo ar de revolta permeando os sentimentos da Azul, em contrapartida, percebia que ela havia encontrado uma justificativa alentadora através da ideia da justiça divina, alegando que colhemos tudo o que plantamos ainda aqui nesse plano. Para ela essa premissa era válida tanto para os policiais quanto para seu pai. Os policiais ainda pagariam pelo que fizeram, da mesma forma que seu pai pagou pelos seus erros.

Retornando à questão da raiva, Azul esclareceu que o que ela sentia pelas pessoas que mataram o seu pai não podia ser caracterizado como raiva, e sim como dor, mágoa e ressentimento. Raiva ela disse não sentir porque se trabalhava no sentido de não acolher tal emoção. Apesar da dor imensa com a perda de quem se foi, e do choro intenso, no frígido dos ovos quem iria acabar sofrendo mais com o desfecho de toda essa história seria a família de quem tirou a vida de alguém.

Azul concluiu a explicação sobre essa fase da vida, referindo-se à relação com seu pai, com as seguintes palavras: *“Nosso amor era uma flor murcha que estava revivendo. É tipo... dos meus zero aos sete anos a flor já estava completamente linda, aí com a ausência ela foi murchando, aí quando ele voltou ela começou a ser regada e foi crescendo, mas aí teve um rompimento”*.

Fotografias comunicando a percepção acerca da perda

Azul tirou apenas uma fotografia na qual quis representar a imagem de onde o pai morava. Não fotografou exatamente o lugar, pois sua intenção era apresentar uma espécie de mapa do caminho a se trilhar para se chegar a casa dele. Perguntei pela pintura marrom cercando-a e a mesma fundamentou que apesar dessa cor estar em torno de uma fotografia que ela considerava dolorosa, quando a pintou desejou que ela representasse a natureza. O coração pintado ao lado, explicou, representava o amor e o afeto que nutria por ele, pois em nenhum momento quis expressar somente dor, já que também existia amor.

Perguntei se essa tinha sido a morte que ela considerava maior causadora de impacto na sua vida e a resposta foi afirmativa, pois antes dela recordou somente da morte da avó, quando ainda era bem pequena, mas que não chegou a causar sofrimento, apenas saudades. Ademais, enfatizou que o fato do pai ter morrido há apenas um mês a deixava ainda mais vulnerável.

Indaguei se pensava na morte no dia a dia ou se esse evento era algo que ela evitava pensar e Azul respondeu que pensava, sim, na morte e que tinha consciência de que ela poderia chegar a qualquer momento. Compreendia que estava viva, mas que no dia seguinte poderia não estar. Nesse momento achei oportuno questioná-la se a compreensão que ela tinha da morte influenciava na maneira como conduzia sua vida. Azul afirmou que essa percepção da morte só ocorreu após a perda do seu pai, e pôde concluir com ela que o hoje teria que ser vivido intensamente porque o amanhã não existia, sendo somente uma

possibilidade, podendo nunca chegar. Assim, estava aprendendo não só a aproveitar cada segundo, como também a valorizar as pequenas coisas.

Por fim, indaguei se tinha a percepção do papel que exerceu na morte do pai e se havia se sentido confortável nele. No caso da resposta ser negativa, que papel gostaria de ter exercido? A essa questão, Azul respondeu que se viu em uma posição imposta pelas pessoas de uma filha jovem que deveria ser poupada e não se sentiu confortável porque ela gostaria de ter visto o pai morto, para acreditar no que tinha ocorrido. Gostaria de tê-lo visto na hora em que tudo aconteceu, mas a mãe e a avó materna a pouparam. Ela ainda tentou visualizar as imagens registradas em um blog que noticiava ocorrências policiais, mas alguns amigos tiraram o celular das suas mãos.

Recentemente, Azul, finalmente conseguiu ver as fotos e afirmou que não conseguia definir se sua atitude tinha sido benéfica ou não, no que tangia ao processo de luto pelo qual estava passando. Só pôde afirmar que foi bastante doloroso, mas por outro lado ela sentia necessidade de ver que realmente era verdade, pois ainda hoje, em alguns momentos, chegava a duvidar. Contou que dois dias antes do nosso encontro ela passou o dia na casa da tia (irmã do pai) e lá tudo evocava a lembrança dele e talvez pelo fato deles terem passado tanto tempo longe um do outro, ela passou a ter a nítida impressão de que qualquer dia ele iria voltar ou ligar para ela.

Sobre a saudade, Azul falou que ainda não sabia lidar com ela, mas quando a sentia procurava olhar fotos, ler mensagens que ele enviava para ela e ficar em um lugar onde conseguisse ouvir o que ele sempre falava enquanto esteve vivo.

Carta à pessoa perdida

“Pai, minha vida mudou muito desde o dia em que você partiu, aprendi a lidar com a dor, aprendi a suportar a saudade e também e também aprendi a amar mais. Tentei me sentir mais próxima de você para lidar com a perda, todos os dias olho suas fotos e lembro de cada palavra que me falava e só assim acalmo o coração e vejo o quanto me amava e ainda me ama.

Acredito que está a caminho da felicidade, a caminho da paz, tudo o que eu mais quero neste momento é que você seja a pessoa mais feliz desse mundo de onde estiver. Mudei muito a forma de ver a vida, agora vejo que tenho que aproveitar a vida como se não existisse o amanhã, aprendi que tenho que dar valor a cada coisinha, sendo ela pequena ou

grande. Sim, hoje dou valor à vida e às pessoas que amo. Sinto sua falta. Sinto tua presença nas horas tristes até as mais alegres.

Meu amor, meu mais lindo e sincero amor sempre. EU TE AMO!”.

Cartografia do Bairro

Azul tirou três fotografias para apresentar seu bairro. A primeira a qual fez referência, foi a da fachada da escola onde estuda, dando ênfase a sua importância na sua vida e no seu desenvolvimento como pessoa. Mencionou o quanto foi acolhida por todos nesse momento de dor, sem sentir, em nenhum momento, que a forma como o pai morreu estava sendo julgada. Gostaria muito que essa escola recebesse mais incentivos do que já vinha recebendo, com o intuito de proporcionar a um maior número de jovens a oportunidade que ela estava tendo, além de ampliar sua oferta em termos de projetos que tanto beneficiavam os alunos e a comunidade.

Nas outras duas fotografias, Azul fez imagens parecidas para apresentar uma situação paradoxal. Apesar de ela morar em um lugar que, em certos aspectos, é considerado privilegiado pela proximidade do mar e pela linda paisagem que é presenteada aos moradores, por outro lado, esse mesmo lugar serve de depósito para o lixo de toda a comunidade, formando entre as casas e o mar uma barreira tóxica que não somente inviabiliza a fruição das suas belezas, como também provoca mal estar com o mau cheiro e a insalubridade.

Em virtude dessa condição aviltante, Azul pretendia pedir aos investidores internacionais que fizessem alguma coisa pela população local, despertando a responsabilidade socioambiental individual e coletiva sobre o lixo, e ainda, cobrando do poder municipal uma atuação mais efetiva na área, realizando a coleta do lixo.

Projetos de vida

Azul disse ser a aprovação no Enem sua maior prioridade para 2016. Para isso ela teria que se dedicar de uma maneira mais intensa aos estudos, dando-lhes prioridade, colocando em segundo plano outras atividades que não estivessem diretamente relacionadas a esse propósito. Evidenciou também que tudo o que não fosse considerado por ela como algo positivo seria deliberadamente afastado de sua vida.

O segundo ponto exposto no seu projeto de vida foi o desejo de fortalecer a união familiar através da paciência e do aproveitamento de oportunidades em que todos pudessem aproveitar algo juntos. Como desdobramento dessas escolhas ela previa a emergência de mais amor, felicidade e integração.

O terceiro ponto ilustrado por Azul dizia respeito ao aspecto financeiro de sua vida. Nesse sentido, ela esclareceu que com a experiência adquirida no período em que trabalhou, atualmente se conduziria de uma maneira mais amadurecida, empregando seu dinheiro de forma mais adequada, e também ajudando mais a família.

Azul também desenhou um relógio e uma ampulheta com areia, representando o tempo e a paciência que ela determinou como meta. Apesar de mal ter começado o ano de 2016, Azul já desejava muito que chegasse o ano de 2017 para rever o rapaz que conheceu na passagem do ano e com o qual iniciou um namoro à distância.

Respostas referentes ao questionário (apêndice B) com perguntas relativas a questões familiares

Azul falou que da mãe e da avó nunca esteve afastada, mas do pai chegou a ficar afastada algumas vezes, uma delas chegou a durar um ano e sentiu muitas saudades e falta dele nesses períodos. Inclusive, ela acreditava que, de certa forma, tinha sido abandonada pelo pai quando ele casou, passando um tempo sem dar notícias. Perguntei como reagiu a isso, e ela respondeu que ficou muito triste e magoada, sempre lembrando-o que foi em virtude desse abandono que passou a tratá-lo com frieza.

Sobre características que considerava positivas e negativas nos pais, disse que se incomodava com a falta de paciência da mãe e com a ausência de diálogo entre ambas. Mas, em contrapartida, a achava alegre e sincera. Quanto ao pai, o considerava uma pessoa teimosa, visto que ele não costumava ouvir ninguém. Mas mencionou que o amor que o pai demonstrava sentir por ela a comovia. Apesar de todas as demonstrações de amor do pai nos últimos tempos, e até do seu comportamento permissivo, Azul atribuía a segurança que tinha de que era amada aos cuidados que sempre recebeu da avó, tios, primos e especialmente sua mãe. Às vezes se desgastava e se sentia sufocada com o comportamento protetor da mãe, mas a compreendia porque atribuía esse comportamento temeroso ao fato dela ter sofrido muito na juventude, não desejando que ocorresse o mesmo com a filha. Ainda acrescentou que ao

pensar na possibilidade de perda de um ente querido, sempre temeu mais pela perda da mãe, pois imaginava que sem a sua presença constante seu mundo desabaria.

O mundo para Azul nunca foi um lugar assustador, ainda que seus pais a alertassem para o fato de que as pessoas nem sempre eram como pareciam ser, isso não a amedrontava, pois atribuía essa percepção dos pais acerca do mundo ao fato deles terem sofrido muito no passado. Desta maneira, Azul era cautelosa e avaliava as pessoas antes de confiar inteiramente nelas, mas nem por isso deixava de ter um amplo círculo social. Em sala de aula se considerava pouco falante, mas fora dela, entre os amigos, sempre foi expansiva, tagarela e brincalhona, sempre procurando fazer coisas que a deixavam alegre, ficando na companhia de pessoas que a confortavam e que passavam confiança.

3.1.2.2 Menina Lilás

O Centro

Lilás desenhou um círculo com um ponto no meio ao qual se referiu como sendo uma sementinha que seria ela e que a fazia se sentir privilegiada por existir, após ter vencido inúmeros obstáculos para estar no centro. Tal conquista havia ocorrido em virtude da sua coragem, esperteza e rapidez. Pedi, então, que falasse da Lilás hoje, a Lilás que havia se formado a partir desse núcleo central. E assim, Lilás deu prosseguimento afirmando se sentir uma pessoa corajosa, pois ao parar para refletir sobre o que já fez na vida, nem acreditava que tinha conseguido tanta coisa. E assim prosseguiu:

“Às vezes a pessoa olha para o passado e fica pensando assim: valha, fui eu que fiz isso tudo? Aí assim... eu me sinto uma pessoa guerreira. Antigamente eu me sentia fraca, eu tinha baixa estima, eu me isolava das pessoas. Hoje em dia não, eu pude me observar e vejo que realmente eu sou uma guerreira por ter passado por vários problemas e por até hoje eu estar aqui”.

Primeira infância (0 – 7 anos)

Lilás desenhou um mar com peixinhos e um barco porque esse era o local onde mais gostava de estar junto ao pai quando ainda era criança. Ela contou que gostava muito do mar por causa da sua cor que muito a tranquilizava, mas que também a deixava curiosa

porque o via azul, mas quando colocava um pouco da água dele em suas mãos seu tom azul sumia, adquirindo uma transparência incompreensível para ela que por vezes a deixava triste. No entanto, logo a tristeza era dissipada pela visão dos peixinhos e do céu. *“Era uma tranquilidade muito boa. Tempo muito bom”*, disse ela.

Em seguida, Lilás olhou para uma faixa escura e titubeou um pouco antes de dar continuidade ao seu relato, dizendo que não gostava muito de lembrar a experiência que tal pintura representava porque foi uma fase de muitas dificuldades para ela, fazendo-a desejar esquecê-la, lançando-a para bem longe dali. Seu desejo maior era que o mar que tinha pintado um pouco antes fosse capaz de puxar o sofrimento dessa lembrança para as suas profundezas.

Indaguei se esse momento de dor interferia no que ela era atualmente e na forma como conduzia sua vida, obtendo como resposta que não interferia, mas que era muito difícil lembrar. *“Quando eu me lembro não me faz bem. Porque por mim eu sinto que minha infância a partir daí foi perdida. Foi uma infância perdida... eu devia ter aproveitado... infância é para a criança ter que brincar, a criança tem que receber carinho, amor, atenção. Eu não recebia atenção a partir daí... acho que eram os meus seis anos. A partir dos meus seis anos de idade eu não recebia muita atenção. Eu só recebia do meu pai. Aí nesse tempo me deixaram sozinha demais. Aí aconteceu, né? O inimigo aproveitou a oportunidade e aproveitou para abusar de mim. Mas ainda bem que eu não deixava fazer algo pior comigo... eu não deixava. Aí foi assim o tempo que eu sofria abusos, né? Eu me sentia muito, assim, um nada. Eu via as outras crianças brincando, recebendo atenção e eu não recebia. Estava me sentindo um lixo... aí foi o pior... foi o pior dia da minha vida. A pior idade que eu já tive, foi sete anos. Aliás alguns gostam dos sete, mas eu não gosto assim... por causa disso”*.

E assim, Lilás contou que tinha sido *“abusada”* por um tio, irmão da sua mãe, que ainda hoje mora na mesma casa que ela. Quando ele bebia ficava violento e, naquele período, acabava *“abusando”* dela. Depois disso, ela passou a cobrir o corpo o máximo que podia e até hoje ficava muito constrangida ao ter que passar pela frente de pessoas do sexo masculino.

Não tenho condições aqui de detalhar de que forma esses abusos se deram porque não perguntei. Optei por poupá-la, por achar que me estender muito sobre esse assunto, na ocasião, poderia ser por demais invasivo. Mas deixei uma porta aberta para que ela me procurasse caso achasse necessário. De fato, Lilás sempre me procurou para desabafar sobre conflitos cotidianos, porém nunca mais tocou neste assunto, mesmo quando se referia aos tios.

O desenho seguinte consistia em pontinhos que representavam areia. Lilás contou que esse foi um dia muito especial porque foi o dia em que ela ganhou uma estrela do mar do

seu pai e guardou-a por muito tempo pendurada na parede. Mas certo dia a querida estrela acabou quebrando devido à ação do tempo.

Mais à frente, Lilás falou do coração pintado como a mais pura ilustração do amor que ela sentia pela vida e gratidão por ter recebido atenção da tia que a levou ao parque junto com seus primos. Ela relembrou que esse foi o dia mais feliz da sua vida. Na época devia ter por volta de nove ou dez anos e foi a primeira vez em que comeu maçã do amor e também brincou na minhoquinha. *“Eu gostei muito. Foi... tipo... a minha infância perdida recuperada. Foi nesse parque. Eu me senti amada, entendeu? Eu voltei a recuperar minha infância. A vida ela não é completamente perfeita, né? A vida tem momentos ruins e tem momentos bons, né? É assim a vida do ser humano. Não tem ninguém que tenha uma vida perfeita... vida só de alegria... de abundância”*.

Dando continuidade aos momentos em que se sentiu feliz, Lilás falou da chuva por ela pintada como lembrança de um momento bastante prazeroso compartilhado com seus irmãos em que todos brincaram na bica e tomaram banho de chuva.

Segunda infância (7 – 12 anos)

Na parte da mandala referente a esta fase da vida, Lilás optou por falar primeiro do desenho da bicicleta no qual ela e seu pai estavam incluídos. Contou que nestes passeios de bicicleta que ambos adoravam fazer, ela era levada para um lugar que não lembrava o nome e lá se reuniam com os amigos do seu pai que conversavam e o escutavam tocar violão. Lilás disse que uma das músicas prediletas do seu pai era Faroeste Caboclo, do grupo musical Legião Urbana. Também lembrou que seu pai dizia que queria morrer aos trinta e três anos como Santo Cristo. De fato seu pai morreu aos trinta e três anos.

Em outro desenho Lilás falou do quanto gostava de brincar, subindo e descendo, em uma escada verde com um tom bem forte. Depois mostrou o local onde funcionava uma locadora onde o pai costumava levá-la para alugar o filme que desejasse. O primeiro filme que ela escolheu para assistir foi Coraline que contava a história de uma menina que tinha o cabelo curto, era azul e usava roupas bastante coloridas. Lilás adorava os desenhos animados com essa personagem. Também desenhou um local onde ela e o irmão brincavam de vídeo game.

Com outro desenho aproveitou para relatar um passeio da escola para o Teatro José de Alencar. Lilás gostava do local porque era bem colorido, todavia foi surpreendida

pela altura do palco e teve medo de cair de cima dele. Foi lá que ela conheceu a história da bailarina e do fantasma.

Mais adiante me mostrou a pintura de uma praia onde ela e o irmão, deitados na areia, brincavam de fazer asinhas. Sempre que lembrava passeios que tinham o mar como principal referência, Lilás sorria com satisfação e demonstrava seu apreço por ambientes aquáticos.

Por último, Lilás citou um passeio em família ao Dragão do Mar, onde ela, seus pais e seus irmãos foram ao planetário, ao cinema e ainda tiraram uma fotografia que ela infelizmente nunca mais encontrou.

Juventude (12 – 17 anos)

Lilás confidenciou que aos doze anos era uma pessoa muito trancada e, em função das inúmeras mudanças físicas e mentais decorrentes dessa fase, optou por guardá-las somente para si, não conversando com ninguém e mantendo-se calada. Nessa época sua mãe havia dado de presente um diário, e era nele que ela escrevia tudo o que acontecia, motivo que a levou a desenhar um cadeado como símbolo representativo dessa sua fase de vida.

Aos treze ela lembrou o grande carinho que nutria por sua cachorrinha Capitu e seu gatinho e o quanto sofreu com a perda de ambos. Os quatorze anos Lilás definiu como a flor da idade e, por isso, desenhou uma flor ilustrando essa fase de muitas mudanças, diversão e alegria. E assim, lembrou que foi neste período que ela começou a se soltar, a ter mais coleguinhas e a frequentar o banheiro da escola para se maquiar e pentear os cabelos. Dessa época, três anos atrás, só manteve amizade com apenas uma das meninas que era já naquela época com quem mais conversava.

Os quinze anos foi acompanhado por esse mesmo ritmo de animação, mas também com um toque de romantismo, pois Lilás namorou pela primeira vez. O namoro foi rápido, mas, segundo ela, foi uma boa experiência.

Quando chegou aos dezesseis, Lilás revelou que vieram muitas tristezas devido a ocorrências no meio familiar, mas também momentos agradáveis, a exemplo do seu aniversário em que a decoração foi na sua cor predileta, com balões e bolo liláses. Sobre os eventos dramáticos, ela citou a morte do pai por homicídio. Disse que tudo ocorreu numa sexta-feira, às vinte e duas horas, ela já estava dormindo quando foi despertada pelo choro convulsivo da mãe. Imaginou, então, que a mãe estava sentindo alguma espécie de dor e ao

indagá-la sobre o motivo de tamanha tristeza, obteve não da sua mãe e sim da vizinha a resposta: “*Lilás... teu pai Lilás*”. Lilás falou que somente com o olhar e aquelas poucas palavras entendeu rapidamente o que tinha acontecido e entrou em um estado de choque. A partir de então se sentiu estranha e não conseguiu falar mais nada até o dia seguinte.

Com a morte do pai a rotina familiar foi modificada e Lilás passou por um período de rebeldia, especialmente com a mãe. Revelou que sem o pai em casa o estresse aumentou. Neste período ela passou a estudar no colégio onde estava sendo realizada a pesquisa e, apesar de ser inibida e ter poucos amigos, sentia-se muito bem em estar frequentando-o.

Sobre essa inibição, Lilás comentou que sua mãe chegou a pensar em levá-la a um psicólogo, porque ela achava estranha a sua dificuldade em se enturmar. “*Até na igreja eu não gosto muito de falar com as pessoas lá. Eu só estou lá pela palavra, entendeu? Pela palavra e para falar um pouco com Deus. Aí quando eu saio de lá minha mãe pergunta: Lilás porque tu não conversa mais com as pessoas daqui? Não procura se enturmar? Parece que uma colega, colega assim, amiga de minha mãe, falou assim que me vê só e que me vê muito na minha, entendeu? Aí, eu posso até conversar com ela (referindo-se à Vermelha), eu posso até conversar com ele (referindo-se ao Amarelo), mas na hora do recreio, seja o que for, ninguém vem conversar comigo, é difícil alguém vir conversar comigo. Aí eu fico ali, no cantinho. Eu fico bem, mas de vez em quando passa umas coisas. Porque para mim me conformar com a morte do meu pai e com outras coisas ruins eu preciso conversar com uma pessoa. Tipo... me distrair, entendeu? Enquanto eu tô sozinha eu penso em coisas ruins, aí eu escuto uma música e lembro dele, aí eu começo a chorar*”.

Perguntei por que quando ela estava sozinha e triste não dava o primeiro passo buscando conversar com alguém e ela respondeu: “*umas vezes eu tento, né. Mas umas horas a pessoa está conversando com uma outra colega, aí sabe, tá conversando muito, e eu tô lá no vácuo. Muitas vezes passava assim pela minha cabeça que as pessoas não falavam comigo porque eu era assim, muito besta porque assim, eu sou muito besta e não tenho assunto que interessa a eles, entendeu? Aí muitas vezes eu fico calada mesmo ouvindo minhas músicas, vendo os meus vídeos, fico lendo aqui na biblioteca, eu tento assim, um meio de me distrair*”.

Em seguida, voltou a falar no pai dizendo que só havia se conformado com a morte dele porque conseguia extrair disso tudo somente as coisas boas que viveram juntos. “*Tipo você está pegando uma rosa sem se machucar com os espinhos. É isso que eu faço. Eu*

lembro só das coisas boas que eu vivenciei com ele.” Nos dias de muitas saudades, Lilás só se sentia segura quando vestia uma camisa dele.

Nos dezessete anos, idade na qual se encontrava no período da pesquisa, Lilás disse que não tinha tido até então nenhuma experiência marcante, pois costumava passar a maior parte do tempo em casa assistindo televisão. Afirmou não gostar do número dezessete e torcia para completar seus dezoito anos. Perguntei o porquê para tal desagradado e a mesma não soube ou não quis me responder.

Fotografias comunicando a percepção acerca da perda

Sobre as fotografias que lembravam a morte do pai, Lilás, após indagada por mim se ele estava envolvido com o tráfico de drogas, anuiu com a cabeça em tom afirmativo e declarou que toda a família estava a par dessa sua condição. Quando indagada sobre se imaginava que ele poderia estar correndo risco de perder a vida, a mesma assumiu que sim: *“Eu conseguia imaginar. Chegou um tempo que eu conseguia até a imaginar a morte dele. Mas eu reprimi: não, isso não vai acontecer. Do nada assim...”*.

Aproveitando o ensejo, perguntei se seu pai manifestava também ter essa noção do risco que ele próprio corria, e a mesma contou que não somente ele tinha essa consciência, como também já tinham conversado sobre essa questão por iniciativa dela. Relatou que foi uma conversa muito difícil quando resolveu pedir a ele para se afastar das drogas porque não gostaria de vê-lo morto, mas ele não quis ouvi-la e ficou irritado.

Depois disso, Lilás lembrou que se refugiou no quarto por uma média de seis horas, chorando muito até pegar no sono, até que foi acordada pela mãe perguntando o que tinha se passado, pois o pai dela estava chorando. No dia seguinte o assunto não veio à tona, o pai preparou o café da manhã (ele gostava de cozinhar), deu para todos e, segundo ela, interrompeu por um tempo o envolvimento com as drogas e chegou até a frequentar a igreja evangélica, mas não resistiu por muito tempo.

No caso específico do seu pai, Lilás deixou bem claro que seu envolvimento com o tráfico não estava relacionada a ganhos financeiros, estando restrito ao consumo, e ela atribuía seu vício a um profundo vazio existencial que era preenchido quando ele fazia uso das drogas. Todavia, em pouco tempo o vazio se restabelecia novamente, não permitindo que ele saísse desse ciclo vicioso. Em vista disto, Lilás relacionava a morte precoce da mãe do seu pai como grande influenciadora de muitas das escolhas que ele fazia.

Assim, Lilás continuou colocando em palavras muitos dos sentimentos que a sufocavam: *“Na verdade eu já estava imaginando. Na verdade eu já estava me preparando para quando chegasse esse dia. Por isso que eu até me conformei melhor. Foi muito triste, foi uma dor muito grande e aos poucos está se fechando em mim essa ferida está cicatrizando. Ainda estou me recuperando dessa perda. Aí assim, a minha necessidade, que eu devia ter feito antes dele falecer, se eu já sabia, se eu já estava prevendo que ia acontecer, era dar um abraço muito forte para ele e dizer que eu amo ele. É tanto que... eu queria ter aproveitado... eu fiquei tanto com isso na cabeça que eu acabei sonhando com ele”*.

Lilás contou que no dia anterior ao nosso encontro olhou bastante para uma fotografia do pai antes de deitar, sentiu saudades e chorou. Por volta das duas horas da manhã ela dormiu e sonhou com ele. Disse que o sonho e tudo o que eles conversavam parecia ser tão real que ela nem conseguia expressar com palavras tudo o que sentiu. Lilás relembrou que no sonho chegou a falar para si própria e para o pai que sabia que tudo aquilo era um sonho, pois ele estava morto. E ele confirmou afirmando ser, de fato, um sonho. Mas, ainda assim, a sensação de realidade era tão intensa que ela correu para os seus braços, abraçou-o fortemente dizendo que o amava e ambos choraram juntos. Ao longo do dia seguinte Lilás sentiu reconfortante alegria com lampejos de tristeza que a saudade deixou.

Ao ser indagada se havia extraído aprendizados com a morte do pai, Lilás disse ter mudado muito, tornando-se uma pessoa melhor, havia se espiritualizado mais e se sentia uma pessoa bem mais atenta aos aspectos de natureza transcendente. Ainda revelou que dos sete até os onze anos vivenciou algumas manifestações que ela acreditava serem de natureza espiritual, mas por volta dos doze anos parou de senti-las. Atribuiu a interrupção das vivências ao seu ingresso na Igreja (Lilás é evangélica), mas hoje percebe que, mesmo ainda frequentando a igreja, emerge uma sensibilidade diferente que apesar de não estar atrelada a anterior capacidade de visualização, ela sente os eventos de uma forma diferente da habitual.

Perguntei se essa espiritualidade aguçada gerava nela uma aceitação maior em relação à morte, obtendo a seguinte resposta: *“Sim. Eu sei que a morte muitos veem como algo natural, né. Eu vejo como algo natural, mas eu tenho o outro lado também. Eu vejo a morte assim como... se a pessoa for analisar a pessoa imagina assim, né... é a vida após a morte. Eu fico imaginando. Eu só não sei por que eu não tô, né ainda na sepultura, não tô enterrada, não tô morta, né. Mas eu acabo imaginando. Eu paro pra pensar sobre isso entendeu? Eu imagino que na vida após a morte a pessoa fica adormecida, a pessoa não morre de verdade. A pessoa só está dormindo. Até chegar o tempo que a pessoa vai sair, seu*

espírito sai e eu creio que vai para um céu. Eu creio isso. Ou fica na terra ou no céu... a vida após a morte. Quando chegar o tempo a pessoa vai sair, vai acordar. Só que até hoje eu acho que meu pai está dormindo só. Ela não deixou de existir. Ele só está dormindo. Ele existe e só tá dormindo prolongado”.

Perguntei se sentia raiva da pessoa que matou seu pai e Lilás respondeu que sentiu muita raiva, chegando a ter vontade de “*declarar a morte*” do responsável, pois ele deveria pagar, preferivelmente morrendo da mesma maneira do seu pai: “*Eu senti muita raiva. Eu senti vontade de ir até a pessoa que matou ele e dizer um monte de coisas. E dizer assim: olha, você não soube não, moço, ele tem três filhos, ele tem uma mulher, ele não fez nada com você. Me deu vontade de falar um bocado de coisa, de dar um chute nele, sabe. Vontade de dar um murro mesmo, sabe, mas não deu*”.

No entanto, Lilás percebeu que o sentimento de vingança não era saudável, nem tampouco a vingança em si, pois fazer justiça com as próprias mãos não traria seu pai de volta. Todavia, evidenciou que ainda sofria quando passava no local onde o pai morreu imaginando como tudo deve ter ocorrido. Chegava a sentir um aperto no peito e uma energia ruim. Lilás passa por esse local de vez em quando porque ele está no caminho que ela percorre quando vai à praia. Também disse sentir vontade de visitá-lo no cemitério, mas nunca foi porque não fica tão perto do local onde ela mora.

Ao mostrar fotografias tiradas por ela, remetendo-a a morte do pai, Lilás apontou para um muro, um cadeado trancando um portão, uma coluna de ferro e um chão com pedrinhas e uma folha. Em seguida, disse que a coluna de ferro de todas as imagens era a que mais evocava a lembrança da morte do pai, devido a semelhança com a coluna existente no local onde o mesmo fora assassinado. O chão com pedrinhas simbolizava as pedras ao longo do seu caminho, incluindo a perda do pai e o cadeado fazia alusão ao seu coração sofrido e trancado.

Carta à pessoa perdida

“Querido pai, aqui já é dez de outubro e imagino que o Senhor está bem. Creio que você está num jardim florido e lindo. Minha vida mudou, estou quase adulta, estou mais esforçada nos estudos, estou cursando no Rio Mar.

Minha mãe mudou, ela ficou muito abatida quando te perdeu, mas agora ela está bem mais bonita. Mas ela sempre te guarda no coração.

Desculpe-me por eu não ter te falado que te amo!

Te amo!

De todo o meu coração!

Sinto muita saudade de você. Para me conformar com sua perda eu durmo com sua camiseta.

Hoje em dia penso que a vida é assim, é natural, sempre tem gente nascendo e morrendo. Mas sempre penso em você. Você é e foi o melhor pai do mundo.

Bjs”.

Observação: a carta foi escrita em um papel cortado em formato de estrela e, arrodando esta carta, lilás colou pequenas targetas com estrelas desenhadas juntas à palavra “mar”, lembrando a conexão que ela e o pai tinham com o mar e, especialmente, com as estrelas do mar.

Cartografia do bairro

Lilás iniciou a apresentação do bairro mostrando sua casa com a porta aberta, convidando-nos para nela entrar. As outras fotos mostravam os arredores com suas ruelas e becos. Sua intenção me pareceu ser a de que conhecêssemos o espaço onde ela morava, sem uma maior preocupação com a comunidade de uma forma mais abrangente. Mostrou-nos uma pintura da bandeira do Brasil que havia sido feita em um muro e que muito a tinha agradado. Disse achar que a cor trazida para tal muro tornou o lugar mais alegre e demonstrou um desejo de que essas pinturas se disseminassem por toda a região, tornando o ambiente mais bonito, leve e alegre.

Achei a ideia muito boa e indaguei a ela e aos outros três jovens se topariam junto comigo fazer uma intervenção urbana com pinturas em alguns muros. Obviamente eu me informaria sobre todos os tramites legais necessários para a autorização de tal ação. Lilás abriu um sorriso largo e se mostrou bastante entusiasmada, ao contrário dos outros três. Sentindo que a ideia não tinha adquirido receptividade por parte de todos, perguntei o motivo e o Amarelo respondeu que achava a ação arriscada, pois o espaço apresentado pela Lilás ficava muito próximo às rotas de fuga dos traficantes e poderíamos ter problemas com isso. Lilás ainda tentou objetar o que havia sido dito pelo Amarelo devido ao seu entusiasmo com a ideia, no entanto eu percebi que de fato o Amarelo tinha razão e desisti da empreitada.

Respostas referentes ao questionário (apêndice B) com perguntas relativas a questões familiares

Lilás contou que ficou separada dos pais somente por uma semana quando tinha cinco anos e gostou muito de ter ficado com os irmãos e a avó que muito a papavicava. Relatou que já havia pensado na morte do pai como uma possibilidade por conta do seu envolvimento com questões ilícitas e, após sua morte, passou a ter receio de perder toda a família, mas especialmente sua mãe.

Apesar do temor em perder a mãe, Lilás se ressentia um pouco com a forma como sua genitora conduzia a relação entre ambas, alegando que a indiscrição da mãe, sua falta de compreensão em determinados momentos, e o desejo quase infantil de aproveitar a vida após a morte do esposo, acabavam a afastando dos seus compromissos domésticos e maternos, conseqüentemente, sobrecarregando a Lilás que passava a assumir atividades que considerava excessivas para sua idade. Mas, evidenciou que volta e meia sua mãe reconhecia seu desempenho doméstico e escolar e retribuía seu esforço de maneira muito carinhosa, deixando-a muito contente e grata por esses momentos.

Quanto ao pai, Lilás confidenciou que era nele que mais confiava quando criança. Segundo ela, ambos se pareciam muito no que tangia à timidez e ao jeito reservado de ser, demonstrando com suas respostas que haviam estabelecido uma espécie de cumplicidade que fazia bem a ambos. Apesar da ausência de carinhos físicos, como um abraço, por exemplo, era a ele que ela recorria e vice-versa nos momentos de dificuldades. Além disso, os passeios que faziam juntos e as comidas saborosas que ele fazia para ela comer são eventos que não saíam da sua memória.

A solidão era um sentimento bastante presente na vida de Lilás. Ela disse que dos três aos seis anos costumava se sentir muito solitária, mas a partir dos sete começou a fazer amizades, entretanto, percebendo que não se sentia bem com as amizades feitas começou a se fechar. Voltou a ter amizades aos dezesseis quando conheceu o Amarelo e a Vermelha. Atualmente, tendo a amizade deles, não se sentia mais sozinha. Considerava-se uma pessoa de muita sorte por tê-los em sua vida.

Dentre os desenhos feitos por Lilás, havia um cadeado e um sorriso, o primeiro representando os momentos em que ela se sentia insegura. Normalmente Lilás se sentia segura quando estava sozinha com a família e também quando não havia conflito familiar, mas a insegurança a invadia quando além da família estavam presentes outras pessoas, a

exemplo dos amigos do seu pai. Nestas circunstâncias, seu pai costumava beber e acabava se excedendo. Lilás temia por agressões contra sua família que adviriam dessa bebedeira e dos bate-papos dela decorrentes. Mas no momento se sentia bastante tranquila porque esses eventos de violência haviam cessado. Atualmente, o único tio que poderia provocar estresses familiares estava frequentando a igreja evangélica e já estava, inclusive, deixando de beber.

Projeto de vida

Lilás começou falando que 2016 estava bem no comecinho e isso significava que havia um tempo significativo para a consecução dos seus objetivos. Ela pretendia para esse ano fazer um curso de auxiliar administrativo e também um curso de informática porque ambos se complementavam e facilitariam sua inserção no mercado de trabalho na área administrativa. A maneira que ela acreditava ser a ideal para viabilizar tal intento adviria dos estudos, buscando o aperfeiçoamento de sua mente através da aquisição contínua de novos conhecimentos, pois a informação era a chave para o sucesso profissional.

No âmbito escolar, tinha como pretensão ter nota dez em todas as provas, mas para isso sabia que precisava se esforçar, prestando bastante atenção às aulas e estudando. Relembrou que foi matriculada na escola tardiamente como consequência das viagens que a mãe fazia e, em função disso, se cobrava bastante, procurando recuperar todo o tempo perdido. Mencionou que quando estava no terceiro ano do ensino fundamental sofreu bullying e cogitou a possibilidade de parar de estudar, deixando de ir à escola, porque suas colegas a xingavam e batiam. Enfatizou que sua vida escolar não tinha sido fácil.

Em 2018 Lilás pretendia ingressar no curso superior em administração porque concluiu que essa formação tinha como principal elemento de atuação a elaboração de estratégias que para ela era fundamental em qualquer atividade que quisesse realizar, desde a administração do orçamento até a família. *“Tudo tem que ser administrado, exigindo estratégias”*. Também disse ter vontade de trabalhar com pessoas assim como eu, e passou a ter interesse em estudar pedagogia, pois achava muito interessante o trabalho com crianças.

3.1.2.3 Menina Vermelha

O centro

Vermelha escolheu pintar no centro da sua mandala o símbolo de um clã chamado *Uchiha* que é um leque utilizado para abanar o fogo. Ela disse ter feito essa escolha porque se identificava com seus componentes que eram pessoas fortes, sérias e detinham um poder extraordinário. Ademais, Vermelha fez questão de salientar que eles pensavam na família, apesar de não demonstrarem. Eram pessoas boas, no entanto, como seus poderes eram muito visados, empreendiam ações que os faziam serem vistos como “amaldiçoadas”, quando na verdade a única coisa que desejavam era se proteger.

Primeira infância (0 – 7 anos)

Vermelha desenhou na fase que compreendeu do zero aos sete anos uma duna, um por do sol e estrelas, avisando posteriormente que havia se esquecido de desenhar um balanço de madeira que comporia o quadro que ela ainda tinha na lembrança da sua primeira viagem. Ao ser indagada se a lembrança a remetia a momentos felizes, Vermelha respondeu monossilabicamente que sim.

Segunda infância (7 – 12 anos)

Percebendo que Vermelha sentia dificuldades em falar sobre suas pinturas, instiguei-a a falar sobre o “Sana Fest” por perceber que este desenho estava em evidência, destacando-se de todos os outros. Vermelha, então, respondeu que gostava muito do SANA porque nesse evento ela tinha a oportunidade de entrar em contato com o que realmente a interessava, ficando a par de todas as novidades sobre música, anime e muitas outras coisas. Vermelha contou que há muito tempo não se interessava pela grade de programação das TV’s abertas, a exemplo de rebeldes, *Chiquititas* e *Malhação*, então se sentiu muito feliz por ser, enfim, contemplada com algo que a agradava.

Os outros desenhos feitos por Vermelha foram uma espada utilizada por um personagem de anime; uma bola de futebol, representando seu gosto por esse esporte, mencionando que por causa dele sofreu *Bullying* na escola; e, por último, os cavaleiros do zodíaco, desenho animado que muito a agradava.

Juventude (12 – 16 anos)

Vermelha escolheu uma fotografia que viu no seu computador para reproduzir a fase dos seus doze anos até a idade atual. Neste único desenho evidenciou-se um tom de vermelho como fundo, uma árvore e um balanço com uma menina. Ela disse se tratar de uma árvore de cerejeira com flores cor-de-rosa. Fez questão de ressaltar que não gostava da presença desta cor em nada, com exceção das belas flores de cerejeira. Também mencionou que a menina no balanço estava triste. Disse que nos seus treze anos passou por momentos tristes, em função de uns “probleminhas”, e ela, sua mãe e sua madrasta tiveram que se mudar. Mencionou como fato marcante sua festa de aniversário de quatorze anos na qual o bolo tinha a imagem do *Naruto* (personagem de anime).

Aos quinze anos Vermelha começou a ter aulas de hip hop e ballet em uma instituição católica, mas permaneceu lá por pouco tempo porque começou a namorar o menino Amarelo e, sendo o professor uma pessoa muito rígida, exigindo que tudo o que ocorresse em dissonância com as leis de Deus fosse confessado, achou por bem se afastar porque não era hipócrita. Somado a isso, uma menina com a qual não se dava bem resolveu retornar ao grupo e Vermelha alegou que não suportaria ter que conviver com ela.

Aos quinze anos ganhou seu quarto como presente da mãe, o que a deixou muito contente, mesmo não sendo da cor por ela almejada. Ela queria um quarto roxo e acabou ganhando um lilás.

Fotografias comunicando a percepção acerca da perda

A primeira fotografia apresentada por Vermelha foi a do local em que o menino Branco sentava na sala de aula onde estudava. Disse não querer falar nada porque se falasse iria chorar e se chorasse o menino Amarelo a mataria. Em resposta ao que disse eu a assegurei que Amarelo não faria isso e, se caso o fizesse, eu o convidaria a sair da sala porque naquele espaço todos tinham direito de chorar e falar o que desejassem, desde que não faltassem com respeito pelo outro. Ademais, manifestar sentimentos através do choro era algo natural e externar os sentimentos poderia até não ser algo conveniente para Amarelo, mas para ela poderia ser algo importante, caso ela realmente desejasse chorar.

Amarelo retorquiu dizendo que Vermelha não podia chorar, pois ela “*tinha que aprender a ser fria*”. Como a conversa não estava surtindo efeito eu o convidei com todo o cuidado para se retirar da sala e, só então, Vermelha conseguiu desabafar. Amarelo saiu

insatisfeito, porém sem violência, falando: *“Se tu chorar Vermelha, um pingo de lágrima Ó... tu vai apanhar”*.

E assim Vermelha iniciou o relato:

“Foi triste... eu conheço ele desde o primeiro ano, a gente brincava muito [...] O que a gente mais fazia na escola era pouca coisa, era jogar bola, vôlei. Aí eu me separei dele porque ele tinha mudado de escola. Aí foi quando ele começou a estudar aqui de novo, junto comigo.

É triste porque eu jogava com ele de vôlei. Era um aluno que fazia as brincadeiras lá na escola, na sala. Por isso as cadeiras porque tem uma cadeira que é a cadeira do professor [...] aí só... sei lá...

No dia do sétimo dia ... da missa de sétimo dia, né, eu tinha me esquecido assim de manhã. Só que o Amarelo não, ele não se esqueceu. Aí nesse mesmo dia ele me levou para o Iguatemi para ficar assistindo um filme. Aí a gente ficou lá assistindo. Aí a gente ficou, ficou, ficou... aí quando eu cheguei em casa eu lembrei que era a missa de sétimo dia... que ele tinha morrido. Aí ele passou esse dia comigo para tentar fazer com que eu esquecesse esse dia pra não ficar triste”.

Vermelha relatou que o menino Branco morreu em uma sexta-feira à noite e ela o tinha visto durante toda a tarde, pois que tiveram aula. No dia seguinte, sábado, ela foi à escola porque estava inscrita nas olimpíadas de português e ao chegar lá tudo parecia estar tranquilo até o momento em que a diretora reuniu todos os alunos e falou da importância daquele dia, em virtude deles estarem participando de uma olimpíada de português. E assim, aproveitou para homenagear o menino Branco, falando do quanto ele era querido e lamentando sua morte. Em seguida relatou como o homicídio havia se dado. Vermelha disse: *“Eu fiquei desesperada, não me mexi, não fiz nada. Quando o Amarelo pegou no meu ombro eu virei para chorar. Aí chegou a professora de artes me dando um copo d’água. Aí eu fiquei só um pouquinho mais calma. Só que eu continuei no concurso. [...] Aí eu fiz a olimpíada com duas meninas da manhã e junto com um menino. Aí a gente começou a fazer as olimpíadas aí eu só na minha, parei de chorar, aí de vez em quando eu olhava pros cantos, olhava pra sala, aí eu começava a descer as lágrimas porque eu lembrava dele, né?”*.

A primeira fotografia apresentada foi a da quadra do colégio onde jogavam futsal e vôlei nas aulas de educação física e a segunda fotografia foi a da sala onde estudavam. Vermelha contou que na segunda-feira, três dias após a morte do amigo, foi a primeira a chegar à sala de aula e logo começou a chorar ao olhar para a carteira onde ele costumava

sentar. Nesse momento Amarelo chegou e, pedindo para ela interromper o choro, levou-a para sua sala, deixando-a retornar somente quando teve a certeza de que ela se sentia melhor. Nesse dia houve grande comoção entre os colegas e apesar do professor ter tentado dar aula, todos estavam muito abalados e não fizeram praticamente nada do que foi solicitado. A terceira fotografia tirada era de uma única mesa situada em frente a sala onde ela, o Branco e outros colegas se reuniam na hora do lanche para bater papo e tirar fotografias.

Indagada se já tinha pensando na morte antes do homicídio do amigo, Vermelha respondeu que sim, não dando maiores detalhes, impelindo-me a estender um pouco mais o assunto.

Pesquisadora: O que você pensa sobre a morte?

Vermelha: *“Acho que nada. É só mais uma, deixa eu ver, mais uma missão de vida. Eu tive quatro mortes na minha vida, dois parentes e dois amigos. As dos meus amigos foram as que me impactaram mais, as dos meus parentes não”*.

Pesquisadora: você acha que de repente estas mortes lhe impactaram mais pelo fato dos seus amigos serem jovens?

Vermelha: *“Não, porque meu primo era jovem. Uma foi com o meu tio, mas eu era mais criança, eu tinha uns quatro anos, cinco anos, ele faleceu. Não sei se foi por overdose porque ele fumava, bebia, fumava craque, maconha e outras coisas assim. E a outra foi do meu primo que também tinha entrado nesse mundo das drogas e viajou”*.

Nesse momento, Vermelha se entusiasmou e começou a narrar pormenorizadamente a história de vida e morte do primo e seu envolvimento com as drogas, afirmando categoricamente que ele tinha sido assassinado pela ex-namorada que era traficante. Em seguida, começou a deslindar ponto a ponto os diálogos, confissões e atividades do primo desde a semana que antecedeu sua morte até o momento em que foi baleado, detalhando cada segundo de maneira entusiasmada.

Ao perceber que aquele monólogo extenso estava se distanciando cada vez mais do que eu havia perguntado anteriormente, prática esta que já havia se tornado uma constante nos relatos da Vermelha, insisti na pergunta, porém, dessa vez, tentando ser ainda mais clara.

Pesquisadora: E você? Eu quero saber quais os seus sentimentos em relação a esse acontecimento.

Vermelha: *“Não, para mim é uma missão. Desde criança minha mãe... ela sempre me ensinou, Vermelha, nunca tenha desespero ou reação por uma coisa. Pra que você tem pressa de uma coisa se seu futuro é a morte? Então, você não tem que ter essa pressa, não*

precisa das coisas apressadamente. Você viva o seu dia e não pense no de amanhã. A não ser as coisas mais obrigatórias que é o trabalho, a escola ou os deveres, assim, mas tudo que for do seu desejo não pense no amanhã porque vai que de uma hora para a outra você morre, do nada você morre, você é uma menina com saúde, mas do nada você morre. O futuro, Vermelha, sempre será a morte, então você não precisa ter essa pressa. Você pode viver esses anos todinhos, mas o futuro sempre será a morte. Então você não precisa ter o desespero por ter algo. No futuro você nem vai saber se realmente vai ter isso, ou se vai realmente ter aquilo. Porque você tem que viver o seu dia”.

Pesquisadora: Como você lida com a ausência das pessoas que te marcaram mais?

Vermelha: *“A do meu tio, nada em comum, a do meu primo também não foi nada porque ele vivia na rua e eu vivia trancada dentro de casa, então eu não tinha muita ligação com ele. Com o Alan eu também convivi pouco. O Branco também foi pouquíssimo porque eu sempre fico na minha, porque eu nunca fui de pedir a minha mãe para sair. Eu fico sempre na minha porque minha mãe sempre gostou que eu ficasse em casa, nunca sair pra fora, ainda mais quando é um lugar assim muito movimentado, aí eu ficava mais em casa, então não tinha essa abertura assim”.*

Pesquisadora: Mas você sentiu saudades?

Vermelha: *“Do Branco eu senti. É porque na sala ele era praticamente um dos nossos xodozinhos porque ele ficava brincando com todo mundo”.*

Pesquisadora: De que recursos você lançou mão para lidar com essa saudade?

Vermelha: *“A do Branco nada, porque eu chorava um pouco aí... só quando as pessoas começam a falar, aí bate aquela saudade, aí eu fico lembrando dele, eu fico lembrando aí para. Só quando bate aquela dor enorme eu tento respirar assim fundo pra poder não vim, né, as lágrimas. Porque, mesmo o Amarelo não querendo que eu chore, porque ele detesta quando eu choro. Não é que eu tenha que ser fria que nem ele. É que ele não quer que eu sofra. Ele não me deixa chorar, só que quando é anime ele não para”.*

Pesquisadora: Pois é... eu penso que essa é uma estratégia que ele utiliza para se defender. Até porque, o seu sofrimento gera sofrimento nele. E, se essa é a forma dele reagir, respeitemos isso. Mas ele não tem que tentar mudar você. Cada um sente de uma forma e aqueles que têm vontade de chorar, deverão se sentir à vontade para expressar seus sentimentos.

Vermelha: *“Essa coisa pra ser fria é porque lá em casa é um sofrimento muito forte porque tudo o que eu faço ali é mandado pela mãe. Eu sempre pergunto uma, duas, três,*

quatro vezes. Quando eu faço ela diz que está errado, aí me dá aquele choro de raiva. Aí ele diz, ave Maria tem que ser fria, pra que esse choro? Eu, é porque é choro de raiva, né?! Não é de tristeza, é raiva mesmo”.

Neste momento, Lilás se encorajou a dar sua opinião e disse que Amarelo agia assim por sofrer ao ver a namorada chorando, e lembrou que no dia do “acontecimento” (imagino que se referindo à morte do Branco) Vermelha chorou e Amarelo também. Lilás atribuiu o choro do amigo ao fato dele ter visto sua namorada chorar.

Carta à pessoa perdida

“Oi amigo, saudades de tu, oh. Vc se foi e nem me falou como morreo antes de parti né? hahaha

Cara todos aki estão com saudades de vc, sua morte me levou ao extremo do coração, mas tive que superar para ajudar os outros amigos. Nossa, fez quatro meses que vc foi embora, mais fazer o que né é a vida, é falei demais e vc sabe que não falo muito. Bjsss!!!

Quando indagada sobre como o imaginava que o amigo estava, Vermelha respondeu que para ela o amigo só vivia na sua lembrança.

Cartografia do bairro

As fotografias do território da Vermelha ficaram restritas aos ambientes da sua casa. Foram fotografadas uma escada onde ela costumava estudar e brincar com seus bonequinhos, uma varanda onde ela lembrou que num determinado dia de Natal ficou com seus primos, batendo as pernas no ar; e o seu quarto que para ela representava momentos de imaginação. Falou que antes seu quarto possuía uma cama de casal e uma televisão grande, e nele ela passava a maior parte do tempo assistindo anime. Aos quinze anos ganhou de presente o quarto atual, o que se encontra na fotografia, que deveria ser roxo, mas acabaram comprando lilás.

Respostas referentes ao questionário (apêndice B) com perguntas relativas a questões familiares

Vermelha mencionou ter se afastado da mãe por uma semana apenas, quando tinha seis anos, e gostou muitíssimo porque não precisou realizar nenhuma atividade doméstica neste tempo em que ficou fora de casa. Acrescentou que teve uma infância muito solitária e pouco satisfatória, em função da educação restritiva e impositiva da mãe. Lamentou com tristeza o fato de não a deixarem sair de casa e nem mesmo de ter proximidade com tios e primos, ficando a maior parte do seu tempo, quando criança, sozinha no quarto, desenhando, assistindo anime ou escrevendo cartinha. Quando perguntei se se considerava uma pessoa medrosa, Vermelha respondeu que só tinha medo de ambientes escuros e de ser estuprada, com exceção dessas duas coisas ela não tinha medo de nada.

A solidão era um sentimento recorrente em sua vida e se desenhava falando sozinha. Atribuía sua solidão à postura da mãe, e também à falsidade das pessoas com as quais ela convivia. Vermelha disse que não tinha amigos na escola porque todos eram “*falsos*”. Só agora ela estava sabendo o quanto o mundo é de fato cheio de gente falsa.

Quanto à relação com seus genitores, Vermelha se referiu a ausência do pai biológico com certo desdém nos gestos, alegando que ele não fazia falta e que já faziam treze anos que não se viam. Também demonstrou certa indiferença com relação à mãe biológica, sempre se referindo à namorada da mãe, a quem ela chama de tia, como a figura por ela escolhida para exercer o papel de maternagem. Nesse sentido, lembrou que quando tinha por volta dos sete, oito anos, ficava muito feliz quando a tia chegava do trabalho à noite com papel e lápis para ela pintar. Insisti em saber o que a agradava na mãe biológica, obtendo como resposta que ela a agradaria muito se comprasse os livros que tanto estava desejando. Perguntei se beijos a agradavam e Vermelha respondeu que fazia muito tempo que a mãe não a abraçava e nem a beijava. Perguntei se ela já tinha tomado essa iniciativa e ela disse que já tinha tentando, mas a reação da mãe era sempre de perguntar com certa rudeza “*o que ela queria*”. Neste momento, interpelei-a se esse comportamento da mãe não seria inibição por não estar acostumada com tal gesto, reagindo, conseqüentemente, de maneira defensiva. Vermelha respondeu rindo que a mãe já sabia que ela estava querendo pedir algo. Voltei a insistir na possibilidade de demonstração de afeto sem desejar nada material em troca, mas Vermelha não deu atenção a minha sugestão, aprisionada a um ciclo vicioso no qual se mantinha sempre o mesmo roteiro: ela abraçava a mãe, a mãe perguntava o que ela queria, e ela dizia que queria um livro. Em vista disso, desisti de tentar avançar o diálogo nesta direção e perguntei novamente o que a agradava na sua mãe biológica. Por fim, Vermelha mais uma vez afastou sua mãe desse enredo, mencionando que gostou muito de um tempo em que a

namorada da mãe não estava trabalhando e as duas ficavam em casa juntas. Falou também que sua mãe só ficava sabendo da sua vida por intermédio da tia (namorada da mãe), pois esta última era quem procurava conversar mais com Vermelha, inclusive, perguntando o que ela estava precisando para comunicar a sua mãe.

Sobre se havia pensando na possibilidade da perda da mãe ou da companheira da mãe por morte, Vermelha disse ter certo sentimento ambivalente quanto a essa questão porque, por mais que tivesse medo, ela já sabia que mais cedo ou mais tarde ela teria que ficar longe delas e se “virar”, então, ao se preparar antecipadamente para esta possibilidade, adquiriu coragem para lidar com essa situação. Ademais, sua própria mãe já a preparava para este evento ensinando-a *“que o futuro é a morte”*.

Vermelha disse que sua mãe sempre lhe contava muitas coisas que ela lia no jornal e que aconteciam no mundo, mas para Vermelha as notícias contadas não eram novidades porque ela já tinha acesso a elas pela televisão. Demonstrou lamentar pela mãe nunca falar dela mesma e de suas impressões. *“Aí ela dizia que o livro dela era sempre aberto, mas para mim era vazio. Ela nunca me contava. Minha mãe ela contava as coisas do mundo. Só que o que ela contava eu já via na televisão. De opinião dela própria eu não ouvia. Pra mim o livro era vazio porque ela nunca me respondia o que eu perguntava”*.

Projeto de vida

Na parte da mandala em que foi proposto que falasse dos seus objetivos, Vermelha desenhou uma árvore e ao descrevê-la disse que ela era um nada. *“Isso é o nada. É porque esse desenho é o nada, é simplesmente o nada porque a árvore surge e vive... vive... vive... aí entram... saem... entram... saem e ela continua vivendo... aí entram... saem... entram... saem e no final ela espera só a morte chegar”*. Vermelha prosseguiu dizendo que a árvore dava vida e vidas surgiam dela, ilustrou com o exemplo dos pássaros, coelhos, cobras e tamanduás que se refugiavam nela e ela os protegia por mantê-los com vida. Em seguida percebi que Vermelha desejava traçar um paralelo entre ela e a árvore ao dizer: *“porque muita gente já falou comigo, muita gente já perguntou sobre as coisas da vida e eu ajudei. Elas entraram para poder se acolher e depois saíam. É o que acontece”*.

Como Vermelha havia falado inicialmente que seus objetivos se relacionavam com o *Sasuke* (personagem de anime), perguntei-lhe onde essa personagem se inseria na história que ela estava contando. Vermelha começou a contar extensamente a história da

personagem, porém, por vezes, seu relato me pareceu bastante confuso e repetitivo, sem um encadeamento muito lógico. Mas, ainda assim, adquiri certa compreensão acerca dele.

Vermelha contou que *Sasuke* era uma criança que, desconhecendo os ensinamentos, as regras e os significados do clã ao qual ele pertencia, vivia ingenuamente de acordo com o que ele acreditava ser a verdadeira realidade. E para ele a realidade era um verdadeiro “mar de rosas”. Até que certo dia seu irmão, *Itache*, matou todos os integrantes do clã, incluindo seus pais e avós. A princípio, *Sasuke* se revoltou contra o irmão, achando-o malvado, mas depois percebeu que o que ele havia feito tinha sido por amor, para ajudá-lo e para proteger a ambos. E que a maldade, na verdade, estava nos outros. Neste sentido, Vermelha retorquia as críticas feitas por Amarelo a este clã como amaldiçoado, demonstrando que o amor não era um sentimento inexistente, ele apenas era sobrepujado pelo desejo de sobrevivência.

Eu falei que tinha entendido sua admiração por *Sasuke* e pela forma como agia diante das adversidades que lhe eram impostas, mas que pretendia ouvir dela o que iria fazer com os eventos que sua vida estava lhe apresentando. Mesmo sabendo que ela não gostava de pensar sobre o futuro, eu estava diante de uma jovem de dezessete anos que estava cursando o terceiro ano do ensino médio e logo o concluiria, e que namorava um rapaz que por sua vez também deveria ter seus planos, provavelmente, incluindo-a. Sendo assim, eu gostaria de saber o que ela pretendia fazer diante desses elementos concretos.

Vermelha respondeu: *“Tia, é que nem o Sasuke fez. Mesmo ele recebendo as pancadas, mesmo quando ela agia, ele foi deixando, ele foi fazendo as coisas, mas em prol de nada. De nenhuma coisa. O Sasuke estava fazendo as coisas e eu não vou fazer porque eu já fiz. Do modo como eu vou fazer. Então as minhas folhas tão saindo... elas tão indo embora para eu descobrir coisas novas, mas eu não vou saber para onde ela vai, eu não vou porque ela não vai ficar só em um canto. Porque numa hora o vento vai... ela tá num canto bom, maravilhoso, mas aí vem um vento e vai soprar e ela vai para um outro canto melhor, ou um canto pior. É por isso que eu botei uma árvore com as folhas saindo assim. Porque eu não sei o que vai acontecer e eu não vou pensar no futuro.*

Nesse ano eu não desejo nada. Tem anos que a gente pensa, tem anos que a gente não pensa, a gente age. Eu, esse ano, não desejo nada!!! Sabe porque eu digo que não desejo nada para esse ano? Porque eu não desejo nada para o amanhã. Porque quando você deseja algo para o futuro, você vai ter um pequeno pensamento do que vai fazer no amanhã, eu não tô desejando mais o que eu vou fazer amanhã!!!

Ah... vai ter escola, vai ter isso... isso... isso, mamãe pediu para eu fazer isso... isso e isso, já não é meu desejo, agora já é praticamente minha obrigação. Então eu não consigo pensar no futuro, eu não consigo pensar no que vou fazer. É como se meu desejo agora... hoje eu quero desejar uma coisa para amanhã, não tem nada que eu vou desejar amanhã. É tudo obrigação. Então eu não consigo desejar nada para esse ano.

O menino Amarelo, namorado da vermelha, resolveu se manifestar e, sorrindo, disse que quando perguntava o que ela queria fazer profissionalmente obtinha como resposta um resolutivo “*nada*”, mas ao mesmo tempo a ouviu comentar que gostaria de ser administradora. Em seguida refez a pergunta para ela e teve como resposta um sonoro: “*Eu não quero mais!!!*”

3.1.2.4 Menino Amarelo

O Centro

Amarelo desenhou o personagem de anime chamado *Naruto* por se identificar muito com a personalidade dele. Apesar de que ele também se identificava muito com o *Kilua* porque é um personagem que parece ter duas personalidades e essa característica o agradava muito. Segundo a explicação do Amarelo, *Kilua* possui um lado meio sombrio e outro meio criança, visto que ele tem apenas doze anos. *Kilua* foi treinado pelos seus pais para ser um assassino profissional desde criança e desde muito pequeno já fazia parte do seu treinamento beber veneno e receber altas doses de descargas elétricas para se fortalecer contra possíveis danos que poderiam lhe ocorrer ao longo da vida.

Perguntei ao Amarelo o que tornava o *Kilua* tão atraente para ele, obtendo como resposta que gostava muito da personalidade instável da personagem porque neste aspecto ele achava que ambos se pareciam, assegurando que ele mesmo mudava “facilmente de personalidade”.

Primeira infância (0 – 7 anos)

Amarelo apontou para o desenho de um morro, contado que, até os sete anos, gostava de descer de carretinho até o lixão que ficava logo abaixo. Indaguei-lhe se nesta época ele se considerava uma criança feliz e o mesmo revelou que não se sentia tão feliz porque

tinha consciência de que uma criança precisa de muito mais do que a ele era oferecido. Ilustrou o que estava dizendo falando da ausência de um ensino de qualidade, pois na época o que ele aprendia estava muito aquém do que de fato ele precisava absorver. Também mencionou que morar perto de um terreno baldio não lhe parecia favorável porque o espaço foi tomado pelo tráfico e muitos usuários de drogas se refugiavam por lá para “*fumar maconha e cheirar pó*”. Amarelo nem se incomodava tanto com o fato deles estarem consumindo a droga porque eles se recolhiam nos seus cantos e não atrapalhavam ninguém, no entanto, o Amarelo ficava bastante incomodado com o cheiro forte emanado do local que se espalhava facilmente por toda a área e ele receava que o bebê que vivia na casa dele, seu sobrinho, respirasse esse ar nada saudável.

Aproveitei a oportunidade para perguntar para Amarelo se ele quando criança sabia da existência do tráfico e se tinha consciência do que significava, obtendo como resposta que sempre soube, sim, e entendia que o tráfico e o uso de drogas era uma prática não recomendável.

Segunda infância (7 – 12 anos)

Neste período Amarelo explicou através dos desenhos que o que mais gostava de fazer era jogar videogame, prática que ainda conservava atualmente, e também jogar no campinho próximo à sua casa. Na época era bem divertido porque ele e os amigos faziam traves improvisadas, além do que, havia menos pedras no local e todos traziam do morro baldes com bastante areia espalhando-a uniformemente, tornando o local mais adequado para a realização do jogo. Atualmente o campinho se tornou um local inóspito devido ao excessivo número de pedras nele existente, provocando o risco dos jogadores lesionarem gravemente os dedos dos pés.

Juventude (12 – 16 anos)

Amarelo iniciou a apresentação de si através dos seus desenhos mostrando a cor que ele mais amava, o amarelo, esclarecendo que apesar de suas cores prediletas serem as em tons escuros, o tom de amarelo era uma exceção porque ele o considerava meio fechado, assim como ele se sentia. Em seguida ele mostrou seus cachorros, gatos e a jabuti, lamentando por todos já estarem mortos. Detalhou os motivos e demonstrou tristeza pelas perdas.

Também falou no SANA como evento que muito o agradava e que passou a frequentar por volta dos quatorze, quinze anos.

Proseguiu, então, falando sobre o que percebia ser sua personalidade. *“Nessa idade dos doze aos dezesseis anos foi quando eu comecei a ver minha personalidade. Conheci minha personalidade da ganância, orgulho, luxúria, ira, preguiça e gula. Eu tenho sete personalidades, contando com a minha normal. Essas outras seis eu demonstro muito bem. Eu demonstro essas personalidades com clareza. Eu percebi quando comecei a namorar com ela e um pouquinho antes também. Numa hora eu estou de um jeito, na mesma hora eu estou de outro. E nessas horas eu demonstro muito bem. Eu tenho um orgulho, muito orgulho da minha personalidade e de ser o que eu sou”*.

Indaguei se, ao se referir ao orgulho, estava querendo manifestar satisfação, felicidade por ser quem era. Amarelo respondeu que também era isso, mas não somente isso. Ele disse que ter orgulho era pecado e que as pessoas não deveriam ter orgulho, mas ele tinha em excesso. Disse não gostar de perder para ninguém e que sentia orgulho quando vencia algo ou alguém. Quando ele vencia de alguém costumava ficar “se achando” e por isso ele havia posicionado esta característica na parte superior do desenho, por ser a prevalente em sua personalidade.

Achando a explicação dele um pouco confusa, solicitei que exemplificasse o que estava dizendo com uma situação, pois meu conceito de orgulho, no sentido em que ele estava se referindo, era diferente do dele. Expliquei que desejar conquistar algo, alcançar bons resultados e ficar feliz com isso, ou até vaidoso, não seria um defeito ou pecado. Ao que Amarelo respondeu: *“mas isso é um pecado, tia. Até porque são os sete pecados capitais. A pessoa não pode ter orgulho de si. Ela tem que ser igual a todas, não pode ser diferente. Eu sou orgulhoso”*.

Acatei prontamente o que disse e, percebendo que ele tinha esgotado o assunto, mostrei-me disponível e curiosa para entender os outros aspectos do seu desenho sobre sua personalidade. E assim, Amarelo seguiu falando que cada cor estava relacionada a um sentimento. *“Até porque tem um jogo de cores. A pessoa vê uma cor e tem um sentimento”*. Ele até já tinha visto na internet uma matéria explicando o significado das cores e suas ações sobre as pessoas. O vermelho representava a gula porque era uma cor que despertava a fome e ele dizia ser muito faminto; A luxúria deveria ser vermelha, mas ele a colocou no tom amarelo por ser a cor que ele mais amava e ao usá-la, representaria uma espécie de carinho para com

ele e para com as outras pessoas. A luxúria na visão dele era pura demonstração de amor, carinho e afeição por outra pessoa.

Como percebi que o menino Amarelo relacionava a luxúria ao carinho e amor dado a si e aos outros, perguntei-lhe se se achava uma pessoa afetuosa. Ele respondeu que sim quando estava “*luxuoso*”, quando estava na sua “*personalidade luxúria*”. Em seguida ele prosseguiu falando que a ira tinha a cor preta representando a “*obscuridade*” e “*escuridão*”. E deu continuidade: “*na minha personalidade de ira eu sou raivoso com as pessoas, às vezes eu maltrato as pessoas. Às vezes eu estou na luxúria e passo para a ira rapidamente, quando eu não recebo o que eu quero na luxúria ou em qualquer outra personalidade. Aí eu rapidamente passo pra ira*”.

Com relação à preguiça, outra característica atribuída por ele mesmo, Amarelo afirmou senti-la quase o tempo todo, pois tinha preguiça de ir à escola, quando estava em casa também sentia preguiça e costumava não fazer nada, nem estudava, ficando “*só na dele*”. Depois veio a ganância, ilustrando o seu desejo pelas coisas: “*quando eu quero algo para mim, não importa o que seja, se me prometer algo, vai ter que cumprir senão...*”. Ao falar da sua “*personalidade normal*”, disse que quando estava neste estado quase ninguém conseguia percebê-lo, pois se tornava uma pessoa neutra que não implicava com ninguém e era quieto. Porém, esclareceu que essa personalidade era pouco demonstrada por ele, tendo em vista que as outras predominavam. Ao ser indagado por mim se as facetas da sua personalidade atuavam simultaneamente ou umas prevaleciam em detrimento de outras, Amarelo respondeu que às vezes duas atuavam simultaneamente, exemplificando com a preguiça-gula e a gula-ganância. Neste momento a Vermelha, sua namorada, entrevistou afirmando que a gula-preguiça eram predominantes.

Não satisfeito com a intervenção da menina Vermelha, o menino Amarelo disse às vezes “*conseguir demonstrar*” simultaneamente orgulho-luxúria-gula-ganância. Também afirmou conseguir ter preguiça e ira ao mesmo tempo. Todavia, a ira só era “*demonstrada*” quando ele “*não conseguia o que queria nas outras personalidades*”.

Sobre a possibilidade de trabalhar algumas características, dentre elas a ira, Amarelo respondeu: “*Se eu for trabalhar a minha ira eu não vou conseguir ser eu mesmo porque aí as outras vão ter que sumir juntas. Aí a minha própria personalidade vai sumir. Sem ira eu não sou nada. Essas minhas personalidades vieram desde que eu nasci. Eu nunca consegui definir elas de uma vez só, só fui distinguir nesta minha faixa etária, dezesseis, quatorze aos dezesseis anos. Foi quando assim eu comecei a perceber elas na minha vida.*”

Que eu demonstrava elas de repente quando eu tava fazendo uma coisa aí fazia outra, aí eu descobri assim, de repente, quando eu estava com dezesseis anos. E eu não consigo mudar ela porque vem de mim”.

Passando para o desenho seguinte, o símbolo do Tao, Amarelo descreve o yin como a representação da sua namorada que é o amor branco e dentro desse amor branco surgiu o amor sofrido dele que é o Yang. Quando he indaguei sobre o porquê de ele se referir ao seu amor como sofrido, ele respondeu que dos zero aos seis meses sua vida foi muito sofrida. Ele já havia nascido sofrendo muito. Entre os vários motivos, o primeiro era decorrente do abandono de sua mãe que tentou doá-lo para a avó paterna. O outro dizia respeito a sua solidão, porque ao longo da sua vida nunca teve ninguém com quem pudesse conversar, sempre foi muito solitário. Perguntei, então, por sua avó materna e por vermelha (a namorada) e ele respondeu que a sua namorada representava justamente o ponto branco presente na parte preta do símbolo do Tao. Ela era o amor branco, a luz. E prosseguiu contando que a vida dele foi sempre repleta de decepções com os amigos e também decepção com algo que foi perdido. Retruquei esclarecendo que ninguém tinha uma vida feliz o tempo todo, todos sofriam. Também estava consciente, obviamente, que algumas pessoas passavam de fato por um nível de sofrimento maior. Esse poderia ser o caso dele. Todavia, sugeri que refletisse e que olhasse com mais atenção para seus sofrimentos e observasse se não estava dando muita ênfase a eles. Amarelo não concordou comigo e disse que sua vida tinha sido toda muito sofrida.

Nesse momento, Vermelha retorquiu que, ao contrário dela, que passava o dia todo presa dentro de casa, o Amarelo teve a oportunidade de brincar fora de casa, subir em árvores e correr com sua cachorra. Amarelo discordou da namorada dizendo que isso não o tornava feliz, assegurando que sua vida só passou a ser mais alegre quando a encontrou, pois ela estava mudando sua vida.

Sugeri ao Amarelo que ele poderia ver sua relação com a Vermelha como um dos aspectos constituintes de seu bem-estar, mas não o único. Minha observação foi desconsiderada por ele, enfatizando que se fosse fazer uma analogia da vida dele com uma pizza, a única parte pintada seria a referente ao seu encontro com a Vermelha. O restante da pizza seria todo branco.

Percebendo que não iria dissuadi-lo facilmente quanto à responsabilidade que estava colocando no vínculo com a Vermelha, indaguei-lhe se tinha sonhos e Amarelo respondeu que gostaria de ser astrônomo. Aproveitei a resposta para demonstrar como ele

poderia encontrar felicidade também na proposição de objetivos e concretização dos mesmos. Não satisfeito, Amarelo voltou a falar do seu maior sofrimento que foi o fato dele ter sido abandonado pela mãe. Não achava justo ter ficado nove meses na barriga de alguém, ter sido parido por essa pessoa e ser “*praticamente traído por ela*”. Essa era para ele a pior coisa do mundo porque a mãe tinha como papel consolar os filhos e a dele conseguiu ser pior por que nem mesmo teve coragem de ficar com ele.

Amarelo tinha contato contínuo com sua progenitora porque, sendo criado pela avó materna, acabavam transitando pelo mesmo espaço, e ele inclusive a chamava de tia. Disse ter um irmão mais velho três anos, filho da sua progenitora, que ele considerava de fato como um irmão. Mas, não perdoava a pessoa que o gestou por não tê-lo criado.

Dessa maneira, disse que a impressão que eu tinha, metaforicamente, é que parecia que ele andava puxando correntes e era como se o peso delas não o deixasse andar. Percebia que quando se referia ao amor associando-o à dor e ao sofrimento, atrelava-o a sua relação com a progenitora. Perguntei se associava esse sofrimento à rejeição que sofreu pela sua mãe e ele confirmou, culpabilizando-a por todos os seus infortúnios.

Prosseguindo o diálogo, objetivando entendê-lo um pouco melhor e, se possível, ampliando o panorama de percepções acerca da questão, perguntei se já tinha conversado com a progenitora sobre seus sentimentos, talvez a indagando sobre as motivações que a tinham levado a agir daquela maneira na época em que nasceu. Acrescentei que muitas coisas poderiam ter provocado essa atitude dela e talvez fosse interessante estar a par do que verdadeiramente tinha ocorrido. Amarelo respondeu que não tinha nenhum interesse em manter esse tipo de diálogo com ela, e revelou que soube de toda essa história através dos relatos da sua avó materna que ele não somente considerava uma mãe, como também a chamava por esse substantivo.

Fotografias comunicando a percepção acerca da perda

Amarelo apontou para a primeira fotografia revelando que a tinha tirado com o intuito de evocar a natureza e seus animais que morreram quando ele era criança e na adolescência. Ao ser indagado se já tinha perdido uma pessoa próxima a ele, Amarelo mencionou o caso do Branco como única perda por morte que o havia marcado. Ao mostrar a

fotografia da sala de aula em que o Branco estudava lembrou que se conheciam desde bem pequenos, costumavam jogar bola, além de muitas outras coisas que faziam juntos.

Perguntei o que sentiu quando soube da morte dele, obtendo como resposta: *“Tia, assim, esse negócio de morte, eu não gosto de chorar em público. Sou mais de ter um choro para dentro de mim. Tia, eu acho um defeito uma pessoa estripular as emoções. Eu guardo os sentimentos só para mim mesmo. Eu não gosto de demonstrar porque não vai fazer sentido estripular minha emoção por uma pessoa que não vai voltar. Se eu chorar a pessoa não volta, se eu gritar a pessoa não volta. Então, eu prefiro guardar mesmo só para mim”*.

Quando perguntei se este evento o tinha feito refletir sobre a morte, Amarelo revelou: *“Tia, me preparar para a morte eu já me preparei várias vezes. Na minha volta já morreram várias pessoas da minha família: primos, tios, pessoas que eu nunca conheci na minha vida, é parte da família da minha mãe”*. Insisti dizendo que gostaria de saber se a morte do Branco, especificamente, tinha gerado nele algum tipo de reflexão. Amarelo respondeu que *“um pouco”* e voltou a ficar calado. Perguntei o que pensou e ele respondeu que *“pra uma pessoa morrer não precisa ser bandido, não precisa ter rancor de ninguém... para morrer é só... morre assim mesmo”*. Mesmo percebendo que não o interessava discutir essa questão, resolvi tocar no último ponto relacionado à fotografia perguntando se ele ainda lembrava com tristeza do que havia ocorrido há três meses. Amarelo respondeu que já havia esquecido porque *“na realidade, coisas que ficaram no passado não voltam”*.

Prosseguimos a conversa falando sobre a última fotografia que foi tirada por ele em uma sala vazia e com as luzes apagadas. A esta última, Amarelo se referiu como sendo o futuro da escola, ou seja, uma escola morta sem sua energia vital que seriam os alunos. Ao ser indagado sobre o porquê dessa percepção, Amarelo respondeu que do jeito que as coisas estavam caminhando ninguém mais ia querer estudar e atribuiu esse estado das coisas a busca atual dos jovens por um *“meio mais fácil de se viver.”* E assim, revelou que as drogas e o mundo do tráfico estavam dominando a área e noventa por cento das pessoas que saíam da escola estavam envolvidas com este meio. Disse ainda que alguns alunos iam à escola somente para *“fazer o mal”* e ficar fumando dentro do banheiro. Nessa hora, as duas meninas, a Vermelha e a Lilás, disseram que as sessões de fumo no banheiro não estavam mais ocorrendo porque a diretora, que é muito admirada por todos como exemplo de competência e afetuosidade, ao ficar a par dos acontecimentos, expulsou os alunos envolvidos.

“Para menino Branco

Quando você morreu não mudou muita coisa na minha vida mas teve uma mudancinha. Você me fez ver que para morrer não precisa fazer nada.

Quando você se foi não mim causou tanto impacto mas deixou um vazio em mim, mas acredito que está em uma outra vida, em um corpo melhor.

Depois de ter ido eu acreditei mais na morte que ela leva sem piedade”.

Amarelo, ao falar sobre a carta que escreveu para o menino Branco, disse que acredita que o amigo está vivo, porém *“em uma outra vida, mas assim, em reencarnação. Por que eu acho que eu acredito mais em reencarnação do que em vida pós morte”*. Neste momento eu lhe perguntei como dissociava vida após a morte da reencarnação, ao que ele retorquiu: *“Eu acredito mais no Buda, tia. Eu tô mais na mitologia do Buda, porque ele fala isso, mais de reencarnação também. Eu tentei seguir essa prática budista, mas depois que eu li que pra ser budista precisava ficar bem longe da pessoa amada. Assim, tem que viver um tempo isolado para meditar bastante e eu sou muito focado e acho que para descobrir minha paz interior do jeito que eles falam eu precisaria ficar muito tempo longe da Vermelha”*.

Cartografia do bairro

Ao apresentar as fotografias que diziam muito do seu olhar sobre o bairro em que vivia, Amarelo escolheu começar falando do pé de castanhola, local onde ele ficou boa parte da infância. Ele costumava subir nesta castanholeira para pegar seus frutos e ainda tinha como diversão derrubar casas de marimbondos que se instalavam em seus galhos. Lamentou por hoje em dia ela estar meio destruída porque no morro onde ela se situava estava sendo construído um viaduto e muitas moradias. Acrescentou, inclusive, que a sua casa também seria retirada de lá.

A segunda fotografia apresentada foi a do terreno baldio onde jogavam futebol. Amarelo escolheu fotografar este local porque lembrou que eu havia sugerido que eles fotografassem um local que desejariam modificar. E assim, ele disse querer modificar este local porque seria muito bom se as crianças que ali residiam pudessem ter um campo de futebol para jogar. Atualmente o local estava pior do que quando ele era criança porque, não bastasse o fato de ter muitas pedras, associava-se a isso a quantidade de vidros e fezes de animais que eram conduzidos por seus donos para lá depositar seus excrementos.

Quando indagado sobre a possibilidade de se reunir com outros jovens para reformar este campo, Amarelo afirmou já terem tentado melhorá-lo, colocando a areia, mas a manutenção era muito difícil. Além de o capim crescer rapidamente, os donos dos animais continuavam utilizando o espaço como depósito de excrementos e não seria interessante para ninguém criar qualquer tipo de animosidade em um local já tão afetado por práticas violentas. Ademais, Amarelo deixou bem claro que a população de um modo geral, e especialmente os jovens, tinham sido invadidos por um desestímulo generalizado que os paralisavam.

A terceira fotografia tirada foi a do morro onde ele tanto brincou na infância com os primos e irmãos. Amarelo falou que esquiar no local era um verdadeiro perigo: *“Era um monte de grama com galho e a gente se tacava dentro. A gente se tacava porque queria e porque era divertido a gente se machucar nesta época. A gente se tacar nas urtigas. Na minha infância eu brincava ali. Minha mãe gritava para a gente descer e eu só descia de seis horas da tarde para tomar banho, com os cabelos cheios de areia”*.

Respostas referentes ao questionário (apêndice B) com perguntas relativas a questões familiares

Amarelo disse nunca ter ficado separado dos seus pais, enfatizando que biologicamente eles eram seus avós. Para representar a presença constante deles em sua vida, ele desenhou um coração com o pai (avô) e a mãe (avó) dentro de uma aliança fazendo alusão ao círculo infinito que nunca acaba. O amor a ele dedicado por sua avó era o maior responsável por sua segurança no mundo. Quanto ao pai adotivo (avô), Amarelo disse vê-lo por muito tempo apenas como um provedor financeiro, só recentemente passando a lhe dar amor. Já a mãe, sempre ficou com ele, dedicando-lhe todos os cuidados possíveis e amando-o muito. Disse que ficaria muito perturbado se perdesse um dos dois, especialmente sua avó.

O mundo para Amarelo sempre pareceu algo assustador, e aprendeu com os pais-avós que *“o mundo não é coisa simples de se viver e é uma coisa complicada porque tem várias pessoas querendo fazer o mal umas para as outras, então não podemos confiar assim em uma pessoa”*. A solidão também foi motivo de queixas para o Amarelo. Disse que quando criança, apesar de interagir com as pessoas não se sentia amparado ou verdadeiramente inserido em grupo social. Todavia, no ambiente familiar ele sempre se sentiu bastante seguro,

sobretudo por confiar muito na mãe. Amarelo afirmou ter como alicerce as suas personalidade e também sua mãe.

Projetos de vida

Dentre os projetos de vida do Amarelo estavam o desejo de poder comprar livros sobre todos os tipos de ciência que, segundo ele, eram bem caros, custando em torno de cem a trezentos reais e que ele só gostaria de adquiri-los se o pagamento fosse à vista, pois ele aprendeu com a mãe (sua avó) que não se devia comprar nada parcelado.

Amarelo desconsiderou a minha sugestão de que ele poderia adquiri-los em curto prazo se economizasse, afirmando ser impossível, porque ele era muito perdulário, especialmente quando se tratava de vídeo game, visto que ele atribuía a essa atividade grande valor por ser o seu “campo de estudo”, dotando-lhe de uma inteligência que ele não seria capaz de adquirir por outros meios. *“Eu só tenho minha inteligência hoje por causa do vídeo game e se eu deixar o vídeo game eu cresço um pouquinho burro”*.

Amarelo também desenhava um diploma, referindo-se ao seu desejo em concluir os estudos e ingressar na universidade, adquirir recursos financeiros e também ganhar um carro da mãe que, segundo ele, pretendia comprar no ano seguinte. Depois falou dos planos em adquirir um apartamento amplo, de preferência em frente ao mar. Aqui cabe ressaltar que apesar de Amarelo viver em uma área pobre e de alta vulnerabilidade, a mesma concentra-se em uma região central, permitindo o acesso a serviços que não teria com tanta facilidade em um bairro mais afastado. Ademais, ele e sua família residem próximo à praia, de onde muitos deles tiraram e tiram seus sustentos, adquirindo por esse local uma grande estima.

Nesse sentido, o desejo em adquirir um apartamento amplo em frente ao mar decorria do fato de que com a construção do viaduto na região onde ele morava, as pessoas que lá residiam teriam suas casas destruídas, todavia, ganhariam da Caixa Econômica casas novas. A distribuição das casas ocorreria por família e não pelo número de casas destruídas, sendo assim, como na sua casa moravam mais de uma família, eles ganhariam mais de uma casa e cada um poderia ter seu lar. Quanto a ele e seus pais (avós), poderiam vender a casa adquirida pela Caixa Econômica e alugar um apartamento próximo de onde já moravam. Seu carro também seria comprado com parte do valor da venda da casa.

Nesse momento achei necessário realizar uma intervenção, pois me pareceu preocupante o Amarelo não estar lidando realisticamente com fatos concretos do seu

cotidiano. Então, perguntei-lhe como fariam para se manter com esse dinheiro que por mais vultoso que fosse logo acabaria, afinal de contas, antes eles não precisavam pagar aluguel.

Amarelo continuou vendo toda a situação com bastante tranquilidade e nuances de fantasia ao esclarecer que com o dinheiro da casa vendida daria para pagar o aluguel por tempo ilimitado e que seu pai além de aposentado tinha voltado a trabalhar no emprego anterior, o Cais do Porto, e com seus ganhos dava para todos viverem sem motivos para preocupações.

Percebendo que meu discreto alerta tinha passado despercebido, optei por fazer Amarelo refletir sobre a atual situação, trilhando agora outra via. Sendo assim, falei que tinha observado que ele desejava muitas coisas e todas elas demandavam um investimento financeiro para serem adquiridas. E, mais, a impressão que ele me dava era de estar todo o tempo esperando pelos outros. Eu não tinha visto até o momento ele se movimentar de fato, comprometendo-se com atividades que poderiam tornar esses seus desejos realizáveis. Ao que Amarelo respondeu: *“Não, tia, começa assim... eu pretendo explorar um pouco minha mãe... vamos dizer assim... explorar pelo dinheiro, porque com o dinheiro que ela está me dando ela vai investir para ganhar um lucro muito melhor do que ela está me dando. Porque o dinheiro que ela está gastando comigo eu posso dar dez vezes mais para ela”*. Perguntei como se daria esse retorno financeiro e obtive a seguinte resposta: *“Me formando nos estudos que é uma coisa que ela quer que eu faça muito. Ela mesma disse: Faça os meus gostos que eu faço os seus. Eu faço os gostos dela que é ir para a escola todo dia e não faltar porque eu não gosto de faltar à escola, mesmo ela pedindo. Às vezes ela diz: ‘Amarelo, não vai para a escola hoje porque não tem almoço’. Aí mesmo assim eu vou. Ela está muito feliz com isso e ela me dá o dinheiro”*.

E assim, interpelei o Amarelo pela terceira vez se ele não achava mais interessante que o dinheiro da compra do carro fosse investido em outras coisas, como nos seus estudos, por exemplo, ou ainda em uma poupança com a qual ele pudesse se manter ao longo dos estudos acadêmicos. Dele obtive a resposta de que sua avó havia feito uma poupança para ele, pensando nos seus estudos, mas que o fato da Dilma estar na presidência a havia tranquilizado, e ela interrompeu as economias para este fim por confiar que as chances dele ingressar em uma faculdade pública seriam grandes.

Minha quarta e última intervenção também me pareceu pouco produtiva. Alertei para o fato de que estudar em uma universidade pública requereria também investimentos financeiros com a aquisição de material didático, ida a eventos acadêmicos, transporte e

alimentação, dentre outros. Amarelo alegou que não teriam problemas quanto a isso, pois a aposentadoria do pai (avô) era suficiente e os gastos deles eram poucos. A mãe (avó) dele só gastava um pouco mais porque tinha um bebê em casa para alimentar, além de várias crianças. Mas ele acreditava que quando se mudassem as despesas diminuiriam porque cada família iria ter sua casa. Também acrescentou que com o dinheiro ganho com a primeira graduação ele teria como retribuir tudo o que foi feito por ele e ainda sobraria para pagar uma pós-graduação.

3.2 Dos determinantes do luto em cada sujeito

Parkes (1998) menciona que é muito comum ao discutirmos o processo de luto o simplificarmos com a inócua afirmação de que a perda de um ente amado causa pesar. No entanto, inúmeros fatores devem ser considerados quando nos propomos a compreender as variadas reações ao longo de todo esse processo. Para uns o pesar do luto pode ser forte e prolongado ou não; para outros pode ser fraco e breve, e ainda há aqueles imediatos que se movimentam no caminho oposto dos considerados adiados.

Além disto, há que se ter a clareza de que uma explicação integral de todos os aspectos referentes a um acontecimento psíquico é inviável, tendo em vista a complexidade do comportamento humano e a impossibilidade de se ter, na maior parte das vezes, conhecimento de todos os meandros que envolvem o evento.

Sendo assim, disponho-me aqui a discutir alguns fatores chamados pelo autor de “Determinantes do Luto”, compreendendo-os como bastante expressivos na maior parte dos casos.

Tendo como base a Teoria do Apego (1984) e entendendo que os padrões de apego são importantes influenciadores nas reações ao luto durante a vida, inicio a análise buscando identificar os padrões de apego prevalentes na relação de cada um dos jovens, inicialmente com seus cuidadores e, posteriormente, com as demais pessoas. A identificação desses padrões, somada a outros elementos referentes às suas experiências de vida, serão, assim, meus principais norteadores, fornecendo-me indícios de como podem possivelmente estar configurados seus mundos presumidos.

Tendo em vista que utilizar esses únicos elementos, ainda que fundamentais, daria margem à presença de lacunas, trabalharei, ainda com mais três fatores, considerados por

Parkes (1998, 2009) determinantes presentes em boa parte do processo de luto. Sendo eles a relação com o morto, o tipo de morte e a vulnerabilidade pessoal. Assim, vejamos.

3.2.1 Menina Azul

Estilo de padrão de apego e configuração do mundo presumido

Avaliando os relatos da Azul ao longo de todo o feito da mandala, percebi que desde o primeiro encontro, quando ela não conhecia e nem mesmo tinha visto antes os outros sujeitos da pesquisa, por estudar em outro turno, aparentava uma tranquilidade espontânea e sem afetações. Apesar dos outros sujeitos se manterem a uma relativa distância dela no sentido relacional, não havendo o menor esforço em integrá-la às suas brincadeiras e atividades grupais, a mesma deixava transparecer uma total confiança em si e na relevância da sua contribuição na pesquisa que ora se iniciava.

Tal postura manteve-se coerente ao logo de todo o período em que os encontros ocorreram, confirmando minha percepção de que o padrão de apego Seguro caracterizava o estilo predominante nas suas relações com o mundo.

Azul afirmou em uma de suas falas, mais especificamente a referente ao centro da mandala, na qual os sujeitos eram solicitados a falar “quem eram eles”, que o fato de não agradar o outro a frustrava em certa medida, mas não o suficiente para torná-la insegura porque tinha total clareza acerca das suas demandas afetivas e das respostas que obtinha a partir dessas demandas, fortalecendo, assim, seu senso de confiança em si e naqueles que de fato mereciam estar ao seu lado.

Dessa maneira, ancorando-me nas combinações realizadas por Parkes, refletindo os quatro padrões de Apego apresentados por Ainsworth *et al.* (1978) e Main (1979), inseri a Azul no quadro ilustrativo indicando o espaço por ela ocupado nesta configuração:

Tabela 3 – Padrão de Apego predominante (menina Azul)

		Confiança em si	Confiança nos outros
Apego Seguro	Azul	Alta	Alta
Apego Inseguro			
Ansioso/Ambivalente		Baixa	Alta
Evitador		Alta	Baixa
Desorganizado		Baixa	Baixa

Fonte: elaborada pela autora.

Como bem evidencia Parkes (2009), cada padrão de apego estabelecido pela criança, encontra-se fortemente atrelado ao estilo de cuidado parental. Ou seja, quando os pais ou responsáveis pelo cuidado da criança atendem às suas necessidades de segurança e estabilidade através de comportamento responsivo e afetuoso, a tendência natural é que estas crianças desenvolvam um padrão de apego seguro por confiarem que podem explorar o mundo e retornar para a base segura quando conveniente for.

Azul relatou que só tinha lembranças boas de sua infância, considerando-se uma criança muito feliz e evidenciou muitas vezes ao longo dos relatos o quão era unida a seus primos e o quanto recebeu todo o amor e carinho que precisava não somente da mãe, da avó materna e dos tios, mas também teve a oportunidade de se sentir muito amada pelo pai e pela avó paterna que faziam tudo por ela.

Estendendo essa experiência para a vida, pode-se inferir que são grandes as possibilidades de uma criança com vivências dessa natureza tornar-se, no futuro, um jovem e um adulto muito mais assertivo, em função da confiança em si, além de muito mais receptivo nas suas relações interpessoais por confiar igualmente no outro. No que tange ao luto, a pessoa com o estilo de apego seguro esta mais predisposta a níveis mais baixos de sofrimento emocional porque a confiança em si é fonte nutridora da crença de que poderá viver sem a presença física do outro. Ademais, por se sentir merecedora de afeto e cuidado e por confiar nos outros, solicita auxílio com mais facilidade quando se dá conta de que sozinha terá mais dificuldade em transpor determinadas dificuldades.

Quando falamos na figura de apego estamos nos referindo não exclusivamente à mãe biológica, pois Bowlby (1958) ao abordar a questão da natureza do vínculo estabelecido entre a criança e a mãe, compreendia que o apego primário podia se dar também na interação da criança com qualquer outra pessoa responsável pelos seus cuidados e manutenção da sua vida. No caso da Azul, desde bebê foi criada pela mãe e pela avó materna, sempre as tendo ao seu lado em todas as circunstâncias. Além delas, ainda contou com o auxílio afetuoso e financeiro dos tios e tias.

Os pais da Azul se separaram quando ela ainda era bebê, mas sua mãe sempre fez questão de que mantivesse com o pai uma relação estreita, pois considerava importante a participação da figura paterna na educação da filha. Azul conta que até os sete anos, em média, nutria um amor incondicional pelo pai e a recíproca parecia ser verdadeira. No entanto, seu pai casou novamente e foi morar longe dela, deixando de dar notícias por um período considerável. Neste ínterim a Azul sofreu muito, sentindo-se abandonada pelo pai, mas

adquiriu recursos para lidar com este distanciamento conectando-se ao amor manifestado pela mãe, avó e tios por ela.

Considerando este panorama no qual Azul deixou de conviver com o pai, chegando a se sentir abandonada, senti-me impelida a aventar a possibilidade de que o estabelecimento de um padrão de apego seguro não se daria nestas circunstâncias. No entanto, Parkes (2009) cita pesquisas realizadas por Easterbrooks e Goldberg (1984) e Belsky (1996), que demonstram que os desdobramentos de um cuidado parental ineficiente de uma das partes podem ser modificados se a outra parte oferecer, em contrapartida, cuidados adequados que municiem a criança de segurança, aliada a um forte senso de autonomia, sendo este último resultado do primeiro.

E assim, alicerçada nas premissas de que: os estilos de apego interferem nos significados que atribuímos às nossas experiências; e, ainda, que o cuidado parental adequado é aquele que gera no indivíduo um vértice gerador de dois movimentos distintos, porém, igualmente fecundos, de confiança em e si e no outro, delineei alguns aspectos do aparente mundo presumido da Azul.

Diante da abordagem aqui discutida, entendo que os significados e sentidos que conferimos à vida estão solidamente alicerçados em estruturas internas constituídas por nossas compreensões e crenças acerca do mundo no qual vivemos. Assim, a forma como enxergamos a nós mesmos e aos outros, incluindo nossos pais ou cuidadores, Deus e a sociedade de uma maneira abrangente, determina fortemente a forma como lidamos com variadas situações, incluindo o processo de luto.

Diante destes aspectos, percebi que a maior parte das lembranças da Azul referentes à sua infância é de muita brincadeira, contato social intenso com outras crianças, relação estreita com a família ampliada e da plena convicção de ser amada por boa parte das pessoas que com ela conviviam. A mesma incluía seu pai no grupo das pessoas pelas quais considerava ser amada, pois apesar dele ter optado por ficar afastado dela por um longo período, ao regressar, estava tentando reconstruir uma relação que se apresentava esgaçada. Também era visivelmente perceptível na Azul a capacidade de se projetar no futuro, fazendo planos para tal, e elaborando estratégias realistas para alcançá-los. A noção do que poderia ser feito por ela, sem arroubos de fantasia, tornavam as possíveis frustrações mais fáceis de serem manejadas e ajustadas a uma nova configuração de vida. Ao referir-se ao seu projeto de vida, tinha muito claro que por desejar passar no ENEM, teria que intensificar seus momentos de estudos, priorizando-os em detrimento de outras atividades que a distanciassem desse

propósito. Ela também mencionava seu desejo em ingressar em um novo estágio. Azul aos dezesseis anos começou a se dividir entre a escola e o trabalho, se destacando bastante nas funções a ela cabidas em uma grande loja de departamentos. Fazia parte do projeto menor aprendiz. Seu estágio de um ano havia acabado, e nesse período Azul estava buscando um novo estágio porque além da família sobreviver com poucos recursos financeiros, ela tinha adquirido o gosto de prover algumas de suas necessidades com seus próprios recursos.

No que tangia ao âmbito familiar, Azul buscava introduzir nele a paciência, por acreditar que sua existência fortaleceria a relação entre seus membros. Apesar de não ter gravado, tive a oportunidade de conversar com sua mãe algumas vezes porque, em duas situações, ao entrarem em conflito, foi-me solicitado auxílio por parte da Azul.

Em ambos os conflitos, a tônica era a ausência de diálogo entre mãe e filha quando defendiam posições muito distintas. As duas sofriam muito quando as discussões se acirravam, pois declaradamente se amavam muito, buscavam uma relação harmoniosa, mas sempre se perdiam no meio do caminho por reconhecida ausência de paciência e flexibilidade para lidar com as diferenças.

A mãe da Azul era uma mulher jovem de trinta e três anos, muito sofrida por toda a carga de vicissitudes que permearam sua existência, tornando-se muito rígida em suas posturas. Por temer muito que a filha passasse pelas mesmas dificuldades que ela, tolhia-a demasiadamente, não a deixando namorar aos dezesseis anos. Azul, tendo como exemplo a vida da mãe, atuava no âmbito amoroso com muita cautela e discernimento, optando por não se envolver com ninguém prematuramente, mesmo sendo amplamente cortejada em função da sua beleza e meiguice. Mas, neste período em que estávamos convivendo, tinha conhecido um garoto com o qual desejava namorar e a mãe, mesmo admitindo que se tratava de um bom rapaz, não estava permitindo o namoro. O problema é que de um lado a mãe não permitia o namoro e do outro Azul não desejava abrir mão do rapaz, mas também não suportaria namorá-lo escondida da mãe. Não foi em uma simples conversa que essa questão foi resolvida, nem tampouco a outra posterior a essa, mas sentíamos, em certa medida, uma tranquilidade por entendermos que todos esses conflitos eram perpassados por muito amor e que a paciência e o diálogo viriam com o tempo e com certa dose de esforço que ambas estavam dispostas a empreender, ainda que não fosse nada fácil.

Se a vida da Azul, ainda que com a existência de conflitos, possuía um caráter por vezes idílico em virtude da amorosidade que permeava suas relações familiares, em outro

sentido, devido ao espaço geográfico em que residia, era atravessada por acontecimentos de ordem violenta que influenciavam na sua maneira de ver o mundo.

O mundo presumido contém suposições sobre objetos como cadeiras, portas e janelas que nos permitem reconhecer tais objetos quando os vemos e planejar nosso comportamento de acordo com a necessidade. Mas ele contém muito mais do que isso: Tudo o que consideramos garantido faz parte do nosso mundo presumido. Aí estão incluídas nossas percepções sobre nossos pais e nós mesmos, nossa habilidade para lidar com o perigo, a proteção que podemos esperar dos outros (incluindo-se aí a polícia, o sistema legal e as pessoas ao nosso redor) e as incontáveis cognições que compõem a estrutura complexa de que depende nosso senso de significado e propósito de vida. (PARKES: 2009, p. 43).

Apesar de só ter sido atingida indiretamente por tais acontecimentos, seus pais tinham vivenciado uma realidade bem diferente da dela o que os tornavam muito temerosos em relação ao mundo, sempre esperando dele a próxima rasteira. E assim, ambos falavam para a filha ter muito cuidado com o mundo e com as pessoas porque às vezes elas pareciam ser algo que não condizia com a realidade, sendo bem piores, surpreendendo àqueles que nelas confiavam com golpes avassaladores.

Nesse sentido, não teria como Azul deixar de absorver essas percepções dos pais, e ainda que para ela o mundo se apresentasse como um ventre acolhedor, sabia que para muitos que residiam no seu bairro, o mesmo se convertia em um espaço abortivo que ao invés de amparar revelava um caráter ambíguo de expulsão. Um exemplo disso é que a morte para ela nunca chegou a ser algo inominável ou até mesmo distante. Em vista disso, tinha plena consciência de que pelo fato do pai ter se envolvido com o tráfico de drogas estava naturalmente mais suscetível a sofrer uma morte trágica. Todavia, não esperava que fosse tão rápido, usando como parâmetro para tal crença o exemplo de pessoas que demoraram a morrer ou nem mesmo morreram, e também confiando que pelo fato do pai ser uma pessoa boa, estaria blindado contra a morte.

Sobre essa questão, Rando (2002) evidencia que a vivência na infância e juventude em cenários conflituosos, carregados de estresse, ao contrário do que normalmente se espera, pode tornar uma pessoa mais apta a lidar com futuras adversidades. No caso da Azul, ela tinha certa noção do que poderia esperar e assim mobilizava recursos que a permitiam trafegar em panoramas adversos sem adquirir nenhum comprometimento psíquico. Ela dizia que quando acontecia algo que a deixava triste, recorria a atividades que a alegrassem e a pessoas que a confortassem e passassem confiança. Essa disponibilidade em se ajudar e também buscar ajuda no outro, típica do estilo de apego seguro, amortecia os efeitos

adversos dos possíveis eventos traumáticos, fortalecendo-a com um robusto repertório de possíveis soluções para problemas futuros, a exemplo do luto.

Relação com o morto

Ao avaliar a relação da Azul com seu pai, considero em uma análise inicial o parentesco entre ambos um fator determinante de luto mais intenso. Todavia, algumas variáveis diluem esse aspecto, deixando-o, em certa medida, com seu valor reduzido.

Quando nos remetemos ao estilo de apego estabelecido com o pai, identificamos um padrão de apego inseguro ansioso ambivalente, no qual a figura cuidadora, representada pelo pai, agiu em determinados períodos de uma forma ambígua e imprecisa, não somente minando a confiança da filha, mas também deflacionando um amor que outrora existiu de forma intensa, gerando, conseqüentemente, um investimento reduzido por parte dela na relação. A impressão que Azul passou é que ela estava aos poucos e, muito cautelosamente, aceitando a tentativa do pai em resgatar a confiança e afeto perdidos. Em um dado momento, Azul reforçou essa percepção quando disse: *“Nosso amor era uma flor murcha que estava revivendo. É tipo... dos meus zero aos sete anos a flor já estava completamente linda, aí com a ausência ela foi murchando, aí quando ele voltou ela começou a ser regada e foi crescendo, mas aí teve um rompimento”*.

Esse rompimento, em certa, medida foi abalado pela ambivalência existente na relação como resultado da presença simultânea de sentimentos de amor e ódio. Se por um lado Azul dizia não estar sofrendo em demasia porque não moravam juntos e ela o via apenas nos finais de semana, por outro, dizia estar muito confusa porque sempre achou que deveria amar mais sua mãe e sua avó pelo fato de ambas tê-la criado. Sentia-se culpada por amar o pai, mesmo achando que ele não merecia. Não achava justo gostar dele tanto quanto gostava da sua mãe, mas, após sua morte, sentia-se igualmente culpada por não ter dado a ambos a chance de um convívio mais intenso e sem defesas.

Identifiquei essa ambigüidade de sentimentos como a variável que mais indicava uma propensão a uma reação de luto mais intensa. No entanto, a expressão desses sentimentos só se manteve no período inicial do luto, ou, um pouco depois, nas circunstâncias em que entrava em conflito com a mãe, pois tendia a idealizar a figura do pai. Todavia, com o passar do tempo, esse sentimento foi se diluindo de uma maneira muito tranquila até não mais se apresentar de uma forma dolorosa.

Tipo de morte

Ao indagar a Azul se tinha noção de que estando seu pai envolvido em uma atividade muito arriscada, naturalmente estaria mais suscetível a sofrer uma morte trágica, a garota respondeu que sim, todavia não esperava que fosse tão rápido. Ela disse que do instante em que o pai se envolveu com o tráfico até o dia da sua morte, tudo transcorreu velozmente, ao contrário do que acontecia com outros que passavam a vida toda envolvidos com o tráfico e nem por isso morriam. Neste momento ela se alongou descrevendo o temperamento do pai como muito amável, não fazendo mal nem a um animal. Em vista disso, pensava que se ele não fazia mal a ninguém, estaria de alguma maneira blindado contra a morte.

A morte do pai da Azul é considerada motivadora de reações mais intensas de luto por ter sido prematura e violenta. Ou seja, seu pai era jovem e estava gozando de saúde física quando foi assassinado de maneira bárbara. Muito embora esses elementos normalmente tendam a se direcionar para um lugar de imensa dor, Azul, apesar da tristeza que sentia, demonstrava que a morte do pai, ainda que não fosse desejada, era em certa medida esperada. Neste sentido, tal percepção parece ter assumido a função de prepará-la para a possibilidade da perda, antes mesmo dela vir a ocorrer.

Vulnerabilidade pessoal

Os fatores considerados predisponentes de uma vulnerabilidade pessoal não foram encontrados em Azul, visto que, ao longo de quase um ano de pesquisa, nenhum indício de transtorno emocional foi identificado. A mesma tinha como padrão de apego predominante o seguro, conferindo-lhe um nível elevado de autoestima, capacidade de autonomia e confiança no outro. Ademais, Azul sempre contou com uma rede de apoio social marcadamente suportiva, abrangendo familiares e amigos, amparando-a quando se fez necessário.

3.2.2 *Menina Lilás*

Estilo de padrão de apego e configuração do mundo presumido

Lilás pareceu-me uma menina bem introspectiva no nosso primeiro encontro, falava bem pouco, somente quando solicitada e parecia desejar a aprovação dos outros em um nível considerável, de maneira que esse seu desejo acabava por obstruir um comportamento mais espontâneo de sua parte. Apesar de não ser uma moça fisicamente pequena, aparentava ter uma fragilidade que comovia. No entanto, percebia-se que a fragilidade da Lilás não era percebida em função de uma ação deliberada sua, talvez, sua vontade fosse a de camuflar essa vulnerabilidade, mas a mesma era muito evidente, não tendo como passar despercebida.

Entendendo que a forma como uma pessoa atua no mundo nos fornece um indicativo de como se deram seus cuidados parentais e o estilo de padrão de apego por ela adotado, levantei a hipótese inicial de que Lilás provavelmente havia desenvolvido como estilo de apego predominante o inseguro.

Minhas impressões se tornaram mais claras quando Lilás revelou que achava que sua infância tinha sido perdida, pois na infância as crianças deveriam brincar, receber carinho, amor e atenção, prerrogativas que, segundo ela, não lhes foram concedidas da maneira adequada pelas pessoas que dela cuidavam, com exceção do seu pai. Um pouco mais adiante deter-me-ei na sua relação com o pai, mas por hora apresentarei rapidamente alguns eventos por ela vivenciados, além da ausência de cuidados.

De acordo com o Teste da Situação Estranha (TSE), que consistia na observação do comportamento de mães e seus respectivos filhos antes, durante e depois de um rápido afastamento entre ambos, conclui-se que crianças que têm como cuidadores pessoas incapazes de proporcionar os cuidados mínimos necessários, passam a estabelecer com bastante frequência um estilo de apego desorganizado com suas figuras parentais. Nesse padrão de apego, mencionado anteriormente, os cuidadores são habitualmente intolerantes, imprevisíveis e indiferentes aos apelos da criança, deixando-a, assim, com o forte sentimento de impotência e desesperança. “[...] ela tanto procura quanto tem medo de seu(s) cuidador(es) primário(s), as pessoas a quem ela naturalmente procuraria quando tivesse um problema” (PARKES, 2009, p. 126).

Diante deste panorama, lamentavelmente as crianças enquadradas neste estilo de apego, ao contrário das crianças com estilo de apego seguro, manifestam um nível mínimo de confiança em si e no outro, como vemos na ilustração que se segue:

Tabela 4 – Padrão de Apego predominante (menina Lilás)

	Confiança em si	Confiança nos outros
Apego Seguro	Alta	Alta
Apego Inseguro		

Ansioso/Ambivalente		Baixa	Alta
Evitador		Alta	Baixa
Desorganizado	Lilás	Baixa	Baixa

Fonte: elaborada pela autora.

Lilás confidenciou que aos doze anos era uma pessoa muito trancada e, em função das inúmeras mudanças físicas e mentais decorrentes dessa fase, optou por guardá-las somente para si, não conversando com ninguém e mantendo-se calada. Nesta época fazia uso de um diário para registrar o que lhe acontecia. Segundo ela, seu comportamento retraído motivou sua mãe e outras pessoas a especularem sobre a causa de tal comportamento, cogitando-se a possibilidade de levá-la a um psicólogo.

Ao ser indagada sobre o porquê de não dar o primeiro passo buscando conversar com alguém quando se sentia sozinha e triste, respondeu que por vezes até tentava, mas, ainda assim se sentia meio deslocada e acreditava que isso se devia ao fato das pessoas a acharem boba e pouco interessante. E assim, ela por si só encontrava meios de se distrair sozinha ido à biblioteca, ou então ouvindo música e assistindo vídeos na hora dos intervalos.

Quando crescidos, de acordo com pesquisas realizadas por Parkes (2009) com dois grupos distintos de sujeitos com padrão de apego desorganizado, um deles composto por pacientes psiquiátricos e o outro constituído por pacientes que nunca sentiram necessidade de recorrer a um tratamento psiquiátrico, observou-se percursos diferentes no trajeto relacional desses sujeitos.

Os sujeitos do grupo que estava recebendo tratamento psiquiátrico além de não confiarem em si, tinham uma dificuldade muito grande de confiar no outro e, conseqüentemente, pedir ajuda. Em vista disso, quando estavam envolvidos em situações de grande estresse, ao invés de buscar ajuda se isolavam ainda mais, afirmando que se voltavam para dentro de si, sendo essa característica preditiva de sintomas depressivos, ansiedade, síndrome do pânico, inclinação ao suicídio ou a danos autoinflingidos.

Todavia, um resultado bem mais otimista foi revelado no grupo referente a pessoas com estilo de apego desorganizado que não haviam recorrido a tratamento psiquiátrico. Nesse, evidenciou-se que crianças com apego desorganizado podem desenvolver estratégias de ajustamento que não as deixem totalmente impotentes. Por mais que de uma maneira geral sejam inábeis em apresentar soluções em tempos de adversidades, desenvolvem uma habilidade “relativa” a se manterem calmas, assumindo uma atitude discreta, de pouca visibilidade. Essa configuração de comportamento adaptativo se estende ao longo dos anos, possibilitando que a pessoa, ainda que com limitações, continue acreditando e desejando

relacionar-se com os outros. Inclino-me a pensar que Lilás detém predominantemente características referentes a este segundo grupo, e será a partir dessa perspectiva que estruturarei a análise que se segue.

Apesar de a Lilás ter convivido com uma mãe inconsistente em seus cuidados, inviabilizando que a filha estabelecesse com ela laços de confiança mais profundos, e, ainda, apesar de ter sido vítima de abuso parental aos sete anos, momento em que a dependência dos cuidadores é por demais significativa e influenciadora de comportamentos posteriores, identifiquei em Lilás dois fatores atenuantes ao longo dos seus dezessete anos de vida. O primeiro deles é concernente ao vínculo estabelecido com seu pai, realçado por passeios felizes, mas também pela parceria em momentos mais dramáticos, quando o alertou sobre os perigos que ele corria, fazendo-o chorar, ou ainda no dia em que mesmo tendo pouco para comer o pai foi capaz de dividir com ela.

Parkes (2009) percebeu com sua pesquisa que as crianças que desenvolviam um estilo de apego inseguro desorganizado podiam estabelecer duas maneiras distintas de conexão com os cuidadores: em uma delas prevalecia uma relação de ambivalência com o cuidador, oscilando entre a aproximação e o afastamento; e, em outra, tornavam-se dependentes de apenas uma figura parental, evitando a outra figura. No caso da Lilás, havia uma dependência do pai, em detrimento de um afastamento da mãe. Essa configuração relacional permitiu que Lilás adquirisse certa tranquilidade para lidar com os revezes do dia-a-dia, como também a equipou com um acervo de boas lembranças de quando foi amparada por outros, validando a noção de que era possível confiar em outras pessoas.

Em uma das pinturas feitas por Lilás, visualizei um desenho de um coração que, segundo ela, seria a mais pura expressão do amor que ela sentia pela vida e de gratidão por ter recebido atenção da tia que a levou ao parque junto com seus primos. Lilás lembrou que esse foi o dia mais feliz de sua vida. Na época devia ter por volta de nove ou dez anos e foi a primeira vez em que comeu maçã do amor, fato este que muito a marcou.

Além da tia, primos, alguns colegas de escola, dentre eles Vermelha e Amarelo, Lilás também concebia Deus como um grande amigo e cuidador, confirmando a assertiva de Parkes (2009) de que o estabelecimento de vínculo com um ser divino é um significativo gerador de confiança e fortalecimento.

Sendo a relação harmoniosa com o pai uns dos fatores que atenuou os efeitos negativos de um estilo de apego inseguro desorganizado; a atitude complacente, a calma e a discrição, somadas a uma postura cuidadora e responsável por parte da Lilás, parecem ter sido

o segundo fator atenuante de uma possível existência de recolhimento e solidão, dentre outros efeitos ainda mais danosos. A esse respeito, Parkes (2009, p. 132-133) nos fala que com sua pesquisa:

Foi sugerido que os apegos desorganizados podem tender à passividade. Com a falta de confiança em si e nos outros, alguns podem conservar uma atitude calma e até desenvolver habilidades de passar despercebidos e se misturar à paisagem; outros podem obter créditos por seu cuidado altruísta com os outros. Se a vida moderna recompensa àqueles que tomam iniciativa e têm liderança, indivíduos a quem faltam essa habilidade podem encontrar seu nicho como amigos, seguidores e apoiadores que vão se encaixar discretamente, olhando pelos outros e não desafiando ninguém.

Essa forma de atuar nas relações pessoais pareceu, para o autor, uma maneira satisfatória de o indivíduo canalizar o sentimento de desamparo para ações que, ao não confirmarem sua crença de menos valia, tornam-se estratégias funcionais de ajustamento às condições que lhe são impostas contrariando suas reais necessidades.

O caso da Lilás ilustra bem essa assertiva ao observamos que a inconsistência dos pais, e especialmente da mãe, no que tangia aos cuidados com ela, tornavam-na predisposta a agir como se eles e seus irmãos precisassem de seus cuidados. Nesse sentido, Lilás seguia tendo uma necessidade real de afeto e cuidados, confiando pouco em si e precisando dos outros, todavia, não podendo esperar essa ajuda dos outros e sendo cobrada tacitamente para ter uma atuação mais altruísta, visualizou nessa demanda externa uma maneira alternativa de se adequar ao meio se percebendo como uma pessoa solícita e sendo percebida como tal. Dessa maneira, Lilás mantinha uma relação de cuidado com o pai, preocupando-se com suas escolhas; temia pelas primas menores; e se inquietava com o fato dos irmãos não receberem uma atenção consistente da mãe. Pude observar ao longo do tempo que convivemos que o mesmo cuidado dispensado à sua família se dava com os colegas de escola, Amarelo e Vermelha, e até comigo, tornando-se uma pessoa pela qual passei a sentir grande apreço.

Quanto aos cuidados despendidos à família nuclear, após a morte do pai, sua mãe passou a ser uma dentre muitas outras preocupações que habitavam seus pensamentos. Após ficar viúva, sua mãe parecia estar tentando resgatar algumas práticas da juventude que não puderam ser realizadas no período em que desejava, por já estar casada e com filhos. Nesse sentido, passava a maior parte do tempo batendo papo com as amigas na calçada da sua casa ou via *Whatsapp*. Em uma de minhas conversas com Lilás que não foi gravada, pois a mesma sempre me procurava diversas circunstâncias para desabafar e se aconselhar, ela revelou que tinha tido recentemente uma noite muito agradável junto à sua mãe e seus irmãos por conta de uma falta de energia elétrica no bairro. Lilás contou que por não poderem assistir televisão e

nem utilizar a internet, acabaram batendo papo por longas horas, de maneira que nem perceberam o tempo passar. Dizia sentir falta de outros momentos como esse e indagava-se como poderia promover novamente tal encontro, sem parecer que ela estava engendrando tal situação.

Se por um lado, acolhia as necessidades da sua mãe, substituindo-a nas tarefas cotidianas, por outro, muitas vezes, ressentia-se com o comportamento da mesma, alegando que ela saía com as amigas e a deixava com toda a responsabilidade de cuidar dos irmãos, como também da arrumação da casa e da alimentação. Quando a indaguei sobre o que realmente a incomodava no comportamento da mãe, se era porque ela assumia as responsabilidades maternas, até mesmo cuidando-a, ou se era porque talvez estivesse sentindo ciúmes, Lilás respondeu: *“Eu sinto também, porque ela está aproveitando a vida e eu não, entendeu? Eu como jovem é que devia estar aproveitando a vida”*. Apesar de ter desconfiado do ciúme que provavelmente Lilás sentia de sua mãe por sair com as amigas, percebi que seu sentimento ambivalente estava mais atrelado ao seu desejo de passar pelas experiências pelas quais sua mãe estava passando.

As sobreposições entre os diferentes padrões de apego inseguros são bem comuns e também são passíveis de mudança, dependendo em grande medida dos eventos vivenciados. No caso da Lilás, percebo que com a morte do pai, que seria o provedor dos cuidados parentais que ela tanto precisava, surgiu a necessidade de ocupar a lacuna deixada, e esse papel de preenchimento foi atribuído à sua mãe com quem mantinha uma relação anterior de evitação. A partir do momento em que a mãe assumiu a condição de cuidadora ou, presumivelmente, a única pessoa a quem ela poderia recorrer diante de um problema, fez emergir em Lilás não somente a necessidade de proximidade como mecanismo de proteção, mas também uma definição mais precisa e rígida dos papéis assumidos por cada uma delas, nesse caso os papéis de mãe e filha.

Quanto aos projetos futuros, Lilás os têm em grande quantidade, e se movimenta no sentido de alcançá-los. Tem consciência que enfrenta e enfrentará alguns fatores limitantes decorrentes não somente do fato de ter iniciado seus estudos tardiamente, mas também em virtude das dificuldades financeiras e do contexto sociocultural que inviabilizam determinadas práticas, no entanto se mantém firme. Em alguns momentos o desânimo ganha forças, deixando-a deprimida e, por vezes, com a sensação de impotência, mas possui uma capacidade admirável de parar e refletir sobre os acontecimentos, buscando soluções realistas para o que a aflige.

Apesar da sua inibição e de muitas vezes sofrer em silêncio por não querer incomodar os outros ou achar que ninguém tem interesse em ouvi-la, quando se dá conta de que está no limite com o transbordamento de suas angústias, Lilás felizmente consegue recorrer ao auxílio de poucas pessoas com as quais estabelece uma relação de maior proximidade e confiança. Ainda que sejam poucas, essas pessoas existem na vida dela.

Concluindo, pode-se prever que Lilás mesmo diante de todos os agravantes que permearam sua existência até o momento, parece não ter desistido de acreditar no valor dos relacionamentos, considerando-os abundante fonte de segurança. E ao que tudo indica, sua persistência não garantirá, mas certamente facilitará o estabelecimento de relacionamentos de confiança, ainda que reduzidos.

Relação com o morto

O parentesco com a pessoa perdida, no caso o pai, gera uma tendência no enlutado a desenvolver um luto mais intenso, especialmente quando esse pai é um dos provedores da família e também a figura realizadora de funções importantes dentro da dinâmica familiar. No caso específico da Lilás, com a morte do pai houve uma desorganização na estrutura familiar, demandado uma reorganização dos papéis e adequação das funções. Somado a isto, após o sofrimento inicial, sua mãe parece ter refeito sua vida, sendo impulsionada a resgatar desejos e práticas outrora deixadas de lado, em virtude de um casamento e maternidade precoces.

Ao remeter-me ao estilo de apego estabelecido entre Lilás e o pai, identifiquei um padrão de apego inseguro ansioso ambivalente que seguia duas direções ambivalentes. Se em uma delas eram realçados os passeios felizes, a confiança e a parceria em momentos bons, permitindo que Lilás adquirisse certa tranquilidade para lidar com os revezes do dia-a-dia; a outra direção apontava para a incerteza de que, apesar de saber que o pai se preocupava com ela e a amava, nem sempre estava disponível nos momentos em que mais precisava ser protegida, dentre outras razões, em função de sua instabilidade emocional e gosto pela bebida e narcóticos.

Tal configuração poderia conduzir Lilás a um processo de luto mais intenso, todavia o mesmo não ocorreu, dentre outros fatores, porque, ao que tudo indica, diante das oscilações do pai, ela aprendeu a utilizar estratégias que eram funcionais dentro do contexto em que ela estava inserida. Como diz Parkes (2009, p. 26), “[...] embora seja tentador pensar nos padrões de apego inseguro como disfuncionais, cada um deles tem uma função: ‘O

coração tem suas razões””. Logo, a forma como a pessoa com apego inseguro se movimenta dentro da relação pode indicar uma aprendizagem adaptativa afinada com o evento em questão, muitas vezes sendo ela determinante em situações que ofereçam maior perigo.

Partindo deste ângulo de visão, avento a possibilidade de o estilo de apego estabelecido entre Lilás e o pai, em consonância com seu estilo de apego com a mãe, preparou-a previamente, municiando-a com uma espécie de “pronto socorro” apto a ser acionado em situações de emergência que já esperava enfrentar.

Tipo de morte

A morte do pai da Lilás foi prematura e violenta. O homicídio do pai aos trinta e três anos poderia ter abalado fortemente o mundo presumido da filha, tornando-a incapaz de lidar com realidade tão amedrontadora. Todavia, Lilás de alguma maneira já havia feito alusão para si mesma e para o pai do quanto suas práticas poderiam conduzi-lo a uma condição de danos físicos e até de morte violenta. Essa perspectiva, ainda que não desejada, a exemplo do caso da Azul, assumiu a tarefa de amortecer o impacto da perda em Lilás como se, de alguma forma, ela tivesse criado uma espécie de armadura contra impactos traumáticos. Para compor esse conjunto, trago, ainda, o estilo de apego predominante na Lilás, no caso, o inseguro desorganizado, como um possível fator atenuador de traumas. Ainda sobre o apego inseguro desorganizado, o trauma e o mundo presumido, Parkes (2009, p. 166) fala:

A teoria de Jannof- Bulman sobre o abalo do mundo presumido [...] poderia implicar que as premissas negativas associadas aos vínculos desorganizados serão mais confirmadas do que abaladas pela experiência do estresse. Aqueles que esperam que as coisas deem errado ficarão menos decepcionados quando elas realmente forem mal do que aquelas pessoas com expectativas positivas, que ficarão abaladas. Se isso é verdadeiro, podemos esperar que pessoas com uma história de apegos inseguros lidem melhor do que os outros ‘seguros’ após perdas traumáticas.

De fato, essa é uma premissa que considero bastante plausível, apesar de não ser generalizável. Parkes (2009) observou que apesar de suas pesquisas sugerirem que no caso de ‘lutos não traumáticos’ seu impacto pode ser abrandado em virtude das crenças negativas decorrentes do vínculo de apego desorganizado, em casos de traumas mais intensos esse enunciado perde um pouco da sua validade. Todavia, considerando as subjetividades compreendidas em cada caso em particular e, aqui, reportando-me ao caso específico da Lilás, no qual se associa ao padrão de apego desorganizado uma espécie de luto antecipatório, penso haver fortes indícios de que a morte, ainda que violenta, não foi de todo inesperada, e através

do convívio contínuo com um “pode ser que...”, delineou-se um dispositivo de proteção significativamente funcional.

Vulnerabilidade pessoal

Lilás, apesar de não apresentar nenhum indício de transtorno emocional, aparentemente, demonstrava uma maior predisposição à vulnerabilidade pessoal quando considerado seu padrão de apego, no qual predominava uma falta de confiança tanto em si, quanto no outro, insegurança essa que parecia se confirmar pela aparente ineficiência de sua reduzida rede social que não atuou como anteparo para suas dores e temores.

Apesar disso, Lilás revelou uma grande capacidade de resiliência Cyrulnik (2004) ao demonstrar que em meio a um mar revolto, repleto de ondas violentas, havia até agora avistado recursos para transpô-las, transformando as adversidades pelas quais passou e passa em aprendizados. Todavia, se tenho aqui motivos para levantar a hipótese de que a capacidade de resiliência da Lilás a conduziu até agora a portos seguros, vencendo as tempestades, esclareço que a resiliência, não sendo um atributo imutável, poderá não estar presente em outras circunstâncias de sua vida. Mas, considerando a grande capacidade que Lilás tem em se projetar no futuro, presumo que continuará a buscar estratégias de enfrentamento que viabilizarão um agir funcional ante as adversidades.

3.2.3 Menina Vermelha

Estilo de padrão de apego e configuração do mundo presumido

Ao desenhar o centro da mandala no nosso primeiro encontro, Vermelha iniciou um padrão de comportamento que se repetiu muitas vezes. Ao invés de atender à minha sugestão, que seria falar de si, desenhou um símbolo representativo de um clã que ela muito admirava quando assistia animes. Ao longo da explicação sobre o símbolo, e não sobre si, Vermelha esclareceu que esse clã não era composto por pessoas más, como aparentava ser, e

sim por pessoas boas que agiam muitas vezes em contradição com o que era considerado do bem, não porque o amor fosse um sentimento inexistente, mas porque ele precisava ser sobrepujado em função da necessidade de sobrevivência. Também mencionou que havia uma preocupação por parte deles com a família, apesar de não demonstrarem.

Apesar de não falar de si, percebi que o mesmo símbolo que ela havia pintado estava adornando seu pescoço, preso a um cordão. Levantei como hipótese, então, que naquele momento Vermelha projetava características suas nos componentes desse clã, por não desejar falar de si abertamente, talvez faltasse confiança para tal.

Ao longo de todo o processo de feitiço da mandala, falas da Vermelha foram confirmando a hipótese por mim levantada de que, ao contrário dos outros três sujeitos da pesquisa, havia nela uma resistência muito grande em falar de si, exigindo de mim muita habilidade para extrair informações e também para entender suas mensagens subliminares.

Em um de seus relatos, Vermelha revelou que sua mãe sempre contava sobre muitas coisas que aconteciam no mundo, mas para Vermelha as notícias não eram novidades porque ela já tinha acesso a elas pela televisão. Demonstrou lamentar pela mãe nunca falar dela mesma e de suas impressões. Ao ouvir essa declaração passei a cogitar a possibilidade de que Vermelha em seu convívio social, de acordo com a experiência que eu estava tendo com ela, reproduzia muito do comportamento adotado pela mãe como mecanismo de defesa, confirmando não somente a repetição de um padrão de apego, como também o aflitivo receio de se expor.

Com esse panorama em vista, passei a dedicar bastante atenção às suas interrupções no momento da fala dos outros componentes, pois percebi que era naquele lugar de “não visibilidade” que Vermelha parecia se sentir menos vulnerável e se mostrava mais inteira. Nesse lugar de maior conforto para Vermelha, eu a via falando dela e das suas percepções sem recorrer a fachadas.

E assim, fui me dando conta de que por trás daquela aparente força, mesclada à agressividade, existia uma menina frágil que não confiava nos outros e que para sobreviver se via impelida a agir sempre na defensiva, mostrando uma pujança irreal, mas que ainda assim passava a ideia de que ela sozinha conseguia se bastar. Sendo essas as características de um Padrão de Apego Inseguro Evitador e, fundamentando-me nas combinações realizadas por Parkes (2009), refletindo os quatro padrões de Apego apresentados por Ainsworth *et al.* (1978) e Main (1979), insiro Vermelha no quadro ilustrativo indicando o espaço por ela ocupado nesta configuração:

Tabela 5 – Padrão de Apego predominante (menina Vermelha)

	Confiança em si	Confiança nos outros
Apego Seguro	Alta	Alta
Apego Inseguro		
Ansioso/Ambivalente	Baixa	Alta
Evitador	Vermelha Alta	Baixa
Desorganizado	Baixa	Baixa

Fonte: elaborada pela autora.

O padrão de apego inseguro evitador, segundo Parkes, é uma estratégia de sobrevivência adotada por crianças que têm como figura cuidadora um ser que por não suportar a proximidade com outras pessoas, trata-as com indiferença e, na pior das hipóteses, pune-as sempre que exercitam o comportamento de apego.

Vale recordar que a teoria do apego postula como princípio fundante que a manutenção da proximidade entre a criança e a figura parental aumenta as chances de sobrevivência da primeira. Sendo assim, a criança já nasce instintivamente sabendo que retribuir os cuidados a ela dispensados com afagos e sorrisos e, chorar procurando pelo outro quando se sentir ameaçada, são comportamentos que lhe garantirão vinculação com a figura de apego e, conseqüentemente, maior proteção. No entanto, diante de reações hostis sistemáticas por parte do cuidador, a criança rapidamente aprende e adota um novo padrão de comportamento no qual as manifestações de afeto são inibidas e consideradas perigosas por colocarem sua vida em risco.

Geralmente, essa maneira de se relacionar com o cuidador se repete nas outras relações, sejam elas no âmbito pessoal, escolar ou profissional, em virtude da desconfiança de que os outros não são suficientemente confiáveis. E ainda, por não saberem lidar com os afetos que se presentificam nestas relações, as pessoas que estabelecem padrão de apego evitador tendem a assumir uma postura dominadora e por vezes agressiva com o intuito de deter certo controle sobre aqueles com quem mantêm vínculos.

Vermelha conviveu com o pai somente até os três anos de idade e dele pouco lembra. Diz não sentir sua falta, mas ao longo de nossas conversas e também na aplicação da RIME, pude perceber pontos de contradição que me fizeram acreditar que a ausência dele na sua vida talvez não tenha sido completamente superada. Da família do pai, Vermelha só mantém contato bastante esporádico com a avó.

Pouco tempo após a separação de seus pais sua mãe biológica passou a se relacionar com outra pessoa, dessa vez do sexo feminino, estabelecendo com ela uma relação estável que perdura até hoje, apesar de eventuais e rápidas rupturas. Da mãe biológica

Vermelha fala muito pouco e manifesta de maneira muito contundente a ausência de afinidade entre ambas. Também não fala nos seus familiares da parte materna, com exceção de um tio que é cabelereiro, mas foi tentar a vida na França como garoto de programa. Com ele chegou a conviver por um tempo razoável e aparentemente se davam bem.

A vida solitária, cheia de controles rígidos e falta de afeto por parte da mãe contribuíram para que a falta de afinidade sentida por Vermelha em relação a sua progenitora ganhasse contornos de mágoa. Sente-se explorada pela mesma por ter que realizar todas as atividades domésticas de segunda a segunda, e recordou com alegria o único momento da vida em que se afastaram por um curto período de uma semana. Nele, pôde usufruir tempos de ócio, sendo tratada carinhosamente como a criança que de fato era, por uma avó postiça cheia de amor para dar.

Sobre a ausência de afeto entre mãe e filha, Vermelha alegou que a mãe nunca mais a tinha beijado e abraçado, e quando a iniciativa de aproximação partia dela, a mãe logo perguntava, desconfiada, o que ela estava querendo. Por conta disto, acabava não investindo em novas tentativas. Entretanto, ao longo da conversa em que discutíamos essa questão, pareceu-me que as coisas poderiam não ocorrer exatamente desta maneira, visto que Vermelha ao relatar como se dava essa aproximação, dava a entender que esta não ocorria com gratuidade, pois ela desejava na verdade ganhar um livro da mãe. Antes de saber que Vermelha abraçava a mãe, almejando a aquisição de um livro, imaginei que esse comportamento da mãe seria inibição por não estar acostumada com tal gesto, reagindo, conseqüentemente, de maneira defensiva. Após Vermelha dar a entender que de fato a mãe não estava enganada em achar que ela queria algo, supus que as duas poderiam estar na defensiva alimentando um círculo vicioso, onde ambas desejavam mais proximidade, mas a temiam igualmente.

Para Parkes (2009, p. 118), pessoas com padrão de apego inseguro evitador tendem a passar uma imagem de que são fortes e seguras, convencendo facilmente. Mas, na verdade, a evitação de apego praticada por essas pessoas só vem reforçar uma grande insegurança que elas carregam, associada a uma máscara de pretensão controle que eclipsa um intenso tumulto interno. E assim, não raramente, encontramos pessoas evitadoras esforçando-se “para encontrar meios de se aproximar das pessoas apesar de seus medos”.

Como o autor evidencia, sendo o mundo presumido constituído por aspectos do nosso mundo interno tidos como os verdadeiros e, sendo ele o mecanismo que nos habilita a saber quem somos, onde estamos, o que podemos esperar do mundo e como podemos atuar

diante de variadas situações, Vermelha parece ter configurado o seu mundo presumido de uma maneira pouco acolhedora. Por não confiar no outro, a pessoa com apego evitador tende a evitar manifestações de afeto e habitualmente apresenta dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos.

Se transpusermos esses dados para o cotidiano da Vermelha, deparamo-nos com uma jovem reticente no que tange ao âmbito mais íntimo e pessoal, mas fortemente inclinada a exercer controle sobre a vida dos outros, agindo, por vezes, de uma maneira considerada agressiva. Naturalmente, diante desse comportamento, muitas pessoas têm dificuldades em ver a menina frágil por traz da sua armadura de ferro, distanciando-se dela por achá-la prepotente. Todavia, nem por isso a Vermelha tem um círculo reduzido de contatos. Podemos considerar que ela tem um círculo de contatos fluido, que se renova constantemente, em função dos repetidos desentendimentos que permeiam suas relações.

Outra noção talvez equivocada que Vermelha acaba passando é a de que não se preocupa com os outros, mas a mesma apesar de não falar por si, e sim pelo *Sasuke*, indicou, no dia em que fez o centro da mandala, que talvez essa não fosse sua real postura diante dos fatos. Ela afirmou ter escolhido desenhar o símbolo do Clã do *Sasuke* por se identificar com seus componentes que eram pessoas fortes, sérias e detinham um poder extraordinário. Nesse sentido, fez questão de salientar que eles pensavam na família, apesar de não demonstrarem e que eram pessoas boas, no entanto, como seus poderes eram muito visados, empreendiam ações que os faziam serem vistos como “amaldiçoadas”, quando na verdade a única coisa que desejavam era se proteger. Para Parkes (2009, p. 118):

Os evitadores são frequentemente percebidos como pessoas sem sentimentos, mas a teoria do apego sugere que, de fato, eles se importam com os outros, mas têm medo de demonstrar. São acusados de falharem em se comunicar e são ridicularizados pelas atitudes falsamente fortes com as quais se empenham em encobrir sua insegurança.

Uma indicação de que de fato os evitadores não perdem a capacidade de se importar com o outro fica muito explícito quando observo a relação da Vermelha com o Amarelo. Sendo uma relação visivelmente estreita, intensa e aparentemente de dependência mútua, tentei identificar as raízes desse vínculo, considerando que ambos aparentavam ser bem diferentes e que em outras circunstâncias, eu dificilmente apostaria nesta relação.

O que me pareceu provável é que Vermelha via na dependência do Amarelo um fator benéfico, visto que apesar dela estar mantendo uma relação amorosa, implicando em certo grau de envolvimento e troca, conseguia manter-se em um lugar seguro na medida em

que exercia um papel de controle amplamente aceito por seu parceiro que buscava justamente esta condição em uma relação amorosa: ser cuidado e conduzido, visto que não confiava em si.

Todavia, em duas circunstâncias por eles relatadas, observei que nesta relação o Amarelo também atuava como base de apoio para Vermelha. Uma delas se deu com a morte do Branco, momento em que Vermelha se mostrou mais fragilizada e o Amarelo a amparou, inclusive levando-a ao cinema no dia da missa de sétimo dia para que ela não sofresse, quando na verdade ela nem estava lembrando sobre a data. A outra situação narrada referia-se aos momentos em que a mãe de Vermelha reclamava dos trabalhos desempenhados pela filha, mesmo depois da menina tê-la indagado por “três vezes” se estava adotando o procedimento correto. Nessas ocasiões, Amarelo preocupava-se com a namorada, sugerindo com firmeza que ela não deveria sofrer, e sim ser forte. Vermelha retrucava dizendo não estar chorando de tristeza e, sim, de raiva. Percebi nesse diálogo a manutenção de um cuidado por parte do Amarelo e uma concordância, ainda que disfarçada, por parte da Vermelha de que aceitava ser cuidada. Para ela talvez fosse difícil assumir a tristeza sentida, ou, de fato, realmente só estivesse com raiva, mas, de qualquer maneira, ela havia sido tomada por uma emoção que a afligia, situando-a em um local de fragilidade e o namorado estava sendo capaz, a maneira dele, de conduzi-la a um espaço de segurança.

Quanto aos projetos para o futuro, Vermelha aprendeu com a mãe, desde muito cedo, a viver intensamente um dia de cada vez, não havendo necessidade de fazer planos porque não se poderia prever o futuro e nem quando a morte iria chegar. Talvez por conta dessa orientação, Vermelha sentiu muita dificuldade em falar objetivamente sobre o que desejava fazer em um futuro próximo. Seus argumentos coadunavam com os da mãe, mas, obviamente, por trás de tal discurso percebi a existência de desejos e sonhos, mas ela não os manifestava abertamente, fazendo questão de falar em alto e bom som que não desejava nada para o recém-chegado 2016.

Apesar da aparente dificuldade em se projetar no futuro, Vermelha aprendeu muito cedo a confiar basicamente em si própria e esse aprendizado é bastante funcional, na medida em que não a deixa ficar a deriva esperando a ajuda de outrem.

Relação com o morto

Pelo que pude apreender ao longo de todo o processo de feitiço da mandala, Vermelha e Branco não eram tão próximos, se pensarmos na proximidade como um vínculo estabelecido de uma relação afetiva permeada por trocas. Não sendo exatamente amigos, os definiria como colegas de classe que se davam bem e, no caso específico da Vermelha, parecia que a mesma nutria pelo colega uma grande admiração por ele ser uma pessoa divertida, que gostava de esportes e que se dava bem com todos.

De acordo com Parkes (2009, p. 42) o processo de luto imprescindível de dois componentes essenciais: a experiência de perda e uma reação de anseio intenso pelo objeto perdido. Na ausência de ambos, o estudioso não considera o fenômeno como sendo um luto.

Partindo desta noção do processo de luto, pude supor que Vermelha não estava enlutada pelo Branco, visto que, sendo a morte do rapaz algo tão recente, parecia não provocar nela sentimento de perda, nem tampouco desejo em revê-lo e tê-lo próximo a si. Não pretendo dizer com isto que Vermelha não esteve verdadeiramente triste no momento em que a morte se deu, todavia, penso que essa tristeza ocorreu em função de alguns fatores: a surpresa diante de uma morte improvável, sendo o Branco jovem, saudável e avesso ao consumo de drogas; a identificação com o evento por ser ela também jovem, saudável e igualmente avessa ao consumo de drogas; a influência da comoção que atingiu todos do colégio e do bairro; e, por último, talvez uma suspeita ousada, mas, ainda assim plausível, e que pôde ser confirmada por mim através da RIME, de alguma maneira Vermelha trazia consigo lutos simbólicos decorrentes da história de abandono do seu pai quando tinha três anos, e da forma como era tratada pela mãe.

Se pensarmos no padrão de apego predominante de Vermelha como sendo o inseguro evitador, esperamos como reação natural ao luto uma evitação em entrar em contato com o evento e com o sofrimento a ele associado. Muitas vezes, pessoas evitadoras têm uma tendência maior a estabelecer processos de luto adiados, visto que, no momento em que o luto deveria estar transcorrendo de forma natural, o enlutado através do seu ego encontra-se envolvido em uma luta abissal com seu inconsciente, negando a realidade das circunstâncias. Muitas vezes essa negação se dá, de acordo com o modelo do processo dual, através, predominantemente, do engajamento voltado para a restauração, por meio do comprometimento do enlutado com uma série de atividades que o afastam do circuito das emoções.

Durante nossos encontros, não percebi por parte da Vermelha nenhuma evitação em falar sobre a morte do colega, a não ser por causa do Amarelo que não desejava que a

namorada falasse sobre o assunto com receio de que ela chorasse. No mais, continuei levantando a hipótese de que os lutos da Vermelha eram de outra natureza e estes, sim, eram por ela laboriosamente evitados e reprimidos.

Tipo de morte

Se para Azul e Lilás a morte dos seus pais era esperada, a mesma percepção não se dava no caso da Vermelha. A mesma viveu a maior parte de sua vida nesse bairro, onde as situações de risco são frequentes, chegando a perder parentes por homicídio em decorrência do tráfico de drogas, mas para ela parecia impensável perder um colega de escola nas mesmas circunstâncias, sendo ele um atleta, que gostava dos estudos e não tinha nenhum envolvimento com o mundo das drogas ilícitas. Penso que de todos os fatores determinantes do luto que foram trabalhados até agora, sendo eles: padrão de apego e relação com o morto, o que mais causou impacto no mundo presumido da Vermelha foi o tipo de morte. Todavia, ainda que a morte do Branco tenha a abalado inicialmente, sua recuperação se deu em um ritmo acelerado, fazendo-me presumir que apesar de não esperar uma morte nas circunstâncias em que se deu a do colega, o fato de Vermelha ter sido sempre preparada pela mãe para a possibilidade bem real da morte de alguém querido, e que diante dela, deveria reagir com força e seguir adiante, possibilitou que elaborasse esse fato funcionalmente.

Vulnerabilidade pessoal

Ao que tudo indica, nenhum dos aspectos atribuídos à possível existência de vulnerabilidade pessoal em Vermelha foram acionados com a morte do Branco, muito provavelmente por essa morte tê-la afetado em um ponto de reduzida abrangência. Mais do que dor pela perda, Vermelha foi afetada por um arranhão no seu mundo presumido que, embora tendo sido construído considerando a morte como um evento natural e até de ocorrência vulgar, não contava com a morte abrupta de um rapaz jovem e do bem que sentava próximo dela na sala de aula.

Entretanto, considerando que uma pessoa passa em média por três a quatro lutos ao longo de sua vida, a identificação de possíveis zonas de vulnerabilidade colaboram para a

minimização dos danos que porventura venham a ser desencadeados com a perda de alguém querido.

Possivelmente, em razão do padrão de apego predominante estabelecido por Vermelha, no caso, o inseguro evitador, algumas características de comportamento se sobressaem, dentre elas a inibição de sentimentos de dor, através da evitação do luto. Muito embora para olhos menos atentos a pessoa evitadora tenda a aparentar estar bem, o máximo que ela conseguirá em curto prazo será o adiamento do luto que, normalmente, ao emergir algum tempo mais tarde, traz consigo uma dor às vezes muito mais intensa e em um período em que todos esperam que ela esteja se recuperando e não iniciando um processo de luto. Ademais, ao longo do período de evitação da experiência do luto, muitas desordens de natureza psicossomática acometem a pessoa vítima de uma perda, desencadeando não raras vezes patologias severas que poderiam ser evitadas ou atenuadas se o luto tivesse sido expressado sem a imposição de barreiras.

A rede social também provavelmente poderá se encontrar comprometida, visto que os evitadores costumam ter um alto nível de confiança em si e baixo nível de confiança no outro, tendo dificuldades em pedir ajuda, disfarçados por traz de uma máscara de aparente fortaleza que inibe viáveis tentativas de aproximação e acolhimento.

3.2.4 Menino Amarelo

Estilo de padrão de apego e configuração do mundo presumido

Algumas características da relação entre Amarelo e seus pais merecem ser pontuadas a fim de nos aproximarmos do possível padrão de apego estabelecido por ele quando criança e que, presumivelmente, se estende até os dias de hoje. Amarelo foi criado pelos avós maternos como filho, e é assim que ele nomeia a relação com os avós, como sendo uma relação entre pais e filhos. E, de fato, por mais que ele tenha sabido desde criança que seus avós não eram seus pais biológicos, foi criado desde bebê pelos mesmos, recebendo toda a atenção e afeto que se almeja que uma criança receba de uma figura parental.

A avó e o Amarelo são reciprocamente apegados, vínculo que fora estabelecido de imediato, logo que ele nasceu. A mãe biológica do Amarelo, não podendo ou não desejando criá-lo, pretendia doá-lo para a mãe do namorado que a engravidou. No entanto, sua mãe não permitiu que isso fosse feito, pedindo que o menino, seu neto, ficasse sob seus cuidados, configurando-se, assim, uma adoção, ainda que esta não passasse pelos trâmites legais.

Nesse momento, afasto a mãe biológica do Amarelo de cena, detendo-me na avó que se tornou mãe adotiva. Amarelo nasceu muito doente, precisando de cuidados intensivos durante três meses, internado em uma enfermaria de hospital entre a vida e a morte. Quando se recuperou e pôde, enfim, sair do hospital, sua mãe adotiva passou a superprotegê-lo, tratando-o como uma criança frágil e dependente de cuidados sistemáticos. O pai adotivo, ao que me parece pelos relatos, era uma figura neutra que não fazia muita questão de demonstrações de afeto, mas agora, com o filho crescido, mostrava-se mais afetuoso.

Inserido nesse panorama, Amarelo cresceu tendo não somente amor, mas também desejos materiais satisfeitos, ainda que seus pais não gozassem de uma condição financeira abastada. Considerado uma criança frágil, Amarelo era muito protegido, sendo motivo de bastante preocupação e ansiedade por parte da mãe adotiva que temia muito perdê-lo. Esse temor espalhou para além do possível acometimento de um novo problema de saúde e de novos contatos que o menino poderia vir a estabelecer com o mundo, fixando-se também na mãe biológica como um perigo em potencial. Tendo em vista este aspecto, a mãe adotiva do Amarelo deixou-o a par de todo o processo em que foi gestado e também em que esteve doente, evidenciando somente os aspectos negativos da sua progenitora, desencadeando no menino um sentimento de raiva intensa que, possivelmente, de outra forma não ocorreria, visto que o mesmo afirmou não se lembrar de absolutamente nada e que tudo o que me informava tinha sido relatado por sua mãe adotiva.

Amarelo tinha segurança do amor dos pais adotivos, especialmente da mãe, chegando a desenhar um coração com ambos dentro de uma aliança fazendo alusão ao círculo infinito que nunca acaba para representar suas presenças constantes em sua vida. Ao revelar em quem mais confiava quando criança, mencionou sua mãe adotiva e as suas sete personalidades. Quando criança, Amarelo relatou o quanto brincava com primos e vizinhos, mas mencionou que se sentia uma criança solitária, tanto na rua em que morava quanto na escola.

Sobre o mundo, Amarelo aprendeu a temê-lo e chegou a representá-lo com um chifre. Quanto ao amor, Amarelo referiu-se a ele como a luxúria, o primeiro dos sete pecados

capitais. Explicou que a luxúria deveria ser representada pela cor vermelha, mas ele a visualizava no tom amarelo por ser a cor que mais amava e ao usá-la ele evocava uma espécie de carinho pelos outros e por ele também. A luxúria na visão do Amarelo era a mais pura demonstração de amor, carinho e afeição por outra pessoa. Ainda sobre amor, carinho e afeição por outrem, senti dificuldade em visualizar estes sentimentos no amarelo, pois ele sempre demonstrou estar mais voltado para si mesmo e suas necessidades. Entretanto, os animais com os quais conviveu, sua mãe adotiva e também a Vermelha pareciam tirá-lo do cômodo espaço do eu, promovendo uma abertura, ainda que ínfima, para o espaço do outro.

De uns dois anos para cá, Amarelo disse não se sentir mais sozinho porque encontrou a Vermelha, sua grande parceira de vida. A relação tornou-se tão intensa que não conseguia mais ficar longe dela por muito tempo, e, em função dessa premência em estar junto da pessoa amada, estava se dividindo entre a casa em que residia com os pais e com uma quantidade razoável de parentes, e a casa dela. Na última ele se alimentava e dormia, passando às vezes mais de um dia sem retornar à sua casa.

Amarelo escolheu o símbolo do Tao para descrever seu amor pela Vermelha, referindo-se ao yin como a representação da sua namorada que seria o amor branco e dentro desse amor branco surgia o amor sofrido dele que era o Yang. Quando o indaguei sobre o porquê de se referir ao seu amor como sofrido, Amarelo respondeu que já nasceu sofrendo muito, condição esta que perdurou até recentemente quando, enfim, conheceu Vermelha. Os motivos para tamanho sofrimento em tão tenra idade eram decorrentes do abandono de sua mãe biológica, da grave doença que o obrigou a ficar hospitalizado nos seus primeiros meses de vida e da solidão.

Conversando mais detidamente com o Amarelo sobre os dois primeiros motivos alegados para justificar demasiado sofrimento, pude concluir que conscientemente não remanesciam lembranças desse abandono e nem tampouco da doença. Suas recordações mais remotas datavam do período em que tinha três anos mais ou menos, já estava saudável e era fortemente amado e protegido pela mãe adotiva. Porém, ainda restava por parte dessa mãe adotiva que muito o protegia, um forte temor de perdê-lo para outra doença e também para a mãe biológica, resultando daí incontáveis e detalhadas revelações sobre seu antigo estado de saúde e das circunstâncias em que se deram seu “abandono”.

Tendo em vista a estrutura analítica utilizada na presente pesquisa, acho possível que os dois sofrimentos iniciais mencionados por Amarelo, não habitem seu espaço de dor original, sendo apenas reflexos de dores da sua cuidadora que por ele foram

convenientemente apropriados para justificar um lugar de sofrimento que por vezes ele deseja ocupar.

Sobre a solidão, terceiro motivo alegado por Amarelo para justificar seu sofrimento, disse senti-la porque ao longo da sua vida nunca teve ninguém com quem pudesse conversar. E prosseguiu contando que a vida dele foi sempre repleta de decepções com os amigos e também “decepção com algo que foi perdido”. Retruquei esclarecendo que ninguém tinha uma vida feliz o tempo todo, todos sofriam. Também estava consciente, obviamente, que algumas pessoas passavam de fato por um nível de sofrimento maior. Esse poderia ser o caso dele. Todavia, sugeria que ele olhasse com mais atenção para seus sofrimentos e observasse se não estava dando muita ênfase a eles. Amarelo não concordou comigo e disse que sua vida tinha sido toda muito sofrida.

Apesar de todos os relatos das fases de sua vida estarem recheados de brincadeiras com amigos e primos, considerei válida a informação porque é sabido que a solidão para existir não precisa necessariamente estar vinculada a ausência de pessoas. Ademais, Amarelo alegou solidão, referindo-se ao fato de não ter com quem conversar. Diante desse argumento, perguntei por sua mãe, afinal de contas, Amarelo dizia que quando criança só confiava nela e nas suas personalidades. Também perguntei por Vermelha, tendo em vista que há quase dois anos estavam juntos. Amarelo nada falou sobre a mãe, mas reportou-se à namorada assegurando que sua vida só passou a ser mais alegre quando a encontrou. Ela era o amor branco, a luz encontrada no polo escuro do Tao.

Sugeri que ele poderia ver sua relação com a Vermelha como um dos aspectos constituintes de seu bem-estar, mas não o único. Minha observação foi desconsiderada e Amarelo enfatizou que se fosse fazer uma analogia da vida dele com uma pizza a única parte pintada seria a referente ao encontro dele com a Vermelha. O restante da pizza seria todo branco.

Percebendo que não iria dissuadi-lo facilmente quanto à responsabilidade que estava colocando no vínculo com a Vermelha, indaguei-lhe se tinha sonhos e aproveitei sua resposta positiva para demonstrar como ele poderia encontrar felicidade também na proposição de objetivos e concretização dos mesmos. Neste sentido, ele passaria a ser o principal responsável por seu bem estar, não delegando ao outro uma tarefa tão pessoal.

Ao que tudo indica, Amarelo encontrou na relação com a Vermelha uma maneira de perpetuar sua relação de apego dependente, antes estabelecida com a mãe adotiva. Parkes (2009) infere que a criança com apego ansioso ambivalente, estilo no qual Amarelo se insere,

acredita fortemente que sua sobrevivência está associada ao fato de estar próxima dos pais e em casa. Desta feita, ela percebe a exploração de novos espaços como uma prática insegura, solicitando uma proximidade constante com a mãe. Quando cresce, caso continue a adotar este padrão de apego como predominante, habitualmente se relaciona com pessoas que se encaixam nos moldes da figura parental protetora. As crianças ansiosas ambivalentes se inserem no grupo:

[...] composto por crianças que, no TSE, reagem com muito sofrimento à separação e, na volta da mãe, agarram-se a ela e continuam a chorar raivosamente. As mães têm a característica de ser excessivamente ansiosas e controladoras, preocupadas com a segurança dos filhos mas insensíveis às necessidades deles de autonomia, além de desencorajá-los de explorar o meio. Esse é o quadro que vemos nas crianças que aprenderam que o mundo é um lugar perigoso, no qual não sobreviverão a menos que estejam muito próximos da mãe. São crianças que crescem com pouca autoconfiança e preocupadas com seus relacionamentos, os quais são ansiosos, agarrados mas ambivalentes com aqueles que elas veem como mais poderosos do que ela. (PARKES, 2009, p. 95)

O autor ainda sugere que a ansiedade de separação presente neste padrão de comportamento relacional acaba se consolidando, tendo em vista que ele se ancora “[...] na presunção básica de que a sobrevivência depende de manter um padrão de comportamento de dependência afetiva que agora parece ‘natural’” (PARKES, 2009, p. 104).

Dessa maneira, fundamentando-me nas combinações realizadas por Parkes, refletindo os quatro padrões de Apego apresentados por Ainsworth *et al.* (1978) e Main (1979), insiro Amarelo no quadro ilustrativo indicando o espaço por ele ocupado nesta configuração:

Tabela 6 – Padrão de Apego predominante (menino Amarelo)

		Confiança em si	Confiança nos outros
Apego Seguro		Alta	Alta
Apego Inseguro			
Ansioso/Ambivalente	Amarelo	Baixa	Alta
Evitador		Alta	Baixa
Desorganizado		Baixa	Baixa

Fonte: elaborada pela autora.

Fazendo um paralelo entre esse quadro ilustrativo e a noção de confiança que o Amarelo tem de si e do outro, avento a possibilidade de que este alto nível de confiança no outro somente se apresenta nas relações estreitas, nas quais as pessoas por ele eleitas tornam-se sua base segura, em função de atuarem na relação de maneira marcadamente suportiva. Esse papel suportivo é nitidamente percebido na relação do Amarelo com a Vermelha,

manifestado através de sua grande dificuldade em se manter longe dela por longos períodos. Vermelha revelou que Amarelo já havia chegado a se auto infligir danos após uma discussão entre ambos, tamanho o temor sentido por ele de não tê-la mais ao seu lado. Esse temor exacerbado em perdê-la gera nele uma necessidade constante de estar zelando por ela, cuidando-a em todos os momentos, inclusive quando transitam pelo bairro, em função da violência decorrente do tráfico de drogas. Por conta disto, Vermelha pouco sai de casa quando não está em sua companhia.

Ainda sobre a baixa confiança em si em detrimento da alta confiança no outro, mesmo havendo fortes indícios da presença dessa percepção por parte do Amarelo, em determinados momentos ela se desvanece, ante um suposto sentimento de vaidade por sua prodigiosa inteligência. Amarelo costuma envaidecer-se de sua inteligência, para ele, acima da média. Considera-se muito bem informado e com habilidades cognitivas que o capacitam a apreender rapidamente qualquer conteúdo. Boa parte dessas aptidões foram-lhe garantidas através dos jogos de vídeo game, visto que ele atribui a essa atividade grande valor por ser o seu “campo de estudo”. Entretanto, em nenhum momento vi o Amarelo tentando operacionalizar essa sua capacidade cognitiva através de um planejamento concretizável e uma ação realista que demandasse dele certo esforço.

Parecia haver em suas constatações certa ausência de realismo que posteriormente foi confirmada ao longo do feitiço da mandala, especialmente, nas falas concernentes ao seu projeto de vida. Parecendo-me preocupante o fato do Amarelo não estar lidando realisticamente com fatos concretos do seu cotidiano, convidei-o a refletir sobre seus posicionamentos ao longo de boa parte dos relatos. Falei que tinha observado que ele desejava muitas coisas e todas elas demandavam um investimento financeiro para serem adquiridas. E, mais, a impressão que ele me dava era de estar todo o tempo esperando pelos outros. Eu não tinha visto até o momento ele se movimentar de fato, comprometendo-se com atividades que poderiam tornar esses seus desejos realizáveis.

Tais falas permitiram-me levantar a hipótese de que Amarelo apesar de demonstrar achar que tinha uma inteligência acima da média, esta não era suficiente para alicerçar seus sonhos, motivando-o a buscá-los. Dessa maneira, ele permanecia exatamente onde estava, indo à escola, todavia sem se dedicar aos estudos, perpetuando um padrão de comportamento no qual o outro e sempre outro seria o responsável pelo desenrolar dos acontecimentos na sua vida. E assim, em meio à inércia e sempre esperando, a cada espera não efetivada, surgia nova frustração, resultando em mais revolta e mais discurso vitimista.

Relação com o morto

De acordo com o relato do Amarelo, ele e Branco já haviam sido bem próximos, mas no período em que ocorreu o homicídio eles já não mantinham uma relação tão estreita. Remetendo-me novamente a Parkes (2009), compreendo que o processo de luto ocorre quando são vivenciados dois componentes considerados pelo autor essenciais: a experiência de perda e uma reação de anseio intenso pelo objeto perdido. Na ausência de ambos, o estudioso não considera o fenômeno como sendo um luto.

Partindo desta noção do processo de luto, Amarelo não parecia ansiar intensamente pelo objeto perdido, todavia, percebia nele um movimento de evitação, possivelmente, por não saber como lidar com a dor que adviria de um processo de reconhecimento de que aquela morte o havia afetado. Esse comportamento do Amarelo mostrou-se perceptível para mim em relatos fragmentados da Vermelha e da Lilás acerca da morte do Branco.

Em um deles, Amarelo não estava presente quando Vermelha mencionou que o namorado fazia de tudo para não vê-la chorar pela morte do Branco e por causa disso a mandava agir com frieza. Nesse momento, Lilás disse que chegou a vê-lo chorando no dia da morte do colega e atribuiu seu choro ao sofrimento por ver a namorada chorar. Também foi dito que no dia da missa de sétimo dia Amarelo levou a namorada ao cinema com o intuito de evitar que ela se lembrasse da cerimônia que estava acontecendo. Por fim, lembro-me nitidamente do dia em que o vi em sala de aula, quando fui convidar os alunos para participarem da minha pesquisa e, ao explicar qual era meu intuito ele me perguntou se eu desejava fazê-los sofrer.

No que concerne ao primeiro relato, penso ser bastante plausível Amarelo preservar a namorada do sofrimento, pois indiretamente este o atinge. Mas, nesta situação, penso que sua aflição pode ter se dado também em função da morte do antigo amigo, visto que o acontecimento pode tê-lo afetado em maior ou menor grau. E ainda, tal evento ficou na sua lembrança de tal forma que foi capaz de lembrar-se do dia em que aconteceria a missa, quando nem a namorada, que parecia ser a que mais estava sofrendo, não lembrou. E para concluir, associo a pergunta que me fez no dia em que fui falar da pesquisa em sua sala com o que me falou sobre sua percepção acerca da morte do Branco: *“Tia, assim, esse negócio de morte, eu não gosto de chorar em público. Sou mais de ter um choro para dentro de mim. Tia,*

eu acho um defeito uma pessoa estripular as emoções. Eu guardo os sentimentos só para mim mesmo. Eu não gosto de demonstrar porque não vai fazer sentido estripular minha emoção por uma pessoa que não vai voltar. Se eu chorar a pessoa não volta, se eu gritar a pessoa não volta. Então eu prefiro guardar mesmo só para mim”.

Diante desses fragmentos, apesar de ter fortes indícios de que o Amarelo estabelece um padrão de apego ansioso-ambivalente com suas figuras de apego, que no caso de perda por morte poderia ser preditor de reações problemáticas de luto, prevendo-se intenso pesar, percebo se delinearem, neste caso específico da morte do Branco, mecanismos de evitação como estratégia de significativa funcionalidade.

Tipo de morte

Para Amarelo, a exemplo da vermelha, de todos os fatores determinantes do luto trabalhados nesta pesquisa, o tipo de morte, foi o que causou mais premência na revisão de seu mundo presumido.

Amarelo vive em uma área específica do bairro muito próxima do local onde as drogas ilegais são comercializadas. Seus vizinhos estão em sua grande maioria envolvidos nesta prática, o que acabou por deixá-lo familiarizado com muitos aspectos concernentes ao mundo do tráfico. Talvez por este conhecimento e também pela forma como é cuidado pela sua mãe adotiva, nunca se imaginou fazendo parte desse universo, chegando a ser bem rigoroso consigo mesmo, não ingerindo nem mesmo Coca-Cola, em função da descoberta de que durante um bom tempo este produto continha pequena dose de cocaína e que, atualmente, mesmo a bebida não sendo mais produzida com esse componente, por conter altas doses de cafeína e açúcar em sua composição, provoca o vício.

Amarelo sempre acreditou e teve, em certa medida, suas crenças confirmadas de que só morriam por atos violentos as pessoas que faziam “coisas erradas”, ou ainda as que falavam demais. Referiu-se à morte do amigo antigo como algo que o tinha surpreendido pelo fato dele não se enquadrar nesses critérios. Imaginava que pessoas que se mantinham distantes não traficando, não consumindo e não entrando em conflito com os traficantes da área, permaneciam em segurança. No entanto, de uns tempos para cá, avolumaram-se os casos de tiroteios entre policiais e traficantes ou somente entre os segundos por disputas territoriais, deixando a comunidade desguarnecida de segurança. Somado a isso, a morte do Branco fez

ruir a estrutura sólida que constituía seu mundo presumido, mantendo-o fortemente atrelado a ideia de que sempre estaria em segurança no que tangia aos atos violentos.

Esse dano em seu mundo presumido, tornando-o obsoleto no que concernia à dimensão da segurança, área já abalada em função da predominância do seu padrão de apego inseguro ambivalente, que o fazia sentir-se vulnerável quando afastado da sua zona de apoio, deixou-o ainda mais temeroso. Neste sentido, o medo em circular pelo bairro aumentou, obrigando-o a lançar mão de medidas de proteção, mantendo-se na casa da Vermelha a maior parte do tempo. Esse receio em ser atingido por uma bala não chega a ser algo paralisante em sua vida, entretanto, indica a necessidade de uma atenção maior e levanta a hipótese de uma possível predisposição aos transtornos de ansiedade.

Vulnerabilidade pessoal

No caso do Amarelo, o único aspecto atribuído à possível existência de vulnerabilidade pessoal mobilizado com a morte do Branco foi a evitação. Além disso, o homicídio do amigo do tempo em que era criança, provocou uma rachadura no seu mundo presumido que não contava com a traiçoeira morte levando com ela pessoas do bem pelos trajetos da violência. Esse descompasso entre sua percepção e a realidade concreta precisou ser ajustado, com vistas à restauração de seu mundo presumido agora em bases bem mais reais, todavia realçado por tons de incerteza que outrora não existiam.

No entanto, ainda que Amarelo tenha experienciado essa morte de uma maneira evitadora, porém funcional, tenho bastante indícios para supor que sua reação foi fortemente influenciada pela relação por ele estabelecida com o falecido e que já foi discutida anteriormente. Apesar de supostamente estar bem, até por não manter mais um convívio estreito com Branco, Amarelo evidenciou uma tendência evitadora na maneira como lidou com os fatos, esquivando-se quando o assunto era tocado ou expressando-se de maneira evasiva, deixando claro que não fazia sentido sofrer por algo que não poderia ser recuperado e que não lhe agradavam manifestações intensas de sofrimento, preferindo senti-las interiorizando-as e não as externando.

A suposição que me leva a crer que o Amarelo assumiu uma postura evitadora diante do homicídio do antigo amigo, atua simultaneamente com outra suposição que me faz crer que diante de uma perda de um ente querido com quem ele esteja fortemente vinculado, o padrão de apego inseguro ansioso ambivalente, predominante na sua relação com a mãe

adotiva (avó) e com a Vermelha, venha à tona evidenciando características outras, distintas das do padrão de apego evitador. Neste caso, a dependência da pessoa perdida dará a tônica ao contexto, provavelmente levando-o a um estado de ansiedade que, se não cuidado, desdobrar-se-á em um luto crônico ou em sofrimento intenso com efeitos bastante desfavoráveis na sua vida.

Parkes (1998, p. 172) fala que: “[...] aqueles pais cujo comportamento poderia provocar medo na infância (por exemplo, quando eles mesmos eram muito ansiosos), tinham filhos que se descreviam como nervosos e inseguros e que reagiam a um luto na vida adulta com ansiedade e pânico”.

Partindo do princípio de que o Amarelo estabelece com a mãe adotiva uma relação de dependência e que a Vermelha, ao longo dos últimos dois anos, vem assumindo o papel de base segura para ele junto à sogra, parece-me bastante justificável que em caso de perda de uma delas, ainda que não seja por morte, podendo ser a ruptura do relacionamento com a segunda, dê margem a problemas de vultosa proporção.

Por fim, reitero minhas suspeitas de que Amarelo, ainda que não tenha manifestado indícios de luto disfuncional com a morte do Maicon, faz-me antever com inegável preocupação, certa propensão à inabilidade em lidar com as perdas futuras que inevitavelmente o acharão em algum ponto da sua trajetória, assim como a nós todos.

3.3 Análise do ateliê biográfico de projetos

O principal ensejo da pesquisa ao longo do Ateliê Biográfico de Projetos era auxiliar Azul, Lilás, Vermelha e Amarelo a compreenderem seus sentimentos, integrando-os aos seus mundos presumidos que se encontravam obsoletos e esfacelados em muitos aspectos, com o intuito de ajustá-los às suas novas realidades. Naturalmente, esse não foi um empreendimento fácil, nem tampouco linear, se lembrarmos de que estamos falando da perda de alguém que assumiu um papel importante na vida deste enlutado.

O ajustamento a essa nova realidade habitualmente demanda certo tempo e solicita do enlutado uma participação ativa, na qual ele se torna, em grande medida, responsável pelos resultados que obterá. Para tal, a aceitação da realidade da perda como algo irreversível se faz premente. Neste sentido, em todos os momentos ao longo desta pesquisa falei e estimulei que se discutisse abertamente sobre a morte, sem nenhum tabu, livres de interdições. Todos os quatro estavam ali porque pessoas que amavam ou que faziam parte dos

seus círculos relacionais haviam morrido e o contato físico com eles existente, tinha sido extinto.

Worden (1988, p. 23), ao descrever as quatro tarefas do luto, refere-se à primeira como o enfrentamento da realidade da perda e o reconhecimento “[...] de que a pessoa que se foi não irá retornar. Parte da aceitação da realidade é acreditar que a reunião é impossível, pelo menos nessa vida”. No feitio da mandala, a noção da irreversibilidade da perda permeou todo o percurso, mas procurei enfatizá-la na parte referente às fotografias tiradas a partir de suas reflexões sobre a morte ocorrida e sobre o papel por eles exercido neste evento.

A dor, como resultado dessa constatação, ganhou por vezes contornos nítidos, mas extremamente necessários. Sobre ela, Worden (1988, p. 25-26) cita Parkes em sua obra com a seguinte afirmação:

[...] se é necessário para a pessoa enlutada passar pela dor do luto para que esta se resolva, então pode-se esperar que qualquer coisa que continuamente permita que a pessoa evite ou suprima esta dor vá prolongar o tempo de luto [...] Nem todas as pessoas vivenciam a mesma intensidade de dor ou sentem da mesma forma, mas é impossível perder alguém a quem se tenha sido muito ligado sem passar por nenhum grau de dor.

Elaborar a dor da perda se configura a segunda tarefa proposta por Worden (1988), que esclarece que apesar da sua manifestação ser estigmatizada como mórbida e até doentia, dar lugar a ela se reveste de suma importância, pois ao reconhecê-la e elaborá-la o enlutado estará contribuindo para a sua resolução ancorada em alicerces sólidos. Sendo a dor inibida nos momentos em que sua manifestação se faz pungente, aumentam significativamente as chances de sua somatização, como também a insurgência de transtornos emocionais, e ainda, a necessidade de terapia em um momento posterior, visto que a dor não elaborada se mantém e, geralmente, sua insurgência vem com mais força do que no primeiro momento. (PARKES, 1998).

A terceira tarefa indicada por este autor, concernente ao ajustamento do enlutado ao ambiente onde está faltando aquela pessoa que faleceu, foi trazida para essa pesquisa através da carta escrita pelos jovens para a pessoa que havia morrido. Para que essa atividade se desse, pretendi mobilizar questões referentes aos papéis assumidos antes e depois da morte por quem partiu e por quem ficou, de que maneira o enlutado estruturou sua nova identidade sem a pessoa morta e, ainda, de que forma estava lidando com o mundo e realizando suas tarefas cotidianas.

Se pensarmos no processo do modelo dual de luto, fica fácil compreender que a parte cinco e a parte seis da mandala se complementaram, na medida em que foi trabalhada com esses jovens a vivência e a reflexão sobre suas dores, através das fotografias; e também sobre o que estavam fazendo com essas dores, abrindo algumas veredas para o sentido que suas vidas adquiriram após essa perda e que direção desejavam dar para ela.

Sobre essa tarefa, Worden (1988, p. 28) explica:

Uma terceira área de ajustamento pode ser a do sentido da pessoa de mundo. A perda por morte pode desafiar os valores fundamentais da vida e crenças filosóficas de uma pessoa. Não é raro a pessoa enlutada sentir que perdeu a direção na vida. Ela procura significados na perda, e concomitantemente sua vida muda para dar sentido a ela e obter novamente o controle de sua vida. Isso é especialmente verdadeiro quando ocorrem mortes súbitas e precoces. Para muitos não há resposta clara. [...] Ao longo do tempo novas crenças podem ser adotadas ou velhas crenças reafirmadas ou modificadas para refletir a fragilidade da vida e os limites do controle.

Através desses dois movimentos, um de enfrentamento orientado para a perda e o outro de enfrentamento orientado para a restauração, as peças mexidas foram sendo reorientadas, assumindo novos lugares e dando contornos a novas formatações que permitiram a esses jovens sujeitos enlutados efetivarem, pouco a pouco, a transição almejada para um mundo presumido ajustado e ainda possibilitador de alegrias, apesar de tudo. Neste sentido, fez-se imprescindível a redefinição de seus objetivos na vida que apesar de serem estimulados ao longo de todo o processo de pesquisa e feitura da mandala, foram enfatizados na última parte através dos projetos de vida para 2016. A intenção era que esses projetos contemplassem especialmente seus desejos a curto e médio prazo, com as respectivas estratégias para concretizá-los, pois, também discutimos ao longo de todo o período em que estivemos juntos o quão era importante nos apropriarmos de nossas emoções, sentimentos, pensamentos e quererem como condição precípua para atuarmos de maneira autorresponsável (FRANKL, 2009) e realista.

E, por fim, aportamos na quarta tarefa do luto sugerida por Worden (1988), que se refere ao reposicionamento em termos emocionais da pessoa que faleceu na vida daquele que continua vivo. Neste momento pode ser que surja uma dúvida: mas como se pode falar no reposicionamento de uma pessoa em nossa vida, se a mesma nem mais está entre nós?

Compreendendo essa questão como um dos elementos fulcrais, no que concerne à elaboração de um luto satisfatório, sendo preditiva de condições de bem-estar futuras, aproprio-me do exposto por Worden (1988, p. 30) quando evidencia que o papel do conselheiro não é o de estimular o enlutado a desvincular-se da pessoa falecida, e sim de

auxiliá-lo na manutenção desta relação encontrando um novo local para essa pessoa “[...] em sua vida emocional – um local que irá capacitá-lo a continuar a viver bem no mundo”.

Dessa maneira, ancorada em Klass, Silverman e Nickman (1996), pretendi ao longo de todas as discussões ocorridas mostrar aos jovens enlutados que ao longo da transição de um mundo presumido antigo para outro restaurado, caracterizando-se, assim, um processo de transição psicossocial (PARKES, 2009), a principal aprendizagem é que poderiam, sim, viver sem a presença física do falecido, mantendo um vínculo contínuo com o mesmo, caso o desejassem. Observei que a tomada dessa consciência tornou-se mais perceptível ao longo das aplicações da RIME, mas, considero que os trabalhos com o Ateliê Biográfico foram fundamentais na realização de uma abertura para tal ensejo.

No caso da Azul, o sentimento inicial de impotência, revolta e raiva tangenciou suas emoções por um curto período, além de ter recebido a visita da negação fantasiada de incredulidade. Todavia, evidenciou-se como sentimentos predominantes a dor da perda e um sentimento de culpa que na época se orientava por duas trilhas distintas: uma para o arrependimento por não ter aproveitado suficientemente o tempo em que ela e o pai estiveram juntos sendo mais amorosa; e a outra pela idealização do pai, que resultava na localização afetiva da mãe e da avó em um espaço no qual ela não estava habituada a vê-las e que considerava aquém dos seus respectivos merecimentos.

As reflexões acerca de cada um desses sentimentos e emoções atravessou seu enlutamento, bordando uma cadeia de significados que para Azul pareceram congruentes, sendo adotados como recursos suportivos da condição dada e também formativos de uma nova percepção acerca dessas condições.

Dessa maneira, ainda que sentimentos como impotência, revolta, raiva, incredulidade e culpa tenham prevalecido no primeiro momento, Azul conseguiu encontrar justificativas alentadoras e preditivas de significados positivos no que tangia a elaboração do seu luto. Com relação ao sentimento de impotência e revolta, encontrou na concepção da justiça divina, uma forma de abrandá-los, alegando que colhemos tudo o que plantamos ainda aqui nesse plano. Para ela essa premissa era válida tanto para os policiais quanto para seu pai. Os policiais ainda pagariam pelo que fizeram, da mesma forma que seu pai pagou pelos seus erros.

Sobre a raiva, após ter falado que sentia raiva dos assassinos do seu pai, voltou atrás e esclareceu que o que ela sentia pelas pessoas que o mataram não podia ser caracterizado como raiva, e sim como dor, mágoa e ressentimento. Raiva ela disse não sentir

porque se trabalhava no sentido de não acolher tal emoção. Sendo assim, apesar da dor pela perda de quem se foi e do choro, às vezes, persistente, no frigir dos ovos quem iria acabar sofrendo mais com o desfecho de toda essa história seria a família de quem tirou a vida do seu pai.

Quanto à incredulidade, Azul procurou ver as fotografias da chacina em que o pai foi um dos mortos e acessou todas as informações dela decorrentes através de blogs de notícias e jornais, tentando montar as peças do quebra-cabeça da sua vida que naquele momento havia sido desmontado por um evento cruel que, desfazendo o trabalho de toda uma vida, lançou suas peças fragmentadas para bem longe. A escolha feita por Azul foi dolorosa, mas possibilitou que a mesma lidasse com a negação – sistema de defesa do ego extremamente comum e eficaz nestas condições – de maneira funcional, abrindo espaço para ela quando a dor lhe parecia insuportável e, deixando-a ir embora nos momentos em que percebia que deveria olhar para a sua nova realidade, sem subterfúgios, com vistas a adequar-se às mudanças que lhe eram apresentadas.

No que concernia à culpa por acreditar não ter dado ao pai a oportunidade de conviver com ela sem amarras e escudos, Azul entendeu que naquelas circunstâncias era este o tipo de amor que estava preparada para dar ao seu pai, um amor com reservas, mas que nem por isso deixava de ser um amor verdadeiro e que, de alguma forma, após a sua morte, ela estava tentando dar a este amor novos contornos que potencializariam uma nova formatação para a relação entre os dois. Neste sentido, quando solicitada a apresentar fotografias que representassem a morte do pai e seu papel neste contexto, Azul optou por tirar apenas uma fotografia do caminho que a levava à casa onde o pai morava antes de morrer, com um coração pintado ao lado, explicando que este simbolizava o amor e o afeto que ela nutria por ele, pois em nenhum momento quis expressar somente dor, já que também existia amor.

Os significados que Azul passou a atribuir à morte após o homicídio do seu pai referenciavam que qualquer um de nós poderia ser pego por ela a qualquer momento, demonstrando o quanto era importante viver cada segundo com intensidade, dando valor aos grandes e aos pequenos momentos a nós oportunizados pela vida.

Sobre a permanência do vínculo com o pai morto, Azul falou que quando sentia saudades dele, sentimento com o qual ainda não sabia lidar muito bem, procurava olhar fotos, ler mensagens que ele mandava para ela e procurava ficar em um lugar onde conseguisse ouvir o que ele lhe falava antes de morrer.

Na carta escrita para o pai, Azul disse que após sua partida ela tinha aprendido a lidar com a dor, a suportar a saudade e a amar mais. Afirmou, ainda, acreditar que ele estava “*a caminho da felicidade, a caminho da paz*” e tudo o que ela mais desejava era que ele fosse a pessoa mais feliz no local onde se encontrava atualmente. Concluiu com as palavras “*te amo*”, palavras que nos últimos encontros não tinham sido proferidas por ela, mas que no momento da escrita da carta faziam bastante sentido, e ela sentia que onde ele estivesse estaria sentindo sua energia de amor. Isso a consolava, e era o que lhe bastava neste momento.

Quanto aos projetos de vida, Azul tinha muitos planos para o agora e também para o futuro. Dando-se conta, com a morte do pai, que tal evento poderia ocorrer de um instante para o outro, percebeu a grande responsabilidade que tinha em mãos de tornar a sua vida o melhor que pudesse ser. Para isso, estava tratando não somente de aproveitar cada momento da sua vida com intensidade e foco nos objetivos que almejava empreender, como também estava se dedicando ainda mais ao relacionamento com sua mãe e sua avó, integrando ao intenso amor já existente, pitadas de mais compreensão e tolerância.

Chegando ao universo da menina Lilás, deparamo-nos com sentimentos de raiva, dor da saudade e culpa, pois ao antever que o pai provavelmente iria ter problemas futuros, ela não tinha sido capaz de protegê-lo suficientemente e também não demonstrou o quanto o amava quando ele ainda estava vivo.

Diferentemente da Azul, o cotidiano da Lilás foi fortemente abalado pela perda do pai, devido ao fato de morarem juntos, sendo o pai a viga mestra da família e especialmente, dela, que o considerava um parceiro e com ele se identificava continuamente, até no jeito tímido e retraído de ser. Consequentemente, a rotina familiar foi perceptivelmente modificada e Lilás passou por um período de rebeldia, especialmente com a mãe. Revelou que sem o pai em casa o estresse aumentou.

Ao longo do ateliê biográfico de projetos esses sentimentos vieram à baila parecendo que estavam pedindo permissão para existirem, provavelmente em função do tempo decorrido, um ano que a morte havia ocorrido e, presumivelmente, em função do papel que talvez Lilás tenha assumido junto à sua mãe e irmãos, amparando-os.

Sobre a raiva pelo homicídio do pai, apesar da sua meiguice costumeira, Lilás disse ter tido vontade de “*declarar a morte*” do responsável, pois ele deveria pagar, preferivelmente morrendo da mesma maneira que o seu pai. Além de matá-lo sentia vontade de chutá-lo, contando para ele as consequências do seu ato criminoso. No entanto, Lilás percebeu que o sentimento de vingança não era saudável, nem tampouco a vingança em si,

pois fazer justiça com as próprias mãos não traria seu pai de volta. Todavia, evidenciou que ainda sofria quando passava no local onde o pai morreu imaginando como tudo ocorreu. Chegava a sentir um aperto no peito e uma energia ruim.

A dor da saudade que perturbava Lilás ainda era persistente, não dando a ela o direito de ficar apenas com a segunda parte, ocupada apenas pela saudade. Mas parecia que após um ano essa dor atrelada à saudade estava se tornando branda e suave, dando indícios de que a seu tempo ela se escoaria em, quem sabe, um mar de águas cristalinas, diluindo seu gosto amargo. Lilás contou que apesar de toda a tristeza, estava conseguindo se recuperar da perda e fez uma analogia do seu momento com uma ferida que estava em processo de cicatrização. Acreditava que ter previsto aquele acontecimento diante das escolhas que o pai vinha fazendo, acabou preparando-a para o que dele adviria, tornando-a mais resistente.

No entanto, o fato de acreditar não ter demonstrado suficientemente seu amor pelo pai ainda a incomodava. Sobre essa questão eu, ela e Azul conversamos algumas vezes pelo nosso grupo no *Whatsapp* e eu procurava conscientizá-la do quão adorável ela tinha sido para o pai e que não era o fato de não ter dito um “eu te amo” que a tornaria uma filha menos dedicada. Ademais ela tinha dado uma grande prova de amor a ele quando teve coragem de chamá-lo para conversar, advertindo-o sobre os possíveis danos que sofreria se continuasse consumindo as drogas. Ela nunca conseguiria tirar de mim e nem de ninguém a certeza de que o que fez era o mais puro e genuíno cuidado que só poderia derivar de alguém que amasse muito. Lilás sorria confortada por estas palavras que no fundo sabia serem verdadeiras.

Um dos recursos utilizados pela Lilás para atenuar o sentimento de culpa e abrandar a tristeza era lembrar-se das coisas boas que viveu com o pai, dormir com a sua camisa ou conversar com ele longamente, apenas em pensamento. Essas práticas aconteciam com certa regularidade, e ela me contou que em um dia anterior ao nosso encontro olhou bastante para uma fotografia do pai antes de deitar, sentiu saudades e chorou, adormeceu e sonhou com ele, aproveitando a oportunidade para abraçá-lo fortemente, dizendo o quanto o amava. Esse sonho apesar de deixá-la saudosa confortou-a, motivando-a a me ligar para contar como se sentia.

Ademais, Lilás se referia ao aprendizado como um dos importantes significados adquiridos por ela após a morte do pai. Afirmou ter mudado muito, tornando-se uma pessoa melhor, inclusive se achando mais conectada com aspectos de natureza transcendente. Parece que nesse espaço metafísico, onde o invisível se sobrepunha ao palpável, Lilás descobriu uma forma de conexão com o pai. Sendo fortemente influenciada pela crença evangélica, atribuía à

morte um significado confortador de que era algo natural, e que havia vida após a morte. No entanto, para Lilás, a vida após a morte se caracterizava por um sono profundo do ente perdido, até chegar o momento em que ele acordaria indo seu espírito para “*um Céu*”. Sendo assim, para ela o pai ainda existia, todavia estava dormindo prolongadamente.

Na carta que escreveu, Lilás talvez tenha entrado em contradição com o que havia afirmado sobre o sono profundo, pois disse acreditar que ele estava em um “*jardim florido e lindo*”. Apesar dessa aparente incoerência, julguei inadequado fazer qualquer inferência porque acreditava ser mais relevante, naquele contexto, conhecer a natureza do local onde seu pai estava. Ambas as menções por ela feitas, seja a de um jardim florido ou a de um sono profundo, levaram-me a crer que visualizava seu pai em um estado de bem estar, condição que eu atribuía como importante na averiguação de um significado positivo ou negativo em relação à morte que o tinha acometido.

Ainda na carta, Lilás o deixou a par das mudanças ocorridas em sua vida, afirmando que estava estudando mais, além de estar estagiando no Rio Mar, como menor aprendiz. Disse que sua mãe esteve abatida com sua morte, mas agora estava bem, e até mais bonita, mas me pareceu querer tranquilizá-lo afirmando que ela ainda o guardava em seu coração. Concluiu pedindo desculpas por não ter falado o quanto o amava, mas assegurava que seu sentimento por ele era grande, sentia muita saudade, pensava sempre nele e considerava-o o melhor pai do mundo.

Frankl (2009) chama de tríade da tragédia humana a morte, a dor e a culpa que, sendo inevitáveis, acometem a todos os indivíduos mais cedo ou mais tarde, irrefutavelmente. Entretanto, o que delas resultará dependerá dos significados que o indivíduo a elas atribui e do sentido por ele encontrado para continuar vivendo ou para suportá-las com dignidade. No que tange aos significados, de acordo com o exposto, Lilás conseguiu atribuir à morte do pai vieses nitidamente positivos. Quanto ao encontro de um sentido para continuar vivendo, Lilás apresentou vários demonstrando uma forte esperança no futuro e muita “gana” pela vida.

A menina Vermelha, como de costume, tinha certa dificuldade em discutir questões nas quais seus sentimentos estivessem em jogo, assumindo um movimento de evitação da manifestação de suas emoções. Entretanto, o trabalho com as fotografias e a carta endereçada à pessoa morta, que tinha sido o motivo propulsor de sua busca por ajuda, auxiliaram-na a externar, ainda que minimamente, os significados por ela atribuídos à morte do colega e à esse evento de uma maneira mais abrangente, somados aos recursos utilizados na resolução do luto.

Através da apresentação das fotografias, Vermelha disse ter sentido tristeza com a morte do colega, em virtude do seu bem querer por ele, haja vista o fato dele ser um garoto muito divertido, alegre e aquele ao qual todos se referiam como o atleta da escola. Contou que no momento em que soube da morte do colega e também no primeiro dia de aula, três dias após o ocorrido, chorou bastante. Todavia, com exceção dessas duas circunstâncias, Vermelha não apontou comportamentos que se diferenciavam do adotado habitualmente por ela e que são considerados características comuns em processos de sofrimento pela morte de uma pessoa querida.

Sobre essa constatação, infiro que ainda que diante da ausência de elementos suficientes para uma análise mais robusta acerca do seu pesar, concernente a este caso específico, não teria condições de afirmar que a mesma não estivesse sofrendo. Apesar de essa tese estar consubstanciada na teoria do apego, tendo Bowlby (1984) e Parkes (1998; 2009) como seus grandes expoentes, e utilizando como parâmetro para a identificação de uma pessoa em processo de luto os picos de dor e a insistente busca pela pessoa morta, aspectos estes que inegavelmente não foram manifestados pela Vermelha, compreendo que podemos considerar formas outras de se viver o luto. Esse outro olhar para a experiência do luto que não percorrendo o caminho convencional, ingressa no espaço da perda através de uma rota transversal, solicita-nos singular atenção, tendo em vista que: a identificação com a pessoa morta, a aquisição da noção de que poderia ser consigo, e a oportunidade de extravasar perdas suas anteriores que não foram elaboradas, ou ainda, as atuais em processo de elaboração, falam-nos da necessidade do outro em ser acolhido na sua dor.

Na carta remetida ao Branco, Vermelha assumiu um tom meio descontraído. Disse ter sofrido, mas também se mostrou forte alegando que os outros amigos precisavam da sua ajuda. Lembrou que o colega havia morrido há quatro meses, mas que quanto a isso nada poderia fazer, visto que a vida era assim e despediu-se dizendo que achava que já tinha falado mais do que o habitual. Quando indagada sobre como imaginava o amigo após a morte, Vermelha respondeu que para ela o amigo só vivia na sua lembrança.

Quanto aos significados atribuídos à morte, evidenciou-se que para Vermelha ela assumia um caráter de missão, como se a pessoa nascesse já com um destino programado e a morte seria uma decorrência natural do término do que ela tinha para fazer enquanto viva. Sobre isso, descreveu uma advertência da mãe: *“Pra que você tem pressa de uma coisa se seu futuro é a morte? Então, você não tem que ter essa pressa, não precisa das coisas apressadamente. Você viva o seu dia e não pense no de amanhã. A não ser as coisas mais*

obrigatórias que é o trabalho, a escola ou os deveres, assim, mas tudo que for do seu desejo não pense no amanhã porque vai que de uma hora para a outra você morre, do nada você morre, você é uma menina com saúde, mas do nada você morre. O futuro, Vermelha, sempre será a morte, então você não precisa ter essa pressa. Você pode viver esses anos todinhos, mas o futuro sempre será a morte. Então você não precisa ter o desespero por ter algo. No futuro você nem vai saber se realmente vai ter isso, ou se vai realmente ter aquilo. Porque você tem que viver o seu dia”.

A mãe e a madrasta da Vermelha, especialmente a primeira, sempre a prepararam para a ocorrência de uma possível fatalidade, instruindo-a que não deveria reagir com sofrimento, mostrando-se forte e dando prosseguimento à vida. A mãe ainda exemplificava, contando-lhe que ficou órfã muito cedo e nem por isso ela se deixou abater por esta perda e pedia a Vermelha para se comportar da mesma forma “*para conseguir algo na vida*”.

Vermelha se apropriou desse ensinamento, dizendo que se ambas morressem não iriam fazer falta, pois elas já a haviam ensinado a “*trabalhar, buscar o próprio sustento*”, reduzindo enormemente seu temor em relação a essa questão.

Sendo o possível padrão de apego predominante em Vermelha o evitador, observei que os significados atribuídos por ela para a morte de uma maneira abrangente e os recursos utilizados na superação destes eventos, apresentam-se bastante congruentes, revelando sua grande dificuldade em dar vazão aos seus sentimentos.

No que tange especialmente à morte do colega, o significado dado a mesma como fazendo parte do processo natural da vida, ainda que tenha ocorrido de maneira violenta, abrandava a irrupção de sentimentos e emoções que Vermelha tanto se esforça em controlar.

Por fim, pude verificar que entre os possíveis significados atribuídos por Vermelha à vida, atrelada aos sentidos produzidos para bem viver, havia um comportamento de aparente inércia, em função da visão da vida como algo já dado e não a ser conquistado.

Quanto ao Amarelo, na carta escrita para o Maicon revelou que a morte dele tinha gerado apenas uma pequena “mudancinha” na sua vida: a noção de que “*para morrer não precisa fazer nada*”. Mesmo afirmando que a morte do colega de escola não tinha causado tanto impacto, assumiu que tinha ficado um vazio nele, fazendo-me supor que a crença que ele tinha em outra vida, e que o rapaz estaria agora em um “*corpo melhor*”, de alguma forma amenizava sua tristeza. Concluiu a carta escrevendo novamente que após esse homicídio ele passou a acreditar mais na morte e em sua capacidade de levar alguém “*sem piedade*”.

Achei por bem repetir aqui o mesmo esclarecimento que fiz ao pontuar alguns significados construídos pela Vermelha. Ou seja, apropriando-me do que é dito pelo Parkes (2009) acerca das características essenciais para se dizer que alguém está enlutado, muito provavelmente o Amarelo se distanciaria desta formatação por ter vivenciado apenas um sentimento de tristeza em detrimento da dor pujante, dentre outros aspectos preditivos do luto. Perguntei-me algumas vezes se essa emoção seria por si só suficiente e concluí que muitos lutos não percorrem o caminho convencional. Quando digo isto, não me refiro às diferentes reações à perda que podem ser identificadas diante da morte de alguém. Refiro-me aqui a um luto que fala mais de si do que do sentimento em relação ao outro que se foi. Quantas vezes já não ficamos tristes com a morte de alguém que nem conhecíamos, chegando a ser dominados durante certo tempo por uma inconveniente melancolia e questionamentos sobre a falta de controle que temos no que tange à vida e à morte?

Sendo assim, penso que se faz importante que ao falar do luto na presente pesquisa, eu considere também os espaços de dor que seguem uma rota transversal, através da identificação com a pessoa morta; da aquisição da noção de que poderia ser consigo; e, ainda, como uma oportunidade de extravasar perdas anteriores que não foram elaboradas e as atuais em processo de elaboração; implicando em uma real necessidade de ser acolhido.

Nesse sentido, levanto a hipótese de que o Amarelo atribui à morte do colega um significado denso, especialmente por entender que ele próprio poderá ser vítima desse tipo de fatalidade. Dessa maneira, recorreu à pesquisa almejando uma melhor elaboração desses sentimentos que o obrigam a olhar para uma realidade que talvez ele acredite que não dará conta sozinho, tendo em vista que o seu acervo de recursos é muito limitado, resultando em um constante movimento de negação por parte dele.

Quanto aos significados que passou a atribuir para a vida de uma maneira mais abrangente e para a sua especificamente, como também os sentidos que estava produzindo para bem viver, verifiquei que a morte do colega não o destituiu dos sonhos, que inclusive se configuram grandiosos, todavia, falta-lhe objetividade no tracejamento do percurso a seguir, possivelmente em função de sua baixa autoestima.

Diante destas informações, o passo seguinte foi aplicação da Intervenção terapêutica RIME (Relaxamento, Imagens Mentais, Espiritualidade), levando em consideração a Dor Espiritual da Perda manifestada por cada um dos enlutados.

A seguir, ingresso nesse espaço mobilizador de autodescobertas e transformações, trazendo (re)significações construtivas para um prosseguimento de vida imbuído de saudades, todavia com qualidade e bem estar.

4 (RE)SIGNIFICANDO

No capítulo quatro descrevo todo o processo de aplicação da RIME, iniciando com o relaxamento mental, e dando prosseguimento com a visualização de imagens mentais, objetivando auxiliar estes jovens enlutados na atribuição de novos significados para suas dores espirituais do luto, outrora identificadas ao longo do ateliê biográfico de projetos.

4.1 Aplicação da RIME com jovens enlutados

Em todas as três aplicações da RIME com os quatro enlutados, totalizando doze aplicações, utilizei o mesmo procedimento de relaxamento mental. Vejamos a seguir: Peço que o experiente feche os olhos, inspirando lentamente pelo nariz e expirando ainda mais lentamente pela boca, explicando que o movimento de expiração deve ser mais lento e profundo do que o de inspiração. Oriente-o a sentir seu pé direito com cada um dos seus dedos relaxados, esclarecendo que esse relaxamento irá se estender por toda a perna direita, passando pela panturrilha até chegar ao quadril. Depois repito a mesma fala, referindo-me ao lado esquerdo do seu corpo.

Em seguida, proponho que relaxe seu quadril, sua pélvis, retirando toda a rigidez que possa existir. Relaxando também as costas, o abdômen e o tórax... sempre inspirando e expirando lentamente. Sugiro, então, que sinta que cada parte do corpo vai adquirindo uma maciez e maleabilidade muito reconfortante e que essa maciez está passando por toda a sua coluna, chegando ao seu pescoço – do início até a base da cabeça – deixando o pescoço bem relaxado.

Posteriormente, peço que mentalize esse relaxamento do pescoço se expandindo para o ombro direito, descendo por todo o braço direito, até chegar a ponta dos dedos. Depois repito a mesma fala, referindo-me ao lado esquerdo do corpo.

Concluindo, peço que relaxe os músculos da face, da boca, do maxilar, das bochechas, da testa e do seu couro cabeludo. Também solicito que relaxe os olhos e continue respirando lenta e profundamente, explicando-lhe que todas as vezes que inspirar, deverá visualizar esse ar na cor verde, expandindo-se pelos pulmões até chegar ao coração. Chegando esse ar verde e fresco ao coração, oriento o experiente a expandi-lo agora em forma de luz verde por todos os seus órgãos, envolvendo cada um. E assim, vou mencionando cada um dos órgãos, repetindo que estão sendo envolvidos por essa luz verde curativa. Com o término da

citação dos órgãos internos sendo envolvidos pela luz verde curativa, recomendo que a deixe sair pelas solas dos pés e o envolva completamente formando um círculo verde de cura e proteção.

Quanto às visualizações de imagens mentais, nas doze aplicações da RIME foi utilizado o modelo padrão elaborado por Elias (2012):

1. Visualização da imagem de um túnel ou caminho luminoso nas cores azul, dourado ou prateado, como também de Seres de Luz que irradiam amor incondicional, acolhimento, conforto, tranquilidade e paz, salientando que a imagem deste Ser de Luz deve estar relacionada a uma entidade de natureza espiritual com a qual o experiente confie ou se afine;

2. Inserção no cenário base escolhido pelo experiente a partir do álbum de fotografias, confeccionado com paisagens de natureza belas e reconfortantes.

3. Realização das operações alquímicas, ensejando o atingimento dos estágios necessários para a transformação da *prima matéria* em *pedra filosofal*, em referência ao processo de re-significação da dor simbólica do luto:

4. Realização da operação alquímica *solutio* para se atingir o estágio *albedo* através de imagens de água representada por cachoeira, praia, mar, rio, lago, chuva, onde o experiente lava o seu sofrimento, o seu conteúdo sombrio; e túnicas das cores do arco-íris, as quais o experiente veste todas, elegendo apenas uma que utilizará por todo o percurso, com vistas a equilibrar o seu corpo espiritual, em referência aos chacras estudados na medicina chinesa;

5. Realização da operação alquímica *coagulatio* para se atingir o estágio *citrinitas*, através da imagem de sementes douradas, sendo depositadas por um Ser Espiritual de Luz, na testa, na garganta, no umbigo, nas mãos e pés do experiente, iluminado seus pensamentos, palavras, sentimentos e ações;

6. Realização da operação alquímica *coniunctio* para se atingir o estágio *rubedo*, através da imagem de uma caixa vermelha contendo um presente que o Ser Espiritual de Luz que emana amor incondicional entrega ao experiente, simbolizando um específico aspecto do potencial criativo de deve ser desenvolvido e vivenciado.

4.1.2 Encontros

Os encontros com os jovens enlutados para a aplicação da RIME aconteceram em uma sala de aula da escola, durante seis sábados seguidos. Dividi o grupo composto por quatro componentes em dois grupos de dois, intercalando os encontros com cada um desses grupos. Desta maneira, utilizei como critério para a eleição das duplas as categorias mais presentes no que identifiquei neles como a Dor Espiritual do Luto. Ao realizar essa sistematização, concluí que Azul e Lilás, e Vermelha e Amarelo manifestavam Dores Espirituais do Luto com aspectos muito semelhantes, permitindo-me agrupá-los.

E assim, iniciei o trabalho pela dupla Azul e Lilás que, apesar das semelhanças no que concernia as suas Dores Espirituais do Luto, apresentavam como diferenças significativas o fato de que uma (a Azul), ao longo da pesquisa, demonstrou sempre uma atitude segura e assertiva, além de uma ampla e sólida rede de apoio; enquanto a outra (Lilás), manifestava insegurança e timidez, somadas ao aspecto de possuir uma reduzida rede de apoio. Tais constatações foram amplamente discutidas na primeira fase da pesquisa, na qual utilizei especialmente a Teoria do Vínculo como aporte teórico.

Diante dessa constatação, trabalhei especialmente com a Azul e a Lilás os seguintes aspectos:

Tabela 7 – Dores Espirituais do Luto

	AZUL	LILÁS
Medo da morte por conta da ruptura do vínculo: como ficarei sem o outro?	X	X
Medo do desconhecido que acompanha a morte: quando se morre tudo acaba?	X	X
Quando se morre eu deixo de ter uma relação com o outro? De que maneira poderei acessá-lo?		
Culpa por não ter feito algo pela pessoa enquanto estava viva.	X	X

Fonte: elaborada pela autora.

Tomando como base esses aspectos, o roteiro das visualizações de imagens foi o mesmo para ambas, diferenciando-se apenas no que tangia ao cenário base e a inserção de algumas imagens que reputei como importantes de serem inseridas, tendo em vista a relevância das mesmas para as experientes. Tive o cuidado de não trazer muitos elementos inicialmente, pois desejei abordar algumas outras questões gradativamente, ao longo da segunda e da terceira aplicação.

Detalharei, a seguir, o trabalho realizado com a primeira dupla: Azul e Lilás.

4.1.2.1 Menina Azul

Primeira aplicação da RIME

Quando Azul chegou à Escola eu a esperava na sala de aula. Conversei um pouco com ela, perguntando qual era a entidade espiritual que ela confiava. Tive como resposta, Jesus. Conversamos mais um pouco sobre a aplicação, reforçando o que eu havia explicado logo no início da pesquisa e, então, aproveitei para perguntar qual das seis faces ela escolhia para expressar aquele momento. Azul escolheu a face azul esverdeado (8), expressando leve sofrimento.

Quando achei que ela estava suficientemente à vontade, sugeri que se deitasse, coloquei a música por ela escolhida (Uma prece) e iniciei a aplicação da RIME pelo relaxamento mental. Ao constatar que Azul estava relaxada e envolvida com a atividade ora trabalhada, iniciei a orientação para a visualização das imagens mentais, utilizando o cenário base por ela escolhido (Anexo B, imagem 47).

Momento pós-aplicação da RIME

Ao ser indagada sobre como se sentiu ao longo da RIME, Azul relatou que inicialmente sentiu um pouco de dificuldade para se concentrar, mas depois ela foi ficando leve, deixando-se ser levada, e, a partir desse momento, tudo foi ficando muito bom. Disse que esteve todo o tempo com o pai ao seu lado e entusiasmada confessou que tinha sido o melhor encontro com ele: *“Eu senti que aquilo era muito real, eu senti quando ele me abraçou. Todas as coisas que eu não vivi eu pude viver naquele momento”*.

A cor escolhida para a túnica foi o branco, que também era a cor da estrela. Quando indagada se tinha ouvido bem o que o ser de luz tinha lhe dito, Azul disse que tinha ouvido “algumas coisas”, mas não se estendeu, de maneira que achei mais oportuno respeitar o seu silêncio. Quanto ao presente, disse não ter pensado em nada. Para ela, a caixa vermelha era o próprio presente.

Quando indagada sobre qual o momento em que se sentiu melhor, Azul falou: *“Foi no momento em que me encontrei com ele e que vi meus primos. Foi muito bom...”* Eu insisti para que ela falasse mais, mas ela disse apenas: *“Estou sem palavras no momento”*. Apresentei-lhe novamente as seis faces para que escolhesse a que mais expressava o que ela sentia após a sessão, obtendo com resposta que faltava uma carinha manifestando felicidade, no entanto, na falta dela escolhia a azul (10), expressando total ausência de sofrimento.

Segunda aplicação da RIME

Para a segunda aplicação da RIME Azul escolheu a face amarela (4), expressando sofrimento incômodo. A música, o ser espiritual, e o cenário-base permaneceram sendo os mesmos utilizados na primeira aplicação.

Momento pós-aplicação da RIME

Quando azul abriu os olhos perguntei se estava tudo bem e ela respondeu com um “*Unhum*”. Sugeri, então, que falasse um pouco sobre o que sentiu, ouvindo em seguida o breve relato: “*É como se você sentisse uma leveza, uma coisa boa, uma coisa positiva, não vem coisas ruins, negativas, sempre tem aquilo lindo, as cores bonitas, essas coisas leves*”.

Ao indagar se tinha conseguido visualizar bem as imagens, Azul disse que em alguns momentos não, mas em outros conseguiu ver com bastante clareza. A cor escolhida para a túnica foi o vermelho que para ela representava o amor. Disse ter escrito a carta para seu pai e o presente contido na caixa era a resposta dele a sua carta. Sobre o conteúdo de ambas as cartas, Azul não demonstrou interesse em revelá-lo. Sendo assim, respeitando seu desejo, apenas perguntei se ela estava saindo da sala melhor do que entrou e a mesma disse que “sim, com certeza!” com um sorriso largo no rosto, escolhendo a face azul (10), expressando total ausência de sofrimento.

Terceira aplicação da RIME

Para a terceira aplicação da RIME, sugeri aos sujeitos da pesquisa que poderíamos trabalhar com outro cenário base, caso desejassem. Sendo a sugestão prontamente aceita por todos, cada um dos quatro escolheu uma nova fotografia que se adequasse mais aos seus momentos presentes e as suas possíveis novas percepções e sentimentos. No caso da Azul, foi eleita uma nova imagem (Anexo A, Imagem 6), todavia ela optou pela permanência da música (Uma prece) e também de Jesus como ser espiritual de luz. A face escolhida para representá-la, foi a face verde (6), expressando sofrimento moderado. Iniciei a aplicação promovendo seu relaxamento mental e, posteriormente, ao identificar que Azul estava suficientemente relaxada, fui apresentando as imagens a serem visualizadas mentalmente.

Momento pós-aplicação da RIME

Azul falou que em alguns momentos conseguiu visualizar as imagens, mas em outros não, no entanto, independente de ter visualizado ou não as imagens sugeridas, a exemplo dos dois encontros anteriores, sentiu bastante paz. Relatou que novamente viu seu pai sorrindo: *“Eu vi o sorriso, que era uma coisa que eu queria muito ver e ele tá bem... tá muito melhor do que tava aqui. Assim eu visualizo, né? Eu espero que ele esteja realmente”*.

A cor escolhida para a túnica foi novamente o vermelho por acreditar que ela representava o amor e por ser uma cor que ela disse adorar. Perguntei pelo presente contido na caixa, e Azul disse que o presente foi a fotografia do túnel do amor. E continuou: *“Porque quando eu estou relaxada é esse o túnel onde eu vou passear com ele. Vamos supor que é o caminho que eu estou percorrendo com ele”*.

Perguntei-lhe como se sentia e ela disse que após aplicação estava se sentindo muito bem e, se pudesse, novamente escolheria uma carinha demonstrando felicidade, mas, na falta dela, elegeu a azul (10), expressando total ausência de sofrimento. Aproveitou para me contar que após quase um ano da morte do pai, com exceção daquele momento em que conversava comigo, habitualmente se sentia triste e com medo porque estava se aproximando o dia dos pais e ela achava que esse seria um dia muito difícil, até porque foi nesta data que eles tiveram o último encontro, dois dias antes da sua morte. Indaguei-lhe se ao ser tomada por essas lembranças ela chorava, obtendo como resposta que as vezes chorava muito.

Neste momento lembrou que a inquietava quando as pessoas perguntavam o motivo da morte do seu pai, e esse fato também a fazia chorar. No entanto, estava consciente de que deveria aceitar e que a tristeza mais cedo ou mais tarde se tornaria apenas saudade.

Quando Azul silenciou, conversei um pouco com ela, enfatizando pontos que já havíamos conversado anteriormente, e manifestei minha disponibilidade em ajudá-la. Mesmo sendo o nosso último encontro, eu estaria disponível para o que precisasse. Ela agradeceu e nos abraçamos.

4.1.2.2 Menina Lilás

Primeira aplicação da RIME

Lilás chegou à escola cedo, quando eu ainda estava atendendo a Azul, mas não se incomodou em ficar esperando a sua vez enquanto escutava música com fones de ouvido fora da sala. Quando chegou o momento em que deveria receber a aplicação da RIME, conversamos um pouco sobre a referida intervenção, reforçando o que eu já havia explicado logo no início da pesquisa. Ela me disse que a entidade espiritual na qual confiava era Deus, escolheu a face azul, (10), expressando total ausência de sofrimento. Coloquei a música por ela escolhida (Antares) e iniciei a sessão da RIME pelo relaxamento mental. Quando constatei que Lilás estava relaxada e envolvida com a atividade ora trabalhada, iniciei a orientação para a visualização das imagens mentais, utilizando o cenário base por ela escolhido (Anexo B, imagem 44).

Momento pós-aplicação da RIME

Lilás me falou que não conseguiu visualizar o rosto de Deus, ser espiritual por ela escolhido, conseguindo imaginar somente seu corpo e as vestimentas, sentindo muita tranquilidade.

Quanto ao túnel, Lilás evidenciou certo temor sentido, afirmando ter ficado em dúvida quanto à escolha por um deles, optando por aquele que a fazia se sentir melhor. Perguntei-lhe se havia mais de um túnel, obtendo como resposta que havia três e ela tinha elegido o túnel do meio. Ainda sobre o túnel, eu quis saber o que tinha lhe provocado temor e ela disse que talvez tenha sido o fato dele ser escuro. Intrigada, perguntei se ela não tinha conseguido visualizar o azul e ela disse que só foi conseguir visualizar o azul no final do túnel. Todavia, disse rindo ter sentido perfeitamente a maciez da grama abaixo dos seus pés.

Ao longo do banho de mar, sentiu-se leve e mais tranquila como se tivesse tirado uma venda dos seus olhos, permitindo-lhe enxergar as coisas com mais clareza e com mais otimismo.

Ao encontrar os irmãos brincando na areia, sentiu-se muito feliz por relembrar momentos da infância em que tiveram oportunidade de brincar livremente na praia, sem motivos para preocupação. Também se sentiu feliz por poder ajudá-los. Todavia, o ponto culminante na construção do castelo, deveu-se ao fato dela se sentir capaz de construir algo. Naquele momento, Lilás sentiu ser muito mais forte do que supunha, adquirindo uma espécie de energia renovada para ao sair dali, correr atrás dos seus sonhos.

Quanto à cor da túnica, elegeu a verde, mas disse não lembrar do presente dado, pois acabou se focando somente na caixa. A face eleita foi a azul (10), expressando total ausência de sofrimento.

Segunda aplicação da RIME

Meu segundo encontro com a Lilás, como sempre, transcorreu de forma tranquila. Ela aproveitou o momento para desabafar um pouco comigo e confidenciar o quanto se sentia sozinha após a morte do pai. Afirmou ter poucas amigas e demonstrou sentir muita falta da atenção materna. E assim, ao ser sugerido que escolhesse uma das faces, optou pela a face laranja (2), expressando sofrimento intenso. Após conversarmos um pouco, sugeri que se deitasse no colchonete, sendo prontamente atendida. Assim, iniciei as orientações para o relaxamento mental e quando percebi que Lilás já estava relaxada, dei início às orientações concernentes às visualizações de imagens mentais.

Momento pós-aplicação da RIME

Lilás relatou novamente o seu temor ao visualizar o túnel, pois ele estava bastante escuro. Assim, durante sua travessia, apesar de sentir a maciez da grama e o ar fresco, não conseguia usufruir suficientemente por estar se sentindo insegura ante o desconhecido. No entanto, no final do túnel, quando enfim pôde sentir a presença de Deus, pois não conseguiu visualizá-lo, gostou muito porque relaxou e sentiu um alívio.

Lilás seguiu falando que ao longo do banho de cachoeira sentiu tranquilidade e a sensação de estar tirando um peso das suas costas através dos seus cabelos. Ela disse que saíam dos seus cabelos algo escuro, representando toda a negatividade por ela sentida, fazendo-a se sentir mais limpa e tranquila.

Em seguida, Lilás relembrou o momento em que Deus a levou até o mar. Disse ter adorado mergulhar com os peixinhos suaves e coloridos que não a morderam em nenhum momento. Mencionou também que quando viu a estrela do mar lembrou muito do pai. Não sentiu sua presença em nenhum momento, mas lembrou-se dele intensamente e sem nenhum sofrimento. O que ela conseguia sentir era muito amor por ele e a certeza de que ele sabia que era amado.

Disse ter vestido uma túnica azul da cor do céu e ao chegar na estrela azul, ganhou de presente: paz e amor, mas, especialmente, paz, porque era dela que o mundo mais estava precisando.

Quanto à conversa com Deus, Lilás disse: *“Eu queria ver minha família restituída, bem... eu queria sim... mais diálogo porque cada um está no seu mundo. Cada um no seu mundinho”*. E assim, deu continuidade falando que seus avós, sua mãe, seus dois irmãos e seus dois tios não estavam dialogando. Ela acreditava que isso ocorria em função da tecnologia que prendia muito as pessoas aos aparelhos eletrônicos, desvinculando-as do contato físico com os outros. Neste sentido, ela também pediu a Deus sabedoria para saber o que falar e como se portar diante desta situação, pois estava sendo muito difícil se relacionar com eles e ela precisava de alguém com quem pudesse conversar, ser aconselhada e pedir ajuda quando desejasse.

Sobre a resposta de Deus, Lilás falou: *“Ele tipo... mandou eu ficar calma, tranquila e sossegar nele... porque tudo isso tem um momento determinado. Isso vai acontecer, mas tem que esperar, né”*.

Quanto à face escolhida, Lilás escolheu a face azul esverdeado (8), expressando leve sofrimento, pois após as visualizações ela havia se enchido de esperança e força, sentindo-se se bem melhor. No entanto, sabia que ao voltar para casa possivelmente se entristeceria novamente, e isso não a deixava totalmente em paz. A paz era momentânea. Eu sugeri, então, que se voltasse a ficar triste, visualizasse aquele mar lindo lhe dando um banho de boas energias e que tivesse confiança que pouco a pouco ela sentiria através do seu coração maneiras adequadas de se conduzir ante às situações difíceis. Também disse que poderia me ligar se desejasse.

Terceira aplicação da RIME

Lilás chegou para o terceiro e último encontro demonstrando estar bem. Com a mudança do cenário base (anexo B, imagem 48) perguntei se gostaria de trocar a música e ela disse que não, pois tinha gostado muito da “Antares”. Quanto à face, escolheu a azul (10), expressando total ausência de sofrimento.

Momento pós-aplicação da RIME

Lilás mencionou que achou o túnel escuro, visualizando o azul somente no final, mas ouviu nitidamente o canto dos pássaros, viu as folhas das árvores sendo balançadas pelo vento e sentiu muita paz e tranquilidade. Acrescentou ter gostado do que estava escrito no bilhete, revelando que se sentiu fortalecida com o que foi lido.

Conversou com Deus, dessa vez pedindo para se tornar uma pessoa melhor, mas não obteve nenhuma resposta verbal, apenas sentiu de maneira muito intensa a mão dele segurando a sua e também o abraço que a fez se sentir muito segura e tranquila. Sua túnica e a estrela eram brancas e possuíam pequenas pedrinhas azuis. Ao receber a caixa contendo o presente, não pensou em nenhum conteúdo em especial, só a caixa vermelha naquele momento era o suficiente para ela. Escolheu a face azul (10), expressando total ausência de sofrimento.

Em seguida, abordarei a segunda dupla: Vermelha e Amarelo.

Como exposto anteriormente, ao dividir o grupo composto por quatro componentes em dois grupos de dois, intercalando os encontros com cada um deles, utilizei como critério para a eleição das duplas as categorias mais presentes no que identifiquei neles como a Dor Espiritual do Luto. Dessa maneira, ao realizar essa sistematização, pude concluir que a Vermelha e o Amarelo manifestavam Dores Espirituais do Luto muito semelhantes, levando-me a trabalhar especialmente o seguinte aspecto:

Tabela 8 – Dores Espirituais do luto

	VERMELHA	AMARELO
Vazio existencial muitas vezes presente no processo de “transição psicossocial” pelo qual passa alguém que perdeu uma figura de afeto.	X	X

Fonte: elaborada pela autora.

No caso da Vermelha e do Amarelo, reiterando o que foi amplamente discutido na primeira parte da pesquisa, pude apreender que ao longo de todo o processo de feitura da mandala ambos não estavam enlutados especificamente pelo menino Branco, sendo a morte do colega, possivelmente, um motivador para que buscassem auxílio.

Compreendi que a Dor Espiritual do Luto da Vermelha poderia estar atrelada a um sentimento de vazio existencial provocado pelo confronto com tão dura realidade. Esse vazio existencial muitas vezes se encontra presente no processo de “transição psicossocial” (PARKES, 2009) pelo qual passa alguém que, após uma brusca mudança na vida, vê seu mundo presumido completamente obsoleto, sem ainda ter adquirido recursos suficientes para lidar com uma nova realidade.

Quanto ao Amarelo, ao longo do feitio da mandala observei que não parecia ansiar intensamente pelo objeto perdido, todavia, percebia-se nele um movimento de evitação, possivelmente, por não saber como lidar com a dor que adviria de um processo de reconhecimento de que aquela morte o havia afetado. Apesar de ter fortes indícios de que o Amarelo estabelecia um padrão de apego ansioso-ambivalente com suas figuras de apego, que no caso de perda por morte poderia ser preditor de reações problemáticas de luto, prevendo-se intenso pesar, percebi se delinarem, neste caso específico da morte do Branco, mecanismos de evitação como estratégia de significativa funcionalidade.

Nesse sentido, considere que a Dor espiritual do Luto sentida por Amarelo, a exemplo da Vermelha, também poderia estar atrelada a um sentimento de vazio existencial provocado pelo confronto com tão dura realidade, dando margem a comportamentos evitativos.

Somada a esses aspectos, pretendi também trabalhar através da RIME a baixa autoestima que ambos (Vermelha e Amarelo) abrigavam, presumivelmente, sendo este fator interferente nas variadas questões situacionais, vulnerabilizando-os. Dentre as dificuldades provocadas pela baixa autoestima de ambos, cito a incapacidade de sonhar, ou ainda, no caso de tê-los, a incapacidade de lutar para alcançá-los. A Vermelha demonstrou ao longo do feitio da mandala uma grande dificuldade em externar seus desejos, afirmando não os ter. Já o Amarelo, tinha inúmeros e grandiosos sonhos, mas não se movimentava no sentido de transferi-los do mundo das ideias para sua vida prática.

4.1.2.3 Menina Vermelha

Primeira aplicação da RIME

Vermelha chegou tranquila para a primeira sessão da RIME. Ao longo de quase um ano de convivência nossa relação evoluiu bastante, ganhando um caráter de confiança e respeito muito enriquecedor. Ao entrar na sala, conversamos um pouco sobre amenidades e eu aproveitei para introduzir esclarecimentos sobre a RIME, indagando-a sobre uma entidade espiritual que ela gostasse para que eu pudesse introduzir nas visualizações mentais. Vermelha disse acreditar em seres de luz, todavia não conseguia se fixar a nenhum especificamente, simplesmente contava com sua energia protetora. Dessa maneira, combinamos que ao longo da visualização eu o chamaria de ser de luz e proteção. A escolha

da música foi *Shedagon* e a face eleita para expressar como se sentia no momento foi a azul (10), expressando total ausência de sofrimento. Assim, iniciei as orientações para o relaxamento mental e quando percebi que Vermelha já estava relaxada, dei início às orientações concernentes às visualizações de imagens mentais, utilizando o cenário base por ela escolhido (Anexo A, imagem 7).

Momento pós-aplicação da RIME

Vermelha relatou ter ficado bastante tranquila, mas não quis revelar o que havia se passado com ela. Comportamento que não me surpreendeu diante de toda a sua trajetória ao longo da pesquisa, sempre evitando falar de si diretamente, utilizando personagens de anime quando precisava ou desejava comunicar algo acerca de si. Escolheu a túnica verde, fazendo questão de esclarecer que era em um tom bastante escuro.

Quanto ao presente, disse não tê-lo visualizado, mas aproveitou este momento para encerrar nossa conversa sobre a RIME, trazendo ineditamente algumas questões da sua vida à baila. Desabafou sobre os últimos acontecimentos demonstrando insegurança com o futuro por já estar no terceiro ano do ensino médio. Relatou que a ausência de recursos financeiros a estava perturbando, reclamou da mãe, disse que o Amarelo andava muito estressado, e mostrou-se aterrorizada com a violência no bairro. Vermelha falava rápido, parecendo até que não desejava que eu compreendesse o que dizia.

Quando Vermelha concluiu, conversei com ela sobre cada um dos pontos, fornecendo algumas sugestões que, apesar de não serem novidadeiras, visto que já as havíamos discutido incessantemente ao longo do feitiço da mandala, poderiam ser acolhidas de uma maneira mais proveitosa, sendo trazidas em um momento em que ela de fato estava solicitando sugestões.

E assim, orientei-a quanto a formas de sistematizar os estudos para o ENEM de uma maneira realista, levando em consideração suas dificuldades. Também sugeri algumas atividades extracurriculares que poderiam lhe render alguns dividendos financeiros, dentre elas programas desenvolvidos pelo próprio colégio, e a motivei a buscar ter um diálogo franco com as pessoas, sem o uso de subterfúgios, especialmente com a mãe.

Pedi que refletisse sobre essas questões e me desse um retorno quinze dias depois, quando nos encontraríamos para a segunda sessão da RIME. Também disse que neste íterim poderia me ligar ou entrar em contato comigo pelo *Whatsapp*, caso sentisse necessidade.

A face escolhida por Vermelha para representar suas emoções e pensamentos após a RIME continuou sendo a Azul (10), expressando total ausência de sofrimento. Apesar de achar meio curioso ela ter feito a escolha da face azul no início da sessão, diante de tantas preocupações, não manifestei minha impressão temendo influenciá-la nas escolhas seguintes.

Segunda aplicação da RIME

Nesta sessão da RIME eu e Vermelha conversamos um pouco e, em seguida, confirmei com ela a entidade espiritual escolhida e a música, solicitando que indicasse uma das faces que representava exatamente aquele momento que ela estava vivenciando. Vermelha apontou para a face azul esverdeado (8), expressando leve sofrimento.

Momento pós-aplicação da RIME

Vermelha demonstrou certa inquietação ao longo da visualização de imagens mentais por mim propostas e, em um determinado momento, ela iniciou um choro discreto que foi rapidamente contido. No entanto, chegando ao final da RIME ela já estava chorando de fato, e levou um tempo bastante razoável para se recuperar, em torno de uns dez minutos. Eu lhe dei água e fiquei ao seu lado, tocando-a com afeto. Ao perceber que ela estava bem e já tinha aberto os olhos, perguntei como estava se sentindo e se gostaria de conversar. Respirando fundo, Vermelha relatou que no fim da escadaria viu seu pai. Eu perguntei como ela tinha se sentido, mas ela não conseguiu me dizer nada.

Dessa maneira, não desejando pressioná-la, pedi que ela me descrevesse o início da sessão e, caso quisesse, poderia dar continuidade a todo o processo, pois eu estava ali para ouvi-la e ajudá-la. E assim, Vermelha disse que ao longo da sua passagem pelo túnel viu tudo “*muito, muito, muito cinza*” (com bastante ênfase) e não conseguiu visualizar o rosto do ser de luz. Ela conseguiu ver bem a imagem da menina sugerida por mim, balançando-se na árvore e afirmou que ambas se pareciam muito. Disse que sentiu perfeitamente a alegria da menina e que a partir de então começou a sentir conforto. Ela escolheu uma túnica na cor verde, desta vez sendo mais clara, tornando-se meio azulada. Quanto às sementes, relatou tê-las sentido especialmente no pé e na mão direita e afirmou que elas pesavam muito. Nesse momento, achei curiosa sua revelação porque eu havia percebido que ao depositar as sementes nessas duas partes do seu corpo Vermelha havia demonstrado certo desconforto, movimentando-as e

enrijecendo um pouco o rosto. Sobre a caixa vermelha, viu surgir de dentro dela um par de sapatinhos de bebê em uma cor que ela não conseguiu definir, entre o rosa e o lilás (achei intrigante o fato de o sapato ser rosa ou lilás, sendo o rosa uma cor que ela abominava) e sentiu muita... muita saudade do pai (dito com bastante ênfase).

Nós conversamos e Vermelha disse que diante dessa intensa saudade do pai sentiu muita vontade de procurá-lo. Apesar de ela estar explicitando essa necessidade, disse-me que não havia envidado esforços neste sentido, mas demonstrou interesse em que eu o fizesse por ela. Naquele momento, possivelmente comovida pela situação, dispus-me a procurá-lo, anotando seu nome completo. Entretanto, ao chegar a casa, refleti melhor e achei por bem não procurá-lo, mas se ela voltasse a demonstrar interesse em realizar tal empreendimento, eu não iria estimulá-la, nem tampouco dissuadi-la disto, mas tentaria ajudá-la a se fortalecer emocionalmente ante a decisão que fosse.

Concluído o relato, perguntei a Vermelha qual face a representava naquele momento, obtendo como resposta a face azul (10), expressando total ausência de sofrimento. Ela afirmou estar perfeitamente bem, inclusive, tirando um peso das costas que a acompanhava desde muito tempo. Assim, conversamos mais um pouco sobre amenidades, e depois me despedi dela, pois já tinha chegado a hora da sessão com o Amarelo.

Terceira aplicação da RIME

Quando Vermelha chegou para esse último encontro, conversamos um pouco, perguntei a ela se gostaria de mudar a música que acompanhava o relaxamento mental e a visualização de imagens mentais, tendo em vista que a fotografia tinha sido mudada (Anexo A, imagem 10), e indaguei também sobre a escolha da face. No caso da primeira pergunta, Vermelha disse querer ouvir a mesma música e, sobre a segunda, indicou a face Azul (10), expressando total ausência de sofrimento.

Momento pós-aplicação da RIME

Ao contrário da sessão anterior, Vermelha estava mais monossilábica. Disse-me apenas que visualizou o mesmo ser de luz, que se sentia mais calma e que desta vez a túnica escolhida era completamente azul. Ironizou falando do encontro com as mães, dizendo que pelo menos uma vez na vida tinha sido tranquilo e indicou a face azul (10), novamente, como a mais representativa do seu estado, expressando total ausência de sofrimento.

Em seguida, chamou minha atenção por me referir a sua “segunda mãe” como madrasta e me deu uma notícia que, sabia, iria muito me alegrar: tinha resolvido cursar computação na UECE e ela e o Amarelo tinham combinado, inclusive, de juntar dinheiro para concertarem um computador antigo que estava inutilizado em um canto da sua casa. Eu não esperava a escolha por este curso, pois até então Vermelha nunca tinha demonstrado interesse por essa área, de todo modo, manifestei minha alegria e a parabenizei.

Por último, contou-me que seu segundo plano além do curso em computação seria seu casamento com Amarelo. Quanto a estes dois planos, fiquei exultante pelo fato de Vermelha pelo menos tê-los, ou, no caso deles já existirem a mais tempo, tê-los conseguido externar para mim. Mas concluí a pesquisa com certa frustração em relação à Vermelha por não ficar claro para mim que ações ela empreenderia na consecução dos seus objetivos. Tudo me pareceu muito vago, o que me fez crer que mais mandalas e mandalas deveriam ser feitas, como também mais sessões da RIME.

4.1.2.4 Menino Amarelo

Primeira aplicação da RIME

O menino Amarelo, diferenciando-se das outras três jovens, disse-me que gostaria de escolher o seu cenário base sem recorrer ao álbum que eu havia confeccionado. Eu aceitei que ele escolhesse uma fotografia, desde que ela me oferecesse os recursos necessários para a realização da intervenção. Caso contrário, ele teria que eleger uma nova fotografia que se adequasse ao proposto, ou então cederia a minha proposta da escolha ser realizada entre as fotografias que estavam nos álbuns. Sendo minha proposta aceita, Amarelo enviou para mim a fotografia por ele escolhida para que eu desse minha opinião e a revelasse para ele, pois todas as imagens escolhidas eram reveladas, com o intuito de que os sujeitos da pesquisa tivessem acesso a elas quando não estivessem bem e desejassem visualizá-las.

Dessa maneira, ao receber a imagem, apesar de achá-la escura e até meio sombria, pesquisei sobre o possível espaço onde ela estava situada, incluindo seus aspectos geográficos, chegando a uma configuração que atendia aos critérios demandados na escolha do cenário base, componente da intervenção terapêutica RIME.

Amarelo estava aguardando a sua vez do lado de fora da sala. Quando o chamei ele se levantou prontamente, mas não quis conversar muito. Perguntei qual a entidade espiritual com a qual se afinava, então ele falou no seu anjo da guarda, mas acabou achando melhor que eu me referisse a entidade espiritual apenas como ser de luz. Ao ser indagado sobre a face que melhor representava seu momento, Amarelo escolheu a face azul esverdeado (8), expressando leve sofrimento.

Dessa maneira, pedi que ele deitasse, coloquei a música por ele escolhida (Shedagon) e começamos a RIME pelo relaxamento mental. Quando percebi que Amarelo estava bastante relaxado, iniciei as orientações voltadas para a visualização das imagens mentais, utilizando o cenário base por ele escolhido (Anexo B, imagem 66).

Momento pós-aplicação da RIME

Após a sessão, Amarelo se mostrou bastante relaxado e contente, surpreendendo-me positivamente. Devido ao fato dele apresentar certa instabilidade emocional, causando-me alguns contratempos, senti-me imensamente aliviada com sua resposta à intervenção RIME. Quando abriu os olhos, sorriu para mim, mas nada falou. Ao ser indagado se estava bem, ele disse que sim e que estava impressionado com a técnica. Perguntei se ele poderia me dizer a cor da túnica e ele assentiu com a cabeça dizendo que ela era vermelha. Insisti perguntando se queria acrescentar algo mais e ele disse que não, mas estava se sentindo muito bem, escolhendo a face azul (10) para representar seu momento atual, expressando total ausência de sofrimento.

Segunda aplicação da RIME

Antes de iniciar a sessão, perguntei ao Amarelo se gostaria de escutar a mesma música (Shedagon), se a entidade espiritual ainda era a mesma, e qual a face escolheria para representar seu momento atual, antes da RIME. Amarelo respondeu que o ser espiritual ainda

era o mesmo, que gostaria de permanecer com a mesma música e, após pensar um pouco, decidiu-se pela face azul esverdeado (8), expressando leve sofrimento.

Momento pós-aplicação da RIME

Após a sessão, Amarelo relatou que sentiu alívio e tranquilidade, mas não esclareceu o motivo para estar aliviado. Perguntei se ele conseguiu visualizar o que foi orientado por mim e ele respondeu que conseguiu não somente visualizar o que eu dizia, mas também visualizou muitas outras coisas porque, tendo uma imaginação muito fértil, tudo o que chegava à sua mente se ampliava. Disse, por exemplo, que visualizou Albert Einstein caminhando com ele e com seu ser espiritual.

Aproveitando seu relato eufórico, indaguei-lhe acerca do que tinha sentido quando foi banhado pela chuva amarela, representando a operação alquímica “*solutio*”. A resposta foi sucinta: “*alívio*”. Continuei a fazer perguntas, e dessa vez quis saber se tinha gostado de estar perto dos pinheiros. Amarelo respondeu que sim e que gostava da ideia de que poderia crescer mais, preferivelmente se diferenciando dos demais. Quanto a cor da túnica, a escolhida foi a Amarela e o presente contido na caixa vermelha era um telescópio.

Ao ser indagado sobre o que o seu ser espiritual havia dito, Amarelo revelou que ele o tinha aconselhado a não se preocupar com o que os outros diziam ao seu respeito, pois um dia ele chegaria lá. Convivendo com Amarelo por um ano, sempre trabalhando com ele a ideia de que deveria ter objetivos mais realizáveis, sofisticando seus desejos à medida que fosse conquistando os mais simples, e ainda, sugerindo que ele saísse do plano das ideias, mobilizando-se de fato para atingir seus objetivos, resolvi perguntar-lhe o que estava fazendo de fato para “um dia chegar lá”.

Amarelo, respondeu que estava tentando, mas agora estava parado porque a escola estava em greve. Eu sugeri que ele estudasse em casa, sozinho. Diante dessa sugestão, Amarelo apresentou outro empecilho: não poderia estudar em casa porque os livros da área de estudo que o interessavam eram muito caros. Mais uma vez tentei apresentar uma solução, dizendo-lhe que atualmente já encontramos muitos livros bons em PDF e também artigos científicos escritos por excelentes pesquisadores.

Nesse momento lembrei que seu acesso à Internet era pelo celular e entendi a dificuldade em se realizar leituras extensas pelo aparelho móvel devido ao tamanho das letras.

Mas Amarelo falou que seu problema nem era esse, na verdade ele só queria começar a estudar quando pudesse adquirir uma coleção de livros de astronomia.

Tentei trazê-lo para a realidade sugerindo que enquanto não tivesse recursos financeiros para adquirir esta coleção, poderia ir estudando os assuntos abordados nos seus livros do colégio, tendo em vista que ele desejava ser aprovado no ENEM. E mais uma vez sugeri: Amarelo, comecemos pelas coisas mais simples!

Pretendendo dar uma guinada nessa conversa, perguntei-lhe se já tinha decidido qual curso superior iria fazer, visto que há um ano conversávamos sobre isso e sabíamos que ele ainda não tinha condições de cursar astronomia fora do estado. Diante dessa indagação, ele disse que tinha decidido investir nas minhas sugestões e que inicialmente faria a graduação em física. Mas, esse seria só o começo porque enquanto estivesse trabalhando como físico, iria fazer uma graduação em astronomia e a outra em astrofísica.

E assim, parabeneizei-o pelas escolhas, mas o alertei que os sonhos eram imprescindíveis, mas que ele deveria agir. Se quisesse realizar tudo isso, eu sabia que ele era suficientemente capaz, mas teria que inicialmente cursar a graduação em física e, para isso, precisaria estudar para passar no ENEM. Disse que eu tinha plena certeza de que se ele conseguisse ingressar na graduação em física, teria uma trajetória brilhante, mas temia que isso não acontecesse porque não o via estudando ou batalhando por qualquer coisa que fosse. As escolas estavam em greve há dois meses e ele nem sequer tinha aproveitado este tempo para revisar as matérias vistas em sala de aula. Como pretendia passar dessa forma?

Não acatando nenhuma das minhas sugestões, alegando que estudar em casa era chato, perguntei o que fazia em casa, obtendo como resposta que jogava vídeo game, mas já estava ficando enfadado de só fazer isso. E assim, mais uma vez, assumindo meu lugar de educadora, sugeri que enquanto a greve não acabasse ele poderia revisar as matérias do colégio em um turno e em outro daria aulas particulares de matemática e física para ganhar um dinheirinho. Quem sabe assim não poderia adquirir os livros que tanto desejava?

Concluindo nossa conversa, contei que havia lido um artigo noticiando que haviam sido descobertos mais de setenta planetas que não fazem parte do sistema solar. E dentre estes setenta foi observado que em uns cinco pode haver vida. Estas vidas as quais se referem podem ser apenas bactérias sobreviventes. No entanto, essa é uma grande e valiosa descoberta e um dos astrônomos responsáveis por essa pesquisa disse que em muito pouco tempo, talvez em trinta anos, no máximo, se consiga identificar estes planetas e o tipo de vida que sobrevive por lá.

Depois de contar essa história o instiguei dizendo que em trinta anos ele teria 46 anos, estaria no auge da profissão e poderia ser um desses cientistas. Mas isso seria viabilizado se ele começasse a agir desde já, estudando. Perguntei se ele concordava comigo e ele rindo disse que sim.

Por fim, perguntei sobre a face que mais se adequava ao que estava sentindo após a RIME, ouvindo dele que escolhia a azul (10), expressando total ausência de sofrimento.

Terceira aplicação da RIME

Nessa última sessão, o cenário base (Anexo A, imagem 8) escolhido por Amarelo, como também por todas as outras três, foi modificado, de maneira que quis saber se ele gostaria de realizar alguma mudança no que concernia à música e à entidade espiritual. Amarelo disse que não, demonstrando estar disposto a iniciar a RIME. Eu aceitei prontamente, porém, antes de começar perguntei qual face representava com mais fidelidade o que sentia naquele momento. Amarelo falou que as coisas estavam boas, mas também estavam ruins, de maneira que ele sempre ficava confuso na hora de fazer essa escolha. Pedi que fechasse os olhos e pensasse um pouco, sem pressa. Feito isso, Amarelo escolheu a face azul esverdeado (8), expressando leve sofrimento.

E assim, demos início à RIME com o relaxamento mental e, posteriormente, com a visualização de imagens mentais.

Momento pós-aplicação da RIME

Amarelo pouco quis falar após o término dessa última sessão, apenas respondendo as perguntas que eu fiz. Disse sorridente que se sentia muito tranquilo, até porque curtia muito as visualizações sugeridas e, sem esperar que eu perguntasse, disse que escolhia a face azul (10), expressando total ausência de sofrimento. Também revelou que tinha apreciado muito o encontro com sua mãe-avó que de fato era a pessoa que mais o amava e que o tinha salvado do abandono da mãe biológica.

Quando indagado sobre a cor da túnica, disse ter escolhido novamente a amarela, que para ele representava o amor. Sobre o presente, novamente se referiu ao telescópio, dando-me margem para manifestar uma expressão de entusiasmo, seguida da pergunta: e o que está pensando em fazer para adquiri-lo?

Amarelo sorriu e garantiu que estava reavaliando sua vida e pensando em estratégias para modificar o que não o estava agradando, mas que preferia guardar suas ideias apenas para si, pedindo-me que eu aguardasse um pouco.

Assim, concluímos não somente a última sessão da RIME, mas também todo o trabalho de pesquisa de campo.

4.2 Análise dos resultados

A análise da obtenção dos resultados promovidos pela intervenção terapêutica RIME foi realizada a partir da observação da natureza da Dor Espiritual e sua intensidade, manifestadas pelos sujeitos desta pesquisa, como também a partir das suas experiências de (re)significação dessa dor. Neste sentido, dois métodos foram utilizados: a Escala Visual Analógica de Bem estar (EVA.), e a Análise de Conteúdo através da técnica Análise Temática.

4.2.1 Análise de Conteúdo através da técnica Análise Temática

O primeiro método utilizado para analisar a Dor Espiritual da Perda e sua (re)significação nos jovens enlutados teve como subsídios os relatos apreendidos ao longo do Ateliê Biográfico de Projetos e também após as sessões da RIME. Assim, a exemplo do proposto por Elias (2005), delineei um quadro contendo os elementos identificados por mim como mobilizadores desta dor específica, aqui referenciados como Unidades de Contexto, apresentando, em seguida, o enlutado que a manifestou e a natureza desta dor, finalizando com a manifestação pelo enlutado da (re)significação da mesma.

Tabela 9 – Análise Temática

Unidades de contexto	Sujeitos da pesquisa	Unidades de significado / Dor Espiritual	Unidades de significado / (Re)significação da Dor Espiritual
Medo da Morte	Azul	<p>Como ficarei sem o outro?</p> <p>Azul fazia uma analogia da sua relação com o pai com o desenvolvimento de uma flor que estava sendo regada e teve seu crescimento interrompido por sua morte. Essa ruptura abrupta a deixava muito triste, muitas vezes</p>	<p>– Azul sempre manifestava um profundo estado de bem estar após as sessões da RIME. “<i>É como se você sentisse uma leveza, uma coisa boa, uma coisa positiva, não vem coisas ruins, negativas, sempre tem aquilo lindo, as cores bonitas, essas coisas leves.</i>”</p> <p>– Na última sessão da RIME, Azul disse que além de sentir</p>

		sentindo dificuldade em lidar com esta realidade.	muita paz, viu seu pai sorrindo: <i>“Eu vi o sorriso, que era uma coisa que eu queria muito ver e ele tá bem... tá muito melhor do que tava aqui. Assim eu visualizo, né? Eu espero que ele esteja realmente.”</i>
Medo da Morte	Lilás	<p>Como ficarei sem o outro?</p> <p>Lilás, utilizou a metáfora da ferida “ainda” não completamente cicatrizada para referir-se ao seu luto.</p>	<p>– Após o término das sessões da RIME, Lilás sempre afirmava estar se sentindo mais leve, enxergando as coisas com mais clareza e com mais otimismo.</p> <p>– Quando construiu o castelo, na primeira sessão da RIME, Lilás sentiu ser muito mais forte do que supunha, adquirindo uma espécie de energia renovada para ao sair dali, correr atrás dos seus sonhos.</p> <p>– Já na terceira e última sessão, sentiu de maneira muito intensa a mão do Ser Espiritual de Luz segurando a sua e também o abraço que a fez se sentir muito segura e tranquila.</p>
Medo do pós-morte	Azul	<p>- Quando se morre deixo de ter uma relação com o outro? - Como poderei acessá-lo?</p> <p>Azul manifestava certa dificuldade em lidar com a dor da separação e com uma possível reconexão com o pai, fundada em novos alicerces. Todavia, encontrava na visualização de fotos do pai e na leitura das mensagens que ele lhe enviava, um lenitivo para suas dores.</p>	<p>– Na segunda sessão da RIME, Azul se visualizou escrevendo uma carta para o pai, obtendo dele uma carta resposta que estava contida na caixa vermelha. Apesar de não revelar o teor da carta, afirmou estar bastante satisfeita.</p> <p>– Na terceira sessão da RIME, Azul mencionou que dentro da caixa de presente vermelha havia a fotografia do túnel do amor (imagem escolhida por ela para ser visualizada na aplicação da RIME), afirmando que quando estava relaxada, era neste túnel que ela passeava com o pai: <i>“Vamos supor que é o caminho que eu estou percorrendo com ele”</i>.</p>
Medo do pós-morte	Lilás	<p>- Quando se morre deixo de ter uma relação com o outro? - Como poderei acessá-lo?</p> <p>Lilás dizia ainda não saber lidar com a dor da saudade do pai e muitas vezes dormia vestindo uma camisa sua na tentativa de abrandar tal sentimento</p>	Lilás mencionou que quando viu a estrela do mar lembrou muito do pai. Não sentiu sua presença em nenhum momento, mas lembrou-se dele intensamente e sem nenhum sofrimento. O que ela conseguia sentir era muito amor por ele e a certeza de que ele sabia que era amado.
Culpa e arrependimento	Azul	<p>Eu poderia ter agido de outra forma</p> <p>Após a morte do pai, Azul se sentia culpada por não ter dado a ambos a</p>	Após a primeira sessão da RIME Azul relatou que teve a sensação de que estava todo o tempo com o pai ao seu lado e entusiasmada confessou que

		chance de ter um convívio mais intenso e sem defesas.	tinha sido o melhor encontro com ele: <i>“Eu senti que aquilo era muito real, eu senti quando ele me abraçou. Todas as coisas que eu não vivi eu pude viver naquele momento”</i> .
Culpa e arrependimento	Lilás	Eu poderia ter agido de outra forma Lilás lamentava por não ter sido capaz de proteger seu pai suficientemente e por não tê-lo abraçado e dito o quanto o amava.	Após as três sessões da RIME, Lilás demonstrou ter se dado conta de que, muito possivelmente, nada do que ela tivesse feito mudaria o evento ocorrido com o pai. Ademais, na segunda sessão da RIME, Lilás relatou que sentiu tranquilidade e a sensação de estar tirando um peso das suas costas através dos seus cabelos, saindo deles algo escuro, representando toda a negatividade por ela sentida.
Vazio existencial gerado por lutos simbólicos que vieram à tona com a morte do menino Maicon	Vermelha	Minha vida mudou e não sei o que fazer diante dessas mudanças – Considerava-se abandonada pelo pai, mas negava qualquer sentimento referente à separação de seu pai, mostrando-se indiferente a tudo que a ele se referia; – Sentia-se pouco amada pela mãe; – Demonstrava não vislumbrar grandes perspectivas futuras.	– Vermelha viu surgir de dentro da caixa vermelha um par de sapatinhos de bebê em uma cor que ela não conseguiu definir, entre o rosa e o lilás, imagem esta que mobilizou um sentimento de muita... muita saudade do pai. Diante dessa intensa saudade, sentiu muita vontade de procurá-lo, somada a uma sensação de bem estar, inclusive, tirando um peso das costas que a acompanhava desde muito tempo. – Vermelha conseguiu visualizar com nitidez a imagem da menina sugerida por mim, balançando-se na árvore, afirmando que ambas se pareciam muito. Disse que sentiu perfeitamente a alegria da menina e que a partir de então começou a sentir conforto. – Deu-me duas notícias que, sabia, iriam muito me alegrar, em função de ter sido despertado nela o desejo de fazer planos: tinha resolvido cursar computação na UECE e estava planejando casar com o Amarelo.
Vazio existencial gerado por lutos simbólicos que vieram à tona com a morte do menino Furtacor	Amarelo	Minha vida mudou e não sei o que fazer diante dessas mudanças – O fato da mãe não ter podido criá-lo, doando-o para sua avó materna, legitimava e selava uma condição de abandono que ele carregou por toda a vida. Para Amarelo, todos o abandonaram ou ainda o	– Após todas as três sessões, Amarelo se mostrou bastante relaxado e contente. Na primeira, inclusive, chegou a afirmar que estava impressionado com a técnica. – Na segunda sessão Amarelo referiu-se a uma sensação de alívio, revelando que o ser de

		abandonariam. – Sentia-se incompreendido e tinha uma baixa autoestima.	luz o tinha aconselhado a não se preocupar com o que os outros diziam ao seu respeito, pois um dia ele chegaria lá. – Na última sessão, Amarelo disse sorridente que se sentia tranquilo porque gostava muito das visualizações sugeridas e garantiu estar reavaliando sua vida e pensando em estratégias para modificar o que não o estava agradando, mas que preferia guardar suas ideias apenas para si, pedindo-me que eu aguardasse um pouco.
--	--	---	---

Fonte: elaborada pela autora.

A partir da identificação dos aspectos expostos anteriormente neste quadro, verifiquei que apesar da Azul ser bastante econômica ao explicitar seus pontos de vista, sua fisionomia serena e ao mesmo tempo sorridente indicaram que o processo alquímico foi realizado de maneira exitosa, especialmente no que tangia aos significados que ela atribuía à morte do pai. Ou seja, na medida em que Azul visualizou seu encontro com o pai, podendo viver tudo o que antes não tinha sido possível, conclui que a culpa sentida anteriormente estava, possivelmente, começado a ser abrandada, diluída e transformada.

A sensação de bem estar tão importante como geradora de qualidade de vida esteve indiscutivelmente presente ao longo das três sessões da RIME com Azul, sendo confirmada em todos os seus relatos pós-sessão, especialmente após o segundo encontro, quando revelou que “*não vinham coisas ruins, negativas*”. Ademais, o ato de escrever uma carta para o pai, obtendo dele como presente sua resposta, ainda que ela não tenha desejado contar-me o que nelas constavam, são um forte indício de que houve por parte dela uma disposição em elaborar melhor algumas questões que permearam sua relação com o pai e com sua morte.

Desta maneira, observei que ao longo das três aplicações Azul teve a oportunidade de refletir e trabalhar os principais pontos que constituíram sua Dor Espiritual da Perda, sendo elas: medo da morte por conta da ruptura do vínculo; medo do desconhecido que acompanha a morte; e a culpa por não ter feito algo pelo pai enquanto esteve vivo. Sobre o primeiro ponto, mesmo admitindo que continuava sofrendo pela perda do pai, Azul estava conseguindo dar continuidade a sua vida e entendia que este sentimento que a invadia era natural e precisava ser reconhecido e sentido para ser elaborado. Dessa maneira, visualizei-a oscilando entre o enfrentamento voltado para a perda e o enfrentamento voltado para a restauração (STROEBE;

SCHUT, 1999) de maneira bastante equilibrada, construindo estratégias pessoais (WORDEN, 1988) auxiliares na lida das situações apresentadas em função do luto.

Quanto ao segundo ponto, referente à continuidade da relação com o ente perdido, Azul pareceu ter encontrado maneiras de lidar com a ausência física do pai, acessando-o através do pensamento. Elegeu o túnel do amor como o espaço deles. Quando disse: “*Vamos supor que é o caminho que eu estou percorrendo com ele*”, fez-me levantar a hipótese de que esta imagem representava para ela, naquele período específico, não somente uma forma encontrada de dar continuidade à relação, como também de continuar trabalhando algumas questões mal resolvidas, a exemplo da culpa.

Quanto à Lilás, percebi que os três itens trazidos por mim como constituintes da sua Dor Espiritual da perda foram contemplados nas aplicações da RIME. No caso do primeiro e do segundo, referentes ao medo da morte por conta da ruptura do vínculo por não saber como viver sem o outro, e o medo do desconhecido que acompanha a morte, já vínhamos trabalhando ao longo do ateliê biográfico de projetos e a RIME completou o trabalho, configurando-se como elemento de finalização. Quanto ao sentimento de culpa, bastante presente na sua Dor Espiritual, ao ouvir seu relato após a segunda sessão da RIME, percebi que possivelmente um ciclo estava se fechando. Quando disse que se lembrou do pai sem nenhum sofrimento e que além de sentir muito amor por ele, teve a certeza de que ele sabia que era amado, Lilás manifestou a percepção de que o vínculo com o pai poderia ser mantido e plenamente sentido, mesmo ele não estando presente fisicamente, indicando, ainda, ter re-significado o sentimento de culpa por crer que o pai estava ciente de seu amor por ele.

Observei também que Lilás estava oscilando satisfatoriamente entre o enfrentamento orientado para a perda e o enfrentamento orientado para a restauração, quando trouxe para ser trabalhada na RIME sua insatisfação em relação à dinâmica familiar esgaçada e com ausência de diálogo. Tal comportamento confirma o que já vínhamos discutindo ao longo do ateliê biográfico de projetos, demonstrando não somente sua necessidade em trabalhar esta questão relacional, como também o desejo de delinear uma nova configuração familiar, mais funcional, após a ausência do pai.

Ouso dizer que o luto da Lilás, de acordo com os indícios apresentados, estavam possivelmente se encaminhando para seu desfecho, visto que os elementos que o mobilizavam foram notavelmente sendo transformados e elaborados, inclusive, dando espaço para o surgimento de novas questões a serem refletidas, elaboradas e, quem sabe, re-significadas, com vistas a um direcionamento mais assertivo de sua parte.

Sobre a Vermelha, considerei exitoso o trabalho realizado com suas dores espirituais relacionadas ao afastamento do pai, à frieza da mãe, a sua descrença nos outros, como também a sua baixa autoestima. No caso do primeiro, por mais que não tenhamos dado continuidade à discussão, Vermelha tornou consciente algo que tanto a perturbava, sendo este o primeiro passo para a elaboração de um problema e sua conseqüente re-significação. Tendo em vista o fato de ela ter assumido para ela mesma que sentia saudades do pai, poderia fazer escolhas alicerçadas em sentimentos reais. No que tange à frieza da mãe, Vermelha pareceu ter passado a olhar para sua genitora de uma maneira mais tolerante e flexível. Quanto à sua descrença nas pessoas e a baixa autoestima, não tenho elementos que me permitam fazer uma avaliação a esse respeito no que concerne à sua relação com os outros. Entretanto, no que pude observar do seu comportamento comigo, percebi indícios muito consistentes de que Vermelha a cada dia se mostrava mais e mais receptiva e também amorosa, revelando uma faceta até então coberta por inúmeras camadas de medo e rigidez.

Ainda sobre a Vermelha, não posso deixar de considerar como um aspecto bastante positivo o fato de que no último encontro ela conseguiu expor desejos e metas para um futuro bem próximo e também em longo prazo. Apesar de, a princípio, me parecerem projetos pouco fundamentados em alicerces sólidos, os compreendi como positivos pelo simples fato de existirem e de terem transposto a dimensão das ideias, sendo verbalizados.

No que concerne ao Amarelo, a Dor Espiritual da Perda sentida por ele foi identificada como estando atrelada a um sentimento de vazio existencial provocado pelo confronto com tão dura realidade, visto que as condições em que o homicídio se efetivou, deram margem a comportamentos evitativos nos mais variados âmbitos do seu existir. Ou seja, passando a lidar com um mundo presumido disfuncional, por não se adequar mais a nova realidade enxergada, e ainda, negando-se a olhar esta nova realidade de frente, Amarelo sentia dificuldades em ajustar seu mundo presumido de maneira operacional, tornando-se, por conseguinte, pouco hábil na tomada de ações resolutivas, propulsoras de projetos de vida concretizáveis. Somada a esses aspectos, Amarelo detinha uma baixa autoestima, sendo este fator interferente nas variadas questões situacionais pelas quais passava cotidianamente, vulnerabilizando-o.

Neste sentido, com a intervenção terapêutica RIME busquei re-significar estas dores munindo-lhe de recursos que o auxiliassem a elevar sua autoestima, sentindo-se valorizado pelos outros, mas especialmente por ele mesmo; e, ainda, ensejei estimulá-lo a se tornar mais presente nas variadas situações cotidianas, das mais simples às mais complexas,

de maneira mais determinante, não esperando pela ajuda dos outros ou por tempos mais fáceis que às vezes podem não vir.

Dessa maneira, apesar de terem sido realizadas somente três sessões, conclui que o Amarelo ao longo desse processo teve condições de rever muitos dos seus conceitos, construindo outros mais aplicáveis à sua vida. Quanto à sua autoestima, percebi um leve movimento indicativo no sentido de que ela estava aumentando.

4.2.2 Escala Visual Analógica de Bem estar (EVA)

O segundo método aplicado para identificar a intensidade da Dor Espiritual da Perda fez uso da Escala Visual Analógica (EVA) de Bem estar, na qual os próprios sujeitos da pesquisa avaliaram seus níveis de dor no início e ao final de cada sessão da RIME. A escala tem seis faces coloridas (anexo C) que expressam desde a ausência de sofrimento até o sofrimento insuportável. A face azul (10) expressa nenhum sofrimento; a face azul esverdeado (8) expressa sofrimento leve; a face verde (6) expressa sofrimento moderado; a face amarela (4) expressa sofrimento incômodo; a face laranja (2) expressa sofrimento intenso; e a face vermelha (0) expressa sofrimento insuportável.

A partir dos dados sobre o “Bem-Estar” manifestados pelos enlutados antes e após as sessões da RIME, observei resultados bastantes satisfatórios, visto que, com exceção das sessões nas quais os experientes se percebiam em estado de “Bem estar”, mantendo-se no mesmo nível de satisfação, houve melhoras após todas as sessões em que os experientes se encaminharam com alguma queixa.

Tabela 10 – Enlutada: menina Azul, 16 anos, perdeu o pai.

Sessões	1	2	3
EVA Início	Face azul esverdeado (8)	Face Amarela (4)	Face verde (6)
EVA Final	Face Azul (10)	Face azul (10)	Face azul (10)

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 11 – Enlutada: menina Lilás, 17 anos, perdeu o pai.

Sessões	1	2	3
EVA Início	Face azul (10)	Face laranja (2)	Face azul (10)
EVA Final	Face azul (10)	Face azul esverdeado (8)	Face azul (10)

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 12 – Enlutada: menina Vermelha, 17 anos, perdeu um colega de sala.

Sessões	1	2	3
EVA Início	Face azul (10)	Face azul esverdeado (8)	Face azul (10)
EVA Final	Face azul (10)	Face azul (10)	Face azul (10)

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 13 – Enlutado: menino Amarelo, 16 anos, perdeu um colega de escola.

Sessões	1	2	3
EVA Início	Face azul esverdeado (8)	Face azul esverdeado (8)	Face azul esverdeado (8)
EVA Final	Face azul (10)	Face azul (10)	Face azul (10)

Fonte: elaborada pela autora.

5 CONCLUSÃO

Falar sobre perdas e, sobretudo, estudar questões que a permeiam se constitui uma tarefa muito delicada em função do nível de dor acessado nestas circunstâncias. Penso que a pergunta premente é: até onde suportamos ir? Em que ponto do caminho devemos ou podemos soltar os sofrimentos que acompanham essas perdas, guardando deles apenas o fato de “terem sido” diferentes do que agora “se transformaram” ?

Quando iniciei minhas indagações “conscientes” sobre perdas, especialmente as decorrentes de uma morte física, alimentei uma doce expectativa de que encontraria uma solução mágica (porque não?) que aliviaria, senão todas as dores do mundo, pelo menos a mais pungente dor humana.

Meu desejo não foi de todo altruísta, afinal de contas, desejei também me preservar de algo que aparentemente não estava preparada para vivenciar. E quem está?

Neste sentido, os quatro anos de pesquisa assumiram para mim o papel de um útero acolhedor, garantindo minha nutrição até que eu atingisse a fase de feto maduro, pronto para o mundo... pronto para a vida... e pronto também para a morte.

O que de mais sólido aprendi ao longo destes quatro anos é que a dor da perda é algo concreto, insofismável e transformador. Quem passa por ela, e todos passamos, nunca mais é o mesmo, independente da mudança ter sido para melhor ou para pior. Para esse item podemos lançar mão da relatividade. Mas somente aqui, visto que a morte e a dor que a partir dela se instaura não tem absolutamente nada de relativa, ocupando seu trono de forma absoluta. Essa constatação me faz lembrar uma frase dita por Adriana Tomaz que expressa lindamente o efeito transformador do evento luto, decorrente da perda, e aqui mais especificamente da perda por morte. Ela fala em uma condição em que convive um “*Não mais...*” e um “*mas ainda...*”. Essa afirmação, se bem observada, nos faz revisitar o passado, ancorando-nos no presente, vislumbrando um futuro com um novo alento e sentido. É exatamente deste “*Não mais... mas ainda*” que esta pesquisa me fala e que, desejo profundamente, não só fale, mas afete todos os que por ela passem seus olhos e repousem sua atenção.

(Re)significar a Dor Espiritual da Perda provocada pela morte física de alguém é um ato que pressupõe coragem, força e confiança. Coragem para a entrega, para um submergir na dor, e força para emergir, enfrentando a correnteza, mobilizado por uma confiança inabalável de que a vida vale a pena e de que ainda dá para ser feliz, inclusive junto

ao outro que partiu fisicamente. Aprender a relacionar-se com o outro que partiu solicita um exercitar constante da sensibilidade e uma total abertura para o que até pode ser invisível aos olhos, mas que se corporifica de maneira irrefutável no coração dos que se permitem passar por essa experiência. Afinal de contas, o outro continua aí... aqui... no nosso coração, através da nossa memória, dos seus feitos, e em cada ação nossa que confirme o legado por ele deixado.

Ao longo de quatro meses trabalhei inicialmente as histórias de vida da Azul, da Lilás, da Vermelha e do Amarelo, revisitando-as, contando-as e recontando-as através da arte, na captura de sentidos que os norteassem em meio as constantes ondulações provocadas pela forte correnteza contrária. Ao longo desse período, esses quatro jovens tiveram a oportunidade de participar ativamente de todos os seus processos de refazimento ante as rupturas sofridas, através da aceitação da realidade da perda e da compreensão dos seus sentimentos, ajustando-se às suas novas realidades. No decorrer da dinâmica de ajustamento a um novo contexto, marcado por uma ausência ainda doída, relataram sobre o que estavam fazendo com suas dores, o sentido que suas vidas adquiriram após essa perda e que direção desejavam dar para elas. À medida que estes aspectos ganhavam relevo, movimentando-se através das discussões mobilizadas pelas pinturas, iam simultaneamente sendo reorientados, assumindo novos lugares e dando contornos a novas formatações que permitiram a esses jovens sujeitos enlutados efetivarem, pouco a pouco, a transição almejada para um mundo presumido possibilitador de alegrias, apesar de tudo.

Concluído o feitiço da mandala, ingressamos na intervenção terapêutica RIME dando início a um processo de (re)significação das Dores Espirituais da Perda anteriormente identificadas ao longo do Ateliê Biográfico de Projetos. Neste sentido, observei que a RIME atuou como uma espécie de sedimento para o que fora vivenciado nos quatro meses iniciais, trabalhando pontualmente os desconfortos remanescentes acerca da ruptura dos vínculos, o temor de não poder mais acessar a pessoa perdida, as culpas e arrependimentos, como também o vazio existencial gerado por lutos simbólicos.

Vale que aqui salientar que a quarta tarefa proposta por Worden (1912), referente à manutenção da relação com a pessoa perdida a partir de uma nova perspectiva, foi amplamente contemplada com a intervenção terapêutica RIME, gerando um aprendizado profícuo no sentido de que os enlutados poderiam, sim, viver sem a presença física do falecido, mantendo um vínculo contínuo com o mesmo, caso o desejassem, desde que descobrissem, cada um a sua maneira, uma forma de se conectar a este ser. E assim, ainda que

os lutos destes jovens tenham sido ocasionados por um evento similar, no caso, mortes violentas em decorrência de um homicídio, presenciei o desenrolar gradativo de dinâmicas únicas, cada uma comportando suas singularidades.

Diante do vivenciado e agora exposto, e também dos resultados alcançados hoje, verifico que a presente pesquisa de doutorado, objetivando a (re)significação da Dor Espiritual da Perda em jovens enlutados, ofereceu um retorno bastante satisfatório no que tange ao processo de elaboração do luto, fornecendo novas possibilidades de se trabalhar as rupturas de vínculos e as dores delas decorrentes, através da aquisição de um olhar e um posicionamento (re)significado diante da perda, onde novas formas de viver, amar e lidar com a finitude são contemplados.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: Um enfoque psicanalítico (S. M. G. Ballve, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. (Original publicado em 1970).
- ABRAMO, H. **Juventude e cultura**. 21 jun. 2001. Texto publicado com permissão da autora em Disponível em: <<http://www.mineiroptnatal.bio.br/frameset.htm>>. Acesso em: 21 set. 2016.
- ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: Abramo, H.; Branco, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73.
- ABRANTES, P. Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade, **Revista sociologia**, problemas e práticas, n.º 41, 2003, pp. 93-115, 2003.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro- RJ: Nova Fronteira, 2012.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOWLBY, J. **Apego e Perda**. Volume 3, São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. L. M.; OLIVEIRA, R. A. **Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 30 set. 2016.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Médio. Brasília: MEC / SEF, 2000.
- BRASIL. **Plano Nacional da Juventude**. 2004. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=253927>. Acesso em: 30 set. 2016.
- CANÁRIO, Rui. A escola e as “dificuldades de aprendizagem”. *In*: **Psic. da Ed.**, São Paulo, 21, 2º sem. de 2005, pp. 33-51.
- CANÁRIO, Rui. A escola: das “promessas” às “incertezas”, **Educação Unisinos**, volume 12, número 2, maio-agosto 2008.
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo, Cultrix, 1985.
- CARDIA, N. **São Paulo sem medo**. São Paulo: NEV, 1998.
- CASSORLA, R. S. **Da morte**: estudos brasileiros. Campinas: Papyrus, 1991.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *In: Revista Brasileira de Educação*, Set./Out. /Nov./Dez., 2003.

DAYRELL, Juarez. Os jovens contemporâneos. *In: Revista Interlocução*, v. 5, n. 5, p. 13-27, publicação semestral, Dezembro/2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo projeto, São Paulo: Paulus, 2008.

DENIS, Léon. **Depois da Morte**. 18. ed., Federação Espírita Brasileira, 1994.

EDINGER, E. **Anatomia da Psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo, Cultrix, 2006.

ELIAS, Ana Catarina de Araújo. **Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade na re-significação da dor simbólica da morte de pacientes terminais**. Campinas, SP: [s.n.], 2001.

ELIAS, Ana Catarina de Araújo. **Programa de treinamento sobre a intervenção terapêutica relaxamento, imagens mentais e espiritualidade (RIME) para re-significar a dor espiritual de pacientes terminais**. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

ELIAS, Ana Catarina de Araújo. **A intervenção RIME enquanto facilitadora da função transcendente e do processo alquímico, de acordo com a Psicologia Junguiana**. Faculdade de Ciências da Saúde, São Paulo, 2012.

ELIAS A. C. A.; RICCI, M. D.; RODRIGUEZ, L. H. D.; PINTO, S. D.; GIGLIO, J. S.; BARACAT, E. C. Potência Transformadora das Imagens Alquímicas através da Intervenção RIME em Mulheres Brasileiras com Câncer de Mama. **Anais do XXII Congresso da Associação Junguiana do Brasil**, Búzios, RJ, 2014.

ELIAS A. C. A.; RICCI, M. D.; RODRIGUEZ, L. H. D.; PINTO, S. D.; GIGLIO, J. S.; BARACAT, E. C. The Biopsychosocial Spiritual Model applied to the treatment of Women with Breast Cancer, through RIME Intervention (Relaxation, Mental Images, Spirituality). **Complementary Therapies in Clinical Practice**, v. 21, p. 1-6, 2015.

FAGALI, Eloisa Q. **Psicopedagogia Institucional Aplicada**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: ArtMed, 1991.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In: DUVIGNAUD, Jean. Sociologie de la Connaissance*. Paris: Payot, 1979. p. 131-152

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

VON FRANZ, Marie Louise. **C. G. Jung – Seu mito em nossa época**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1965.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas (vol. IV)**. Rio de Janeiro: Imago, 1975a.

FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas (vol. V)**. Rio de Janeiro: Imago, 1975b.

INCONTRI, Dora. **Educação e Espiritualidade** – Interfaces e Perspectivas. Bragança Paulista, SP: Comenius, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira S. A., 1964.

JUNG, Carl G. **A natureza da psique**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Carl G. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. Disponível em: <http://minhateca.com.br/generais/Documentos/Carl+G+Jung/C.G._Jung_-_Psicologia_e_Alquimia,3369961.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

JUNG, Carl G. **A vida simbólica**. Vol. 18 / 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

JUNG, Carl G. **Estudos alquímicos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, Carl G.; WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro**: um livro de vida chinês. 11. ed. Vozes, Brasil, 2001. Disponível em: <<http://100medo.com.br/documents/LIVROS/OSegredodaFlordeOuro.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. Para uma nova concepção de sujeito nas práticas educativas: situando elementos do paradigma do espírito. *In*: GADELHA, Sylvio; PEREIRA, Sonia. **Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola**: a favor da diversidade II. Fortaleza, CE: Editora UFC, 2006a.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **Três estudos sobre Pedagogia Espírita**. Segundo estudo – Um jogo de espelhos na aprendizagem: algumas reflexões sobre a função da arte. Local: Fortaleza, CE, 2006b.

KLASS, D.; SILVERMAN, P. R.; NICKMAN, S. R. **Continuing bonds**: new understandings of grief. Philadelphia: Taylor & Francis, 1996.

KÜBLER-ROSS, E. **A Roda da Vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais tem para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a morte. **Psicol. Cienc. Prof.** vol. 25, n. 3, Brasília, 2005.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 2012.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educadores e a morte. *In*: **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 71-81. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/08.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

MARTINS, Mírian Celeste Ferreira Dias. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo, FTD, 1998.

MASLOW, A. H. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.

PAIS, J. M. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, **Revista Brasileira de Educação**. v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

PEREIRA, Raíssa de Almeida. **Estrangeira de mim** - o processo de construção da identidade de uma afrodescendente inserida na classe média. 1. ed, Curitiba: Appris, 2014.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em Formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p.329-343, maio/ago. 2006.

SETTON, M. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a15v17n2.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*; **Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993. (editado em nov. 1994).

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. *In*: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

SPOSITO, M. P. Juventude e Educação: Interações entre a educação escolar e a educação não formal. **Educação & Realidade**, jul./dez. 2008.

STROEBE, M; SCHUT, H. The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. **Death studies**, v. 23, p. 197-224, 1999.

YUS, Rafael. **Educação Integral:** uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre, Artmed, 2002;

WAISELFISZ, Júlio J. **Mapa da violência 2014:** os jovens do Brasil. Brasília: Flacso Brasil, 2014.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede:** oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

WORDEN, J. W. **Reações normais de luto:** luto não-complicado – terapia do luto. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS,
AUTORIZANDO A PARTICIPAÇÃO DOS FILHOS NA PESQUISA DE
DOUTORADO**

Senhora *****,

Chamo-me Raíssa, sou educadora, e estou desenvolvendo uma pesquisa de doutorado pela Universidade Federal do Ceará sobre a (re)significação da dor espiritual do luto. Esta pesquisa comporta dois momentos distintos. Em um deles trabalharei com o ateliê biográfico de projetos e, em um segundo, aplicarei uma intervenção terapêutica chamada RIME (Relaxamento, Imagens Mentais e Espiritualidade). Os dados coletados ao longo de todo o trabalho de pesquisa serão utilizados na elaboração da minha tese, com o intuito de que outros jovens enlutados possam se beneficiar com as práticas aplicadas.

Tendo em vista o fato de que esta pesquisa será realizada com alunos do ensino médio, ainda menores de idade, solicito sua autorização para que sua(seu) filha(o) possa participar destas atividades. Comprometo-me com o total sigilo acerca do que discutiremos ao longo das mesmas, garantindo que o nome da(do) sua(seu) filha(o) não será citado no referente trabalho.

Agradeço sua colaboração

Raíssa de Almeida Pereira

AUTORIZAÇÃO

Eu, NOME, RG, autorizo minha (meu) filha(o) a participar da pesquisa de doutorado realizada por Raíssa de Almeida Pereira, RG 93002195909.

Assinatura da mãe

APÊNDICE C – PERGUNTAS REFERENTES AO FEITIO DA MANDALA

1. Você já ficou separado (a) dos seus pais por algum tempo? Em caso de resposta afirmativa dizer por quanto tempo a separação se estendeu, a idade que tinha na época e o que sentiu. (capturar o estilo de padrão do apego)
2. Fale-me das características dos seus pais. O que via ou ver neles que o (a) incomoda? E o que via ou ver neles que o (a) agrada e que lhes dá a sensação de segurança? (tentativa de colher mais informações acerca dos seus cuidadores e da relação com eles estabelecida)
3. Já teve medo que um dos seu pais morresse? Já pensou em qual deles faria mais falta para você? (identificar suas percepções acerca da morte, como também a qual dos pais se sentia mais vinculado)
4. O que seus pais falavam do mundo para você quando ainda era pequeno (a)? Quais as histórias eles contam hoje para você de quando ainda era bebê? (conhecer os modelos operativos internos deles acerca do mundo através das suas lembranças do que os pais falavam, como também apreender minimamente como eles atuavam no mundo)
5. Como seus pais lhe repreendiam quando achavam que você tinha feito algo de errado? Como você se sentia e como reagia? (identificar através do comportamento dos pais e da reação do filho (a) ao tratamento dispendido por estes, o estilo de padrão de apego estabelecido)
6. Você se sentia seguro no meio familiar ou, de alguma forma, achava que corria algum risco? (identificação do estilo de padrão de apego)
7. Quando pequeno (a) se considerava uma criança solitária ou sociável? (identificação do padrão de apego e do mundo presumido)
8. Em quem você confiava quando era criança? (deve ser uma pessoa que você sabia que poderia contar em qualquer momento) (Estilo de apego e mundo presumido)
9. Você tinha medo de ser abandonado pelos seus pais? (Estilo de apego e mundo presumido)
10. Quando acontecia algo que o deixava triste, o que fazia? (estilo de apego e mundo presumido)

ANEXO A – ÁLBUM FLORES E CAMPOS



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9

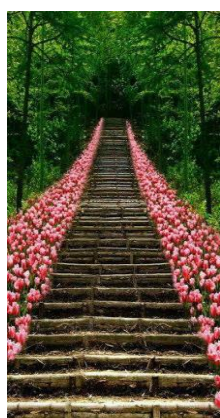


Imagem 10



Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13

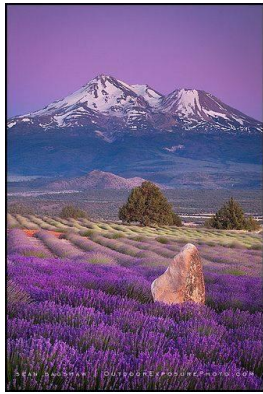


Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16



Imagem 17



Imagem 18



Imagem 19



Imagem 20



Imagem 21



Imagem 22



Imagem 23



Imagem 24



Imagem 25



Imagem 26



Imagem 27



Imagem 28



Imagem 29



Imagem 30



Imagem 31



Imagem 32



Imagem 33



Imagem 34



Imagem 35



Imagem 36



Imagem 37



Imagem 38



Imagem 39

ANEXO B – ÁLBUM ÁGUAS



Imagem 40



Imagem 41



Imagem 42



Imagem 43



Imagem 44



Imagem 45



Imagem 46

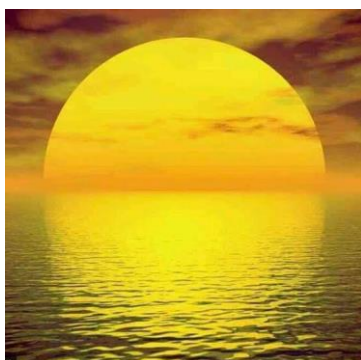


Imagem 47



Imagem 48



Imagem 49



Imagem 50



Imagem 51

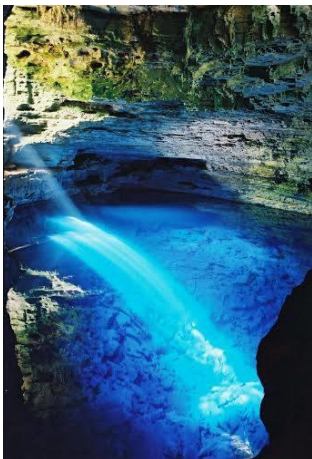


Imagem 53



Imagem 54



Imagem 55



Imagem 56



Imagem 57



Imagem 58



Imagem 59



Imagem 60



Imagem 61



Imagem 62

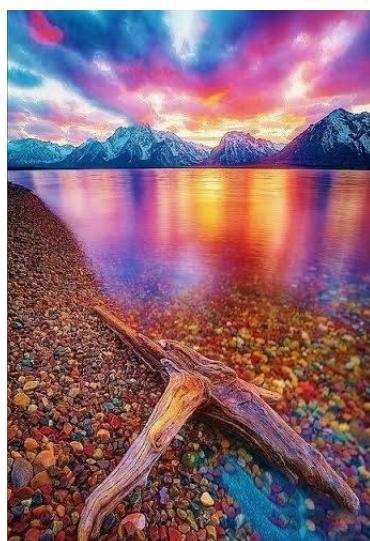


Imagem 63



Imagem 65

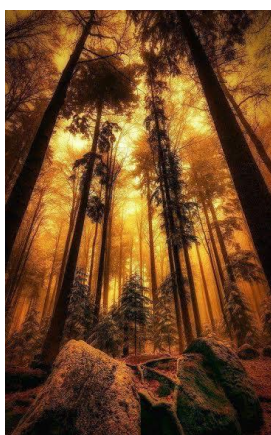


Imagem 66 (escolha do menino Amarelo)

ANEXO C – ESCALA VISUAL ANALÓGICA (EVA) DE BEM-ESTAR (MODELO EXPRESSÕES FACIAIS COLORIDAS)

CORES IDENTIFICADAS:

1a Face: Azul (nenhum sofrimento). Escore 10



2a Face: Azul Esverdeado (sofrimento leve). Escore 08



3a Face: Verde (sofrimento moderado). Escore 06



4a Face: Amarela (sofrimento incômodo). Escore 04



5a Face: Laranja (sofrimento intenso). Escore 02



6a Face: Vermelho (sofrimento insuportável). Escore 00

